



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

SÂMELLA DOS SANTOS VIEIRA DE MENEZES

**HISTÓRIAS DE (DES)AMOR E *SWING*:**  
SOBRE PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE  
SEXUAL DE MULHERES NA TROCA DE CASAIS

Recife

2019

SÂMELLA DOS SANTOS VIEIRA DE MENEZES

**HISTÓRIAS DE (DES)AMOR E *SWING*:**  
SOBRE PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE  
SEXUAL DE MULHERES NA TROCA DE CASAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Psicologia.

**Área de concentração:** Psicologia.

**Orientador:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Luciana Leila Fontes Vieira

Recife

2019

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva CRB 4 / 1260

M543h Menezes, Sâmella dos Santos Vieira de.  
Histórias de (des)amor e swing : sobre processos de subjetivação e suas implicações na saúde sexual de mulheres na troca de casais / Sâmella dos Santos Vieira de Menezes . – 2019.  
172f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Leila Fontes Vieira.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2019.  
Inclui referências e apêndice.

1. Psicologia. 2. Mulheres. 3. Sexo. 4. Saúde sexual. 5. Swing. I. Vieira, Luciana Leila Fontes (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22. ed.) (BCFCH2020-188)

SÂMELLA DOS SANTOS VIEIRA DE MENEZES

**HISTÓRIAS DE (DES)AMOR E *SWING*:**  
SOBRE PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA SAÚDE  
SEXUAL DE MULHERES NA TROCA DE CASAIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Psicologia.

Aprovada em: 17/10/2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciana Leila Fontes Vieira (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Wanderson Vilton Nunes da Silva (Examinador interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivia Maria Jardim Maksud (Examinador externo)  
Fundação Oswaldo Cruz

---

Prof. Dr. Edson Peixoto de Vasconcellos Neto (Examinador externo)  
Universidade Estadual da Paraíba

---

Prof. Dr. Luís Felipe Rios do Nascimento (Examinador interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Vívian Matias dos Santos (Examinador interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

Após 25 anos de meu doutoramento no ABC, evento significativo em minha história de vida até hoje, dedico esta tese à minha mãe Edileusa e ao meu pai Formiga por me permitirem guardar comigo desde àqueles primeiros passos, e por onde eu for, o sentimento de Pertencimento.

À minha Zarinha, por ter sido nada menos que luz!

Dedico

## **AGRADECIMENTOS**

Ao longo de meu processo de doutoramento, venho publicamente agradecer àquelas(es) que se travestiram de força revolucionária na minha trajetória acadêmica e pessoal. Não basta nomeá-las(os); mas devo, do meu lugar de profunda estima, emanar gratidão pelo cuidado que tiveram comigo. Me vesti de todos os “abraços bem apertados” de quem estive perto, mesmo na distância.

Na sensibilidade dos encontros fraternos, amorosos e de bem-querer, obrigada àquelas(es) que não soltaram minha mão!

Eu vejo gente pudica. Todo o tempo. [...] Dama na sala e puta na cama, essa é a moral arcaica que esfregam na nossa cara o tempo inteiro. [...] Pela libertação sexual das mulheres de fato, sem estigmas, sem o fantasma da repressão e o terrorismo da objetificação, sem a sombra do príncipeencantado e do cavalheiro.(CASTRO, 2016).

## RESUMO

Entre os enredos de histórias de vida de três mulheres e suas experiências afetivo-sexuais na prática erótica do *swing*, a troca de casais, esta tese se baseia na prerrogativa de que seus processos de subjetivação repercutem na produção de saúde sexual dessas mulheres. Partindo de uma compreensão crítica no estudo sobre gênero e sexualidades, considerando que os processos a eles inerentes são parte de uma trama social e discursivamente constituída onde se desvelam relações de poder/saber. Através de entrevistas/conversas com Camila, Amanda e Nina, as personagens-protagonistas do estudo; do resgate de seus registros pessoais; e de notas de campo etnográficas escritas por mim entre os anos de 2012 a 2019, foi possível reconstruir essas trajetórias sexuais e compreendê-las, analiticamente, através de uma perspectiva *foucaultiana*. Os resultados apontam, em primeira ordem, que os marcadores sociais da diferença – especificamente quando tratamos de sexualidade, classe social, religiosidade e território - se interrelacionam com as performatividades de gênero assumidas. Por um lado, as pressões sociais, capilarmente presentes nas construções discursivas sobre si mesmas, vulnerabilizam-nas no tocante à vivência de seus desejos e de suas conjugalidades, e as marcam em termos de sofrimento psíquico. Por outro, feminismo, movimentos de resistência e contraconduta marcam também suas trajetórias e possibilitam que elas constituam-se como sujeitos sexuais de direitos. A partir de suas histórias, macropoliticamente, busquei avançar na compreensão e garantia de direitos e saúde sexual de mulheres, com vistas na igualdade de gênero e no exercício pleno das suas sexualidades.

Palavras-chave: Mulheres. Histórias de vida. Saúde sexual. Processos de subjetivação. *Swing*.

## ABSTRACT

Among the entanglements of three women's life stories and their affective-sexual experiences in the erotic practice of swing, the exchange of partners, this thesis is based on the prerogative that their subjectivation processes reverberate on the sexual health production of these women. I began with a critical comprehension of the study of gender and sexualities, considering that the processes inherent to them are part of a social and discursively constituted plot in which relations of power-knowledge are revealed. Through interviews/conversations with Camila, Amanda and Nina, the protagonist-characters of this study; the recalling of their personal memories; and ethnographic fieldnotes written by me between 2012 and 2019, it was possible to reconstruct these sexual trajectories and understand them, analytically, from a Foucaultian perspective. The results show, in the first instance, that the social markers - specifically when it comes to sexuality, social class, religiosity, and territory - are interrelated with the assumed gender performativities. On one hand, the social pressures, capillarly present in discursive constructions about themselves make them vulnerable to the experience of their desires and conjugalities, and mark them in terms of psychic suffering. On the other hand, feminisms, resistance movements and counter-conduct also mark their paths and enable them to constitute themselves as sexual subjects of rights. From their stories, macropolitically, I sought to advance in comprehending and guaranteeing the rights and sexual health of women, focusing on gender equality and the full exercise of their sexualities.

Keywords: Women. Life stories. Sexual health. Subjective processes. Swing.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Organograma de composição da rede inicial de informantes.....	30
Figura 2 – Organograma de composição da rede final de informantes .....	31
Quadro 1 – Descrição socioeconômica das participantes iniciais.....	31
Quadro 2 – Descrição socioeconômica das participantes em 2018 .....	31
Figura 3 – Localização locorregional da cidade de Petrolina/PE .....	40
Figura 4 – Foto proveniente de captura de tela da página inicial do Sexlog .....	43
Figura 5 – <i>Outdoor</i> com anúncio de Suíte Império Plus no centro da cidade .....	46
Figura 6 – Fotografia do livro <i>Amor em Grupo</i> , de Gilbert Bartell .....	57
Quadro 3 – Relação de dissertações e tese sobre swing em base de dados nacionais .....	59
Figura 7– Trajetória afetivo-sexual de Amanda, antes da entrada no <i>swing</i> .....	85
Figura 8 – Trajetória afetivo-sexual de Amanda, antes da entrada no <i>swing</i> .....	85
Figura 9 – Foto de meu registro pessoal de campo intitulado: “notas de campo ou de uma tristeza sem fim” .....	107
Figura 10 – Coleção de peças íntimas sensuais de Camila .....	111
Figura 11 – Coleção de revistas femininas de Camila .....	121
Figura 12 – Trajetória afetivo-sexual de Camila.....	122
Figura 13 – Trajetória afetivo-sexual de Nina no contexto liberal .....	129
Figura 14 – Lócus afetivo para a escrita da tese .....	159

## LISTA DE SIGLAS

AIDS	<i>Acquiredimmunodeficiencysyndrome</i>
DSM V	<i>DiagnosticandStatistical Manual of Mental Disorders</i> (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais)
DSTs	Doenças sexualmente transmissíveis
HIV	<i>HumanImmunodeficiency Vírus</i> (Vírus da imunodeficiência humana)
HV	Histórias de vida
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IES	Instituição de Ensino Superior
IST	Infecções sexualmente transmissíveis
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros, <i>Queer</i> , Intersexuais, Assexuais e demais categorias identitárias
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio Contínua
PPGpsi	Programa de Pós-graduação em Psicologia
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UNIVASF	Universidade Federal do Vale do São Francisco
UPE	Universidade de Pernambuco
TDPM	Transtorno Disfórico Pré-menstrual
TPM	Tensão pré-menstrual

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1	ERA UMA VEZ...MARCOS INTRODUTÓRIOS DE UMA PESQUISA SOBREMULHERES, <i>SWING</i> E SUAS VICISSITUDES.....	13
1.2	HISTORICIZANDO AS MULHERES NO BRASIL, OU SOBRE AS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO QUE NOS SÃO HISTÓRICAS.....	15
1.3	APRESENTANDO A TESE.....	21
<b>2</b>	<b>TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS, OU (RE)VISITANDO HISTÓRIAS DE VIDA NO <i>SWING</i>.....</b>	<b>25</b>
2.1	CONSTRUINDO UMA REDE <i>SWINGER</i> : ALINHAVANDO OS FIOS DE UMA TRAMA DE PERSONAGENS-PROTAGONISTAS.....	28
2.2	‘CAROL, A TRAIidora’: SOBRE AS SAIAS JUSTAS QUE O CAMPO IMPÕE.....	32
2.3	PETROLINA, OS DESAFIOS DE UMA PRODUÇÃO SERTANEJA E OS TRÂNSITOS DE <i>SWING</i> .....	39
2.4	UMA PESQUISADORA-NATIVA, UMA ETNOGRAFIA (DES)CONHECIDA E UMA AVENTURA ANALÍTICA.....	47
2.5	POR UMA ÉTICA FEMINISTA.....	52
<b>3</b>	<b>COSTURAS TEÓRICO-CONCEITUAIS.....</b>	<b>56</b>
3.1	EIXO DE SABER 1: TRAMAS DA DISSIDÊNCIA - O <i>SWING</i> , PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E REGULAÇÕES GENERIFICADAS.....	57
3.2	EIXO DE SABER 2:TRAMAS DE BIOPODER - DISCURSO MÉDICO E SEXUALIDADE FEMININA.....	75
<b>4</b>	<b>HISTÓRIA 1 – EU, AMANDA: “UMA MULHER INVISÍVEL”.....</b>	<b>82</b>
4.1	HISTÓRIA 1: SOBRE DIVÓRCIO, SOLIDÃO E AGRURAS POLIAMOROSAS.....	82
4.2	A TROCA DE CASAIS COMO POSSIBILIDADE DE LIBERDADE SEXUAL E CONTRA-CONDUTA.....	86
4.3	POR UMA SEXUALIDADE “NORMAL”: DOS RESSENTIMENTOS AO <i>SWING</i> ..	88
4.4	O ADVENTO DE AMANDA-MÃE NO <i>SWING</i> E O DISPOSITIVO-MATERNIDADE.....	96
4.5	SOBRE SER UMA MULHER-SEPARADA: A BUSCA POR UM NOVO AMOR E O PESO DA ABJEÇÃO.....	100
4.6	O CUIDADO PSICOLÓGICO, O FALAR DE SI E A POSSIBILIDADE DE AUTODETERMINAÇÃO.....	102

<b>5</b>	<b>HISTÓRIA 2 – EU, CAMILA: “UMA FRAUDE”</b> .....	<b>105</b>
5.1	HISTÓRIA 2: SOBRE TRAIÇÃO, CIÚMES, FEMINISMO E ADOECIMENTO PSÍQUICO.....	105
5.1	E, NO MEIO DO CAMINHO HAVIA O <i>SWING</i> .....	108
5.2	AS “OUTRAS”.....	112
5.3	A CONSTRUÇÃO DE SI COMO MULHER-FEMINISTA E SEUS PONTOS DE FRATURA.....	121
<b>6</b>	<b>HISTÓRIA 3 – EU, NINA: “TALVEZ LIBERTA”</b> .....	<b>128</b>
6.1	HISTÓRIA 3: SOBRE TRANSGRESSÃO, ESTRATÉGIAS DE CONTRA-CONDUTA E RESSIGNIFICAÇÃO DE SI.....	128
6.2	MUDAR-SE DE CIDADE, OU SOBRE A EXPERIMENTAÇÃO DA LIBERDADE .....	130
6.3	AS “DOENÇAS DE <i>SWING</i> ”, PRÁTICAS DE PREVENÇÃO E SAÚDE SEXUAL .. ..	135
6.4	SOBRE O RELACIONAMENTO “DE VERDADE” E CONSTRUIR-SE NINA-ESPOSA E MÃE NO DISPOSITIVO-FAMÍLIA NUCLEAR.....	140
<b>7</b>	<b>ESCRITOS FINAIS</b> .....	<b>148</b>
7.1	QUESTÕES DE PESQUISA: ALGUNS DOS (MEUS) PONTOS DE VISTA .....	154
7.2	DOS PROCESSOS DE ESCRITA DA TESE: UMA PESQUISADORA CANSADA E A AUTOBIOGRAFIA.....	157
7.3	NA LUTA POR UMA ESCRITA NÃO FASCISTA: UM MANIFESTO.....	160
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>163</b>
	<b>APÊNDICE A – EIXOS CONDUTORES DA ENTREVISTA/CONVERSA</b> .....	<b>172</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Havia uma palavra que os adultos empregavam constantemente: é inconveniente. O conteúdo dela era algo impreciso. Atribuíra-lhe a princípio um sentido mais ou menos escatológico. [...]; eu ligava então a indecência às baixas funções do corpo; aprendi depois que o corpo participa por inteiro da grosseria de tais funções: era preciso escondê-lo. Pôr à mostra a pele – salvo em algumas partes bem definidas – era uma incongruência. Certos pormenores do vestuário, certas atitudes eram tão repreensíveis quanto uma indiscreta exibição. Essas interdições visavam principalmente à espécie feminina; uma senhora “direita” não devia nem se decotar demasiado, nem usar saias muito curtas, nem tingir os cabelos, nem os cortar, nem se pintar, nem chafurdar num sofá, nem beijar o marido nos corredores do metrô: se transgredia essas leis, era pouco recomendável. (BEAUVOIR, 1991, p. 77).

### 1.1 ERA UMA VEZ...MARCOS INTRODUTÓRIOS DE UMA PESQUISA SOBREMULHERES, *SWING* E SUAS VICISSITUDES

Era uma vez uma tese sobre histórias de mulheres em seus percursos afetivo-sexuais. Embora as discussões desenhadas *a posteriori* recaiam sobre questões de gênero e sexualidades, recorro à Piscitelli(2004) para compreensão que meu interesse é reafirmar a demanda urgente de pensar o movimento feminista a partir da categoria Mulher como objeto de análise; obviamente, não sem a crítica ao sujeito pré-determinado, ontológico e natural. Início, pois, meus escritos a partir de “Memórias de Uma Moça Bem Comportada”, livro autobiográfico onde Beauvoir (1991) nos dá indicativos sobre o que é ser mulher. Embora o tenha escrito em meados do século XX - situando obviamente os contornos de uma certa ‘existência feminina’ daquela época em específico - o excerto que inicia essa tese enuncia reflexões importantes: O que ainda é esperado de nós mulheres? Antes mesmo de nosso nascimento, o que é ontologicamente nos colocado como essência e que discursivamente constitui nossas existências?

Durante oito anos (2011 a 2019), acompanhei a trajetória de 04 (quatro) mulheres praticantes de *swing* – a troca erótica/sexual de parceiros entre casais – na cidade de Petrolina, interior pernambucano, Vale do São Francisco, Brasil. Seja mais de perto e pretensamente com o olhar científico – ao escrever a dissertação intitulada “Nem santa, nem puta: performances de gênero e sexualidade em mulheres praticantes de *swing*”(VIEIRA, 2013) e no desafio de escrita desta pesquisa de doutoramento; seja mais de longe, acompanhando suas redes sociais e um extrato de suas vidas cotidianas para além do *swing*. Pude, nesse convívio, compreender nuances de gênero que se relevam em tons mais tênues ou mais escrachados, como um romance que vai se desenvolvendo a cada evento marcante em suas vidas e que foram compartilhadas comigo, em seus momentos de dor e de alegria.

São histórias marcadas por formatos de socialização que denunciam processos de normatização e controle de suas sexualidades por parte da família, escola e igreja. Elas podem ser vistas nas demarcações da diferença imposta entre meninos e meninas, e que repercutem ao longo de suas trajetórias nas compreensões sobre o que é ser uma “mulher direita”. Além disso, a prática doswingem suas trajetóriasadquire contornos que demonstram um duplo viés: a permanência e a ruptura com as normas socioculturais de gênero. Por um lado, formas de violência e opressão identificadas, por exemplo, no ideal de corpo perfeito, no ciúme, no swing como forma de manutenção do casamento. Por outro, essa prática erótica como principal disparador para o exercício de suas sexualidades e desejos, tendo em vista seu caráter dissidente, ou seja, que foge aos padrões de moralidade relativos ao casamento e a monogamia.

Através de entrevistas biográficas sobre histórias de vida de mulheres *swingers*, pude perceber que, no campo de vivência de suas sexualidades, há questões assimétricas de gênero que implicam na forma comoelasvivenciam suas carreiras sexuais (VIEIRA, 2013). Heilborn (1998, p. 394), em artigo sobre as trajetórias sexuais masculinas, caracteriza as carreiras afetivo-sexuais a partir da noção de que “os sujeitos têm em suas trajetórias biográficas um percurso de experiências, que são passíveis de serem recuperadas pelo observador/ analista através da solicitação de um relato de vida, que privilegia determinados eventos”. É possível perceber – nos relatos sobre as relações estabelecidas na infância, adolescência, vida adulta, bem como, na entrada e na não-permanência no evento *swing* –que as nuances de gênero constituem o modo que essas mulheres significam a troca de casais e especialmente a si mesmas, dando os tons de processos de subjetivação que serão melhor desenhados no decorrer da tese.

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que se é”<sup>1</sup>. Eu, como pesquisadora feminista/expectadora/escritora de histórias de vida, peço a permissão de contá-las, sempre no espectro de visão e do meu lugar de parcialidade e incompletude, conforme já nos avisa Haraway (1995) em seu “Saberes localizados”.

Diante dessas provocações iniciais, que serão melhor aprofundadas no decorrer dos escritos, apresento o seguinte problema: Como as mulheres *swingers*constroem as significações sobre si mesmas e suas práticas eróticas?A tese que fundamenta esse trabalho é que questões de gênero e sexualidade constituem processos de subjetivação nas

---

<sup>1</sup> Estrofe da música que “Dom de Iludir”, de Caetano Veloso.

experiências eróticas de mulheres *swingerse* tem implicações especificamente para a saúde sexual das mesmas.

## 1.2 HISTORICIZANDO AS MULHERES NO BRASIL, OU SOBRE AS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO QUE NOS SÃO HISTÓRICAS

Partindo dos tensionamentos acima, nada mais oportuno que me ater um pouco, nessa introdução, a extratos históricos para a compreensão de minha proposta de estudar histórias de mulheres. A coletânea de textos que compõe os livros “A História das Mulheres no Brasil”, organizado por Del Priori (2015), e “Nova História das Mulheres no Brasil”, das também historiadoras Pinsky e Pedro (2013), nos propõe um resgate fértil fundamental para o entendimento da categoria analítica das feminilidades.

É possível, ao adentrarmos no período colonial até nossos dias atuais, visualizar projetos de feminilidade que passam pela esfera discursiva e onde entram em cena as tramas da misoginia que, ao serem construídas no decorrer das civilizações, compõem todo sistema de crenças sobre o que é ser mulher. Aqui, vicejam os processos de naturalização às mais diversas formas de violência de gênero que reafirmam o androcentrismo, em que ao homem (e o que a figura masculina representa) são relegados uma maior valorização social, percebida nas posições de centralidade que ocupam na vida econômica, política, familiar, nas artes, na ciência, e nos mais (i)legítimos espaço de poder e controle<sup>2</sup>.

Se, historicamente, as mulheres são esquadrihadas pelo olhar do outro, quem fala por elas? Ao remontar o período entre os séculos XVI e XVII, são os europeus e seus jesuítas quem primeiro narram sobre nossas mulheres brasileiras, as índias. No início do capítulo intitulado “Eva Tupinambá”, Raminelli (2015) alerta o leitor sobre os vieses cristãos e de superioridade branca europeia trazidos nos relatos, e é com esse cuidado que devemos guiar

---

<sup>2</sup> Nesse quesito, nos é útil a consideração sobre as dinâmicas sociais e seus níveis de análise para Psicologia Social, onde a análise sobre os sujeitos e suas relações ocorrem nas dimensões: intrapsíquica, para a compreensão de como os indivíduos organizam sua experiência com o ambiente; interpessoal, que trata sobre os processos situacionais e sobre os sistemas de interação entre os indivíduos; intra/intergrupais, onde são consideradas as posições ocupadas pelos atores sociais no tecido social; e uma dimensão ideológica, que incorre na análise do sistema de crenças e representações que validam as normas sociais (Camino, 2011). O materialismo dialético atribui a correlação do “fato” ao processo histórico para a possibilidade de uma análise psicossocial melhor desenhada (LANE; SAWAIA, 1995). Para uma compreensão sobre os processos ideológicos ligados à misoginia e ao androcentrismo, numa perspectiva marxista, a ideologia se configura como uma explicação da realidade, figurando como sistema de ideias que serve para legitimar o *status social*. É ainda, uma forma de consciência, que aliena as massas e garante, portanto, os interesses inerentes à classe dominante através do estabelecimento de valores predeterminados, de processos de generalização e de imputação de relações sociais como naturais e imutáveis.

nossa compreensão. Através das produções do Frei *Yves d'Evreux*, nos apresenta os ciclos de vida de mulheres indígenas e as conformações das sexualidades das tupinambás<sup>3</sup>: uma sexualidade pungente, onde o pecado da nudez e da carne são produtoras das mais diversas perversões.

No que se refere ao ciclo vital feminino do povo tupinambá, posso destacar seis períodos chamados de “classes de idade”. De maneira geral, as classes de idade referem a passagem da menina para a mulher, e tem como marco a menarca. É nesse processo em que a índia menina se torna, então, apta ao casamento e a procriação. O casamento, como não poderia deixar de ser, ganha destaque na análise dos autores e é evento marcante na vida dessas mulheres.

É com espanto que os primeiros colonizadores/exploradores descrevem a liberdade sexual da índia antes do casamento; as descrições indicam que não era possível verificar, perante a tribo, sentimento de desonra ou descrédito àquelas que perdiam suas virgindades com outros índios e europeus, tendo em vista que, ainda assim, eram consideradas aptas para o casamento sem que isso ferisse a honra de seu futuro marido. Ao tratar da organização familiar, Ramielli (2015) explica que a prática da poligamia era forma de prestígio para os guerreiros e caciques, muito embora a maioria dos membros da tribo tivesse apenas uma mulher. É válido destacar que, tal qual vemos hoje, o adultério feminino era completamente rechaçado. Àquelas que maculavam o casamento eram passíveis de serem banidas pelo marido, ou mortas. Quanto ao “homem enganado”, este não atentava contra o rival para que não fossem iniciadas guerras entre as tribos.

Duas classes chamam atenção. A 3ª classe de idade, compreendida entre os sete e quinze anos de idade, é colocada como aquela em que há a perda da pureza uma vez que dali nascem as fantasias e os sentimentos ligados aos impulsos sexuais e à indecência. Na 6ª classe, a figura da idosa (a partir dos 40 anos) remetia, por conseguinte, à degeneração moral: a degradação do corpo era consequência direta de toda uma história de vida pautada na imoralidade e pecado.

A sexualidade da índia causa tentação através de seus corpos nus, da falta de pelos e de seus muitos adereços. Ao apontar os desvios sexuais e o desejo pelo sexo como principais características das mulheres indígenas daqueles tempos, Raminelli (2015) destaca que os registros constroem uma significação com base misógina em que as descrições,

---

<sup>3</sup> Embora Raminelli (2015) nos dê valiosas contribuições sobre como foram retratadas as indígenas tupinambás, sinalizo que trago as tupinambás figuram apenas como exemplo, frente a heterogeneidade da existência indígena no nosso país.

prioritariamente, apontam para o campo da sexualidade (incontida, desenfreada e pagã) como a essência do ciclo vital daquele grupo de mulheres índias. Em contrapartida, quanto aos meninos e homens, os escritos retratam um ciclo vital pautado no campo de desenvolvimento do trabalho, conforme trecho a seguir:

Ao longo de suas descrições, o missionário destaca a fragilidade moral das mulheres. Na puberdade, quando descobriam a sexualidade, as moças perdiam a cabeça, tentadas pelo diabo, enquanto os rapazes auxiliavam a família, caçando e pescando, sem demonstrar tentações libidinosas. (RAMINELLI, 2015, p. 24).

Se pensarmos no modelo hegemônico centrado no masculino como campo de virtudes, é possível perceber que há aqui uma reafirmação de estereótipos que vislumbram o caráter que é atribuído ao homem de provedor e força. Como fruto de uma longa trajetória de construções sociais machistas - não somente no período colonial - a vigilância sobre as moças são ações que se reatualizam em todos os períodos, especialmente trazidos por Louro (2001) como do campo das “pedagogias da sexualidade”.

Ao resgatar o desenvolvimento de todo um processo discursivo sobre prazeres e desejos que vem desde nossas jovens ameríndias, e observar a expressão de suas sexualidades, obviamente não podemos nos furtar de tratar de um dos grandes elementos regulatórios dessa sexualidade incontida: a Igreja Católica. Ela exerce, desde idos do descobrimento/invasão colonizadora, a missão de catequização, processo que se reinscreve em toda trama social e familiar dos séculos posteriores: quem é a boa cristã?

Nas palavras de Araújo (2015, p. 45), o projeto coercitivo da Santa Igreja se baseou em “abafar a sexualidade feminina que, ao arrebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio do grupo doméstico, a segurança do grupo social e própria ordem das instituições civis e eclesiásticas”. A natureza eminentemente carnal da figura feminina – advinda do Pecado Original - ganha conotações ainda mais perigosas na medida em que se alinha a caça pelo Santo Ofício às bruxas e suas feitiçarias que, segundo o historiador, serviam prioritariamente aos processos de sujeição do campo afetivo/sexual. Somos todas essencialmente bruxas, e por tal condição, devemos pagar as sanções devidas.

A história de nossas primeiras mulheres, constituídas de misoginia e opressão, são contemporaneamente reinscritas. A história atual no Brasil mostra, por exemplo, os anos dourados como reflexo de uma longa trajetória de abnegação do lugar de luta das mulheres por autonomia e empoderamento. Pinsky (2014, p. 609), através de pesquisas em revistas

voltadas ao público feminino da década de 50, nos provoca com a máxima: “ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres”.

No campo das sexualidades, os anos dourados promovem um *modus operandi* de uma sexualidade domadamas não mais na perspectiva dos pais escolherem seus esposos para casar. A inscrição estava no campo de uma educação moral, e era responsabilidade dessa jovem não sucumbir aos desejos próprios de mulheres tidas como “levianas”. Rememoro aqui uma passagem bíblica bastante comum no ensino cristão e que é utilizado para o doutrinamento de jovens mulheres que recebem formação pré-matrimônio: “toda mulher sábia edifica sua casa, mas a tola a derruba com as próprias mãos”<sup>4</sup>. É sua responsabilidade, pois, “controlar-se a si mesma, distinguir o certo do errado de forma a conservar suas virtudes e a conter sua sexualidade em limites bem estreitos: dando-se ao respeito”(PINSKY, 2014, p. 310). Umavezque o casamento era configuradocomo o destino e “para sempre”, ser considerada *leviana* impediria a realização do sonho feminino de matrimônio por ser “mal falada”e trazer mau exemplo.

A regulação dos corpos vai se instaurar na educação rígida de obediência ao pai, posteriormente ao marido e ao zelo pelos afazeres domésticos, conforme já salientou Beauvior (1991) em seu livro de memórias. Em Pernambuco, Araújo (2015) resgata a existência de dois “recolhimentos”, espaços destinados para educação formal de meninas. Através do descobrimento de seus estatutos publicados em 1978, os “recolhimentos”pernambucanos - embora ensinassem as jovens a ler, escrever e contar - tinham como proposta básica não o seu empoderamento, mas sobretudo o ensinamento de ideais religiosos e de cuidado dos filhos e do lar.

Em contrapartida, contemporaneamente a figura da “piriguete” remete, especialmente nas cidades do Nordeste (SOARES, 2012), o medo que as famílias tem das moças “desonradas”. Quem são as piriguetes senão mulheres que tem uma vida sexual pretensamente tida como promíscua? Elaé, para Carvalho e Gonçalves (2015, p. 930.), a expressão máxima em nossa épocado que pode ser considerado a “mulher vulgar, trajada com roupas extravagantes” Na trama sociológica das categorias performativas, essa mulher sofre as delimitações e a repulsa quanto à sua sexualidade, bem como o estigma que a mantém como categoria à margem (LARANGEIRA, 2014). Essa margem, enquanto espaço simbólico ocupado, só pode ser operado quando trazemos a tona os marcadores sociais da diferença que se voltam a idade, classe social, raça e gostos.

---

<sup>4</sup> Cf. livro de Provérbios 14:1.

A manutenção da virtude que Pinsky fala figura como algo da ordem da “ignorância sexual” reinventada nos formatos de contenção sexual e virgindade. A boa cristã, no campo do não-desejo, deve se manter pura. A virgindade, por exemplo, é encarada como troféu tanto para essa jovem (que não sucumbiu aos seus instintos), quanto para sua família (que ensinou de forma eficiente os princípios da moral e dos bons costumes).

Atualmente, a militância pela retomada da virgindade (diga-se de passagem, com mais afinco na sexualidade feminina) encontra eco nos grupos de jovens religiosos, especialmente entre cristãos e mulçumanos com movimentos como “No *Sex*” nos Estados Unidos (KNIBIEHLER, 2016) e “Eu Decidi Esperar”, mais popular no Brasil. No que concerne à relação entre religiosidade e sexualidade, Silva *et al.* (2008) em pesquisa realizada com jovens de diversas religiões na cidade de São Paulo, retratam como este marcador é fundamental para retratar como o “subjetivismo” religioso constitui a experiência da sexualidade e seus roteiros sexuais. Em todas as religiões pesquisadas pelas autoras (católica, umbandista, do candomblé e de diversas correntes evangélicas) foi notável perceber o quanto discursos tradicionais e dogmáticos convivem com discursos contemporâneos. Essa dualidade permite, por exemplo, que temáticas como contracepção, aborto, homossexualidades e iniciação sexual possam ser colocados à discussão e possibilite, de certa forma, uma abertura ao debate. A heteronomia de concepções e crenças, obviamente, possibilitam a ampliação de direitos que considerem - mas também recriem – novos formatos de existência que não excluam mas, sobretudo, congreguem diferentes visões de mundo.

Hoje, os discursos midiáticos sobre ser mulher remetem ainda aos anos dourados. Linhares (2016) em matéria publicada pela Revista Veja sobre Marcela Temer intitulada “Bela, recatada e do lar” sobre a ex-primeira-dama (já tomando como referência a alcunha machista e sexista), ou no discurso presidencial em comemoração ao Dia Internacional da Mulher de 2017 em que Michel Temer trata do lugar da mulher relegado às funções domésticas, é possível observar um movimento de perpetuação de padrões patriarcais na organização familiar (STRÜCKER; MAÇALAI, 2016). No modelo patriarcal, o lugar do ‘sujeito feminino’ é visto nas tarefas desempenhadas pelos sexos, na divisão sexual do trabalho e na legitimação da casa como espaço privado por excelência a ser ocupado pela mulher. Há, portanto, uma inevitabilidade desse ordenamento social que é do campo simbólico (BOURDIEU, 2019) e, por isso, tal androcentrismo é tomado como natural e justificado como ordem natural das coisas.

Embora, diante das inúmeras conquistas no campo dos direitos e da militância feminista que indique o século XX como “o século das mulheres” (PINKSY; PEDRO, 2013,

p. 9), essa afirmativa é colocada em cheque tendo em vista que é possível encontrar dilemas que perpetuam as iniquidades de gênero. Tais iniquidades podem ser vistas, por exemplo, no campo do trabalho, da maternidade, da política, da economia e, especialmente caro para essa pesquisa, no campo dos direitos sexuais e reprodutivos e da vivência de seus desejos e prazeres, que serão discorridos mais oportunamente *a posteriori*.

Situar a história das mulheres no Brasil é, sem dúvida, desvelar o processo de construção da categoria mulher e de sua sexualidade. Se toda a carga proveniente da nossa EvaTupinambá - descrita pelos europeus como a maculadora da divindade e pecadora – é constantemente reatualizada em nós, mulheres contemporâneas, aqui apresento as *Evas Swingers* que tem em suas histórias de vida pessoais a dupla carga: ser mulher e viver prazeres dissidentes.

De antemão, a conceituação de ‘mulheres’ e ‘sexualidade’ é de fundamental importância porque, enquanto categorias analíticas, fundamentam essa proposta. Me baseei prioritariamente nos estudos de Foucault (2010a, 2010b, 1995); Butler (2012, 1998); Gagnon (2006), Parker (1991), Gayle(2003,1993) e Vance (1984). Embora epistemologicamente possam trazer especificidades conceituais e epistemológicos, esses autores e autoras constituem os eixos condutores para compreensão do fenômeno em tela, especialmente porque englobam uma tomada de posicionamento sobre o construto ‘mulheres’ e de como se desenham as sexualidades.

No decorrer da tese, utilizei o termo ‘mulheres *swingers*’ para designar aquelas que realizam a troca de casais. Embora, em princípio, a denominação supracitada possa antever uma dimensão identitária que enseje vieses interpretativos essencialistas, propor o estudo sobre/com mulheres tem como base uma compreensão pós-estruturalista que, enquanto campo de produção de conhecimento e saberes, preconiza a rejeição e desconstrução das identidades pré-fixadas, sujeitos atemporais e universais (SILVA, 2011; COSTA, 1998). Parto da noção de que “a crítica do sujeito não é uma negação ou repúdio do sujeito, mas uma forma de interrogar sua construção como premissa fundamentalista ou dada de antemão” (BUTLER, 1998, p. 19). Isso corresponde dizer que feminilidades são constituídas nas tramas discursivas e temporais que se revelam através de contornos performativos do que convencionalmente se considerou sobre "ser mulher”.

Ao adotar a perspectiva de compreensão das sexualidades como plurais, socialmente e discursivamente construídas, é importante destacar que o *swing* - como recorte escolhido para a tese - empreende inteligibilidades que se organizam através dos enredos socioculturais que constituem seus modos de expressão inerentes às relações de poder/saber (FOUCAULT,

2010a; 1995). Fugindo de concepções dogmáticas e estáticas sobre as práticas sexuais, é imprescindível situar que a definição sobre o *swing* que inicia a introdução é genérica, tendo em vista que envolve uma série de outras práticas além da troca de casais, como *ménage a trois* masculino e feminino, exibicionismo, dentre outras (VASCONCELOS, 2015).

No que concerne às minhas inquietações teóricas, ao refletir sobre as nuances sexuais assumidas por mulheres praticantes de *swing* e como as questões de gênero estão implicadas em sua experiência erótica, Parker (1991) nos indica que os ditames de gênero são apenas umas das nuances implicadas no exercício das sexualidades. Como possibilidade de entendimento sobre a sexualidade humana, o autor sinaliza a importância de atentarmos para a interrelação entre as normas de gênero e as questões de classe, raça/etnia, religião, idade, dentre outros aspectos. Tais dimensões não puderam ser exploradas em minha pesquisa anterior, mas constituem o modo como essas mulheres significam a si mesmas e falam sobre elementos que historicamente se revelam no cotidiano da vida sexual de todas as pessoas. A partir daí, compreender carreiras sexuais implica não somente entendê-las num processo de trajetória de vidas individuais, mas sobretudo na ideia que os marcadores psicossociais da diferença no campo da sexualidade e do gênero se entrecruzam na produção de sujeitos (GAGNON, 2006).

Minha trajetória profissional e de militância no campo de interseções entre os estudos de gênero, sexualidades e saúde, também provoca algumas reflexões que tem como eixo fundamental questões ligadas ao modo como se operam, no nível das feminilidades, a saúde sexual. Para a compreensão de saúde sexual, parto de discussões que se contrapõem ao caráter biomédico ainda vigente que entende saúde como ausência de doença, especificamente, nesse caso, doenças sexuais. Adoto um ponto de vista ampliada desse conceito que tem como parâmetro a noção de que ele é, antes de tudo, componente fundamental para a garantia de direitos humanos no que se refere a um exercício da sexualidade com igualdade, dignidade e liberdade (ÁVILA, 2003).

### 1.3 APRESENTANDO A TESE

Partindo da proposta de tese de que os processos de subjetivação tem implicações na saúde sexual de minhas mulheres *swingers*, os escritos estão divididos em 5 capítulos, além de introdução e considerações finais.

O primeiro deles, intitulado “Trajetórias metodológicas, ou revisitando histórias de vida no *swing*”, traçou o panorama no qual se assenta a proposta de tese numa dimensão

crítica e não dogmática: seus revesses e saias justas em elencar as participantes, as escolhas metodológicas e os aspectos éticos da pesquisa, e toda a sorte de tensionamentos em estar, na condição de etnógrafa, construindo uma rede *swinger*. Nesse capítulo, apresentei minhas personagens-protagonistas Amanda, Camila e Nina considerando, à guisa de apresentação, breve introdução aos marcadores sociais presentes em suas vidas. Como base investigativa, realizei entrevistas semiestruturadas (ou entrevistas-conversas) com as três personagens-protagonistas nos anos de 2012 e 2018; produzi notas de campo entre 2011 e 2019 sobre minhas impressões/compreensões sobre o *swing* e suas nuances; bem como fiz uso de registros pessoais de “minhas mulheres” disponibilizados por elas mesmas no decorrer do estudo. Além disso, olhar a cidade de Petrolina-PE, sertão nordestino (lugar onde resido e que foi cenário da pesquisa) como importante marcador que faz operar normas de gênero, foi produtor no sentido de ensejar do lugar de minhas reflexões como pesquisadora-nativa – no exercício constante de conhecer/desconhecer o cenário e o campo de estudos de *swing*– o impacto das territorialidades na saúde sexual dos sujeitos. A leitura analítica foi de base qualitativa e se deu através da análise “foucaultiana”, que me permitiu compreender o fenômeno numa perspectiva discursiva, pelo prisma das relações de poder e de processos de subjetivação.

Frente ao desenho do cenário de pesquisa, no capítulo 3 dediquei minhas considerações para as “costuras teórico-conceituais” do estudo. Nele, apresentei as categorias de análise a partir de dois *eixos de saber*. No “Eixo 1”, apresento o panorama das pesquisas sobre *swing* no Brasil. Assim, considerando que os estudos tem como base, em sua maioria, uma discussão sobre dimensões de gênero, tomo como base que as construções de sujeitos sexuais são perpassadas por processos de subjetivação e as regulações de gênero daí surgidas. Para tanto, busquei me apropriar de questões inerentes às relações de poder, resistência, contra-conduta e performatividades de gênero. No “Eixo de saber 2”, discuto sobre os impactos biopolíticos diante de espectros de saúde sexual, especialmente quando levamos em conta a produção de discursos de verdade sobre a sexualidade feminina advindas da medicina. O que promove, no campo dos direitos e saúde sexual, a vulnerabilização de sujeitos e o cerceamento de suas liberdades frente ao desejo e ao prazer.

Para apresentar os “resultados do estudo”, fiz uso do recurso de contação de histórias individuais/singulares, a fim de garantir as particularidades presentes em cada trajetória afetivo/sexual. Para isso, os capítulos 4, 5, 6 contam as histórias de Amanda, Camila e Nina respectivamente. Embora tenham como norte a história pessoal de cada uma, é compreensível que as tramas são engendradas por vozes e dispositivos biopolíticos que regulam as trajetórias

e, de todo modo, são comuns a experiência das personagens-protagonistas partindo de uma leitura de gênero no movimento de falar sobre si mesmas.

A História 1 intitulada “Eu, Amanda: ‘uma mulher invisível’” retoma a trajetória de uma mulher que se vê diante de uma vida que “não imaginava” viver. Se o início de sua trajetória na troca de casais foi condição de possibilidade para que ela pudesse viver seus desejos, agora – com quarenta anos, divorciada e com uma filha pequena - Amanda se vê diante dos revesses que incidem sobre a vivência de sua sexualidade. Assim, vê-se como invisível, e faz operar a lógica da abjeção orquestrada por dispositivos que a colocam fora dos cenários e roteiros sexuais que privilegiam, socialmente, as mais novas e solteiras.

Na História 2 “Eu, Camila: ‘uma fraude’”, narro a trajetória de uma militante feminista que luta contra o fato de que, imersa numa relação abusiva, é tomada pelos dispositivos de controle de corpos e condutas que ela mesmo enfrenta. Nuances da traição, ciúmes e rivalidade feminina são gatilhos importantes para pensar como as relações de poder impactam na saúde sexual de Camila do ponto de vista psíquico: sentimentos de inferioridade que a faz subjetivar-se como não sendo “boa” o suficiente, ou seja, atraente para fazer *swing*, dentre outras questões generificadas. Para Camila, o rompimento com as regras de monogamia e fidelidade em seu casamento por parte de seu companheiro são fatores que trazem sofrimento e tem impacto direto na sua saúde sexual, na perspectiva de não manter uma relação positiva consigo mesma e com sua sexualidade (a exemplo da negação de sua bissexualidade).

A História 3 intitulada “Eu, Nina: ‘talvez liberta’”, mostra a história de vida de minha terceira personagem-protagonista e seus revesses com construir-se esposa e mãe. A partir daí, foi possível refletir sobre processos de contraconduta e liberdade, especialmente levando em consideração duas nuances nas suas tramas afetivo-sexuais: uma criação familiar tradicionalista e pouco afeita às questões de igualdade de gêneros, e morar na cidade de Petrolina o que impõe certos limites no constituir-se mulher no/do *swing*. Os movimentos de resistência foram organizados a partir de de sua luta contra padrões sexistas de existência, no campo das conjugalidades e sexualidades.

O capítulo dedicado às conclusões passam pelos meus “escritos finais” sobre o *swing*, numa tentativa de traçar uma linha de inteligibilidade sobre as Histórias supracitadas. O que foi possível de perceber é a reiteração das normas de gênero e sexualidades, especialmente quando consideramos o dispositivo família nuclear heterossexual. Assim, os movimentos de subjetivar-se sempre foram da ordem de regimes de verdade sobre o que é “ser mulher”, embora não seja possível dizer que não puderam ser notadas nuances de resistência frente ao

que chamei de cilada binária das diferenças sexuais. As considerações incluem provocações do ponto de vista teórico, metodológico e ético, o que permite que o/a leitor/a vislumbre os desafios do estudo, acertos, dificuldades e perspectivas para pesquisas futuras na área. Destaco que esse capítulo acompanha, na escrita, um componente também autobiográfico que incide sobre parte meus processos pessoais de vida ao estar no doutorado e escrever a tese. Tão somente por isso, finalizo com um manifesto em favor da democracia na produção do conhecimento especialmente no campo de gênero e sexualidades, frente à onda fascista conservadora que assola nosso país, e que impacta diretamente no contexto científico.

## 2 TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS, OU (RE)VISITANDO HISTÓRIAS DE VIDA NO *SWING*

Esta tese foi produzida, de modo muito estreito e não menos desafiador, a partir de minha experiência em 8 (oito) anos pensando, discutindo e me ‘aperreando’ com a temática do *swing*, a troca erótica/sexual de parceiros entre casais. Não posso – e este é um exercício de sinceridade acadêmica – localizá-la apenas no escopo de meu processo de doutoramento, iniciado em 2014. Partiu, dialoga e, sobretudo, também reflete sobre minha produção de dissertação intitulada ‘Nem santa, nem puta – performances de gênero e sexualidade em mulheres praticantes de swing’(VIEIRA, 2013), no mestrado do Programa de Pós-graduação em Psicologia na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, entre os anos de 2011-2013.

Assim, as trajetórias metodológicas que serão delineadas passam pelo viés de que meus distanciamentos enquanto mulher-pesquisadora com o suposto ‘objeto’ de estudo já não figuravam meu entendimento sobre o que é desenvolver pesquisa científica. Eu, apegada às *minhas mulheres*, após o término da coleta e da defesa da dissertação, nutria certo interesse pelas conformações de vida de Nina, Camila, Amanda e Carol. À época da escrita, no capítulo metodológico escrevi um subtópico intitulado Minhas mulheres (VIEIRA, 2013, p. 70). Na ocasião, a alcunha se deu pelo fato de parte de meus/minhas colegas se referirem às participantes do estudo utilizando a ideia de que elas eram ‘mulheres da vida’ e eu, como ‘cafetina/agenciadora’, as possuía. Diferente do modo pejorativo e do lugar de objetificação que muitos/as se referiam a elas, utilizei naquela e também nesta ocasião o pronome possessivo “minhas” pela dimensão afetiva que o termo “minhas mulheres” traduz; o fato é que as tenho como parte da minha trajetória de vida profissional/acadêmica, e isso me induz a chamá-las desse modo. Considerando se havia legitimidade em revisitar as trajetórias das mulheres anteriormente pesquisadas, de modo muito profícuo nutria um sentimento de que outras interações da troca de casais precisariam ser aprofundadas para uma melhor compreensão do fenômeno em tela.

Ao desenvolver, àquela época, pesquisa de cunho etnográfico nos espaços de sociabilidades *swingers* (clubes, festas privadas e encontros de casais destinados tanto à prática sexual quanto à interação social da rede de amizades) e realizar entrevistas com as quatro mulheres praticantes citadas no parágrafo anterior, pude perceber que haviam nuances da prática do *swing* que indicavam uma vivência dos prazeres e de liberdade sexual, mas também normatizações de gênero em que ensejavam certo sofrimento na vivência de seus desejos.

Antes de continuar com as elucubrações acerca do estudo, reservo um espaço para contemplar as escolhas terminológicas que utilizarei no decorrer dos meus escritos. É notável que, no universo acadêmico, alguns conceitos já são consagrados pela comunidade científica tais como: objeto de estudo, sujeito de pesquisa, dados, dentre outros. Essas denominações baseiam, inclusive, as disciplinas de metodologia do Programa de Pós-Graduação em que faço parte. Compreendo que há um consenso da comunidade científica em utilizá-las, especialmente quando tomamos partido de uma forma de produção de conhecimento mais tradicional. O que busco romper nesse estudo é o lugar de assepsia narrativa muitas vezes imputadas ao/a pesquisador/a. Me pautando na centralidade que tem a contação dessas histórias de *swing* e no apelo narrativo que é provocado no e pelo texto, tomo como norte a busca pela superação de horrores metodológicos de “indexicalidade, inconclusividade e reflexividade”, tais como nos orientam Spink e Menegon (2014)<sup>5</sup>.

Nesse sentido, para as autoras anteriormente citadas, a perspectiva é romper com certo discurso institucionalizado que, em pesquisas qualitativas como esta, indubitavelmente recai no primeiro horror de “indexicalidade”. Este refere-se à problemática que a dimensão contextual supõe, na medida em que aspectos como validação e fidedignidade são mediados pelo contexto; a perspectiva contextual assume *locus* central de reflexão por considerarmos que não há problema seu *status* de constante transformação. O segundo horror, relacionado à “inconclusividade”, pressupõe a extensa dimensão de variáveis que perpassam os estudos, o que indica uma certa impossibilidade de generalização dos resultados. Não busco, portanto, generalizar/universalizar a experiência *swinger* a partir das histórias de vida das interlocutoras do meu estudo. Entretanto, na variabilidade de informações, as possibilidades interpretativas podem versar à compreensão de que aspectos de poder-saber (numa dimensão foucaultiana que será melhor aprofundada adiante) permeiam a produção das sexualidades das pessoas atualmente. Por fim, o terceiro horror que também busco superar refere-se à “reflexividade”, ou seja, ao dilema objetividade/subjetividade que a figura do/a sujeito-pesquisador/a imputa ao processo interpretativo. Desse modo, afirmo aqui que meu lugar na pesquisa se relaciona menos como tradutora de ‘dados de realidade’, e mais na perspectiva de que minha subjetividade também constrói os saberes aqui produzidos.

---

<sup>5</sup> Para discorrer sobre os horrores metodológicos, as autoras se apoiam nos escritos do sociólogo britânico Stephen William Woolgar, tais como o livro *Science: the very idea*, escrito em 1988. Indico que as autoras tem como base teórico-metodológica a Teoria das Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano, de tradição crescente no campo da Psicologia Social. Embora não utilizemos aqui a abordagem supracitada, acredito que as reflexões trazidas por elas, no que compreende uma discussão construcionista crítica do labor científico, são bastante produtivas para as escolhas ético-científicas a que essa tese se propõe.

Portanto, de antemão, indico minhas opções de pesquisa: chamarei de cenário o contexto de estudo, neste caso a cidade de Petrolina-PE, onde as tramas se passam; nomeio de personagens-protagonistas as participantes da pesquisa, em detrimento do termo ‘sujeitos de pesquisa’ por ele carregar certa passividade naqueles/as que se voluntariam em co-produzir conhecimento conosco; indico o produto dos anos de estudo como resultados ao invés de dados, por entender que o que é produzido nos caminhos de pesquisa são frutos da leitura analítica do/a pesquisador/a e que, portanto, segue como construção de inteligibilidades sobre o fenômeno.

Portanto, minha intenção ético-político—assim como felizmente tantos/as outros/as que me precederam e que me embasam no campo da pesquisa crítica e histórica – não é lançar fatos como verdades absolutas que mantêm as relações verticais que ditam a ‘verdade’ sobre corpos-assujeitados pela ciência. É um empenho de modificação paradigmática e de um *status quo* científico que enrijecem nossos processos de escrita, muitas vezes nos tirando o lugar de criatividade e inventividade mas, principalmente, cooptando os/as participantes das pesquisas para um lugar de passividade e não-protagonismo nos estudos. Me alinho com essa problematização a partir de um viés parcial, devo ratificar. Ele se refere à efetiva centralidade que *minhas mulheres* tiveram na construção da minha linha investigativa sobre a troca de casais. Esse fato, inclusive, me fez abrir mão de investigar dimensões do *swing* sob outros prismas, tais como: a perspectiva de homens e masculinidades discursivamente engendradas; os contextos de sociabilidades *swingers* presentes nos circuitos urbanos e rurais das cidades; a questão das práticas de prevenção às infecções sexualmente transmissíveis - ISTs e a Aids, algo caro dentro no campo das políticas públicas de saúde que se interseccionam com as sexualidades e condicionantes de gênero (problemática que sempre fez parte de minha trajetória profissional); dentre outras facetas de uma temática tão diversificada.

A partir desses pressupostos, desenhei uma tese sobre essas mulheres e suas histórias; histórias de vida que tem como ponto focal a prática de *swing* e seus desdobramentos nas trajetórias afetivo-sexuais das mulheres mencionadas mas que, certamente, se estendeu a outras esferas de suas vidas, tais como as relações familiares, suas conjugalidades, e como elas constroem os sentidos para si mesmas sobre todas essas questões.

Muito embora a escrita dos textos científicos nos exijam certa formalidade e uma linearidade de escrita especialmente na apresentação do método utilizado, ao buscar nesse capítulo caracterizar o pano de fundo circunstancial em que as histórias se desenvolvem —com suas personagens, seu cenário, meus caminhos trilhados para leitura do fenômeno etc — peço licença para inverter a ordem estabelecida e iniciar minhas trajetórias metodológicas por elas,

“minhas mulheres” interlocutoras. Elas figuram como o elemento mais importante que qualquer teorização a respeito de justificativas metodológicas adotadas. Se contarei histórias, nada mais natural que começar por minhas personagens-protagonistas.

## 2.1 CONSTRUINDO UMA REDE *SWINGER*: ALINHAVANDO OS FIOS DE UMA TRAMA DE PERSONAGENS-PROTAGONISTAS

Para apresentar a rede *swinger* que fez parte da pesquisa, é importante situar o/a leitor/a para um fato já dantes posto, mas que merece ser de novo mencionado. A questão é que, para desenvolver a tese de que os processos de subjetivação repercutem na saúde sexual de mulheres que fazem *swing*, foi preciso recorrer a dois momentos distintos no meu percurso acadêmico sobre o universo da troca de casais: minha dissertação de mestrado (2011 – 2013) e esta pesquisa de doutoramento (desenvolvida entre os anos de 2014-2019). É preciso que isto fique claro por um motivo: a rede de personagens-protagonistas foi inquirida à participar da pesquisa nesses dois momentos que são obviamente distintos e tem suas especificidades mas que possibilitaram, num exercício científico de integrá-los, um recurso analítico ímpar para compreensão do fenômeno a que me propus.

Quando iniciei meus estudos sobre a prática da troca de casais em 2011, me deparei com Camila, minha amiga de longa data que, sabendo dos meus interesses sobre o tema e com a abertura proveniente de nossa amizade, me disse que ela e seu namorado Eduardo eram um casal *swinger*. Lembro-me de não ter ficado surpresa com a informação, muito pelo contrário. Camila sempre foi uma referência de mulher “desenrolada”, onde as vivências sexuais figuravam para nós, suas amigas, como libertárias dentro de um sistema que já entendíamos – dentro das nossas limitações pueris – como opressor. Sempre que precisávamos de algum conselho sexual, lá estava Camila pronta para nos trazer informações e nos contar histórias; em um tempo onde o acesso à *Internet* não era popularizado, tais informações sobre namoro, sexo e afins não provinham do universo digital e tampouco necessariamente de suas experiências práticas, mas de revistas adolescentes como a *Capricho*.

Camila sempre foi inspiradora, com seus gritos de liberdade sexual escritos e reinscritos na nossa adolescência e início de vida adulta. Fazendo uma avaliação afetiva disto tudo, confesso que eu não poderia ter encontrado uma personagem-protagonista melhor para me conduzir na pesquisa. Considerando o privilégio de ter uma informante tão próxima, e sabendo das minhas dificuldades de inserção na comunidade *swinger* do Vale do São Francisco, foi com Camila que consegui formar a rede inicial de informantes para este estudo.

A rede inicialmente posta foi feita juntamente com Camila em 2011. Em uma visita sua ao Recife-PE, onde eu morava àquela época, pedi a indicação de pessoas do *swing* em Petrolina/PE para que eu pudesse conhecê-las e entrevista-las. Assim ela o fez, listando nomes de mulheres e casais que ela já havia estabelecido encontros sexuais de troca de casais que supostamente se disponibilizariam de bom grado a participar da pesquisa. Minha intenção era lançar mão de recurso metodológico de captação de participantes não-probabilística “bola-de-neve” (VINUTO, 2013). Segundo a autora Vinuto (2013), muitos dilemas envolvem a captação de participantes de pesquisa, especialmente quando pensamos na representatividade, na dificuldade de acesso ao grupo-alvo das pesquisas, e do quantitativo de participantes. Assim, através do recurso seria possível utilizar “cadeias de referência” (VINUTO, 2013, p. 203) para a construção de uma rede de informantes útil para os objetivos do estudo.

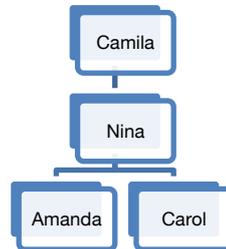
Considerando a dimensão de sigilo que atravessa a experiência *swinger*, utilizar deste recurso foi salutar para pesquisas tais como a minha, tendo em vista que a inserção na comunidade através de um elo de ligação facilitou o acesso às outras personagens-protagonistas por um motivo: elas confiarem em mim para expor algo tão particular. Meu lugar de pesquisadora estava, pois, legitimado pelo grupo. Me atrevo a dizer que, diferente da ideia corrente de que nós pesquisadores/as supostamente escolhemos os ‘sujeitos’ de pesquisa, eu quem fui escolhida por essas mulheres pela confiança e amizade que foram forjadas nos encontros que tivemos.

Num primeiro momento, assim foi constituída a rede com três personagens-protagonistas: Camila, que me indicou Ana e Nina. Entretanto, conforme já relatado em Vieira (2013), mesmo depois de todo empenho inicial que foi realizado com ambas para a constituição de vínculo – a fim de salvaguardar um caráter de naturalidade nas entrevistas/conversas que seriam realizadas – Ana se recusou a participar do estudo. À ocasião, ficamos sem entender os motivos já que ela sempre se mostrou uma pessoa desenvolta e colaborativa. Entretanto, o que eu imaginava ter sido um desconforto de Ana frente à situação de entrevista formal, a retirada de seu consentimento foi sobretudo um pedido de Eduardo, marido de Camila. Tal fato só foi conhecido anos mais tarde via relato de Camila, em 2016. Maiores explicações sobre a recusa de Ana em participar da pesquisa será feita em outro momento, pois exige maior densidade de contornos analíticos frente a história de vida de Camila e seu companheiro. Por hora, centro-me em desbravar as nuances que permitiram a construção da rede de informantes da pesquisa entre os anos de 2011 a 2018.

Nina, a outra indicada por Camila, entrou em cena e me indicou, por sua vez, mais duas participantes: Amanda e Carol. Elas, que configuraram a rede de participantes em minha

pesquisa de mestrado realizada entre 2011-2013, foram então convidadas fazer parte do novo estudo de doutorado (2014-2019).

Figura 1 – Organograma de composição da rede inicial de informantes



Fonte: Vieira (2013, p. 65)

Embora, em princípio, fosse conveniente contar as histórias de vida de *minhas mulheres* nesse capítulo que é dedicado à metodologia, acredito que a densidade de informações contidas na síntese que, obviamente no campo da imparcialidade e incompletude foram sendo alinhavadas por mim, impossibilitam tal feito. Não é apenas a descrição das participantes, como parte fundamental do processo analítico nas pesquisas em que a produção do conhecimento científico se dê via interlocutores/as. Aqui, as costuras que constituem as tramas/histórias permitem sobremaneira já construir as interlocuções teóricas que sustentam a tese ora proposta de que os modos de subjetivação repercutem na produção da saúde sexual dessas mulheres.

Isto posto, antes de avançar com a escrita da tese e os meandros metodológicos que surgiram nesse processo, apresentarei a descrição das participantes do estudo e os marcadores sociais que se fizeram presentes no momento em que as entrevistei pela primeira vez (2011). Eis a rede inicial de personagens e sua descrição socioeconômica:

Quadro 1 – Descrição socioeconômica das participantes iniciais

NOME	DESCRIÇÃO SOCIOECONÔMICA
Amanda	Mulher, heterossexual, 32 anos, parda, casada. Cristã, de matriz evangélica. Ensino superior completo, com especialização. Renda mensal de cerca de 6 mil reais.
Camila	Mulher, bissexual, 27 anos, parda, relacionamento estável. Cristã de matriz evangélica. Ensino superior completo, com mestrado. Renda mensal de 4 mil reais.
Nina	Mulher, bissexual, 25 anos, namorando. Católica não praticante: “ <i>acredito em Deus, mas não tenho nenhuma religião</i> ”. Ensino superior completo com especialização em andamento. Renda mensal de 1.500 reais. Morava, à época, com os pais com renda de 10-15 salários mínimos.
Carol	Mulher, bissexual, 30 anos, parda, casada. Segue o espiritismo. Ensino superior incompleto. Trabalha como recepcionista. Renda mensal de 2.500 reais.

Fonte: Vieira (2013, p. 63)

Na etapa de doutoramento, apenas Amanda, Camila e Nina participaram da pesquisa e os resultados do estudo se concentram, portanto, na história de vida dessas três mulheres. Conforme pode ser visto a seguir, as mudanças inerentes aos processos de vida obviamente ocorreram, e conforme a passagem do tempo, os marcadores presentes no quadro supracitado foram se modificando. Apresento, então, a rede final de personagens-protagonistas dessa tese, na ordem das entrevistas/conversas que foram realizadas em julho de 2018:

Figura 2 – Organograma de composição da rede final de informantes



Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Quadro 2 – Descrição socioeconômica das participantes em 2018

NOME	DESCRIÇÃO SOCIOECONÔMICA
Amanda	Mulher, heterossexual, 40 anos, parda, divorciada. Cristã, de matriz evangélica. Ensino superior completo, com especialização. Funcionária pública, com renda mensal de cerca de 3.500 mil reais.
Camila	Mulher, heterossexual, 33 anos, parda, casada. Cristã de matriz evangélica. Ensino superior completo, com doutorado. Renda mensal de 25 mil reais.
Nina	Mulher, bissexual, 31 anos, casada. Define-se como “espiritualizada”, e que não acredita necessariamente em Deus. Ensino superior completo com mestrado. Renda mensal de 6 salários mínimos.

Fonte: Elaborado pela autora (2018)

Ao traçar uma linha comparativa entre os dois quadros, além do fato de Carol não participar da pesquisa, o que se apresenta em termos de marcadores sociais da diferença pode revelar as nuances de subjetivação que repercutirão em como elas compreendem a si mesmas no campo de gênero e sexualidades. Alguns pontos de fazem destacar nas sintéticas descrições supracitadas: o *status* conjugal de todas as mulheres é modificado, desde casamentos à separação de Amanda; a mudança no perfil financeiro, com maior ou menos renda e poder aquisitivo; o passar dos anos obviamente traz consigo a mudança de idade, e o peso misógino que isso impõe; chama atenção, ainda, o fato de Camila mudar sua orientação sexual de bissexual para heterossexual, numa clara transformação da forma como compreende a si mesma e sua sexualidade.

As vidas *swingers* não pararam quando as conheci. As vicissitudes das trajetórias na dissidência ganharam novos contornos e, embora a prática do *swing* figure como lugar de destaque nas histórias de vida dessas mulheres –e, por conseguinte, nos meus escritos – as discussões extrapolaram tal seara. Falamos de vida e, nessas tramas, cabem muitas coisas. Nas entrelinhas, mais questionamentos acompanham meu labor de escrita da tese e me pergunto numa perspectiva “foucaultiana” (FOUCAULT, 2018; 2010a): quais são os jogos de poder que estão em disputa e que dispositivos engendram as trajetórias afetivo-sexuais dessas mulheres?

## 2.2 ‘CAROL, A TRAI DORA’: SOBRE AS SAIAS JUSTAS QUE O CAMPO IMPÕE<sup>6</sup>

Cada qual ao seu modo, a rede de sociabilidades e amizades formadas com a pesquisa me permitiu estar sempre em contato com as atualizações das vidas e experiências de “minhas mulheres”, narradas por elas mesmas quando nos encontrávamos para um almoço ou encontro casual, ou via fofocas compartilhadas comigo. Em 2013, duas delas compareceram à minha defesa de dissertação, e relataram a emoção que sentiram e o medo de serem identificadas. Todas elas, à época, me felicitaram e nutríamos, reciprocamente, um sentimento de estima e admiração. Minha entrada no curso de doutorado foi festejado pelas mulheres. Recordo, com carinho, das mensagens de apoio por continuar a pesquisar sobre algo – a troca de casais – que fazia parte de suas vivências.

---

<sup>6</sup> Utilizo aqui termo trazido no livro “Entre saias justas e jogos de cintura” das autoras Bonetti e Fleischer (2007), que retrata experiências em campo de antropólogas. Nas reflexões sobre as etnografias vivenciadas, as pesquisadoras retratam como os marcadores de gênero e geração conformam, de modo bastante profícuo, seus estudos.

Foi nesse entremeio que, com certa tristeza e descontentamento, soube do divórcio de Amanda; das dores de Camila que havia descoberto a traição de Carol e outras mulheres com seu marido; e da mudança de cidade de Nina com seu companheiro. Tais informações foram a mim compartilhados geralmente via aplicativos de mensagens instantâneas: “Precisamos tanto conversar. Estou me separando, não dá mais certo”, relata Amanda, uma das quais nunca mais tinha tido contato desde o nascimento de sua filha.

Camila foi a primeira interlocutora que soube da minha pretensão de escrever uma tese sobre o que elas estavam vivendo atualmente. Relembro do encontro que tivemos, das lágrimas e soluços ao me contar como estava no casamento. Lembro do imperativo categórico: “eu só topo dar entrevista se aquela rapariga não participar”. ‘Aquele rapariga’ era Carol, uma das amantes de Eduardo. A alcunha ‘rapariga’ é um termo bastante comum no Nordeste do Brasil, bastante utilizado no Vale do São Francisco para denotar pejorativamente a mulher prostituta, amante, ou “da vida” [sic].

Particularmente, tomando como norte a parcialidade envolvida na construção de minha trajetória acadêmica – e sendo, confesso, inconsistente com um discurso feminista que carrego – também senti raiva de Carol. Como poderia ela ter feito isso com Camila? Posso eu, pesquisadora, sentir raiva de uma potencial sujeita de pesquisa? E não só isso; posso eu, mulher feminista, sentir raiva diante de um processo que claramente se coloca como fruto de um movimento machista que condiciona mulheres umas contra as outras?

Os atravessamentos de gênero fazem parte da pesquisa e denotam que pesquisar também envolve um exercício difícil por parte do/a pesquisador/a para manejar suas emoções, crenças e ideologias. Mais uma vez, os desafios se faziam presentes. Agora, não era manejar apenas as dores de Camila e estar num dilema ético sobre não me apropriar de seus sofrimentos para produzir a tese. A própria configuração metodológica estava sendo demandada pelo grupo: a exclusão de Carol – a “traidora” – do círculo de amizades e conseqüentemente da rede de interlocutoras de minha pesquisa.

Algumas questões precisam ser esclarecidas para a compreensão dos desdobramentos que foram se apresentando a mim, e que tem a ver inteiramente no entrecruzamento com os marcadores sociais que envolvem as mulheres da pesquisa. Essas questões envolvem considerar quem é Carol, e como os marcadores de classe e raça constituíram sua experiência neste grupo de *swing*, transformando-a como vetor de raiva por parte das mulheres que compuseram as personagens-protagonistas da pesquisa. Minhas vivências em campo já insinuavam, mesmo que sutilmente, que Carol e seu companheiro Marcos não faziam parte efetivamente do grupo. Sempre foram vistos com estranhamento ou “um casal estranho, um

peixe fora d'água”, fato revelado por Camila em uma oportunidade, antes mesmo de descobrir seu envolvimento extraconjugal com Eduardo.

Entendendo que a pesquisa foi desenvolvida com um conjunto de pessoas que mantiveram/mantém estreita relação entre si, posso dizer que as mulheres pesquisadas fazem parte de um grupo. Para a Psicologia Social, área que mantém relação com esta pesquisa tendo em vista minha formação acadêmica e meu percurso profissional, compreender a dinâmica de grupos é sobremaneira salutar para entenderos porquês da exclusão de Carol do ciclo de amizades, e conseqüentemente, da pesquisa.

Quando vamos analisar os processos envolvidos na aceitação social, duas nuances se fazem presentes: sentir-se pertencente de determinado grupo e sentir-se aceito, como partes das necessidades vitais dos seres humanos (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2015). Segundo os autores, os sentimentos de rejeição podem imputar, no outro, estigmatização. Embora essa definição decorra de análise de macroculturas, é importante perceber sua significação no âmbito das relações micropolíticas como no caso deste grupo de *swing*.

Obviamente, unindo a perspectiva acima mencionada, os marcadores sociais da diferença são levados em consideração na conformação do grupo de mulheres da pesquisa. Em um dos relatos de Nina, é possível verificar nuances da não aceitação de Carol como parte integrante daquele conjunto de amigos *swingers*: “Uma vez fomos a um motel e achei tão estranho. Ninguém queria transar com eles. Tipo, claramente meio que a gente tava excluindo eles. Sei lá. Era difícil explicar estar com aquelas pessoas que não tinha nada a ver com a gente”.

A dimensão de *outsider* acima qualificada por Nina é precisamente confirmado por Camila, a “traída”, quando em outra oportunidade atesta: “Tá vendo? Você acha que alguma das outras meninas teria coragem dessa sacanagem que ela fez?”. Ela, Carol, era diferente.

Nessas trajetórias metodológicas foi possível perceber, portanto, um processo bastante peculiar de exclusão/discriminação da abjeta pelas abjetas. Faço-me entender melhor: considerando a comunidade *swinger* como parte socioculturalmente de um grupo considerado à margem, me causou estranheza que dentro do próprio grupo tenha havido tais processos discriminatórios. Para o lugar de abjeção ao qual me refiro, tomo como referência a problemática trazida por Butler, em entrevista para Prins e Meijer(2002), quando ela nos provoca ao evocar uma espécie de “materialidade diferenciada” em que determinados corpos, e suas condições de existência, entram na ciranda da legitimidade/ilegitimidade. Adjetivar as personagens-protagonistas aqui como abjetas é, de certo modo, refletir sobre o fato de que seus prazeres são ilegítimos por inverter a lógica normativa que, docilmente, produz

existências no campo da sexualidade e do gênero; mesmo, conforme Butler nos indica, não podendo localizar a abjeção estritamente ao “sexo e heteronormatividade”, mas “relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante” (PRINS; MEIJER, 2002, p.181).

Não é o caso de que elas, “minhas mulheres” *swingers*, não existam ontologicamente: há algo de disruptivo nas suas existências que me ocorre ser na dimensão de romper com certa ordem estabelecida mas, ao mesmo tempo, reiterá-las. Quando nos voltamos ao movimento de exclusão da abjeta Carol pelas abjetas Camila, Nina e Amanda, o que há de peculiar nessa trama? Não estavam todas no mesmo barco?

Não, elas não estavam. Embora eu endosse a todo momento que essa é uma tese que trata sobre mulheres e suas trajetórias afetivo-sexuais, não posso me furtar da obrigação de dizer que a experiência de mulheres passa pelo crivo da misoginia mas, sobretudo, que os sistemas de opressão de gênero entrecruzam-se fortemente com dimensões de classe, raça e outros marcadores sociais da diferença.

A labuta por uma pesquisa feminista, hoje tão necessária e urgente, deve passar pelas difíceis frentes de batalha anticapitalista, antirracista, decolonial, lgbtfóbica, antifascista, bem como outras mazelas que constituem e se perpetuam no e pelo discurso, e ganham materialidades. Quando olho para a trama excludente de Carol do grupo de amigas *swingers*, fica evidente que tal fato não passa pela compreensão simplista que tão somente vai indicar que sua exclusão ocorreu por ela ter sido, supostamente, uma mulher mal caráter ao trair a amiga. Permita-me requerer a atenção do/a leitor/a aos quadros 1 e 2 anteriormente apresentados para o entendimento de que o processo exclusório de Carol ganha contornos racistas e classistas por dois vieses relatados a seguir.

O primeiro viés, trata do contexto da pesquisa, todas as mulheres (com exceção de Nina) se declararam pardas. Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, no que tange às questões de cor/raça, são utilizadas cinco categorias classificatórias: branca, preta, amarela, parda e indígena. O órgão governamental assim denomina os/as sujeitos/as que se autodeclararam pardos/as: “a pessoa que se declarou mulata, cabocla, cafuza, mameluca ou mestiça de preto com pessoa de outra cor ou raça” IBGE [201-?]. No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio Contínua – PNAD sobre as características gerais dos domicílios e dos moradores em 2018 IBGE (2019), as pessoas que, no país, se autodeclararam pardas foram 46,5%; brancas, 43,1%; e pretas, 9,3%. Embora a autodeclaração de pretos tenha crescido 29,7% em 7 anos, a maioria da população brasileira se caracteriza segundo o critério de cor da pele como pardas. Especialmente no Nordeste, o

percentual de autodeclarados pardos está na marca de 63,2%; de brancos, 24,6%; e apenas 11,3% dos nordestinos se autodeclararam negros. Mas, o que está por trás desses indicadores e que tem na minha pesquisa traços bem evidentes? É preciso pois – num primeiro movimento de desnaturalizar as categorias de raça que foram sendo engendradas discursivamente – olhar melhor para aquele processo de abjeção que aqui vai se revelando no tocante às identidades raciais. O espectro de cor, capilarmente, vai dando o tom de uma pirâmide racial em que prevalece uma escala de valoração quanto à dignidade e ao direito de existência de determinados grupos sociais. Ribeiro (2018), ao relembrar o período colonial, indica que a mulher negra sempre foi vista como a mais quente e ferosa, características facilmente imputadas à raça negra. Evocamos socialmente na mídia a hipersexualização da mulher negra, sob a égide representacional da Globeleza ou da série televisiva intitulada *Sexo e As Negras* de 2014, ambas produções da emissora Rede Globo. Ribeiro (2018, p. 143) vai nos lembrar que, nesses casos, a problemática se dá “não é pela nudez em si, tampouco por quem desempenha esse papel. É por conta do confinamento de mulheres negras a lugares específicos”. Carol, de pele mais escura que as demais, era considerada pelo grupo como negra. Em função disso, presumo que pagou as sanções relacionadas à diferença de cor. Nessa seara, penso que as pesquisas sobre sexualidades – e falando especificamente sobre o contexto da prática do *swing* - precisam “romper com o mito da democracia racial que camufla o racismo latente dessa sociedade” (RIBEIRO, 2018). Não é possível manter a ingenuidade da democracia quando essas mulheres no campo dos direitos sexuais, já se encontram vulnerabilizadas social e institucionalmente; no cenário epidemiológico das ISTs e AIDS, conforme aponta Santos (2016), sua vulnerabilidade ganha dupla carga: ser mulher e ser mulher negra. Embora eu não possa problematizar a fundo o que Carol fala sobre si e qual a sua versão na trama de personagens que aqui vai se delineando, é salutar refletir que a cor impressa em seu corpo e os dilemas segregacionistas daí advindos incidem certamente sobre a saúde sexual de Carol, e perpetuam a solidão da mulher negra (PACHECO, 2008), nesse caso pelo viés de suspeição de seu caráter. Embora não seja possível adentrar ainda mais nessa questão, é interessante considerar a tese de doutorado de Pacheco (2008) intitulada “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar : escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia”. O título, autoexplicativo, nos dá a dimensão do entrecruzamento do binômio cor/raça e aspectos relacionados à afetividade. Ele incide diretamente sobre as escolhas sexuais e amorosas de mulher negras. Para elas, o que resta é o sentimento de preterimento e inferiorização pelo recorte do racismo uma vez que “cor/raça [figura] como um elemento precedente na preferência afetivo-sexual de parceiros” (Pacheco 2008, p. 24).

O segundo viés que gostaria de ressaltar é em relação a Carol. Carol, preta, “mãe solteira”<sup>7</sup> de uma filha fruto de relacionamento anterior, e por dedução mais perigosa para “tomar o marido alheio”, fazia parte de uma categoria menos privilegiada economicamente. Embora, ao analisar os quadro 1 que provém dos idos de 2011/2012, a diferença de renda não fosse tão evidente, Carol sempre teve classe social menos favorecida que as outras interlocutoras. Quando nos conhecemos em 2011, por exemplo, trabalhava como secretária e fazia uma graduação à distância. Ou seja, era diferente por não compartilhar dos mesmos trânsitos acadêmicos e profissionais tais como as outras participantes (curso superior e pós-graduação, por exemplo), o que denota outro indicador de preconceito que, se por um lado se revela na questão racial, ganha força quando atrelado à questão de classe. A questão da classe social no *swing* é algo que chama atenção. Pretensamente, povoa o imaginário popular que a troca de casais é uma prática sexual que está ligada às camadas altas da sociedade. No meu percurso pesquisando o tema, não raro pude ouvir frases como: ‘*mas só quem faz isso é gente rica*’. Essa discussão me veio a tona mais recentemente quando boatos nas redes sociais tratavam insistentemente do suposto ‘surubão de Noronha’, onde artistas de televisão se encontravam no arquipélago de Fernando de Noronha (famoso destino turístico nacional) para a prática de *deswing* e orgias. Sabemos, pois, que desejos e prazeres não tem a classe social como condição de pré-existência. Entretanto, ao levarmos em consideração que a questão socioeconômica sempre foi um ponto a se olhar para a troca de casais, não é com espanto que essa constatação se faz presente. Além dessas situações triviais de inquirição entre *swing* e classe social que apontei acima, alguns fatos não tão empíricos podem facilitar o entendimento sobre a correlação. Pude ir, entre 2011 a 2012, à festas *swingers* para exploração do campo de pesquisa. Recorro aqui a um excerto de um diário de campo produzido em minha primeira ida a um festa de *swing*, oportuno relato para contextualizar o que trago:

[...] de maneira geral, os casais com aparência mais simples quanto ao vestuário falam menos e estão concentrados em um canto do salão menos visível. Em um dado momento, frente ao meu questionamento de que aquele grupo de cerca de quatro pessoas parecia ‘de lado’, um dos presentes que conversava comigo me diz que eles não saem com “casal com cara de N9” [sic], em referência aos habitantes de uma comunidade rural em Petrolina. O motivo, eles são pobres e ‘não tem nada a perder’ [sic] frente à sociedade” [trecho de diário de campo 4 jun. 2012].

---

<sup>7</sup>Alcunha pejorativa às mulheres que tem filhos sem a suposta legitimidade civil do casamento, onde recaem a essas mulheres o *status* de culpadas pela condição da criação dos filhos sem a figura paterna.

O que basicamente se travava ali estava na seara de jogos de possibilidades sobre quem é o casal legítimo a estar no *swing*. Portanto, aqueles casais supostamente pobres não tinham credibilidade suficiente para estar numa prática que prezava pelo sigilo e discrição. O ‘não ter nada a perder’ fazia referência basicamente ao fato de que, caso a troca de casais porventura viesse a tona nos círculos sociais da cidade, seria mais prejudicial àqueles que detinham certo poder aquisitivo e que ocupavam posições sociais mais elevadas. Essas elucubrações, de minha parte, são reafirmadas quando Camila em outra oportunidade me interpela: “Acaba sendo perigoso, né? Por isso que a gente só sai com quem tem alguma condição [econômica]”, “não que as pessoas que não tiveram escolarização não sejam gente boa, mas no *swing* tem que ter cabeça”, dentre outras frases que indicam um olhar classista que encontra na questão racial o terreno fértil para processos de discriminação e exclusão.

Mesmo considerando a centralidade frente à questão de classe e raça no fato do próprio grupo ter excluído Carol do círculo de amigas e da troca de casais, guardei comigo a sensação de desconforto com a minha escolha como pesquisadora em excluí-la do rol de participantes da pesquisa. Aproveitei o ensejo de *mea-culpa* para indicar que ela também se mantém como personagem-protagonista, mesmo sem ter sido entrevistada para essa pesquisa de tese, na medida em que a leitura sobre esses processos a colocam como peça fundamental para compreender os trânsitos *swingers*.

Minha escolha em excluí-la passa por algumas nuances. Em primeiro lugar, referiu-se ao fato de acolher a demanda apresentada pelo próprio grupo, respeitando, portanto, os meandros metodológicos que vão se apresentando no caminho. A segunda nuance, e a quem mais me mobiliza, se refere à minha empatia com o dilema conjugal vivido por Camila, minha amiga tão próxima e querida, fato que me fez cair no mesmo jogo de rivalidade entre mulheres e, portanto, nessa cilada metodológica. Interessante pensar que um pedido de Camila às outras participantes foi que elas excluíssem Carol de suas redes sociais digitais. Algo que eu também o fiz, deixando mais uma vez meu lugar de amiga importunar a suposta imparcialidade que iria manter.

Fortuitamente, nesse momento de escrita e refletindo sobre o processo de falar sobre estas mulheres resgatando momentos diferentes em que viveram, me recordo de trecho do meu livro favorito Dom Casmurro, no qual Bentinho, ao finalizar suas memórias, inquire:

O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum caso incidente. [...] Mas creio que não, e tu concordarás comigo; se te lembras bem da Capitu menina, hás de reconhecer que uma estava dentro da outra, como a fruta dentro da casca. (ASSIS, 1999, p. 183-184).

Mesmo não tendo o lido a mais de uma década, ainda ressoam comigo as inquietações desde à época das minhas primeiras incursões no estudo do universo *swing*. Impossível não me recordar de Capitu e da dúvida/imputação da suposta traição que consome o universo literário até hoje. Impossível não lembrar do lugar de questionamento à figura de Capitu, desvelada pelo olhar do homem Bentinho, personagem-narrador, que a ela imputa o lugar de dissimulada e ardilosa.

O que se pode apreender, pois, da rede que se seguiu? Que ela é bem mais complexa que se pode pensar. Se as personagens-protagonistas são poucas, há ainda toda uma rede de personagens-coadjuvantes composta por seus companheiros, ex-companheiros, amigas, familiares. Enfim, todos e todas que fazem parte da trama de suas vidas, e que possibilitam o entendimento sobre como a produção de sua saúde sexual pode se desenvolver.

### 2.3 PETROLINA, OS DESAFIOS DE UMA PRODUÇÃO SERTANEJA E OS TRÂNSITOS DE *SWING*

Conforme Bessa (2015, [não paginado]), a “cidade pequena é tudo pequeno, menos a língua do povo, corta mais do que navalha na mão de barbeiro novo. Dessas bocas com veneno, o cabra escapar fedendo é melhor que morrer cheiroso.”

Desde que iniciei meus (des)caminhos acadêmicos na troca de casais, esta foi uma das perguntas que as pessoas mais me fizeram: “E existe isso em Petrolina?”. Sim, ‘isso’ – o *swing* inominável - existe. Não somente a troca de casais *per se*, mas toda sorte de práticas sexuais que fazem parte da existência humana, e que operam no nível de invisibilidade/visibilidade oportuna nos jogos de poder/saber.

Situar Petrolina como locus/cenário de desenvolvimento da pesquisa – e também o lugar que optei por morar - é imprescindível para a compreensão de que contexto as mulheres estão inseridas e porque, mesmo com a incipiência de colaboradoras para essa pesquisa, “minhas três mulheres” falam por tantas outras que aqui habitam.

Figura 3– Localização locorregional da cidade de Petrolina/PE



Fonte: Google Maps (2019)

Banhado pelo Rio São Francisco, nosso alento no sertão pernambucano, o contexto em que as tramas *swingers* foram sendo desveladas foi a cidade de Petrolina-PE. Separada pelo rio e unida pela Ponte Presidente Dutra à cidade de Juazeiro/BA, Petrolina é uma cidade de grande porte no interior de Pernambuco, sendo a 5ª cidade mais populosa do estado. Segundo dados do IBGE, possuiu em 2018 uma população estimada em 343.865 pessoas, um crescimento frente ao censo de 2010 que registrou 293.962 habitantes. Distante de Recife cerca de 800 km, figura no sertão como cidade-pólo e mais importante da região do submédio do Vale do São Francisco. Tem uma economia fortalecida pelo agronegócio e exportação de frutas, o que permite que tenha um bom Índice de Desenvolvimento Humano – IDH<sup>8</sup>.

A religião predominante é a católica apostólica romana, seguida da evangélica. Esse é um dado importante de se destacar, tendo em vista a força da pressão das lideranças religiosas na aprovação de projeto de lei que trata sobre a proibição da chamada “ideologia de gênero” nas escolas. Em 2017, foi a 5ª cidade do estado de Pernambuco em número de casamentos registrados, mas a 1ª colocada em número de divórcios, o que me sugere uma possível mudança nos padrões de conjugalidades entre sua população, pelo menos no que se refere à dissocialidade dos laços matrimoniais.

Em relação às questões de gênero, não diferente de outros tantos lugares no nosso país, as dinâmicas sociais são marcadas por relações de poder assimétricas materializadas em dispositivos de controle ligados a família, igreja e à uma dinâmica moralista ligada aos ditos

<sup>8</sup>Informações advindas do site do IBGE. Ver em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe/petrolina.html>.

bons costumes. “Essa cidade é o cu do mundo. Cidade conservadora, metida a capital”. Na minha cidade pequena, indubitavelmente as bocas se calam, ou falam, conforme nos atenta Foucault (2010a, p. 13): “há dezenas de anos que nós só falamos de sexo fazendo pose[...]”.

É um contexto marcado pela misoginia e pelo machismo, com altos índices das violências de gênero que ensejam um lugar forte da militância pelo direitos de dignidade de mulheres, advinda tanto dos movimentos sociais<sup>9</sup> e dos grupos inseridos nos contextos universitários<sup>10</sup>. Estou falando de um contexto em que as violências que nos parecem tão distantes batem à nossa porta, nós – da academia – lócus privilegiado e protegido. Nessa seara, três eventos merecem destaque:

Foi com pesar que, em abril de 2015, o crime de feminicídio cometido no interior da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF contra a residente em enfermagem Marilene do Rio chocou a comunidade acadêmica. Marilene foi assassinada duas vezes. A primeira, pelo seu ex-companheiro. A segunda, pelo escrutínio social; ao nos depararmos com a divulgação das notícias nos meios de comunicação, a misoginia e a culpabilização da vítima ganham contornos de violência moral de Marilene: a culpada não seria ela por ter se envolvido com um homem violento?

Duas semanas após o feminicídio da estudante, durante os jogos universitários da mesma Universidade, a Atlético Carranca compõe, divulga e canta o hino dos estudantes do curso de Medicina. Mais uma vez, vemos estampados as marcas do machismo, da heteronormatividade compulsória (BUTLER, 2012), e das violências contra as mulheres, como pode ser visto no trecho que se segue:

É Med!É Med! É Med no sertão. Fudendo com as putas e quebrando os cuzãoÉ Med! É Med Petrolina! Comendo um bode assado e torando as meninas.Bebemos como loucos, trepamos como poucos, ao final da noite fazemos mais um corno!Ohhhhhhhh Filha da Puta. Com um pinto gigante e um saco anormal,Xoxota raspadinha, é Univasf Federal. [...] Sexo, orgia e MEDICINA!Anal, oral e FEDERAL! MEDICINA UNIVASF... TODO MUNDO PAGA PAU! FILHA DA PUTA! (informação verbal)<sup>11</sup>.

<sup>9</sup>Destaco a atuação, na região do Vale do São Francisco, de movimentos sociais como: Marcha Mundial de Mulheres no Sertão, Associação de Mulheres Rendeiras, Marcha de Mulheres Negras, Associação Sertão LGBT, Levante Popular da Juventude, etc.

<sup>10</sup>No que tange aos agrupamentos surgidos na Academia, convém destacar que a UNIVASF conta com o Coletivo Sexualidades no Plural, sob minha coordenação; o LECCORPO – Laboratório de Estudos da Cultura Corporal; a Liga Acadêmica de Sexologia – LISSEX, dentre outros grupos de estudos e pesquisas que atentam para as demandas de gênero e sexualidades de forma transversal.

<sup>11</sup> Hino cantado pela Atlético Carranca, do curso de Medicina da UNIVASF, na abertura dos Jogos Universitários, 2015.

O processo de apuração e penalização no contexto universitário para identificação da autoria foi arquivado. Com a pressão do Ministério Público em torno do caso, a Universidade foi obrigada a se retratar produzindo um evento em 2018 sobre o combate a violência contra a mulher, evento este que fui convidada a fazer parte da comissão organizadora. Mesmo diante do movimento (compulsório) de criar o espaço de discussão supracitado, os desdobramentos desse fato ensejam a omissão das instâncias de formação e a institucionalização, mesmo que velada, das formas de opressão no contexto daquela IES.

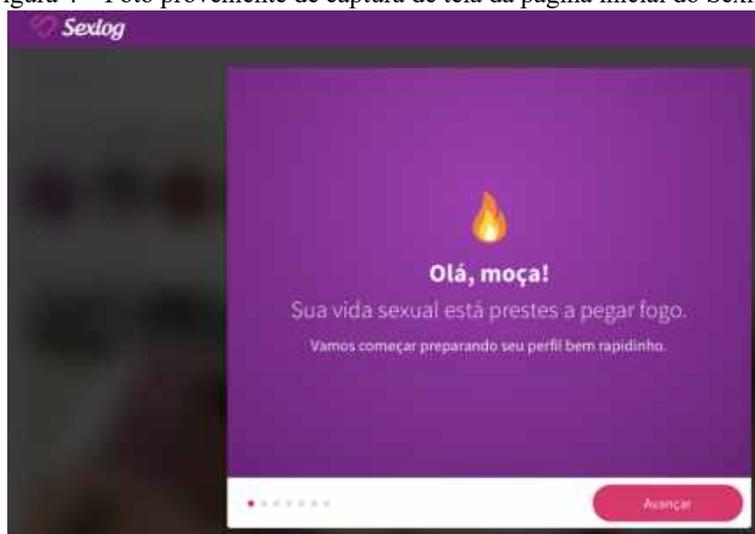
Em 2017, na Universidade de Pernambuco – UPE *campus* Petrolina, a docente do curso de História Profa. Dra. Janaína Guimarães da Fonseca e Silva é amplamente ofendida nas redes sociais por um grupo autointitulado Direita do Vale, formado por pessoas que militam na região em favor das ideias de Olavo de Carvalho. Para eles, Janaína – mulher negra e feminista – foi o expoente da impetração da ode esquerdista no ensino superior da cidade: ministrar disciplinas e discutir as opressões de gênero e suas intersecções de raça e classe com seu grupo de pesquisa. As agressões verbais se transformaram, à época, em ameaças de morte que culminaram na sua transferência para outro *campus* da UPE, na Mata Norte de Pernambuco.

Mas, o que revelam os fatos supracitados que, *a priori*, não se ligam ao problema de pesquisa desse estudo? Esses eventos me chamam atenção como militante pelo direito das mulheres de viverem sem violência, mas também impactaram diretamente no processo de escrita da tese. Isto posto por compreender que, mais uma vez, o compromisso de uma escrita feminista no contexto acadêmico impescinde empenho e dedicação, mas nos evoca um misto de sentimentos que indicam também medo e desesperança.

Quando escolhi ter a cidade de Petrolina como meu campo de pesquisa, me permiti entender o swing a partir de um olhar de quem conhecia/desconhecendo suas ‘quebradas’. Em primeiro lugar, optei por retomar o percurso na *internet*, *locus* privilegiado no contexto dessas vivências sexuais. A primeira coisa que me chamou atenção foi a transitoriedade das plataformas digitais desde 2011 até agora. Se, no início da dissertação (VIEIRA, 2013), pude recorrer ao Orkut para elencar os casais da região que buscavam a troca de casais, esse recurso não foi mais possível frente à substituição daquela rede com a popularização do *Facebooke* Instagram.

Assim, para contextualizar melhor minha pesquisa, me cadastrei no *siteSexlog*, uma das principais referências nas redes de sociabilidades na troca de casais, sob a seguinte promessa bastante tentadora:

Figura 4 – Foto proveniente de captura de tela da página inicial do Sexlog



Fonte: Sexlog (2018)

Minha intenção também seria me cadastrar no *site* CRS. Entretanto, seus mecanismos de ingresso são mais restritos. Segundo minha interlocutora Nina, é muito difícil ingressar na página, o que só é permitido para casais que são indicados por outros – uma espécie de bola-de-neve das redes de *swing* e *menage a trois*. Entretanto, esse site possibilita em tese mais segurança quanto a fidedignidade de que os casais que ali estão são realmente “reais” e não casais “*fakes*”, algo que intimida sobremaneira os casais praticantes.

Foram necessários seis passos para formalizar meu cadastro no *Sexlog*: nome para criação de *login*/acesso e senha; local onde resido, para que me fossem sugeridas “pessoas interessantes” [sic] na minha região (algo bastante comum em redes sociais virtuais); minhas preferências sexuais (se homem, mulher, casal ela/ela, casal ele/ele, casal ela/ela, e/ou transexual); dentre outros. Especialmente a categoria “Você deseja”, no que tange às minhas supostas preferências sexuais, me chama atenção pela diversidade de práticas sexuais que poderiam ser marcadas, como *menage* masculino e/ou feminino, sexo a dois, sexo em grupo e/ou exibicionismo. Além disso, na categoria relacionada à identidade de gênero, além dos marcadores *homem*, *mulher* ou *casal* (conforme podia ser verificado em idos de 2011/12 quando iniciei minhas pesquisas na temática), atualmente há a opção por autoidentificar-se como *transexual*. Essa modificação não foi tão bem vista pelas mulheres da pesquisa, algo relatado por Amanda: “o *Sexlog* perdeu sua característica de ser site pra casal. Agora se vê de puta à travesti. Não gostei disso de jeito nenhum”. De fato, o *site* passa a se caracterizar como uma rede social adulta, e não mais como uma rede exclusiva de *swing* como já fora em outros tempos. De todo modo, o que se percebe é um movimento de preconceito com os sujeitos não-binários, denotado na fala de Amanda.

Retomando meu ingresso no *Sexlog*, embora fosse, a princípio, prudente colocar um codinome que indicasse meu lugar de pesquisadora no *site*– conforme o fez Vasconcelos (2015) ao utilizar o codinome Conversando sobre *Swing* em sua pesquisa de doutorado sobre o tema – achei mais interessante me identificar com um estilo de alcunha indicado pelo próprio *site*: “Escolha um nome que expresse o que você procura ou uma de suas características marcantes. Exemplos: patyinsaciavel; putinhadanadinha; lunaqueraventuras; danipimenta<sup>86</sup>”. Considerei uma escolha mais apropriada pois passaria despercebida pelo mundo *online swinger*, podendo acessar perfis de casais e mulheres sem ser identificada como uma “estranha” ou ‘bisbilhoteira’ naquele contexto, fato que levaria alguns casais a bloquearem meu acesso aos seus perfis. De todo modo, sou curiosa e de Petrolina, o que me permitiu concluir meu cadastro com o nome Curiosavouyerpnz.

Ao fazer uma busca para identificar o quantitativo de pessoas da região cadastradas<sup>12</sup>, os mecanismos do *Sexlog* apontam que Petrolina possui 491 perfis cadastrados, sendo destes 320 homens, 30 mulheres, 135 casais heterossexuais (ela/ela), 01 casal de lésbicas (ela/ela); 04 transexuais; e nenhum casal gay (ele/ele). Em Juazeiro, cidade vizinha, foram contabilizados 152 perfis cadastrados, sendo destes: 89 homens, 10 mulheres, 53 casais heterossexuais (ela/ela), nenhum casal homoafetivo (ele/ele; ela/ela) e nenhum/a transexual. Não necessariamente todas essas pessoas são da cidade, fato que não pode ser comprovado nas buscas desse teor. Tão somente, isso reafirma minha perspectiva de que, no interior de Pernambuco, Petrolina acaba se firmando como uma cidade do pólo do turismo sexual na região, tendo em vista ser comum outras pessoas e casais virem à região em busca de sexo.

A dinâmica do *swing* na cidade ganha contornos distintos dos grandes centros, uma vez que aqui não tem nenhum estabelecimento comercial destinado exclusivamente à prática. É sabido, no meio liberal, que aqueles casais que gostariam de ter mais discrição nas suas práticas sexuais, vão a outros pólos de turismo sexual especialmente as cidades de Recife-PE e Salvador-BA; em Recife, temos a “Catedral *Swing*” (também conhecida como “*Swing Zona Sul*”) e o “Club Privê Mistura Fina” que já visitei em 2012. Em Salvador, temos a “Atiradouros” e mais recentemente a “*In OffFreedom Club*”. Aos que realizam a prática na cidade de Petrolina, geralmente as festas e encontros de *swing* são realizados na residência do próprio casal ou se encontram em motéis e chácaras alugadas especialmente para a prática.

Um dos motéis que me chamou atenção foi o “*Swing do Prazer*” (antigamente sob o nome de *Swing Love*), pela alusão direta ao nome. Supostamente como cliente, fui ao motel,

---

<sup>12</sup> Levantamento atualizado em junho de 2019.

liguei para a recepção e perguntei se havia algum serviço para a troca de casais. A atendente me disse que não, mas que não era incomum alguns casais irem pensando se tratar de casa de *swing* e que, embora não houvesse proibição de que mais de um casal utilizasse o quarto, os encontros não se davam por intermédio do estabelecimento.

Outros dois motéis são bastante citados quando o assunto é a *troca de casais*: O *New Garden* e o *Paradise*, antigos na cidadee mais elitizados que o primeiro motel citado no parágrafo anterior. É interessante notar que, entre os anos de 2011 e 2019, houve uma mudança significativa no que se refere à ampla divulgação de espaços para casais ou grupos nesses dois motéis. Atualmente, não faltam anúncios sobre quartos amplos, estratégia de *marketing* e divulgação que não aconteciam quando iniciei no percurso sobre *swing*.

O *New Garden* reinaugurou, em 2018, suas instalações com uma novidade: a Mansão, uma suíte para festas liberais que cabem 30 pessoas. Ao questionar Camila, ela foi taxativa:

Não acho que a proposta ficou boa. A proposta está bonita, é amplo lá, mas o uso parece mais pra festas e não pra troca de casais. Tem dois quartos conjugados mas são pequenos, com cama pequena, sabe? Quando fui uma vez com um casal, achei caro e não entendi o porquê de dois quartos pequenos ao invés de um grande.[Trecho de fala da entrevistada, não paginado].

Ao visitar o local, percebi que suas afirmativas coadunavam com minhas percepções sobre a dinâmica da troca de casais; pude observar que, nas vivências *swingers*, embora o objetivo final é que haja a troca de parceiros entre os casais, em princípio outros roteiros sexuais ganham a cena. Por exemplo, mesmo sem a troca de parceiros efetivamente, é comum haver a categoria ‘sexo no mesmo ambiente’<sup>13</sup>, uma das dinâmicas sexuais que excitam muitos casais. O *Paradise*, seu concorrente, anunciou em 2019 a revitalização de suas instalações, com a novidade das *Suítes Império Plus*.

---

<sup>13</sup> O sexo no mesmo ambiente é considerado uma das formas de *swing* e que observei ser, na dinâmica sexual da troca de casais, um elemento predecessor da troca de parceiros em si.

Figura 5 – *Outdoor* com anúncio de Suíte Império Plus no centro da cidade



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 12 de maio (2019).

Contextualizando a fotografia que ilustra a Figura 5, ao fundo do *outdoor*, temos o *shoppingcenter* de Petrolina. Ao lado (do meu ponto de referência ao tirar a fotografia) se encontra a Reitoria da UNIVASF no campus Centro. Algumas pessoas próximas me perguntavam o sentido de anunciar a proposta ousada e para que serviria ir a um motel com muita gente. Um amigo, diante da interpelação, disse aos presentes: “Samelinha deve saber, que é pra o povo das surubas que ela estuda”.

Nesta cidade do interior, embora agora seja bastante comum o anúncios de motéis em rádios e propagandas de maneira geral, outras propagandas ganharam o imaginário popular no decorrer dos anos. Se há algo que invariavelmente causa certo burburinho entre a população pudica da cidadesão os seus anúncios publicitários sexuais. Desde a década de 90 e anos 2000, os panfletos de uma tradicional casa noturna de prostituição de luxo, o *ChallakoNight Club*, já fazia abertamente propaganda com suas mulheres *in loco* na FENAGRI - uma das tradicionais feiras de agronegócio<sup>14</sup> do país; em 2017, o anúncio virtual sobre a chamada de Noite do Rodízio ou *Open Tcheca* no famoso bar de Girlene (local de prostituição também bastante popular atualmente e supostamente mais elitizado) garantia: “Fique com quantas aguentar”, pelo valor fixo de 150 reais; ainda mais recente, há também os anúncios do *site Gatas do Vale*, onde o *slogan* é ‘Gatas de luxo – pra você que é muito exigente’. No *Gatas do Vale*, por exemplo, boa parte das garotas anunciam sua disponibilidade com casais.

Observar, *in loco*, como as práticas em saúde sexual se operam, especialmente no caso *swinger*, é estar atenta a toda sorte de situacionalidades, contextos em que se enredam práticas e vivências afetivo-sexuais e mais, entender como a temática é vista por aquela sociedade em

<sup>14</sup> Sobre isso, Leonel (2007) escreveu um breve artigo em seu blog relatando a relação entre a exportação de frutas do Vale e a importação de mulheres de muitas cidades do país para a prostituição, tendo seu texto bastante criticado por internautas na época.

que se está querendo pesquisar. Conforme nos diria Foucault (2010a), a suposta hipótese repressiva em torno das sexualidades tem uma única função: a de poder/saber.

#### 2.4 UMA PESQUISADORA-NATIVA, UMA ETNOGRAFIA (DES)CONHECIDA E UMA AVENTURA ANALÍTICA

Segundo Geertz (2012, p. 7):

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, debotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não só com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.

A cidade, seus lugares e as dinâmicas que me atravessam e constituem meus trânsitos acadêmicos e de vida, reverberaram sobremaneira na minha insistência em continuar a pesquisar sobre troca de casais. Assim, durante todo o tempo em que estive inserida nesse campo de estudos, me propus enxergar Petrolina e conversar com *minhas personagens-protagonistas* a partir do olhar de etnógrafa. Não sem tensões epistemológicas, pairava (e ainda paira) a pergunta: pode a pesquisadora psicóloga se apropriar de um método antropológico?

Inserida num programa de pós-graduação em Psicologia, tensiono assim como o fez Souza (2015) a relação estabelecida entre a ciência psicológica e as práticas etnográficas. A etnografia, como método de pesquisa qualitativa, se aproxima especialmente da Psicologia Social através da Escola de Chicago, na medida em que faz uso de ferramentas discricionais para a compreensão de fenômenos socioculturais que subjazem os grupos e àqueles que deles fazem parte. Aqui faz-se uma ressalva: não é apenas a descrição do que acontece em contextos socioculturais diversos; é entender que o saber produzido sobre um grupo, comunidade e/ou instituição parte da compreensão do quê e de como as pessoas falam e produzem sentido para a experiência cotidiana, a partir de seus próprios termos. Então, respondendo a pergunta supracitada, acredito ser possível, sendo psicóloga, me aventurar na escrita etnográfica sem me deixar cair na armadilha de inteligibilidades que dão, apenas ao antropólogo, o lugar de excelência nessa forma de investigação científica.

Me apropriando, pois, de meu lugar de etnógrafa para a constituição da proposta de tese, o exercício etnográfico se deu para mim pelo viés de pesquisadora-nativa. Explico melhor: não que eu tenha adentrado o grupo de mulheres *swingers* como parte delas, com as predileções sexuais previstas na troca de casais; ao ser inúmeras vezes convidada,

pessoalmente não desconsidero a possibilidade de um diame aventurarnessa interessante forma de vivenciar a libido e o desejo sexual.

Entretanto, pela alcunha de pesquisadora-nativa faça-se compreender o lugar que ocupo frente ao tema. Primeiro nativa quando, no ano de 2005 egressa de Santa Maria da Boa Vista (cidade de menor porte situada a 100 km de distância de Petrolina), pude “me tornar mulher” em Petrolina, uma nova cidade pretensamente mais desenvolvida que outras cidades circunvizinhas do interior, sem os olhares vigilantes de meus pais. Segundo, já adulta, como professora de Psicologia na UNIVASF e pós-graduanda na UFPE no estudo das sexualidades, “tornando-me mulher” progressivamente nos meus encontros e desencontros com a profissão e o labor de experimentar a cidade de Petrolina pesquisando sobre *swing*. Sobre a expressão me tornar mulher, resgato aqui a pretensão de Beauvoir (1991) ao retratar que não se nasce mulher, mas torna-se. Dessa forma, compartilho no meu processo de escrita sobre o swing e suas especificidades, que o “tornar-me mulher” fez parte de como discursivamente fui me construindo.

Um aspecto interessante desse meu lugar de nativa também se refere ao fato da tese ser um desdobramento de minha dissertação. Eu, a “menina do *swing*” como era chamada pelos/as colegas do mestrado, precisei concentrar certo deslocamento do meu lugar de mestranda para olhar, como doutoranda, com estranhamento para meu novo/velho foco de investigação. Mesmo do lugar autointitulado de pesquisadora-nativa, não busquei desvelar os processos culturais das participantes da pesquisa, e do universo *swing* como um todo. Coadunando com a proposta etnográfica de Geertz (2012) e conforme já problematizado na primeira parte deste capítulo, me coloco diante do processo analítico que fundamenta essa tese numa perspectiva interpretativa de busca de significados e não de leis gerais.

De cunho qualitativo, minhas trajetórias teórico-metodológicas se inserem no campo das ciências humanas e sociais. Ao tratar de uma pesquisa crítica das sexualidades e dos estudos de gênero, a pesquisa qualitativa se mostrou útil para pensar as problemáticas inerentes a este campo, uma vez que não busca quantificar ou medir os eventos analisados. Oferece o alcance de dados descritivos dos processos interativos pelo contato direto com o objeto do seu estudo, tendo como foco as perspectivas dos/as sujeitos/as, participantes/atores da situação (GODOY, 1995). Justifico, portanto, a escolha por esse tipo de pesquisa, visando versar sobre a experiência de mulheres no universo *swinger*, tendo em seus relatos a base para a realização da análise proposta.

Como recursos metodológicos para a compreensão de suas trajetórias afetivo-sexuais, fiz uso de a) entrevistas/conversas (realizadas em 2012 e 2018); b) notas de campo que foram

escritas entre 2011 e 2019 sobre minhas percepções do que acompanhei de suas vidas a partir das redes sociais (*Facebook e Instagram*), e c) registros pessoais disponibilizados pelas próprias mulheres, tais como cartas e conversas via *Whatsapp* que foram a mim enviadas também com esse propósito.

A metodologia se orientou pela perspectiva das Histórias de Vida (HV). As HV visam ser uma entrevista em profundidade ao qual retrata as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações. Isso permite, por vezes, que o/a informante retome sua vivência de forma retrospectiva, se enraizando por entre conteúdos antes não mencionados em sua trajetória (BONI; QUARESMA, 2005). De forma contextualizada e experiencial, foi possível que estas mulheres falassem sobre seu percurso e posicionamentos, se valendo de suas biografias (OLIVEIRA; AMÂNCIO, 2006).

É importante sinalizar que, conforme as histórias foram sendo contadas, privilegiei uma narrativa um tanto quanto linear, no sentido de traçar linhas do tempo e eventos que estas considerem importantes nas suas histórias de vida. Assim, foi possível organizar a forma de leitura dos resultados, e nos permite visualizar como as nuances de vida foram, no decorrer dos anos de suas existências, constituindo seus modos de subjetivação. De certo modo, optar por essa linearidade permite com que localizemos em suas histórias pessoais as demandas existentes, no sentido de dar conta dos processos de subjetivação e vulnerabilidade pessoal que são também de ordem social, inscrevendo-se nos modos em que foram criadas no Nordeste do Brasil.

À guisa de sistematização, as entrevistas/conversas foram construídas a partir de 3 eixos de inteligibilidades (conforme pode ser visto no apêndice A). O primeiro, relacionou-se aos indicadores sociais tais como orientação sexual, gênero, idade, classe socioeconômica, profissão/ocupação, local onde residiu/reside, dentre outros. Tais marcadores permitem que seja possível ligar as suas experiências na infância, adolescência e vida adulta e suas conformações de gênero, no que se refere a identificar os dispositivos que vão constituindo suas trajetórias de vida, especialmente quando tratamos da ordem do desejo. Nesse quesito, foi possível verificar como esses aspectos se relacionam com as escolhas e práticas sexuais e com os atravessamentos nas vidas atuais.

O eixo 2 teve como intento identificar o ingresso no *swing* e seus intercursos, o que permitiu que fossem exploradas as nuances de descoberta da troca de casais como possibilidade de manifestação do erotismo e do desejo. Além disso, a inserção na comunidade swinger, as práticas eróticas desenvolvidas, e os espaços de sociabilidades.

O eixo de investigação 3 se refere aos aspectos intersubjetivos e teve como objetivo problematizar elementos que se voltassem aos sentimentos e emoções vivenciados por essas mulheres, antes e após o ingresso na prática do *swing*, no sentido de traçar um campo de inteligibilidades sobre as mudanças, dificuldades enfrentadas, bem como potencialidades no exercício de suas sexualidades. Especialmente foi possível compreender aqui como a saúde sexual destas mulheres é produzida, no campo das relações de poder-resistência e conduta-contraconduta. Destaco que foi importante situar aspectos de suas dinâmicas conjugais com o parceiro como fio condutor, tanto de suas experiências eróticas, mas também no campo dos afetos e amor, das práticas de prevenção das IST/Aids e dos demais jogos de negociação consigo mesmas e com os outros.

Bem como as entrevistas presenciais, os relatos que foram sendo enviados a mim por Camila, Nina e Amanda, foram importantes para compreender o que falam sobre si e como se constituem na experiência do *swing*. No livro *A Aventura de Contar-se*, a historiadora Rago (2013) trabalha com mulheres ativistas da ditadura utilizando extenso e importante material documental – a partir de entrevistas, livros autobiográficos etc – onde elas puderam falar de si. Metodologicamente, a autora experimenta tais recursos de coleta para compreender “as narrativas nas quais reconstróem o próprio passado, avaliam as experiências vividas e dão sentido ao presente” (RAGO, 2013, p.30). Tal dimensão discursiva só é possível no espaço legítimo de fala de mulheres sobre si mesmas e sobre sua história.

De modo geral, para além dos eixos de inteligibilidades que nortearam o roteiro utilizado nas entrevistas, tracei uma linha de entendimento que precisava perseguir para compreender para além do *swing* em suas vidas; era preciso remontar uma certa genealogia da experiência sexual dessas mulheres que dessa conta, nos processos de construção de si, de tomar como referência a história de vida pregressa, somada ao contexto de vida social em que estão inseridas e à sua situação atual. Isso posto, permite à nós, na pesquisa em sexualidades, um suporte mais amplo de como as pessoas vão sendo constituídas enquanto sujeitos sexuais. A perspectiva ao qual pretendo organizar o pensamento sobre o fenômeno, conforme nos diria Butler<sup>15</sup>, é “organizado pelos códigos de legitimidade, mas que também emerge do interior desses códigos como a possibilidade interna de seu próprio desmantelamento” (p. 157).

---

<sup>15</sup>Em entrevista à Baukje Prins e Irene Costera Meijer publicada originalmente em 1988 e traduzido para língua portuguesa no ano de 2002 pela Revista Estudos Feministas, sob o título do artigo Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler.

Parto da mesma prerrogativa para compreensão de como a linguagem e o discurso são instrumentos potentes para acessar histórias de vida, seja em entrevistas ou nos relatos encontrados na rede *online*. É salutar nos voltarmos ao objetivo geral desse trabalho que é analisar, a partir da experiência de mulheres swingers, como os modos de subjetivação repercutem na produção de sua saúde sexual. Aqui, como perspectiva de análise, tomo como eixo de inteligibilidade a noção de experiência e suas dimensões conceituais.

O conceito supracitado remota, segundo Scott (1999), a “história do sujeito”. Ela não é o espelho do fato em si, mas construída e encenada pela/na linguagem e não pode ser desvinculada desta. Nas pesquisas feministas e de gênero, Scott aponta que o resgate à experiência é importante uma vez que permite o acesso e a compreensão de processos subjetivos e dos modos de subjetivação. Segundo a autora, como categoria analítica permite que:

[...] a evidência da experiência, então, torna-se evidência do fato da diferença, ao invés de uma maneira de explorar como se estabelece a diferença, como ela opera, como e de que forma ela constitui sujeitos que veem e agem no mundo. (SCOTT, 1999, p. 4).

Para tanto, utilizo como mote de análise a perspectiva da análise de discurso foucaultiana que enseja algumas possibilidades interpretativas no estudo com as sexualidades. Primeiro, é importante compreender as implicações do uso discurso. Se tomarmos como referência a sua “Arqueologia do Saber” (FOUCAULT, 2018b, p. 146), o pensador nos fala que discurso é “um conjunto de enunciados que se apoiem na mesma formação discursiva”. Entretanto, não se trata só disso; o discurso, e o que ele produz, não é algo estático e inerte, nem traz consigo uma certa preciosidade escondida no seu interior, onde a função do pesquisador deverá ser, tão somente, revelar a verdade que esconde. Há uma vivacidade no discurso que organiza as nuances do seio social. Organiza porque traz consigo relações concretas que são históricas e sempre, indubitavelmente, vão produzir e se alimentar de relações de poder. Lançar mão da perspectiva de compreensão discursiva é, desse modo, não se voltar à palavra por si só, mas analisá-la sobre o prisma de suas formulações, o contexto e suas situacionalidades que permitem com que este se (re)produza, e quais os jogos de posicionamento na díade de interlocutores ali presentes.

Por fim, me asseguro que na perspectiva de análise aqui ensejada, conforme nos indica o Geertz (2012), não há a possibilidade de me limitar há uma seleção de métodos por si.

Transcrevo aqui, por não conseguir descrever de forma mais bonita e completa como me posiciono frente à metodologia empregada nesse estudo sobre mulheres e *swing*:

Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma ‘descrição densa’, tomando emprestado uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 2012, p. 4).

Nesse empenho *foucaulteano* de escrever sobre pessoas e suas histórias, este lugar etnográfico/a insurge diante de uma complexidade que por vezes (confesso que na maioria das vezes, para ser mais honesta) parece intangível; entretanto, seguindo os olhares de Geertz, me conforto de que é na estranheza e irregularidade que se apresentam os fenômenos; assim, é possível operar um dueto, analiticamente, de “primeiro apreender e depois apresentar” (2012, p. 7) aquilo que se pretende abordar cientificamente.

Nesse lugar de pesquisadora, para além do que o autor define por esforço intelectual, há também uma práxis afetiva para que o labor possa fazer mais sentido mesmo diante de toda as dificuldades, onde a rede de informantes foi sobremaneira mais restrita, e os espaços de sociabilidades de *swing* tão restritos e invisíveis quanto. Talvez por isso, lembrando o fato de que para desenvolver uma pesquisa sobre *swing* seria tão mais fácil ter ficado em Recife por lá estar situado meu programa de pós-graduação e por ter casas e uma população mais concentrada de pessoas, mas preferi estar (não sem ônus) nessa cidade que fui me constituindo como mulher, onde fiz meus/minhas amigos/as, consolidei meus laços amorosos e onde exerço minhas atribuições profissionais.

## 2.5 POR UMA ÉTICA FEMINISTA

Tratar sobre os aspectos éticos de uma pesquisa não se resume (ou não deveria) apenas aos passos que foram tomados nos órgãos institucionais regulatórios. Não poderia deixar de situar que a pesquisa se desenvolve no bojo de uma reafirmação de um projeto feminista de produção de conhecimento. Uma vez que, como pesquisa feminista, propõe através da relação crítica e reflexiva a respeito das práticas de dominação e relações de poder. Busquei colaborar para a construção de uma ciência ética e política que ofereça uma explicação sobre o mundo, possibilitando a discussão a respeito dos saberes já produzidos através de uma teoria crítica que busque dar conta de como os corpos e

os significados são produzidos e reproduzidos em nossa sociedade (HARAWAY, 1995).

Michelle Fine fala da direta intersecção entre psicologia e feminismo, apontando que estes estudos – da Psicologia feminista – se firmam na segunda onda do feminismo e dialogam diretamente com os estudos no Brasil a partir da Psicologia Social, não havendo neste país uma produção ou escola específicas (ADRIÃO, 2015). Como docente que sou de um curso de Psicologia de uma instituição de ensino superior, e estando inserida num programa de Doutorado na mesma área, pautar a discussão de sexualidades e gênero pode, em princípio, soar como da ordem natural. Mas não é. Ouso dizer, inclusive, que Psicologia tem uma dívida histórica com a produção de conhecimento e de uma prática psicológica, frutos de uma episteme que, reiteradamente, no campo dos estudos de mulheres, LGBTQIA+ e sexualidades, produziu e manteve os processos de ideologias e exclusão. Foi, inclusive, palco de produção de regimes de verdade com o diferente, o louco, a histérica. A ciência psicológica figura, sem reservas, como produtora da norma dado seu caráter disciplinar (PRADO FILHO; TRISSOTO, 2015).

Ao observar as escolhas teóricas para a própria construção da tese, me deparei com a dificuldade de encontrar um corpo sólido de autores/as da própria Psicologia. É importante destacar que, embora a maioria de teses e dissertações sobre a troca de casais figurem nas pós graduações em Psicologia, o arcabouço teórico é, por excelência, das ciências sociais como a antropologia e a sociologia. De certo modo, me questiono: somos, então, nós jovens doutores (as) e mestres (as) os precursores, no campo da Psicologia, na discussão dos modos de viver uma sexualidade *swinger*?

Se, conforme já sinalizei no capítulo 1, ser mulher e estudar sobre a troca de casais causa espanto e é motivo por vezes de chacota social, pesquisar sobre a temática por oito anos foi, no meu caso, uma busca por transcender a dimensão do tema *per se*; mas pensar a construção de um novo modelo de ciência numa Psicologia tão ainda tomada por catedráticos de labores a-críticos. Isso posto, tendo em vista que na trajetória teórica e metodológica que trilhei/trilho, reitero a ideia que de uma Psicologia Feminista, como ciência e profissão (duas nuances ainda muito separadas na prática) é política por excelência. Epistemologicamente, nos baseamos na busca pela transformação da realidade social, através de modelos mais democráticos, equânimes e justos de relações e de sociedade.

Gergen (1993) vem corroborar com essa discussão ao pontuar o debate em torno da produção de conhecimento tradicional, apontada como um sustentáculo do androcentrismo, reproduzida em favor da manutenção da dominação masculina.

Discorre sobre a busca dos estudos feministas por alternativas na produção de conhecimento, uma produção que vem promovendo o rompimento com pensamentos antigos e criando produções que liguem os argumentos da ciência ao processo social.

Para atender aos princípios e diretrizes éticas, adotei a perspectiva do Conselho Nacional de Saúde com a Resolução nº 510/2016<sup>16</sup> que trata da ética para Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Assim, a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética para devida aprovação. Corroborando com a discussão iniciada neste trabalho, além do resguardo quanto a identidade das participantes e quanto ao sigilo das informações, a resolução 510/2016 lança luz sobre um aspecto caro e que se traduz nos imbricamentos inerentes ao campo de produção de conhecimento científico. Ao considerarmos que a pesquisa é também prática social (BORGES; BARROS; LEITE, 2013), tais considerações devem se voltar para o nosso compromisso ético-político de fazer ciência: nosso compromisso deve guiar-se eticamente para a diminuição das relações de poder entre pesquisador/a-pesquisado/a, visando princípios como liberdade e dignidade.

eticamente, me vi num dilema: em que medida poderia me apropriar das novas histórias, muitas delas carregadas de sofrimento, para a construção da tese? Por outro lado, assim como na dissertação, falar sobre suas vidas poderia ser um movimento de ressignificação, como fora anteriormente avaliado de forma positiva (VIEIRA, 2013). Consideramos portanto, conforme discorrido por Spink e Menegon (2004), que a “pesquisa ética” da qual nos fala as autoras, embora obviamente levem em consideração as normativas e resoluções, tecem uma rede solidária e respeitosa na relação que é estabelecida com o/a colaboradora/participante. Na medida em que estas discussões são do âmbito de uma ética dialógica, é possível operar um processo de reflexão mais ampliada, que indica “nossa responsabilidade no tipo de ciência que queremos produzir”(SPINK; MENEGON, 2004, p. 92).

Nas pesquisas com sexualidades, o chamamento à reflexão ética ganha algumas nuances. Se consideramos que há todo um discurso de regulação de condutas –como já foi anteriormente tratado nas considerações teórico-conceituais desse projeto –isso repercute na produção muitas vezes de um tipo de ciência que ainda é conduzida para manter processos de exclusão. Me baseio na Resolução 510 quando ela observa o fato

---

<sup>16</sup>Ver em: Conselho Nacional de Saúde. Resolução 510, abril de 2016.

de as pesquisas ferem os princípios da ética e dignidade não apenas de indivíduos, mas também dos grupos em que estão inseridos.

Em razão das questões de garantia de sigilo e anonimato<sup>17</sup> optei por não adicionar imagens que possam identificar nomes, correlacionar locais de trabalho ou identificar as informantes e outros atores presentes nos relatos. Por isso, cartas que possam identificar a letra, ou fotos/*prints* de mensagens instantâneas enviadas a mim, foram transcritas porque, na maioria da vezes, havia a possibilidade de quebra do anonimato.

---

<sup>17</sup>A pesquisa atendeu os critérios da Resolução 510/Pesquisa aprovada sob CAAE: 90794718.0.0000.5196, CEP/Univasf.

### 3 COSTURAS TEÓRICO-CONCEITUAIS

Para amarrar as tramas/histórias que se seguirão nos próximos capítulos, é importante que eu, como narradora, situe o pano de fundo em que elas se desenvolverão. Dar sentido às histórias, a partir do meu ponto de vista, só foi possível frente ao emaranhado de teorias e possibilidades analíticas sugeridas por referências importantes no campo de estudos de sexualidades e gênero.

Frente à fase de redação final da tese, procurei minha mãe. Ela –que em princípio foi contrária a minha trajetória de estudos sobre *swing*, frutos de toda uma “gramática político-ideológica” (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 726) em que está inserida –foi crucial para que eu conseguisse traçar uma linha de estruturação da tese que aqui se apresenta. No nosso encontro, preferi não entrar no mérito da pesquisa, o que renderia discursos tais como: ‘ainda estudando esse ‘tipo’ de coisa’? Optei, portanto, apenas provocá-la com a seguinte questão: o que eu preciso para contar uma história, fazer uma boa narrativa? Mainha, professora de português e literatura da rede pública estadual de ensino de Pernambuco, foi categórica ao dizer: “seja criativa e esteja por dentro do que você está pensando em escrever”.

Nada mais angustiante pois, se o dito popular indica que ‘a criatividade precisa do ócio’, a sobrecarga de trabalho não permitia que minha criatividade fosse explorada nesse seu sentido mais genuíno. Em segundo plano, o ‘estar por dentro’ exigiu resgatar teorias e conceitos que foram apresentados a mim ao longo de minha trajetória como aluna de pós graduação, em que a perspectiva adotada sempre se pautou numa dimensão crítica do estudo das sexualidades e num feminismo decolonial para a produção do conhecimento científico, aspectos esses que serão abordados ao longo do capítulo. Também precisei ser confrontada com meu cotidiano profissional como professora de Psicologia Social e da Saúde, o que me deu condição de possibilidade para pensar as práticas de cuidado em saúde sexual e os atravessamentos psicossociais que os são constitutivos.

Desse modo, os delineamentos teórico-conceituais seguem a linha acima mencionada, e possibilitam que a lente adotada permita que inteligibilidades sobre relações de poder, processos de subjetivação e saúde sexual sejam exploradas a partir de dois eixos de saber: 1. Tramas da dissidência: o *swing*, processos de subjetivação e regulações generificadas; e 2. Tramas do biopoder: discurso médico e a sexualidade feminina.

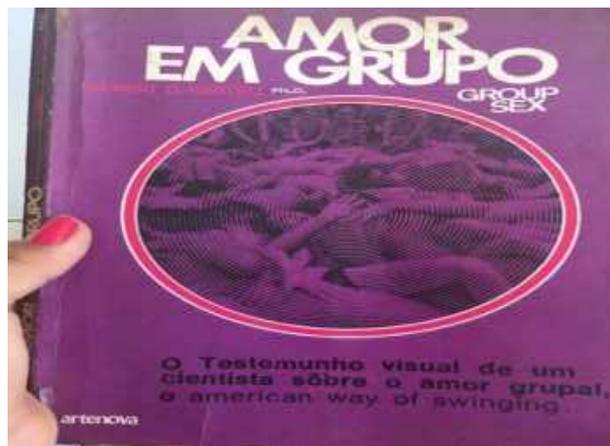
Para isso, opto pelo aporte teórico-epistemológico pós-estruturalista na perspectiva adotada para tese de que processos de subjetivação tem repercussões na saúde sexual de mulheres no *swing*, especialmente considerando os estudos de autores como Michel Foucault

e Judith Butler sobre sexualidades, formas de vida e o desapego ao sujeito universal, conforme já sinalizei no capítulo anterior.

### 3.1 EIXO DE SABER 1: TRAMAS DA DISSIDÊNCIA - O *SWING*, PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO E REGULAÇÕES GENERIFICADAS

“Olha como eu tô teórica na safadeza!”, diz Camila, uma das minhas “personagens-protagonistas”, trazendo um livro roxo e com marcas acentuadas do tempo, comprado numa plataforma virtual de livros usados. Ela comprou o livro sob o mote de aprofundar seus conhecimentos na prática sexual do *swing* que faz/fazia parte de sua vida. Conforme pude saber mais tarde, sua busca por mais informações também adveio de um processo de sofrimento que estava passando em função de experiências “desastrosas” na troca de casais. Ao ler o livro, me interpela: “acho que será muito mais útil pra você que é acadêmica que pra mim, que só sou, ou era, swingueira”<sup>18</sup>.

Figura 6 – Fotografia do livro Amor em Grupo, de Gilbert Bartell



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O livro *Amor em Grupo*, do antropólogo americano Bartell (1971), já era meu velho conhecimento. Considerada como a primeira obra acadêmica escrita exclusivamente sobre a troca de casais, figurou como uma espécie de livro sagrado para o entendimento sobre o *swing* na década de 70 e anos subsequentes. Basicamente, permite com que nos debruçemos sobre a sociedade americana daquela época, e é com esse viés que devemos tratá-lo. Há, obviamente, a reinscrição de novas formas de vivência da sexualidade nessa prática sexual na atualidade.

<sup>18</sup> Embora inicie esse Eixo de Saber trazendo informações valiosas sobre Camila e alguns de seus dilemas na troca de casais, os delineamentos analíticos serão aprofundados *a posteriori*, especialmente no capítulo 4.

A indicação de Camila provoca em mim a necessidade de relê-lo. As considerações de minha interlocutora de pesquisa sobre a obra serão melhor desenhadas nos capítulos analíticos desta tese. Adianto que ela, num esforço de compreensão de sua própria experiência de vida, adentra o universo da academia – inclusive indo assistir minha apresentação, a época da defesa de dissertação – para conseguir encontrar pretensos “consolos para as merdas que a vida traz”[sic].

Por hora, se Bartell (1971, p. 29) se pergunta “quem são os *swingers*? Quais são suas atitudes? Como eles se julgam atraídos uns pelos outros? O que falam quando se conhecem? Qual é a sua linguagem e o que vestem para o *swinging*?”, minhas perguntas apontam para um outro ponto: o que a prática do *swing* produz nos sujeitos em termos de compreensão sobre si mesmos? A partir dos questionamentos feitos por Bartell e discutidos pelo autor com base nas entrevistas com duzentos e oitenta casais *swingers*, considero para essa pesquisa, portanto, a perspectiva “foucaultiana”(FOUCAULT, 2018b) de que não há um “regime de verdade” a ser desvelada sobre o *swing* e seus/suas praticantes; o que pretendo trazer se refere a algo que incide sobre a ideia de que a “verdade” se produz, tão somente, no/pelo discurso e que esta pode ser modificada através das tramas de poder/saber.

Ao tomarmos as articulações que se tecem entre discurso e política percebemos uma materialidade que se desvela a partir de práticas de interdição daquilo que se institui como zonas de perigo no que diz respeito ao campo da sexualidade humana. Uma forma de censura entre aquilo que se pode ou não se enunciar como palavra (FOUCAULT, 2006). Foucault (2010a, 2010b) ao promover uma exegese da sexualidade enquanto um dispositivo que se reconfigura ao longo da modernidade, nos coloca diante do fato de que o sexo vai ser tomado como objeto de um investimento discursivo, de modo a se interrogar sobre os efeitos de poder que se arranjam nessa produção histórica, como o poder produz formas legítimas/ilegítimas de se vivenciar desejos e prazeres e de como seus mecanismos penetram nas condutas dos indivíduos.

De todo modo, ao pensar sobre o fenômeno social/sexual da troca de casais, as considerações trazidas por Bartell (1971) nos permitem traçar inteligibilidades sobre a prática do *swing* nos aspectos relacionados ao seu surgimento, e às práticas sexuais ali existentes. O autor, ao analisar seus aspectos positivos e negativos, indica que a prática refletia a cultura americana e seu papel revolucionário no modo em que as pessoas viviam suas sexualidades e desejos. Entretanto, tal recorte se concentra num grupo homogêneo, que tem como principais características socioeconômicas serem sujeitos brancos e de classe média. Para estes, o *swing* possibilitou uma melhor vida sexual com seus(as) próprios(as) companheiros(as), bem como

processos de socialização com outras pessoas, muito embora entraves relacionados às questões de gênero sejam fortemente considerados como o ciúme, por exemplo.

Ao me deter, para a construção dessa tese, nas produções nacionais sobre a troca de casais, optamos pelo levantamentobibliográfico através do Banco Nacional de Teses e Dissertações<sup>19</sup>, no portal da CAPES. As buscas tiveram como descritores os termos “*swing*” e “troca de casais” e se concentraram em trabalhos vinculados à Plataforma Sucupira, sem delimitação temporal, tendo em vista que através de levantamento realizado em 2013 foi possível perceber que o número de produções nacionais de teses e dissertações era pequeno. Foram encontradas 08 dissertações de mestrado e 01 tese de doutorado, datadas entre 2008 e 2015, conforme tabela a seguir:

Quadro 3 – Relação de dissertações e tese sobre *swing* em base de dados nacionais

(continua)

AUTOR	TÍTULO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	INSTITUIÇÃO	ANO
WEID, Olivia Von Der.	Adultério consentido: Gênero, corpo e sexualidade na prática do <i>swing</i>	Mestrado em Sociologia e Antropologia	UFRJ	2008
SANTOS, Marcelo Alves dos.	Prometo-te ser fiel no casamento e no <i>swing</i> : uma construção identitária analisada à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação	Mestrado em Psicologia	PUC-SP	2010
VIEIRA, Sâmella dos Santos.	“Nem santa, nem puta”: performances de gênero e sexualidade em mulheres praticantes de <i>swing</i>	Mestrado em Psicologia	UFPE	2013
OLIVEIRA, Andrea Marília Alves de.	Experimentações da sexualidade na prática do <i>swing</i> : problematizando hetero/conjugalidades na cidade de Fortaleza	Mestrado em Psicologia	UNIFOR	2014
SILVEIRA, Raphael Morais da.	Nem tudo é possível, e muita coisa é obrigatória: um estudo da prática do <i>swing</i> em Goiânia	Mestrado em Antropologia Social	UFG	2014

Fonte: Pesquisas feitas pela autora, (2018).

<sup>19</sup> Ver: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>.

Quadro 3 – Relação de dissertações e tese sobre swing em base de dados nacionais

(conclusão)

AUTOR	TÍTULO	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO	INSTITUIÇÃO	ANO
OSCAR, Raquel Cardoso.	Troca de cuidados: estudo sobre as negociações dos casais adeptos do swing acerca da prevenção de DSTs/Aids	Mestrado em Saúde Coletiva	UERJ	2015
TEIXEIRA, Marina Duarte.	Swing – troca de casais ou troca de mulheres?	Mestrado em Sociologia	UFPE	2015
FONTOURA JÚNIOR, Antônio José.	Pornotopias conjugais, subjetividades e sexualidades no surgimento do swing no Brasil	Mestrado em História	UFPR	2015
VASCONCELLOS NETO, Edson Peixoto.	De olhos bem fechados. Sexualidade, Subjetividade e Conjugalidades no Swing	Doutorado em Sociologia	UFPB	2015

Fonte: Pesquisas feitas pela autora, (2018).

A título de contextualização sobre o campo de estudos do *swing* no Brasil, farei uma breve síntese sobre as pesquisas desenvolvidas, lançando luz para aquilo que se faz caro para construção da pesquisa em tela. Elas traçam o entendimento sobre o *swing* e como este campo de estudos foi sendo construído no nosso país. De maneira geral, os trabalhos centram suas reflexões sobre a forma como o *swing* está ligado aos determinantes e condicionantes de gênero, trazendo como elemento constituinte importante a dominação masculina que subjuga a mulher no *swing* (OLIVEIRA, 2014; TEIXEIRA, 2015) e se organizam, sobretudo, na discussão sobre como as conjugalidades *swingers* são orientadas por normas e ritos sociais (FONTOURA JÚNIOR, 2015; VASCONCELLOS NETO, 2015).

Won Der Weid (2008), primeira dissertação brasileira catalogada na base de dados pesquisada, realizou uma etnografia na cidade do Rio de Janeiro e indica, que o *swing* pode ser considerado um “adultério consentido” na medida em que se pode perceber, na prática, nuances de fidelidade/infidelidade e como estas estão relacionadas a como se percebem as conjugalidades na troca de casais. A autora apontou que, embora inseridos num contexto de maior liberdade sexual, sua prática acaba por se traduzir em reiteração de forma de controle que denunciam casamentos não tão liberais como se supõem.

O campo da Psicologia concentra a maior parte dos estudos; das 09 pesquisas encontradas, 1/3 é da área dos estudos psicossociais, e dialogam fortemente com outras áreas das ciências humanas e sociais, como a antropologia e a sociologia. Santos (2010), ao pesquisar sobre os

processos identitários dos casais, discutiu a partir do sintagma identidade-metamorfose-transformação tomando como aporte teórico-conceitual as discussões em Psicologia Social propostas pelo psicólogo Antônio da Costa Ciampa. No processo de construção de identidades, o autor sugere a noção de uma identidade pós-convencional, por considerar o *swing* e seus/suas praticantes como aqueles/as que, por excelência, rompem com as formas tradicionais da instituição casamento. A partilha das regras desse novo grupo em que os casais se inserem promovem, portanto, a criação de novos hábitos sociais sobre matrimônio.

Silveira (2014), em etnografia realizada num clube de troca de casais na cidade de Goiânia-GO, propôs o mote de reflexão sobre a dimensão material e simbólica do *swing* como bem de consumo. O autor nos indaga a seguinte questão: o que vende a casa de *swing*? Ao propor uma trajetória *online* pelo *site* da casa de *swing Black&White Club*, analisou os *flyers* das festas propostas e demonstrou que, através do que é ‘vendido’ pela casa, é possível traçar um entendimento sobre o que é o *swing* e as formas em que ele se apresenta.

A dissertação de Fontoura Júnior (2015), vinculada ao mestrado de História na UFPR, propõe uma leitura histórica sobre como a prática do *swing* foi desenvolvida no Brasil, especialmente tomando como recorte os anos de 1969 a 1983, onde o autor localiza temporalmente a chamada revolução sexual no país. Seu objetivo foi analisar as representações sociais sobre gênero em revistas de circulação nacional que começaram a se voltar para este comportamento sexual, até então tidas como inéditas. Somente a partir da década de 70 foi possível visualizar, na grande mídia, casais em busca de parceiros através de anúncios em jornais do Rio de Janeiro. Ao analisar a produção discursiva sobre o tema em revistas masculinas como *Ele Ela*, *Playboy* e *Peteca* no período supracitado, o autor analisa que as representações sociais atribuídas à troca de casais adquirem duas polaridades: 1. o *swing* como mantenedor do casamento uma vez que evita a traição/adulterio e 2. a prática como algo que vai contra as instituições família e matrimônio, acusando os maridos de prostituírem suas esposas.

Em dissertação no campo da saúde coletiva, Oscar (2015) buscou investigar as características do casal heterossexual moderno praticante de *swing*, especialmente em se tratando dos jogos de negociação para formas de prevenção às IST/Aids. A pesquisa proposta pela autora foi de base etnográfica, com o campo de observação em festas de *swing* em um clube na cidade do Rio de Janeiro. Ao buscar compreender as condutas sexuais dos casais praticantes, permite que possamos refletir sobre as dificuldades das estratégias preventivas e que questões socioculturais estão intimamente relacionadas à escolha desses casais. Destaco, especialmente, este trabalho por se localizar na produção subjetiva e social de formas de

cuidado e prazer, especialmente quando se trata de uma saúde sexual que se alinha não apenas a uma perspectiva de não-infecção.

Teixeira (2015) traz elementos em sua dissertação sobre a produção discursiva que constitui a prática da troca de casais. Nesse sentido, a autora nos traz uma dimensão do *swing* como uma prática que, embora pretensamente libertária, se insere no contexto das imposições de gênero: a manutenção da monogamia; as assimetrias de gênero; a virilidade masculina que coloca a mulher como moeda de troca para realização de suas fantasias sexuais. Sobre os *swingers*, a autora atesta: “são eles, a um só tempo, revolucionários e amantes da ordem”.

Vasconcellos Neto (2015), ao focar seus estudos nas redes online (*sexlog*) e *off-line*, a partir de etnografia em casa de swing na cidade de Recife, possibilitou à área considerações importantes sobre subjetivação e sua interface com as sexualidades em contextos de conjugalidades. O autor, de modo bastante oportuno, procede extensa descrição dos processos e nuances metodológicas que teve em campo, os meandros do mercado do sexo e seus roteiros sexuais, o que me permitiu atentar para as danças performativas que estão implicadas no evento *swing*; seus jogos de erotismo e desejo que permitem a “suspensão e diminuição das normas morais” e, por consequência, reflito que tais questões fazem operar algo importante na minha tese que se refere a possibilidade de saúde sexual dos/as seus/suas adeptos/as.

A minha dissertação (VIEIRA, 2013) será tomada como umas das principais referências para justificativa desse trabalho, uma vez que sustenta a tese de que as questões de gênero e sexualidade constituem os processos de subjetivação nas experiências sexuais de mulheres, o que implica diretamente na saúde sexual das mesmas. A pesquisa apontou algumas encruzilhadas de gênero que indicam caminhos a se seguir para avançar numa discussão mais ampliada do que ‘tornar-se mulher’ e de como as vivências sexuais são atravessadas por vozes socioculturais. Assim, é possível observar a composição de determinados modos de viver a sexualidade que revelam prazer e perigo.

Metodologicamente, a pesquisa se baseou na etnografia em espaços de sociabilidades *swingers* (clubes de *swing* e festas promovidas por praticantes) para apreender a dinamicidade da prática e, de certa forma, como os *scripts* sexuais (GAGNON, 2006) são desenhados. Arelado a esse método foi possível desbravar, através de entrevistas, os percursos de mulheres desde a infância até sua inserção na prática, bem como os desdobramentos dali provenientes.

No que tange à discussão conceitual já ensejada na pesquisa anterior, o conceito de *scripts* ou roteiros sexuais se faz bastante útil para pensar direitos e saúde sexual utilizados nessa tese. Nos atrelamos à discussão proposta por Gagnon (2006) que, ao rejeitarem o determinismo biológico e dos impulsos sexuais produzidos na égide de uma perspectiva médica e psicanalítica da prática sexual, indicam para a dimensão aprendida dos relacionamentos sexuais. O comportamento sexual, para esses autores, se constitui no *locus* de uma prática que envolve condicionantes sociais ao refletirem sobre o fato de que a interação, as fantasias e os mitos culturais são fundamentais para dar vazão aos modos em que os sujeitos manifestam suas sexualidades.

Podemos verificar, na teoria social dos *scripts*, a existência de três níveis de roteirização sexual: os cenários culturais, os roteiros interpessoais e os roteiros intrapsíquicos. O primeiro se relaciona aos aspectos simbólicos da sexualidade que estão presentes na nossa cultura. Tais cenários são substratos para se pensar que estas regulações incidem sobre os níveis que compreendem a relações interpessoais (que se dão na vida cotidiana entre os sujeitos como padrões que se repetem) e no âmbito intrapsíquico (que configuram como estes constituem as formas em que as pessoas constroem suas fantasias e esquemas mentais com base nos padrões acima mencionados). No campo das práticas sexuais, o estudo sobre os roteiros sexuais permite-nos compreender a materialidade das práticas sexuais uma vez que é possível extrair daí suas “significações sociogênicas”, ou seja, aquelas que são compartilhadas pela vivência em comunidade, e suas “significações ontogênicas” que dizem respeito como os sujeitos significam e constroem pra si todo seu arcabouço erótico, afetivo e sexual que compõe suas sexualidades.

Algumas percepções sobre as pesquisas supracitadas dão o mote para a linha de entendimento que investi nessa tese. É possível perceber que, dos 09 (nove) trabalhos elencados, 05 (cinco) deles foram produzidos por mulheres; estamos – nós mulheres – pesquisando sobre sexualidades dissidentes mesmo com todo estigma imposto às pesquisadoras na área. Von Der Weid (2008) e Vieira (2013) dedicaram parte de seus escritos para refletirem sobre o percurso trilhado como “pesquisadoras de *swing*”. O rechaço sobre as pesquisas advém do âmbito acadêmico e pessoal/familiarna medida em que é possível reconhecer o objeto de estudo, por si só, como *abjeto*.

Sobre abjeção, o dicionário<sup>20</sup> nos traz que é: “Falta de dignidade; qualidade do que é torpe, vil”. O significado literal traduz indicativos sobre os sentidos atribuídos à essa prática sexual e as pesquisas a ela relacionadas, nos movimentos de poder/saber que estão em jogo na dinâmica de uma moral sexual vigente. Para Kristeva (1980) em “Poderes do Horror”, a abjeção fala de um fenômeno que se inscreve na ordem dos pensamentos e afetos, não tem necessariamente um objeto específico e delimitado, não apresenta uma definição e nomeação inexorável, mas fala da criação de um movimento de horror, de repulsa, de exclusão e de deslocamento.

Quando tomamos como referência as provocações de Butler, a acepção da palavra ganha contornos que nos falam sobre a ordem dos discursos e como determinadas existências estão inseridas na máxima daquilo que não deve ser dito, e operam a nível da invisibilidade:

A construção de um “fora” que todavia está completamente “dentro”, não de uma possibilidade além da cultura, mas de uma possibilidade cultural concreta que é recusada e redescrita como impossível. O que permanece “impensável” e “indizível” nos termos de uma forma cultural existente não é necessariamente o que é excluído da matriz de inteligibilidade presente no interior dessa forma; ao contrário, o marginalizado, e não o excluído, é que é a possibilidade cultural causadora de medo ou, no mínimo, da perda de sanções. [...] O “impensável” está assim plenamente dentro da cultura, mas é plenamente excluído da cultura dominante”.(BUTLER, 2012).

Para a autora, corpos abjetos perdem seu *status* de humanidade. Não necessariamente que não existam em termos de corporalidades, mas se inscrevem numa matriz hegemônica que impele esses corpos não-hegemônicos para as margens. Obviamente, ao falar aqui de histórias de vida de mulheres *cisgênero*, tais repercussões abjetas podem ganhar outros marcas e nuances próprias. Entretanto, embora inseridas numa matriz heteronormativa, as práticas sexuais das quais fazem parte se inscrevem no campo da abjeção e da dissidência. Unimos, pois, duas dimensões de uma querela político-social em que a pesquisa se localiza: a abjeção e a dissidência caminham juntas, e se retroalimentam na ordem dos desejos.

Sobre esta questão, Foucault (2010a, p. 10) nos alerta que diante da ilegitimidade dessas sexualidades “que [elas] incomodem lá onde possa ser reinscritas, senão nos circuitos de produção, pelo menos nos de lucro”. Ilegitimidade que é, sobretudo, resquício de uma lógica hipócrita burguesa de controle e subjugação de condutas. O “sexo selvagem”, do qual o autor nos fala, não cabe no espaço de excelência da academia senão sob a égide do poder-saber. Assim como pesquisadoras abjetas, as questões assimétricas de gênero estão incutidas

---

<sup>20</sup> Dicionário Michaelis *online*. Ver em: <https://michaelis.uol.com.br>.

não apenas nos resultados de pesquisa, mas sobremaneira na cientista e tem repercussões na produção do conhecimento científico.

Em relação aos lugares de produção as pesquisas supracitadas foram desenvolvidas, cabe uma consideração importante: todas elas (com exceção da que desenvolvi) se concentram, quando da etnografia, nos centros urbanos das capitais do país. Embora eu tenha explorado o marcador de localidade no capítulo metodológico, é importante situar que esse fato não é mero acaso. Apesar dos programas de pós-graduação em que estas pesquisas estejam vinculadas se localizem nos grandes centros, o fato de situar o *swing* como do campo das sexualidades dissidentes pode explicar porque há uma certa dificuldade em se produzir pesquisas sobre a troca de casais em cidades do interior, especialmente no sertão nordestino.

Desde que comecei minhas incursões sobre a pesquisa sobre *swing* na cidade de Petrolina-PE, não raros foram os questionamentos e a incredulidade das pessoas ao questionarem sobre se de fato havia esse “tipo de coisa” na nossa região (VIEIRA, 2013); este fato se mantém até hoje, 8 anos depois das primeiras incursões. Sobre isso, Silva (2009) aponta que a localização de práticas dissidentes nos espaços das grandes metrópoles decorre do resguardo ao sigilo da identidade dos/as informantes, especialmente quando se tratado que o autor chama como turismo *underground*, com espaços comerciais específicos destinados à prática, como é o caso das casas/clubs de *swing*.

Aqui, abre-se o leque de possibilidades no qual a proposta de tese se assenta: a revisitação de histórias de vida que não param em 2013, no término da pesquisa de dissertação. Algumas perguntas são propulsoras da investigação de tese ora proposta: como estão “minhas mulheres” no que tange às suas sexualidades? Quais atravessamentos nas suas relações conjugais o *swing* promoveu/promove? Que relação com o *swing* ainda é estabelecida? Quais são suas (des)construções sobre prazer e experiência erótica? Há empoderamento nas histórias de vida que se traduzam em saúde sexual para essas mulheres?

Na medida em que é possível observar que práticas sexuais não são estáveis, a retomada das histórias das personagens-protagonistas Nina, Camila e Amanda, permite que se avance na compreensão das trajetórias no campo afetivo-sexual: observando-as como mutáveis e não estáticas, mas sobretudo tomando como compreensão que histórias de vida acabam constituindo o modo como sujeitos olham para si mesmos e constroem discursos para suas existências.

Outras histórias compõem as cenas. É importante situar que tratar das experiências no *swing* para as mulheres participantes não implica em considerá-las tão somente vítimas da opressão e dominação masculina, tendo em vista que essa posição reitera o lugar da mulher

como de passividade frente aos seus corpos e aos processos de decisão sobre suas sexualidades. Coadunado com a proposta de Vance (1984) em que a eroticidade deve ser considerada através de duas dimensões: prazer e perigo.

As experiências sexuais como prazer estão afinadas com a perspectiva apontada por Rose (1998) que fala de liberdades situadas, ou seja, a produção de subjetividades que estão no campo dos regulamentos impostos especialmente pelos *expertises* da alma, mas também são campo aberto para o exercício da transgressão. Liberdade, portanto, entendida como forma de se relacionar com sua rede de dependência.

O ingresso no *swing* propiciou com que estas mulheres, de certa forma, quebrassem paradigmas quanto à forma como foram socializadas em relação aos seus corpos e desejos, especialmente quando comparadas com toda uma pedagogia sexual recebida na infância e adolescência (LOURO, 2001). Desse modo, possibilitou a descoberta de novas formas de expressão de sexualidades transgressoras: masturbação, bissexualidade, novas cenas eróticas, dentre outras (VIEIRA, 2013).

No campo das sexualidades, as noções de dissidência e transgressão são úteis para pensar o fenômeno do *swing* e seu lugar de fronteira entre permanência e ruptura com formas de poder e sujeição. Parker (1991) analisa que, nos sistemas de gênero e sexualidade, a transgressão figura como uma “economia simbólica” engendrada por processos ideológicos em que práticas são orientadas como boas e más, proibidas e permitidas; entretanto, “a própria ideia de proibição implica a possibilidade de transgressão” (PARKER, 1991, p. 155).

Rubin (2003) ilustra de forma bastante interessante como a vivência da sexualidade implica no que é considerado moralmente valorizado; há um sistema hierárquico que demarca as práticas sexuais. Numa escala decrescente de valores, a autora aponta que, no topo, estão os heterossexuais casados e reprodutivos, seguidos dos heterossexuais monogâmicos não casados, e demais heterossexuais. A partir daí, em ordem de menor valor moral, se encontram os casados homossexuais de relacionamentos estáveis e longos, seguidos de “sapatões de bar e homens gays promíscuos” (RUBIN, 2003, p. 13). Entretanto, atribui-se ser a parcela mais ínfima na pirâmide, o seguinte grupo:

As castas sexuais mais desprezadas correntemente incluem transexuais, travestis, fetichistas, sadomasoquistas, trabalhadores do sexo como as prostitutas e modelos pornográficos, e abaixo de todos, aqueles cujo erotismo transgride as fronteiras geracionais. (RUBIN, 2003, p.14).

Sustento a prerrogativa de que, mesmo como prática-prazer, as normatizações de gênero constituem a experiência dessas mulheres. O *swing* também se coloca como perigo na medida em que ainda é possível perceber que, para algumas das mulheres pesquisadas, a troca de casais figura como ferramenta para salvar o casamento, a busca por um ideal de corpo perfeito e a dualidade sobre o que pode ser considerado permitido e proibido para uma “mulher direita”[sic]. A culpa, por exemplo, se revela em nuances como não se achar “boa”<sup>21</sup> o suficiente, ou por entender que transgride preceitos religiosos.

Nessa seara, processos de violência contra a mulher puderam ser vistas de forma naturalizada principalmente quando transar não tenha sido deliberadamente por escolha. Se resgatamos a noção de direitos e saúde sexual, é salutar pensar como isso ocorre, em que sistemas de significação sobre si mesmas e sobre suas vidas são engendradas nas trajetórias. Ao tomarmos como pano de fundo a discussão sobre identidade e sexualidade, é importante lembrar que somos tomados pelas mais diversas tramas discursivas sobre o sexo que impõe a regulação, a normalização e o controle de nossas condutas e desejos. A discussão sobre ‘santa *versus* puta’ foi por mim desenvolvida na perspectiva de como, em suas narrativas, essas mulheres se nomeavam e como desenvolviam suas identidades na troca de casais.

Preciado (2011) nos fala sobre o império sexual como parte do reducionismo binário que demarca o que é ser homem e mulher. Nessa perspectiva, poderíamos pensar a forma como as imbricações de gênero, sexualidade e de outros marcadores sociais da diferença (como raça, território e religião) conformam a práticas *wingere* envolvem seus praticantes no horizonte da invisibilidade política e da abjeção. Sua fluidez enseja um campo aberto onde há, portanto, de se pensar qual é o lugar que ocupa, tendo em vista que a mulher do *swing* não tem uma identidade fixa. Adotando a perspectiva *queer* (PRECIADO, 2011), elas precisam ser vistas como *desterritorializadas*, por exemplo, da matriz heterossexual. Tal matriz explica as regulações normativas de expressão da sexualidade que só devem ocorrer na medida em que correspondem a um ordenamento sexo-gênero-desejo: se fêmea, performatiza as convenções sociais do ‘ser mulher’ e, conseqüentemente, deve dirigir seu desejo para o sexo oposto. O binarismo homem/mulher - macho/fêmea se impõe como única forma de pensar o desejo, mas seu corpo/gênero é potência de vida. Através de sua dimensão pós-estruturalista, a perspectiva *queer* pode ser considerada uma teoria ou um movimento que busca o apagamento das fronteiras de gênero. Segundo Louro (2001, p. 546), “a teoria *queer* pode ser vinculada às vertentes do pensamento ocidental contemporâneo que, ao longo do século XX,

---

<sup>21</sup> Aqui, os sinônimos para “boa” é gostosa, boa de cama, desejável.

problematizaram noções clássicas de sujeito, de identidade, de agência, de identificação”. Compreende, portanto, um posicionamento radical teórico-político-filosófico que contesta as dimensões ontológicas dos sujeitos.

A partir disso, a justificativa se centra na busca por inteligibilidades sobre os modos de subjetivação que inserem as mulheres num contexto de vulnerabilidade: Como, ao produzir uma historicidade pessoal sobre sua sexualidade, a saúde sexual implica como prática de liberdade? Que movimentos biopolíticos estão em jogo?

Foucault (2018a) define biopolítica como a forma em que o poder passa a operar em nível de controle regulatório das populações. Se, até o século XVIII, as discussões se relacionavam ao poder do soberano e seu direito sobre a morte, a modernidade revela outra forma de exercício de poder que se dá no imbricamento entre vida e política. Se articula com o poder disciplinar (este que requer corpos dóceis) mas amplia as formas de governo dos homens, pois a biopolítica supõe a gestão sobre a vida; vida que deve ser controlada, regulada, produtiva e útil.

Traçar um entendimento genealógico para essa tese, é sustentar a ideia de que o *swing* –este não no seu sentido genérico ou conceitual, mas especialmente inserido na vida cotidiana das pessoas que o praticam – é ‘acontecimento discursivo’. Considerar, portanto:

O discurso como uma série de acontecimentos, de estabelecer e descrever as relações que esses acontecimentos – que podemos chamar de acontecimentos discursivos – mantêm com outros acontecimentos que pertencem ao sistema econômico, ou ao campo político, ou às instituições. (FOUCAULT, 2006, p. 255-256).

É a vontade de verdade que vai, nas tramas sobre o *swing*, legitimando o próprio discurso, em si mesmo, e se impõe de modo universalista. Não é de se surpreender que, nos séculos XVIII e XIX, a verdade sobre o sujeito se localiza no seu escrutínio como objeto da produção científica. Em “A História da Sexualidade I: a vontade de saber”, Foucault (2010<sup>a</sup>, p. 9) inicia falando de uma sexualidade “muda, contida, hipócrita”. A questão que nos provoca, ao tratar do tema sexualidade e tomando como referência os escritos de Foucault é: quais os lugares da sexualidade?

O autor demarca que, a partir do século XVII, inserida no seio de uma sociedade burguesa, a sexualidade vai para o espaço privado. É no interior do quarto dos pais que ela é reconhecida pela sua funcionalidade: mantenedora da espécie humana, procriadora, monogâmica. Casualmente, reportamo-nos a ideia de que há uma sexualidade que é reprimida. O autor indica algumas nuances que traduzem-se nas dúvidas que relegam sua

“hipótese repressiva” (FOUCAULT, 2010a, p. 17-18). A primeira delas, de caráter histórico, implica em saber se de fato houve, desde aqueles tempos, um regime de repressão do sexo. A segunda, de ordem histórico-teórica, reflete se, de fato, a forma como o poder opera em nossa sociedade é de caráter repressor. A terceira, como uma questão histórico-política, questiona a ode à criticidade aos discursos repressores, do ponto de vista de se interrogar: “existiria mesmo uma ruptura histórica entre a Idade da Repressão e a análise crítica da repressão?” (FOUCAULT, 2010a, p. 18).

A potencialidade encontrada pelo autor não se localiza, conforme ele mesmo o vai dizer, em refutar ou legitimar as querelas acima mencionadas. De outro modo, as reflexões ali ensejadas possibilitam um outro olhar: colocar o sexo em suspeição discursiva, que produz efeitos de um poder-saber sobre o outro; que cala, mas faz falar sobre o sexo; que implica em formas regulatórias, mas potencializa formas outras de vivências sexuais marginais.

Podemos pensar que, no que tange às experiências *swingers*, o controle disciplinar age com/sobre sujeitos. Conforme podemos sintetizar na citação a seguir: “Daí decorre o fato importante será saber sob que formas, através de que canais, fluindo através de que discursos o poder consegue chegar às mais tênues e mais individuais das condutas”(FOUCAULT, 2010a, p. 18).

Num primeiro momento, é importante situar que a noção de controle não se insere apenas na ordem macropolítica ou de governo das populações. Se estabelece, sobremaneira, nas deliberadas ações de controle que produz o governo de uns sobre os outros como, por exemplo, no campo da escola e a docilização das crianças. O biopoder, portanto, nasce e se reafirma em duas ordens: tanto uma racionalidade ou poder pastoral que, nas suas práticas de confissão, tem como função principal tutelar a vida (uma insinuação ao que Foucault mais tarde vai chamar de governamentalidade), quanto no âmbito jurídico da soberania que, nas tramas de jogos de poder, permitem sua legitimidade.

Entretanto, para uma compreensão mais ampliada dessa questão, é imprescindível levar em consideração seu outro aspecto, aquele que ocorre de forma capilar e que captura sujeitos e faz a gestão de suas existências. Esse exercício de poder - que se centra no indivíduo - permite que práticas sexuais sejam forjadas como permitidas e proibidas e são produtoras de modos de subjetivação, uma vez que promove “*técnicas de si*”. Sobre isso, Foucault refere-se às técnicas utilizadas para fixar as identidades dos sujeitos, através de agentes exógenos, e que cumprem determinadas funções no estabelecimento de como este conhece a si mesmo.

Através dos elementos constitutivos da experiência de mulheres *swingers* e suas significações sobre si mesmas, será possível entender também que a subjetivação pode ser compreendida, através de uma análise *foucaultiana*, não apenas como uma forma de sujeição *per se* mas como possibilidade de exercício de liberdade. Há, portanto, o imbricamento de um paradoxo que intenta duas dimensões analíticas nos estudos *foucaultianos*: a sujeição e o exercício de liberdade por parte dos sujeitos.

Nessa seara, é útil a correlação com os mecanismos de poder de que nos fala Foucault. A primeira lição que nos é cara e que “o poder está em toda parte. Não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares” (2010a, p. 103). Poder ser sentido através de suas formas terminais, que referem-se a instituições, leise outros aparelhos que impliquem em sujeição aos indivíduos. O poder, ou as condições em que este se faz presente na vida dos sujeitos, pode ser definido como uma correlação de forças, desiguais e instáveis, capilarizada na heterogeneidade que lhe é fundamental.

Corroborando com isso, entende-se que:

(...) o poder só se exerce sobre ‘sujeitos livres’, enquanto ‘livres’ – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos comportamentos podem acontecer.(FOUCAULT, 1995, p. 244).

Assim, construir-se a si mesmo só pode se dar com o exercício de uma “*estética da existência*”, aqui entendida como forma de poder resistir às normas e às formas diversas de poder. Tomando como norte o que se pode chamar de último pensamento de Foucault, presentes especialmente nas obras *História da Sexualidade 2 e 3*, a *estética da existência* proposta pelo autor requer um olhar sobre a constituição de como o sujeito se relaciona com os discursos de verdade que emanam da cultura em que estão inseridos.

Para tal intento, o autor resgata a prática dos ascéticos greco-romanos e investe em uma leitura/investigação que problematiza como os sujeitos, inquiridos da ordem dos discursos e dispositivos que fazem circular jogos de verdade, conformam-se como sujeito/objeto para si próprios. Especialmente para essa tese que flerta, de certo modo, com uma aproximação da ciência e da prática psicológica no que se refere a uma abordagem mais crítica e menos coercitiva das sexualidades e dos desejos, a *estética da existência* possibilita um olhar mais coerente em relação à tríade subjetividade-verdade-cuidado de si. Diante disso, há de se pensar portanto como os processos de subjetivação vão impactar na produção de saúde sexual das mulheres *personagens-protagonistas* do estudo.

Para entender melhor tal relação, ao tratar de uma história da subjetividade em Hermêutica do Sujeito, Foucault (2018c) retoma o mundo grego, com a noção de um cuidado de si que ganha destaque, de certa forma, na história da filosofia. “Conhece-te a ti mesmo”, máxima do Oráculo de Delfos, orienta o transformar-se a si mesmo numa referência espiritual. Socraticamente, numa acepção à cuidar da alma, refere-se a um cuidado das virtudes, implicando em práticas, ascetes, transformar a si. A preocupação é entender porque o cuidado de si é suplantado com o conhece-te a ti mesmo e resgata um movimento cartesiano, para que o indivíduo tenha acesso a verdade, este necessita do conhecimento.

A norma portanto, segue interiorizada na experiência de fazer *swing*, mas pode ser reconfigurada na constituição de formas de vida. Em suma, as normas de verdade implicam na criação de sujeitos que regulam desejos como, por exemplo, o mito da mulher gostosa e do homem "bom comedor" (VIEIRA, 2013); ditadura da beleza; resquícios do amor romântico; dentre outras tantas facetas de sujeição e imposição de formas naturalizadas de vivência da sexualidade. Os dispositivos entram em cena. Não figura como algo estático; ao contrário, é na dinamicidade e heterogeneidade que este se opera. Entende-se por dispositivo (FOUCAULT, 2010a) um conjunto de práticas que, a partir de um enredo de poder, leva em consideração diversos instrumentos como instituições, regulamentos, normas jurídicas e legislação, ciência e moral.

Historicamente, para o autor, alguns dispositivos em torno do sexo se organizaram/organizam na função de possibilidades estratégicas para as regulações: a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso. Marcello (2005), ao discutir sobre a maternidade como dispositivo que produz formas de subjetivação femininas, revela os meandros desses processos. Os sujeitos-mãe, por exemplo, ao falarem de si produzem discursivamente suas identidades a partir de três técnicas: controlar-se, organizar-se e enunciar-se. De forma bastante coerente, a autora traz para discussão como os saberes normativos constroem e são construídos pelo “dispositivo” da maternidade. No caso das sexualidades, é útil pensar que esta dispositivo “tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global”(MARCELLO, 2005,p. 118).

Portanto, nas estratégias que utiliza, o dispositivo opera de modo polimorfo e conjuntural. A partir daí, e retomando o foco central da pesquisa: que estratégias de poder se revelam nas práticas eróticas de mulheres *swingers*?

O sujeito é histórico e, portanto, sua constituição se dá como saber/poder que legitima ou refuta formas de vida. Para o termo sujeito, Foucault (1995, p. 235) evidencia que: “há dois significados para a palavra sujeito: sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso a sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento. Ambos sugerem uma forma de poder que subjuga e torna sujeito a”. Genealógicamente, o autor aponta que a verdade sobre o sujeito se manifesta através de três modos de objetivação, que se conformam a partir da díade saber-poder, que impõem uma normalização. Um primeiro eixo que trata do homem como sujeito da razão e ao mesmo tempo transcendental. Um segundo eixo que implica na criação de fronteiras das diferenças onde se colocam, por exemplo, o louco *versus* são, pervertido *versus* normal. E por fim, um terceiro eixo que é bastante caro para esse projeto de tese, que compreende a noção de sujeito que “toma a si próprio como objeto do saber” (WEINMANN, 2006, p. 17). Há de se pensar as condições para que, como mulheres, elas possam resistir às normas de uma sociedade pretensamente de controle de corpos e condutas.

No que concerne, diante de todo o exposto, sobre as regulações generificadas na forma como sujeitos são construídos na sua sexualidade, tomo como ponto de partida o surgimento do conceito Gênero, trazido por Joan Scott que, ao discorrer sobre o surgimento desse conceito, reporta-o às feministas americanas que, para sair da lógica biológica e essencialista presente no uso das diferenças baseadas no sexo, reconfiguram-no tomando como ponto central seu caráter relacional. Scott enuncia suas linhas de aproximação e distanciamento do modo em que a categoria gênero foi sendo constituída, e nos convoca: “Temos necessidade de uma rejeição do caráter fixo e permanente da oposição binária, de uma historicização e de uma desconstrução genuínas dos termos da diferença sexual” (SCOTT, 1995, p. 84).

A autora toma o gênero como categoria analítica e entende que o mesmo só ser vislumbrado através da ideia de que é “elemento constitutivo das relações sociais”, e isso somente pode ser desenhado nos moldes em que figuram as diferenças entre os sexos. Ainda, apresenta a intrínseca relação entre o gênero como força motriz para “significar as relações de poder” que são estabelecidas na esfera dos jogos de posicionamento. As noções que a autora institui figuram como bastante caras para a compreensão de como as mulheres vivem a dimensão do erótico – e nesse caso, como ocorrem as sociabilidades *swingers* – pois revelam que os imbricamentos de gênero se relacionam com um aspecto histórico que não é estático, pois sofre variações especialmente quando trazemos à discussão de igualdade marcadores sociais como gênero, raça/etnia e classe, por exemplo.

São nas nuances de gênero que as configurações de ser mulher são assumidas e reiteradas em uma dada cultura. Os estudos de gênero já denunciavam, mesmo através de seu

viés estruturalista, os chamados papéis de gênero. Estes sugerem a noção de papel enquanto *representação*, trazida por Grossi (s/d)<sup>22</sup> como as ações, concepções, imputações de personalidade, enfim, tudo aquilo que pode ser atribuído ao macho/fêmea e que vai determinar sobre o que é ser homem e mulher na esfera sociocultural.

Silva (2011) pressupõe um movimento que contraria a noção clássica de representação como a expressão fiel da realidade e do real, concebida como representação mental a nível da consciência. Ao discutir sobre as identidades e diferenças como imersos em sistemas de significação, através de um viés pós-estruturalista, reconfigura a representação clássica na medida em que a significa como “um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estritamente ligado a relações de poder” (SILVA, 2011, p. 06).

Assim, embora tenha como objeto de estudo “mulheres”, não posso cair numa noção essencializada - no seu sentido identitário - do que é ser mulher. Tomo o cuidado de tratar sobre mulheres e dizer, conforme já sinalizado na introdução, que tal pesquisa não pretende naturalizar uma certa ideia de ‘condição feminina’. Assumo aqui a prerrogativa de que é urgente descolar o sistema sexo-gênero-desejo de que nos fala Butler (2012) para que haja uma reorganização inclusive no que diz respeito à noção de identidade. Isso posto, no sentido de romper com as categorias de gênero que ainda se amparam na ideia de que as próprias construções históricas prescindem de uma inscrição biológica.

O próprio sexo é forjado também como construção social. Laqueur (2001) aponta que é no século XVIII em que emergem os estudos anatômicos sobre a descoberta órgãos sexuais e reprodutores, especificamente útero e testículos. Através dos estudos de anatomia, a mulher foi considerada como “homem invertido” e menos perfeito por ter órgãos sexuais menores. Na medida em que categorias anatômicas e fisiológicas foram sendo criadas, a introdução de termos como ovários, testículos e vagina dá margem para toda uma produção linguística que colocaram/colocam as diferenças biológicas entre homens e mulheres no campo de inteligibilidades culturais.

Indubitavelmente, é nesse momento histórico que o campo científico inaugura as diferenças entre os sexos e, amparado por uma base biológica— que não pode ser contestada — instaura uma produção discursiva tida como verdade. Nessa seara, pensar a categoria mulher é, antes de tudo, se questionar sobre seus limites discursivos, assim como faz Butler quando

---

22Discussão ensejada por Pillar Grossi, em texto intitulado “Identidade de Gênero e sexualidade”, sem data especificada. Ver em:

[https://www.researchgate.net/profile/Miriam\\_Grossi/publication/267977995\\_IDENTIDADE\\_DE\\_ENERO\\_e\\_SEXUALIDADE/links/55fe19dc08aeba1d9f69e6aa/IDENTIDADE-DE-GENERO-e-SEXUALIDADE.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Miriam_Grossi/publication/267977995_IDENTIDADE_DE_ENERO_e_SEXUALIDADE/links/55fe19dc08aeba1d9f69e6aa/IDENTIDADE-DE-GENERO-e-SEXUALIDADE.pdf).

nos indica que: “Ser mulher constituiria um “fato natural” ou uma performance cultural, ou seria a “naturalidade” constituída mediante atos performativos discursivamente compelidos, que produzem o corpo no interior das categorias de sexo e por meio delas?”(BUTLER, 2011, p. 9).

Diferente do viés estruturalista antes posto, adiscussão do gênero como performativo é trazida quando esta enuncia que gênero e sexualidade só se constituem como tais através de atos performativos, ou seja, se inserem num campo discursivo de saber/poder onde se (re)constroem e se (re)atualizam na produção de significados. Há, portanto, a subversão do conceito de identidade que parece, por vezes, bastante caro ao movimento feminista conforme crítica de Butler. A autora se questiona sobre o sujeito do feminismo e sugere que o feminismo tradicional toma para si tal conceito na perspectiva de dar visibilidade às mulheres. Entretanto, no jogo de tensões e paradoxos, se alinha com uma forma que “necessariamente produzirá facções” (BUTLER, 1998, p. 24), aqui entendidas como a estratificação de grupos identitários que produz formas de diferenciação do(s) gênero(s) que a autora vai tratar de “normativas” e “exclusivistas”.

Não se trata de pensar que há aqui a morte da nomenclatura mulher, conforme indica a própria autora; mas que esta não se encerre em categorias estanques tendo em vista que, no caso das mulheres *swingers*, várias são as lentes que permitem ampliar a capacidade analítica: elas são brancas, negras, evangélicas, católicas, jovens, pobres, ricas, senhoras de meia idade, vivem nas capitais ou no interior... E é entendendo todos os marcadores sociais que as compõe que podemos “entender o quão polimorfos ela pode se configurar no campo de idiosincrasias que as dão sentido” (VIEIRA, 2013, p. 45).

Ao falar também sobre suas vivências, Louro (2001) reflete sobre os lugares que a sexualidade ocupa na vida das meninas na construção de suas identidades. Desvela para nós a dimensão de uma sexualidade que deveria ser prerrogativa e exclusiva da vida adulta, e onde os ritos que orientam as vivências de prazeres e desejos são pautados por determinantes culturais e sociais. São elas que confluem na (re)criação, inclusive corporal, de masculinidades e feminilidades que são constituídos nas tramas de poder/saber. Os elementos regulatórios são datados e figuram num determinado período, mas trazem consigo um *continuum* de opressão expressos, no caso das mulheres, no ideal da moça “bem comportada” da qual nos falou Beauvoir.

### 3.2 EIXO DE SABER 2: TRAMAS DE BIOPODER - DISCURSO MÉDICO E SEXUALIDADE FEMININA

Que conformações discursivas a figura feminina – esta que em princípio reduziu a categoria mulher ao campo da biologia–assume como sujeito sexual? Em que medida as discussões na Ginecologia, considerada campo de excelência da saúde da mulher, implicam em regimes de poder e verdade sobre a sexualidade de mulheres? Tais questões são norteadoras para a compreensão do fenômeno em tela.

Nos tratados de Medicina (BASSON; BARAM, 2014; FERREIRA, 2011; LEIBLUM, 2011), a temática sobre sexualidade humana se encontra presente, especialmente, no que se refere os modos de abordagem e terapêutica do profissional das chamadas ‘disfunções sexuais’. A literatura percorre desde as manifestações fisiopatológicas da sexualidade humana até as formas de manejo e protocolos de atuação.

Para tratar especificamente das disfunções, cabe antever os conceitos referentes ao ciclo da resposta sexual femininapropostas por Masters e Johnson (1984). A resposta sexual saudável é composta de quatro fases: desejo, excitação, orgasmo e resolução. Tais fases implicam na interrelação entre fatores subjetivos e anatomofisiológicos, e ocorrem de maneira regular para todas as mulheres. Embora considerem que fatores emocionais e de personalidade estejam em consonância com o padrão de resposta sexual normal, é no movimento de biologização e patologização do corpo feminino que se funda tais saberes.

Ao tomar como referência o Manual Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais – DSM V, as disfunções sexuais podem ser definidas como transtornos relacionados ao desejo sexual, causados por alterações psicofisiológicas do ciclo normal da resposta sexual que predispõe à acentuado sofrimento e dificuldade nas relações interpessoais. São classificadas<sup>23</sup> como disfunções sexuais femininas: desejo sexual hipoativo (DSM – 302.79); disfunção sexual por aversão sexual ou fobia sexual (DSM – 302.79); Transtorno do Interesse/Excitação Sexual (DSM – 302.72, F52.22); disfunção do orgasmo (DSM - 302.73, F52.31); Transtorno da Dor Gênitopélvica/Penetração (DSM - 302.76. F52.6); vaginismo (DSM 302 - 306.51); além daqueles induzidos por Substância/Medicamento que, no caso das mulheres, se relacionam por exemplo ao uso do contraceptivo. Segundo pesquisa realizada em Recife, cerca de 36% das mulheres que procuraram o serviço de saúde em Ginecologia de

---

<sup>23</sup> A título de classificação, optou-se pela descrição apontada pelo DSM IV-TR e pelo DSM V, que estão condizentes com as classificações dispostas nos Manuais de Ginecologia pesquisados.

um hospital-escola relatou alguma disfunção sexual, o que indica que a prevalência— mesmo subnotificada — é alta (FERREIRA, SOUZA; AMORIM, 2007).

Segundo Ferreira (2011), ao descrever os aspectos epidemiológicos e os fatores de risco que envolvem tais morbidades do trato sexual, as disfunções se relacionam com alterações vasculares (diminuição do fluxo sanguíneo vaginal e clitoridiano), fatores hormonais, endócrinos e neurogênicos, uso de medicações (que podem diminuir, por exemplo, a lubrificação vaginal) e algumas condições uroginecológicas.

Após análise do material, é possível apontar que fatores psicossociais também constituem fatores de risco nas disfunções. Algumas cirurgias ginecológicas e para tratamento de câncer de mama podem incidir sobre a perda do chamando “apetite sexual” pois, segundo a autora, “são capazes de comprometer física e psicologicamente os símbolos de feminilidade” (FERREIRA, 2011, p. 349). É interessante pensar quanto as questões de gênero estão fortemente marcadas nos discursos técnico/científicos. Ora essencializando a condição feminina que, por ser biologicamente fêmea movida hormônios e instintos sexuais; ora tomando como parâmetro as práticas sexuais heterossexuais e monogâmicos ao afirmar que as motivações sexuais femininas são fortemente relacionadas “ao estímulo corporal direito feito pelo parceiro” (FERREIRA, 2011, p. 348) e que disto depende intimidade e cumplicidade entre ambos.

Ao refletirmos sobre as mulheres que fazem *swing* - ou àquelas que não têm parceiro fixo, ou às que mantêm relações eróticas e sexuais com mulheres - é possível perceber que as mesmas fogem dos padrões considerados adequados à mulher “sadia” (FERREIRA, 2011, p. 348). Nessa direção, chama atenção que um outro fator de risco a ser considerado é a disfunção sexual nos homens, pois implica numa menor procura masculina pela relação sexual e isso coloca em jogo os ideais de amor e o poder de sedução das mulheres, segundo a autora.

Toda a abordagem terapêutica— uso da medicação e psicoterapia - se centra no casal (heterossexual e monogâmico), num movimento de adequação a uma vida sexual plena e satisfatória. Tal adequação se refere a máxima de que “a expressão sexual da mulher se caracteriza pela sedução, envolvimento e entrega” (FERREIRA, 2011, p. 349). A partir desse excerto, é possível hipotetizar, portanto, que no seio do casamento a vida saudável do casal deve ser responsabilidade ‘prioritariamente’ da mulher.

No Tratado de Ginecologia, Basson e Baram (2014) indicam ainda, como fatores para o adoecimento sexual, os processos fisiológicos de envelhecimento e gravidez que influenciam na baixa resposta ao estímulo sexual. Isso nos possibilita refletir sobre a

patologização de processos comuns da vida cotidiana dos sujeitos e a manutenção de estereótipos de públicos tidos como não-sexuais: por exemplo, velhas e grávidas.

É corrente, na literatura pesquisada, que uma das principais referências vem das décadas de 60 e 70, a partir dos estudos de Masters e Johnson. A resposta Sexual Humana (publicado em 1996) e Inadequação Sexual Humana (de 1977) são livros consagrados no campo do estudo das sexualidades na área médica. Sena (2007) aponta que tais relatórios – juntamente com os estudos de Kinsey e Hine – induzem uma nova forma de pensar sobre a sexualidade humana no século XX, a partir de um modelo de produção de conhecimento tido como genuinamente científico e que traz consigo o *status* de verdade. Ao adotar as entrevistas e enquetes de grupos populacionais como coleta de dados com amostras estatisticamente válidas, prevê metodologicamente que os resultados encontrados permitem a generalização e a impetração de condutas sexuais universais. Produzem, portanto, normas de verdade sobre a forma como os sujeitos podem lidar com suas sexualidades.

O processo que se revela implica num processo demedicalização da sexualidade, uma vez que as alternativas se referem a normas médicas rígidas que disciplinam corpos. É no final do século XVIII que a medicina contemporânea, de modo geral, adquire *status* de ciência e reclama o direito incontestável de cuidado (FOUCAULT, 2006). É consenso nas referências pesquisadas a máxima de que a função sexual tem interrelação dos aspectos biológicos, culturais e psicológicos. Entretanto, ao observar as formas de terapêutica e abordagem, notamos que a noção de saúde sexual está intimamente costurada à noção de doença. Há de se pensar, portanto, sobre quais atores e de que formas de cuidado em relação à saúde sexual estamos falando. Entendo que o conhecimento médico/científico tem produzido sobre as enfermidades sexuais que acometem a população de mulheres seja importante. Entretanto, a necessidade de expansão do viés – para além do modelo biomédico e do caráter regulador – deve ser levado em consideração para que se possa de fato operar de forma efetiva no cuidado e de saúde sexual.

Vieira (2008, p. 15), ao discutir como a mulher foi tomada historicamente como “objeto da medicina”, adota como ponto de análise o processo de medicalização do corpo feminino. A autora, ao voltar-se ao discurso médico oficial das chamadas “*Theses Inaugurais*” provenientes das escolas médicas do Rio de Janeiro e da Bahia dos séculos XIX e início do século XX, promove a reflexão sobre o fato de que o saber/poder médico tem sua dimensão política, na medida em que o processo de naturalização implica necessariamente na lógica de produção capitalista (projeto iniciado já desde o século XVIII). Espera-se corpos produtivos que sejam limpos de quaisquer vícios ou perversões; busca-se, portanto,

“dispositivos higiênicos” (VIEIRA, 2008, p. 22), mantenedores da moral, dos bons costumes e do lucro.

Na medida em que a prática médica se volta à reprodução para controle populacional, o corpo feminino se torna objeto de normatização através da regulação da sexualidade e da natalidade. Embora seja corrente que o discurso médico sobre a mulher esteja atrelado à higiene, a psiquiatria e a medicina legal como aqueles em que emergem discursos deveras higienizadores, é necessário problematizar suas práticas. Aqui, a medicalização ganha dois vieses importantes para análise: de um lado a reprodução ganha *status* de doença, onde o saber médico e sua prática intervencionista se impõe como exclusividade a partir do desenvolvimento da Obstetrícia e de suas técnicas cirúrgicas e novas tecnologias. De outro, a regulação da sexualidade corrobora com o que Foucault trata, em *História da Sexualidade I*, ao lançar-nos o seguinte questionamento:

Toda essa atenção loquaz com que nos alvoroçamos em torno na sexualidade, há dois ou três séculos, não estaria ordenada em função de uma preocupação elementar: assegurar o povoamento, reproduzir a força de trabalho, reproduzir as formas de relações sociais; em suma, proporcionar uma sexualidade útil e politicamente conservadora?(FOUCAULT, 2010a, p. 44).

No campo biopolítico, a ciência constrói um discurso que indica a castidade e o parceiro exclusivo como única possibilidade para efetivar os cuidados em saúde. O pânico moral se liga a não infecção de IST/Aids e doenças do trato ginecológico próprios de uma vida dita “desregrada” e voluptuosa. Richard Parkernos chama atenção para os 35 anos de luta e enfrentamento da Aids em que o Brasil já figurou como modelo de atenção à saúde em nível mundial. Vive-se hoje, no campo político, retrocessos das mais diversas ordens e o autor nos alerta para a problemática da criminalização da chamada “transmissão intencional” do HIV. A discussão não é recente, mas no contexto de instabilidade política em que vivemos e com o Congresso Nacional tomado pelo conservadorismo da bancada cristã, a proposição de uma lei que criminaliza pessoas com HIV é um atentado contraproducente aos direitos humanos dessa população. Ainda, recai sobre uma saúde pública no campo das IST/Aids que deveria, sobretudo, trabalhar na perspectiva de compreensão das sexualidades de forma ampliada e de formas de prevenção e promoção à saúde. Esse assunto é caro para este estudo e para toda a produção científica e militante em torno das sexualidades dissidentes tendo em vista que “[...] enquanto a atenção da sociedade se volta para um indivíduo ou grupo específico supostamente “culpado” por uma transmissão do HIV, a epidemia cresce por falta de prevenção ou porque não há acesso igualitário ao tratamento” [ibid].

Cabe sinalizar que este projeto não tem como intento, ao propor a discussão sobre saúde sexual de mulheres praticantes de swing, situá-las como grupo de risco às IST/Aids ou ainda às chamadas disfunções sexuais. Todavia, a discussão sobre formas de prevenção e de vulnerabilidade às IST e Aids fornecem importantes elementos, não os únicos, para entender como as mulheres se encontram vulneráveis no exercício de suas sexualidades tendo em vista que a negociação do uso da camisinha ainda perpetua o lugar de assimetria no campo das feminilidades. Compreendo que a discussão de grupo de risco envolve processos de estigmatização de grupos específicos e estimula o preconceito, especialmente quando tratamos daquelas e daqueles que mantêm uma performance de sexualidade dissidente ou, como aponta Butler, os corpos abjetos que reconfiguração da tríade sexo-gênero-desejo convencional.

No que se refere à Psicologia tradicional que perpetua práticas relacionadas apenas ao âmbito da clínica e do consultório para uma suposta cura de demandas individuais, esta serve como recurso necessário para que se possa adequar respostas sexuais que fogem à normalidade. Nesse sentido, é corrente que, além de medicações específicas, o casal *malthusiano* reprodutivo e monogâmico deve procurar auxílio psicoterápico para “salvar” seu casamento. Obviamente que tal discussão busca, num processo de culpabilização, achar as causas para os desajustes sexuais. Ao pensarmos a ciência psicológica nesse ínterim, é preciso fugir de uma produção de práticas e saberes que alimentem formas de estigmatização.

Se, diante de plataformas nacionais e internacionais que trazem a perspectiva de saúde sexual como direito sexual, é interessante pensar que:

A saúde sexual é a habilidade de mulheres e homens para desfrutar e expressar sua sexualidade, sem riscos de doenças sexualmente transmissíveis, gestações não desejadas, coerção, violência e discriminação. Com isso, possibilita experimentar uma vida sexual informada, agradável e segura, baseada na autoestima, que implica abordagem positiva da sexualidade humana e respeito mútuo nas relações sexuais. Logo, valoriza a vida, as relações pessoais e a expressão da identidade própria da pessoa. Por fim, a saúde sexual é enriquecedora, inclui o prazer e estimula a determinação pessoal, a comunicação e as relações. (BRASIL, 2013, p. 24).

Obviamente, situamos que embora faça uso da conceituação sobre saúde sexual para sustentar minha tese, é imprescindível que seu viés seja contextualizado com as realidades das pessoas, que enseje ainda uma reflexão crítica sobre determinantes e condicionantes à saúde, e englobem toda a gama de possibilidades de experiências dos afetos e prazeres. Entende-se a relevância dos estudos na sexualidade como forma de fazer operar outros sentidos na seara da saúde sexual e suas interrelações com os estudos de gênero. É válido retomar que, para o

avanço de ações nessa área, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (2000 a 2015) bem como os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (2015 a 2030): incentivo à defesa dos direitos sexuais e reprodutivos através de políticas de: Igualdade sexos e valorização da mulher; melhorar a saúde das gestantes; combater a AIDS, a malária e outras doenças; Igualdade de gênero; redução das desigualdades; e, por fim, *a paz, justiça e instituições eficazes*. Quero destacar aqui, ao trabalhar nesta tese de doutorado com mulheres e suas performatividades dentro do contexto *swing*, o quinto objetivo do Desenvolvimento Sustentável, que é a Igualdade de gênero, buscando empoderar todas as mulheres e meninas a partir de tais indicadores:

- 5.1 Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte [...]
- 5.2 Eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos [...]
- 5.3 Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas [...]
- 5.4 Reconhecer e valorizar o trabalho de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais [...]
- 5.5 Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública [...]
- 5.6 Assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, como acordado em conformidade com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão [...]
- 5.a Realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, serviços financeiros, herança e os recursos naturais, de acordo com as leis nacionais [...]
- 5.b Aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres [...]
- 5.c Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis [...] (OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL, [2019], [não paginado]).

Pensar, pois, em como processos de subjetivação conforme discutido no Eixo 1 repercutem na produção de uma saúde sexual não apenas ligada aos aspectos biológicos mas sobretudo pensar saúde como possibilidade de construir uma estética de si e resistir às nuances da opressão misógina que constrói discursivamente corpos é um bom ponto de partida para avançar na construção de uma saúde sexual não hegemônica; dito isto, penso que a saúde sexual deve operar uma lógica de se possibilidade de resistência e contra-conduta na construção de si como sujeitos sexuais de direitos.

Embora a pesquisa faça um recorte especificamente em mulheres praticantes de *swing*, os desdobramentos enunciam a discussão sobre como mulheres, de modo geral, vivenciam seus desejos e como isso se repercute na garantia de seus direitos sexuais para o pleno exercício de liberdade sexual e equidade de gênero. Essa pesquisa teve como intento realocar a discussão sobre saúde sexual a partir do marcador de gênero e e suas correlações com marcadores sociais diversos. A partir de todo o exposto, espera-se avançar na compreensão sobre como se opera a saúde sexual de mulheres, na medida em que as vivências dos prazeres e desejos possam se transformar em políticas públicas sociais mais coerentes com as demandas e necessidades locais.

Vamos às histórias...

#### 4 HISTÓRIA 1–EU, AMANDA: “UMA MULHER INVISÍVEL”

A solidão é fera,  
 A solidão devora,  
 É amiga das horas,  
 É prima-irmã do tempo,  
 E faz nossos relógios caminharem lentos  
 Causando um descompasso no meu coração[...] (VALENÇA, c2003, [não paginado]).

Estou no HiperBompreço para comprar alguns suprimentos lá pra casa. Já é noite, e meu cansaço só aumenta depois de um dia cansativo de trabalho. De repente, uma moça ao lado chama meu nome. Ao me virar, deparo-me com Amanda, e sua filhinha Clara. Fico surpresa pois há muito não a via. Após a pesquisa do mestrado, sua vida virara uma sucessão de fatos que eu só pude acompanhar pelas redes sociais, tendo em vista que ela não morava em Petrolina. Era Amanda, a quem eu tinha uma estima muito grande, e que havia sentido muito pelos rumos que sua vida amorosa havia tomado.

- Quanto tempo!!! Olha Clarinha como está grande. – falei, na tentativa de iniciar um diálogo.

Havia visto sua filha apenas no nascimento, e nos falávamos pouco desde 2013. Embora haja, inicialmente, todo um encantamento pela menina, não pude deixar de notar as marcas do tempo em Amanda. Ela havia envelhecido, parecia cansada. Talvez pelo que viveu durante a separação com Sr. Latino, seu ex-marido. Falamos algumas trivialidades, peguei seu novo contato de WhatsApp, e nos despedimos. Cada uma com sua emoção contida, conforme confessamos em encontro posterior. [Notas de campo da autora, mar. 2016, não paginado].

##### 4.1 HISTÓRIA 1: SOBRE DIVÓRCIO, SOLIDÃO E AGRURAS POLIAMOROSAS

Início este capítulo sobre a história de vida de Amanda, a última personagem-protagonista que conheci por intermédio de Nina (em 2011) mas a primeira que realizei a entrevista/conversa para tese, em 2018. Antes de avançar na história de Amanda, opto por agora traçar a linha de entendimento sobre as dinâmicas que envolvem o *swing* e a relação estabelecida entre seus pares, pois elas vão dar o tom das especificidades presentes na trajetória de Amanda. No contexto do grupo de amigas *swingers* que se formou naquele período e que se manteve até essa pesquisa de doutorado – com todos os dilemas já discutidos no capítulo metodológico – Amanda e Sr Latino divergiam dos outros casais (Camila e Eduardo, e Nina e Vinny) especialmente no que se refere à diferença etária e ao *status* civil. Na época em que os conheci, já estavam na casa dos trinta anos, eram casados e tinham uma rotina de trabalho e obrigações; diferente dos outros que estavam recém egressos da universidade, com uma média de idade de 24 anos, três deles ainda morando com os pais naquela ocasião. Entretanto, mesmo com essas diferenças, a amizade entre os casais expressava certa ‘naturalidade’. Faço-me explicar: a partir de minha experiência em campo, quando a dinâmica interacional no *swing* ultrapassa o âmbito da troca sexual e se estende para

as redes sociais de amizade, um aspecto que é demandado aos casais é “justificar de onde saíram aquelas pessoas” (Nina) frente aos seus familiares e amigos. No caso dos três casais em questão, embora houvesse a diferença acima mencionada, a afinidade surgira em razão dos gostos culturais, da classe socioeconômica e do fato de todos estarem ligados, de certo modo, ao universo acadêmico mesmo que em áreas de formação distintas.

Voltando ao nosso encontro em março de 2016, algumas impressões ressoaram na minha cabeça: estava mais velha, parecia mais triste. O fato de Amanda ter se separado de Sr. Latino, através de meus olhares analíticos e do que sabia sobre sua trajetória, me questionei se seu divórcio possibilitaria que ela saísse de um certo adoecimento psíquico<sup>24</sup> que, conforme ela mesma já dissera em meados de 2012, era referente aos modos como a sua relação conjugal estava se conduzindo: diferente dos outros casais, ela e Sr. Latino começaram a cogitar a possibilidade de manter um relacionamento aberto, fato que será explorado mais adiante. Anos depois, diante de Amanda, inferi que ser adepta de um universo pretensamente liberal (como o *swing* é autoproclamado no campo discursivo de seus/suas adeptos/as); estar num relacionamento aberto; ou manter uma configuração conjugal poliamorosa, tinham interferência direta com a questão de como sua saúde/direito sexual estava operando.

Na mesma noite do nosso encontro de 2016, mandei uma mensagem via *Whatsapp* para Amanda: ‘Me emocionei muito ao ter te visto, minha querida! Conte comigo para o que precisar. Sinto saudades’. Prontamente, ela me respondeu: “também amei. Vamos nos ver?”. Embora o nosso encontro só aconteceria anos mais tarde, já em 2018 na ocasião de minha pesquisa, estreitamos os laços de comunicação, mantivemos contato pelo aplicativo de mensagens instantâneas supracitado, e por demais redes sociais como o *Facebook*. Ela me falava dos momentos difíceis que passara, mandava-me fotos de Clarinha, trocávamos mensagens, músicas e outras tantas factuais cotidianas. Após esse período, Amanda conseguiu transferência de seu trabalho para a cidade de Juazeiro – onde moram seus pais e irmã - o que facilitou nosso encontro presencial já com o caráter de entrevista/conversa de doutorado. Mas não só isso, o encontro também foi uma oportunidade de revê-la, e de conversamos sobre tudo que eu já sabia durante o período em que estive morando em outra cidade.

---

<sup>24</sup> Utilizo o termo adoecimento psíquico para denotar certos acometimentos em saúde mental/psicológica que podem indicar nuances de ordem de transtornos psicopatológicos, tais como depressão maior ou menor, e/ou quadros de ansiedade. É importante salientar que, coadunando com a perspectiva ética da minha formação como psicóloga, insinuar o adoecimento psíquico de Amanda não se dá por vieses nosológicos e diagnósticos; tão somente o faço, conforme sinalizado, através de minhas impressões de campo etnográficas.

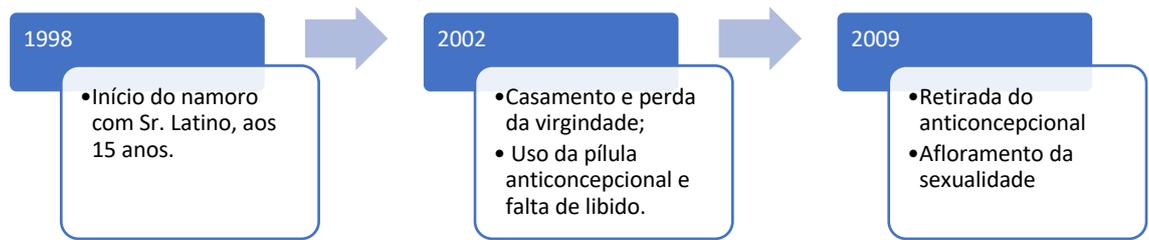
Assim, diante das configurações supracitadas, recebi Amanda em julho de 2018 em meu apartamento. Assim que chegou, ‘abri a porta e lá estava ela com os olhos já marejados. Não nos falamos, apenas nos abraçamos longamente’ [excerto de nota de campo, 18 jul. 2018]. Esse registro que fiz sobre o abraço se deu em função de meu espanto com o ato, por sempre ter achado Amanda uma mulher mais reservada e não muito afeita às demonstrações de afeto. Não lembro de tê-la abraçado em outra ocasião. Convidei pra entrar, perguntei por sua filha Clara e ela afirma que somente pudera estar presente em nosso encontro porque havia deixado a menina com seus pais – eles constituíram, durante toda a trajetória de Amanda como *mãe-solo*<sup>25</sup>, importante rede de apoio para que ela conseguisse exercer suas funções laborais. Como meu companheiro ainda estava em casa, mas na iminência de saída para o trabalho, comecei a conversar com Amanda sobre amenidades: como estava Clara e sua adaptação à nova cidade, como Amanda estava no novo posto de trabalho, se morava perto da casa de seus pais, etc.

Meu marido finalmente estava de saída, ambos se cumprimentaram e, assim que fechei a porta, ela começou a chorar: “eu sou uma mulher invisível!”. Diante disso, apenas escuto sua demanda. Por isso, até certo ponto do nosso encontro, não foi possível sugerir os trâmites de pesquisa como ligar o gravador, ou assinatura de TCLE. Posteriormente, juntei as informações da entrevista/conversa audiogravada e os escritos desse primeiro momento com Amanda, relatados em minhas notas de campo sobre o encontro.

Antes de retomar a questão da “invisibilidade” que se faz presente em toda construção discursiva de Amanda sobre si, e que incide na sua trajetória afetivo-sexual, é importante voltar ao que a precede: a separação matrimonial. Por isso, tomando como linha de argumentação para sustentar a tese a que me proponho, apresento a historicização da vida de Amanda, através da construção compartilhada de uma linha do tempo sobre sua vida afetivo-sexual:

---

<sup>25</sup> Habitualmente, convencionou-se adjetivar a mulher-mãe que - na condição de cuidar de seus filhos sozinha - de mãe-solteira; especialmente nos contextos de cidades do interior brasileiro, como o cenário que essa pesquisa fez parte. Com vistas a diminuir as relações misóginas daí advindas, me oriento pelo termo mãe-solo, proveniente da discussão de movimentos feministas em que a maternidade não deve se ligar a um *status civil* e, portanto, temos como mãe-solteira não são aceitáveis.

Figura 7– Trajetória afetivo-sexual de Amanda, antes da entrada no *swing*

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

A figura acima refere-se aos eventos que Amanda considera terem sido significativos antes da entrada no universo da troca de casais. Para ela, o casamento com Sr. Latino, seu “primeiro homem” e o “afloramento” da sexualidade no casamento a fez romper com toda uma construção de uma sexualidade regulada por dispositivos, como a igreja, tendo em vista um importante marcador social: ser cristã de base evangélica. Após suas vivências sexuais iniciais, a figura 8 toma como ponto de partida a trajetória afetivo-sexual de Amanda após o evento *swing* em sua vida:

Figura 8 – Trajetória afetivo-sexual de Amanda, antes da entrada no *swing*

Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Embora, à primeira vista, os eventos acima possam transparecer uma correlação temporal entre a entrada no *swing*, em 2013, e o sofrimento psíquico por Amanda relatado, não entro no escopo valorativo se a prática *swinger* operou como ponto de partida para suas agruras sentimentais. Na verdade, tomo o referencial de Amanda na construção dessa trajetória quando ela traça uma linha de integridades sobre sua vida: “primeiro foi o *swing*, depois veio o relacionamento aberto, depois a história do poliamor, depois me separei, e agora estou aqui sozinha”. Ela mesma, do lugar autorelatado de “mulher invisível” vai dando o tom para sua trajetória. Me cabe pois, na trama, assumir o lugar de narradora, e analisar a experiência tal qual ela se apresenta: não apenas como um relato fiel do que Amanda viveu, mas do lugar de compreensão da experiência que passa, obviamente, também por meu olhar de pesquisadora e das impressões que fui construindo (SCOTT, 1995).

Dito isto, e antes de continuar com as costuras de vida que farei a seguir, preciso justificar ao/à leitor/a uma questão importante: não farei, nos meus escritos, uma (re)construção – ou melhor dizendo, de uma (re)contação - da vida de Amanda seguindo os passos temporais que são apresentados nas duas tabelas. Tenho como princípio analítico que o labor científico de contar as histórias de vida e os processos de subjetivação aí presentes não são uma empreitada linear; assim, costuras temporais vão sendo feitas, na medida em que se façam necessárias para a compreensão dos relatos.

#### 4.2 A TROCA DE CASAIS COMO POSSIBILIDADE DE LIBERDADE SEXUAL E CONTRA-CONDUTA

Antes de discorrer sobre os aspectos que envolvem sua “invisibilidade”, conforme ela mesma nos alerta, é importante que historicizar sua trajetória afetivo-sexual antes do advento do *swing*, nos atentando para Figura 7 apresentada acima. Assim como o fiz com as demais “personagens-protagonistas”, retomo alguns pontos não analisados na dissertação da entrevista/conversa realizada com Amanda em 2012, nossa entrevista/conversa atual (2018) e minhas notas de campo durante esse período.

Quando rememora sua vida sexual pregressa – levando em consideração aspectos ligados à criação dos pais, à doutrina cristã que regeu sua vida, ao namoro casto com Sr. Latino que começou quando tinha 15 anos de idade - Amanda já sinaliza, ao falar sobre si e sobre sua trajetória, que sempre houve um ajustamento da sua vida sexual em função da religiosidade (VIEIRA, 2013). Se a manutenção da castidade foi para Amanda um ensinamento claro na comunidade cristã de que fez parte, é na adolescência que a igreja assumiu-se como *locus* privilegiado de saber para que ela tivesse os ensinamentos necessários à sexualidade “saudável”. Tais encontros promovidos pela Igreja eram ministrados pelos líderes religiosos (especificamente a “mulher do pastor”, figura que assume o cuidado à irmandade sob a responsabilidade do esposo), com informações sobre a preparação para o casamento, sobre ter uma vida sexual casta e sobre viver a sexualidade conforme orchestra os dogmas da igreja cristã evangélica que fez parte.

Uma informação em relação às questões religiosas de sua experiência sobre constituir-se como sujeito sexual é o fato de que, diferente do que se pode supor sobre um certo doutrinamento comportamental que teve na igreja, Amanda indica que teve ensinamentos sobre o planejamento familiar. Este fato inclusive fez parte de sua preparação religiosa para o casamento com Sr. Latino, tendo tomado medicação anticoncepcional durante sete anos após

se casar com Sr. Latino. Ao ser solicitada por mim a rememorar uma linha do tempo com o que chamei de ‘fatos importantes na historicidade sobre sua trajetória sexual’, Amanda é taxativa ao dizer que o anticoncepcional foi fator preponderante para diminuição de sua libido, e interferiu sobremaneira na sua saúde sexual. Após a retirada do medicamento, relata que sua vida sexual “mudou bastante pra melhor”, já que se sentiu mais “fogosa” sexualmente falando. É notável nas pesquisas científicas que o uso prolongado de contraceptivos orais interfere nas fases do desejo sexual das mulheres (FEBRASGO, 2019). Entretanto, atenta às relações de poder inerentes ao “dispositivo-saúde”, mais uma vez é possível perceber como as regulações das tecnologias médicas incidem sobre direito sexual e reprodutivo de mulheres, conforme relatado no Eixo de saber 2 presente nas costuras teóricas dessa tese (capítulo 3).

Através de uma análise *foucaultiana* (FOUCAULT, 2010a), se historicamente as práticas de controle de natalidade foram ferramentas para o controle dos corpos e condutas, isso ganha materialidade com as prescrições da pílula anticoncepcional como via única de suposto direito reprodutivo (especialmente para mulheres mais pobres como dispositivo de controle). Como se pode perceber nos discursos das “personagens-protagonistas” Amanda, Camila e Nina, na ocasião em que tivemos as três juntas: há, entre elas, o consenso do receio ao uso do contraceptivo pela diminuição da libido, o que prejudicaria a vivência plena de suas sexualidades como direito sexual fundamental. A fala de Amanda é elucidativa nessa questão tendo em vista que, conforme ela relata, é somente após a retirada do anticoncepcional que começou de fato a gostar de sexo, algo que não acontecia até então.

Não é de se supor, com base na crítica que teci no parágrafo anterior, que o advento da pílula anticoncepcional não seja um marco para o movimento feminista e para todas nós mulheres. Mas penso, baseada no aporte teórico que me sustenta, que o uso dessas tecnologias de saber-poder operam, sob a ingênua lógica de auxílio ao controle de natalidade, para chancelar nossas vivências e nosso corpo-prazer. Essa reflexão surge, além do que me é relatado por Amanda, também baseada pela minha prática profissional numa área onde é possível perceber quão incipiente é a prescrição de contraceptivos mais seguros e que tenham menor carga de efeitos colaterais para as mulheres (especialmente no tocante à sexualidade) e no ínfimo avanço médico-científico para a produção de contraceptivos masculinos. Soma-se a isso o descrédito e a reprovação da comunidade científica –na lógica de manutenção do seu *status quo* - dos saberes populares produzidos pelo movimento crescente da Ginecologia Natural, que visa o resgate o empoderamento de mulheres frente aos seus corpos.

Conforme já havia me relatado anteriormente (VIEIRA, 2013, p. 75-76), com seu progressivo interesse em assuntos relacionados à sexualidade e, mesmo com todos os dogmas

religiosos que descreviam as práticas sexuais permitidas e proibidas para o bom cristão, Amanda começa a se abrir para a possibilidade de ter práticas mais liberais e sair desse lugar de “mulher fria” e que só se casou para poder transar. É seu marido, Sr. Latino que - embora conhecido por seus pais como “rapaz direito e bem intencionado” e tido por ela como mais inovador no campo dos prazeres - lhe apresenta o universo *swinger* e que articula as primeiras práticas via busca de parceiros pela *internet*.

Na entrevista/conversa de 2018, Amanda me trouxe mais elementos sobre suas primeiras incursões na troca de casais. Relembra que o primeiro casal que saiu em 2011 (do qual não se recordava mais os nomes) era “um casal muito reservado”, tendo em vista que haviam estipulado uma normativa de que só saiam com outro casal uma única vez. A justificativa desse casal se referia ao fato de que, desse modo, havia menor probabilidade de configurar qualquer tipo de vínculo afetivo/sexual entre as partes. Conforme pode-se notar, no campo das conjugalidades, os acordos vão se dando pelas necessidades e especificidades de cada casal, mas operam lógicas que ultrapassam as individualidades e se organizam também através de regras e *scripts* sexuais (GAGNON, 2006) que tem características socialmente reguladas. No caso acima mencionado, o que se pode perceber é uma tentativa de manutenção da fidelidade conjugal e da monogamia, mesmo com a troca erótica de parceiros.

Embora demonstrasse certa surpresa com o *modus operandi* do casal inicial, é interessante perceber que, ao resgatar essa memória (que aparece em meio ao infortúnio que viveu) Amanda vem confirmar a sua tese particular de “nesse meio tudo possa acontecer, não viu o que aconteceu com Camila?”. O “tudo”, a que ela se refere, se relaciona à traição, ao desenvolvimento de amor por outras parceiras, dentre outras mazelas vividas também por ela.

#### 4.3 POR UMA SEXUALIDADE “NORMAL”: DOS RESSENTIMENTOS AO *SWING*

Questiono minha interlocutora sobre um encontro que tivemos, onde ela profere uma frase que não me saia da cabeça, repetida algumas vezes e com bastante ressentimento: “se eu pudesse dar um conselho às pessoas seria: NÃO FAÇAM *SWING*!”.

Ela me contextualiza a frase e relembra a história de um casal de amigos que a segredou estar iniciando no universo da troca de casais. Afirma que o medo do casal de serem descobertos a fizeram confiar apenas nela, uma *swinger*, para contar tais questões. Frente à essa demanda dos amigos, Amanda é taxativa: “não acho que devam fazer, vejam no que deu em minha vida!”.

Em seu discurso, faz uma articulação temporal entre o período em que experimenta a sexualidade de forma mais plena, à entrada do *swing* na sua relação com o Sr. Latino, ao nascimento de sua filha Clara e à separação. Conforme o trecho a seguir.

— Sâmella: Certo, só pra eu entender... Em 2011 você começa sua vida de *swinger*...

— Amanda: Em 2012 eu engravidei. Em 2013, Clara nasceu. E, em 2014, eu me separei (risos).

Após essa trajetória linear que ela me apresentou, rimos. Diz que sabe que as coisas “tem a ver” e pergunto como ela enxerga tudo isso. Segundo Amanda, ela não teve tanta “sorte” assim nesse universo, e que ele é bom para os casais que não tem filhos, pois tem menos responsabilidades. Retomarei esse ponto mais adiante.

Tomando como referência sua trajetória de vida sexual, relatada no trecho acima e conforme pode ser visualizada na Figura 8, Amanda compara o meio do sexo liberal ao uso de substâncias psicoativas e, na sua construção discursiva, que fazer *swing* se equipara ao uso da maconha: muito inofensiva e divertida no começo, mas que é porta de entrada para uma evolução de abusos que recaem para dependência a drogas mais pesadas. Tomando como base sua analogia, e fazendo uma correlação com o campo da saúde pública, é consenso entre especialistas na área que esse discurso moralista dificulta as ações voltadas à redução de danos e à autonomia de usuários(as). No campo do *swing*, o discurso de Amanda também, ao demonizar a prática, a relega ao lugar de vetor de sofrimento e produtora de casamentos disfuncionais.

Sobre o que Amanda trata como “riscos que a pessoa está correndo”, relata que sua experiência a mostrou uma outra faceta do universo liberal “não tão bonita” como as pessoas podem supor. Na minha dissertação, em capítulo intitulado “Não é esse glamour todo!”: outros sentidos produzidos (VIEIRA, 2013, p. 96-101), indico que a questão de mitos da ‘mulher gostosa’ e do ‘bom comedor’ são fatores que vulnerabilizam as mulheres frente à prática do *swing* por exigir que haja, como em toda esfera do corpo social, a manutenção de certos padrões de gênero sexistas no campo das sexualidades. Nesta tese, além da reatualização de questões como essa, entra em cena os perigos da sexualidade liberal (VANCE, 1984) para a manutenção do dispositivo-casamento. Ao lembrar a trajetória da constituição de Amanda como sujeito sexual, o *swing* ocupou um lugar de bastante importância na sua vida sexual. Entretanto, para ela, o risco – de separação, por exemplo – supera os benefícios de poder ter liberdade para vivenciar os desejos.

Ela relata que conhece casais que fazem *swing* há 15 anos, e que continuam casados sem maiores intercorrências no campo conjugal. Entretanto: “tem pessoas que [o *swing*] mexe

em coisas que a pessoa traz dentro dela, que revela coisas que estão lá guardadas, que revelam coisas que mudam totalmente o curso”. Se levarmos em consideração o aparato conceitual que embasa a tese, ao associar o *swing* com o prazer patológico rememoro que, na obra de Foucault (2010a), um dos “quatro grandes conjuntos estratégicos” nascidos no século XVIII, refere-se à “psiquiatrização do prazer perverso”; ele faz parte da gama de dispositivos que vão revelar o poder/saber sobre o sexo e à sexualidade, juntamente da “histericização do corpo da mulher, da pedagogização do sexo da criança e da socialização das condutas de procriação”. Há portanto, no discurso de Amanda, a prevalência de um *swing* como prática sexual de grande potencial patogênico, ou seja, os perigos que dela decorrem são superiores aos prazeres que a liberdade sexual pode sugerir.

Segundo Foucault (2010a), a estratégia de psiquiatrização de prazeres dissidentes – entendendo a dissidência como possibilidade de rompimento de certo *status quo* sexual que incide como corpos/condutas tidas como proibidas, à margem - foi isolar o instinto sexual como fenômeno biológico e psíquico sem interrelação com os processos culturais e discursivos que o são constitutivos. Ao clinicamente relegá-lo à dimensão de anomalia, “atribuiu-se-lhe um papel de normalização e patologização de toda a conduta [...]”(FOUCAULT (2010<sup>a</sup>, p. 116). Assim, Amanda acaba por reatualizar a perspectiva acima mencionada, de que Sr. Latino, por se “fixar a determinados tipos de sexo estranhos”, teria alguma questão psicológica antecedente. Isso posto, segundo ela: “só queria uma vida sexual normal”.

“É um caminho que você não sabe o que é que vai acontecer, o que esse meio vai trazer. Então, você quer mexer num vespeiro? Então mexa pra ver o que é ‘bom’[...]”. O que ela quer dizer com isso? Que, na sua trajetória, embora o *swing* tenha figurado como propulsor de seu erotismo e, em consequência, de uma boa saúde sexual, ele é perigoso pois macula uma instância – o dispositivo-casamento – que ela aprendeu como sagrada.

O caso de minha “personagem-protagonista” revela outras facetas que fizeram com que Amanda abandonasse a prática da troca de casais. Em concomitância com sua inserção na comunidade *swinger*, seu companheiro Sr. Latino apresenta para ela seu desejo por viver práticas, primeiro de relacionamento aberto, depois, relacionamentos poliamorosos – conforme discorrei a seguir.

Após dois anos na prática do *swing*, que Amanda considerava satisfatória e que lhe trazia bem-estar sexual, foi demanda de seu marido abandonar esta prática sexual – que ele considerava efêmera e sem uma filosofia mais embasada por trás. Seu intuito era que comessem a sair com outros/as parceiros/as sem a presença dos cônjuges, e que poderiam

estabelecer relações de namoro. “Foi aí que eu achei que começou a azedar tudo!”. Entre 2012 e 2013, o companheiro fez a proposta e ela, inicialmente, recusou. A recusa partiu de questões morais como seu engajamento na religião evangélica, o que implicava romper com questões sólidas aprendidas via a pedagogia da sexualidade cristã: manter-se virgem e não praticar sexo antes do casamento; manter hábitos sexuais moralmente aceitáveis, o que excluiria práticas ditas como pecaminosas como o sexo anal e oral, e outras variantes que incluem as “bestialidades: homossexualismo, sexo grupal”, etc.

O que se observava no contrato conjugal estabelecido por Amanda e Sr. Latino – reitero: contrato este unilateral proposto pelo companheiro – era que iniciassem uma vida mais liberal, sem a obrigação de que ambos os cônjuges precisassem estar presentes nas vivências sexuais um do outro. Embora o *swing* possa ser encarado como uma faceta dos relacionamentos abertos, há uma diferença fundamental para a nova forma de conjugalidade que Sr. Latino propusera. No caso do relacionamento aberto, ele consiste na não exclusividade sexual, entretanto, há a manutenção do casamento monogâmico e da exclusividade sentimental; difere do *swing* pelo fato de que, na troca de casais, as práticas sexuais são realizadas no coletivo, e há a manutenção da unidade ‘casal’. No caso do poliamor, a lógica recaia para a dissolução da monogamia, tendo como possibilidade o estabelecimento de outras relações amorosas.

No Direito, esse debate começa a ser introduzido na busca por um ordenamento jurídico para a prática poliamorosa e sua qualificação constitucional. É importante destacar que há a emergência de artigos no campo do direito civil sobre o tema. Autores como Silva e Ferraz (2018) vão, contemporaneamente, problematizar a inviabilidade/invisibilidade das relações poliamorosas constitucionalmente, o que a relega ao lugar de fragilidade nos vínculos conjugais (como a partilha de bens) e a legitimidade do ponto de vista jurídico desse ordenamento familiar. Segundo Porto (2017, p. 27), no campo constitucional, é importante que haja maior apropriação da temática no Direito de Família, garantindo o direito civil à multiconjugalidade, ou seja, às “relações poliamorosas que formam conjugalidades múltiplas consentidas, estáveis, concomitantes e integradas em um mesmo núcleo familiar”. Entretanto, mesmo a partir de uma análise mais aprofundada das liberdades individuais dos sujeitos que podem garantir o *status* de legitimidade jurídica as relações poliamorosas, os sistemas de justiça seguem regidos por códigos morais onde a monogamia é considerada a única forma legítima de se estabelecer as relações conjugais.

Em virtude de sua experiência no *swing*, quando ela relutou iniciar na prática mas depois percebeu ser uma oportunidade em ter experiências diferentes e satisfatórias na esfera

sexual, começou a conversar com sua psicóloga sobre as questões relacionadas ao poliamor. Indica que a primeira coisa que disse à profissional foi: “eu não quero, eu não estou disposta”. Durante esse processo – entre *swing*, poliamor e cuidado psicoterapêutico – Amanda engravidou e considera que seu estado gestacional a deixou mais vulnerável.

Foi no decorrer de sua gestação, por exemplo, que Sr. Latino começou a procurar mulheres “do meio”<sup>26</sup>. Para ela, o ideal seria que ele se relacionasse com mulheres que já fizessem *ménage* ou *swing* uma vez que, mesmo sendo solteiras, elas estariam “*acostumadas, pelo menos em teoria*” a fazer uma separação entre sexo e amor, ou seja, partia do princípio do não-envolvimento afetivo. Entretanto, o “vespeiro” não seguiu as normas que ela pretensamente havia suposto para as aventuras extraconjugais de Sr. Latino. Conforme o relato a seguir:

Eu me lembro bem que, em outubro, eu já tava com a barriga grandinha quando fui pra Salvador. E eu vi conversas dele com uma mulher chamada Luana. Que eu saiba, ele nunca chegou a encontrar pessoalmente com ela e eu disse: eu não quero isso pra mim, eu não estou disposta a viver isso. Eu vou me separar de você. Aí ele foi pra um congresso no Rio de Janeiro e eu chorei e disse: eu vou me separar. Chorei muito nesse dia. E ele me disse: Amanda, eu não quero me separar de você, eu te amo. E eu disse: mas não é isso que eu quero. [Trecho de fala da entrevistada, não paginado]

Segundo Amanda, há uma explicação psicológica para os pensamentos em poliamorosos do marido: ele tem, o que ela chama de “uma certa carência” afetiva e quer suprir tal necessidade com práticas sexuais não convencionais. O interessante é que, no seu processo de resistência, Amanda é clara com Sr Latino: “eu não dou conta disso, eu não quero. Vá resolver sua questão e eu vou viver minha vida”. Isso é importante de se destacar pois, mesmo em seu processo de adoecimento psíquico e nos sentimentos de inferioridade e tristeza por ter “falhado como mulher” (termo que acompanha a trajetória não só de Amanda mas também de Camila), minha “personagem-protagonista” faz operar os sentidos de criar novos projetos de felicidade para si que não envolvem, necessariamente, a manutenção de um matrimônio.

Embora o acompanhamento psicológico tenha indicado a Amanda que ela não se separasse na gravidez, por “não ser o momento” [sic] ideal, Amanda reconhece o papel que sua psicoterapeuta teve para seu fortalecimento no processo de separação que se inicia na gravidez mas culmina apenas quando do nascimento de sua filha. Sr. Latino também fizera acompanhamento psicológico tendo, segundo Amanda, chegado a mesma decisão de que o

---

<sup>26</sup> É muito comum, no campo das sexualidades *swingers*, o uso da adjetivação “do meio”. Por exemplo, há sempre uma referência à “casais do meio”, “mulheres do meio”, etc. O meio em questão é o sexo liberal, de maneira geral. No caso de Amanda, ela está tratando sobre mulheres “do meio” poliamoroso e não *swinger*.

momento da gestação não seria mais adequado, nem para o divórcio, nem para que ele continuasse com a sair com outras parceiras poliamorosas. Fecharam então este trato. No campo das conjugalidades, cada casal vai desenhando seus acordos internos, que façam mais sentido para uma vida harmônica. O imperativo, no caso das mulheres swingers que fizeram parte da pesquisa, é a da lealdade mesmo frente à uma relação em que outros parceiros/parceiras compõem a cena sexual.

Entretanto, para decepção de Amanda, seu companheiro afirma que continuaria mantendo contato com outras mulheres, embora tivesse garantido que não manteria relação afetivo-sexual com outras em respeito à condição gravídica de Amanda.

— Amanda: É isso realmente aconteceu, mas essa coisa de buscar e manter contato me atingiu muito... [Amanda começa a embargar a voz e os olhos ficam marejados, numa tentativa de segurar o choro que virá mais adiante].

— Sâmella: Você considerou traição?

— Amanda: Não, não traição. Mas... Foi sofrido demais pra mim. Porque ele começou a se comportar de uma forma, a agir de uma maneira que ele não agia antes. Ele mudou totalmente o comportamento... [choro].

Conforme discorrido nos parágrafos posteriores, as mudanças de seu companheiro referem-se às questões relativas ao seu comportamento na busca por parceiras sexuais, que a excluem dos roteiros sexuais do casal. Embora inicialmente considere que não tenha sido traída uma vez que o marido, à época, não houvesse mantido relações de fato com outras mulheres, no sentido estrito da prática em si, seu discurso carrega um sentimento de que há um rompimento com os acordos estabelecidos no decorrer dos quase 20 anos em que viveram juntos: de amar um ao outro, na condição de exclusividade, ‘até que a morte os separe’.

Há uma diferença clara entre a prática do poliamor e do *swing*. Embora as duas figurem como perspectivas liberais de sexualidade, no caso do *swing*, o amor é inegavelmente centrado à um único par amoroso. Conforme dizia Camila: “há a troca de fluidos corporais, sexo e tal. Amor? Amor não!”. Essa compreensão que distingue as práticas sexuais nas conjugalidades dissidentes como mais valorizadas que outras, também segue a escala valorativa de Rubin (2003) em que sim, na cadeia de valores morais, segue em destaque o casal heterossexual casado e monogâmico.

Aqui, o relacionamento poliamoroso – que ocupa posição de dissidência sexual (BENITEZ; FÍGARI, 2009) - se configurava para minha personagem-protagonista como uma traição afetiva. Scheeren, Apellániz e Wagner (2018), em artigo publicado sobre os sentidos da traição para homens e mulheres, vão indicar que muitos são os motivos que levam à

traição, tais quais: motivação pessoal, como carência afetiva e solidão; desejo ou atração física por outrem; envolvimento emocional; e crenças pessoais, como no caso de não acreditar na monogamia (conforme pode ser visto no relato de Amanda sobre demanda de seu companheiro). Embora a perspectiva de gênero aqui adotada não busque a essencialização das categorias de homens e mulheres mas dê conta dos impactos discursivos e sociais presentes nos modos com os gêneros vão se constituindo, pesquisas apontam que há uma diferença na forma como a traição impacta em ambos os gêneros. No caso das mulheres, em pesquisa realizada por GuadagnoeSagarin (2010), há a prevalência de um maior ciúmes em função de relacionamento extraconjugal afetivo, ou seja, quando o/a companheiro/a tende a manter não apenas relacionamento sexual com outro, mas envolvimento afetivo. Sugiro, entretanto, tais diferenças podem ser compreendidas do ponto de vista do amor romântico (GIDDENS, 1993); nós, mulheres, somos construídas como sujeitos-sexuais em que a busca pelo companheiro ideal e pela conjugalidade ideal são frutos de encontrar a “pessoa especial”.

No *swing*, a partir do seu lema tão difundido *Yes Swing, No Traição*, há de se esperar a manutenção dos laços de matrimoniais de monogamia. Assim, colocar mais pessoas na trama afetiva do casal soou para Amanda como algo impensável. Ela dá exemplos da mudança de comportamento do ex-companheiro no campo da traição afetiva: ele trabalhava em outra cidade e nos finais de semana voltava para sua casa, fato que passou a não acontecer quando ele começou as investidas poliamorosas; quando começou a querer participar das “festinhas de trabalho” com pessoas mais jovens; marcava encontros com mulheres que eram conhecidas de Amanda, fato que ela se revoltou por expor a relação e colocá-la no lugar de mulher-traída perante às outras pessoas; dentre outros.

“Ele deixava de ir pra casa, de estar comigo, pra sair e pra encontrar essas pessoas!”. Amanda relata todas essas questões com bastante raiva de Sr. Latino. Ela se sentia preterida, e essa marca a faz carregar os estigmas que interferiram, de certa forma, em sua saúde sexual. A exclusividade, no caso de Amanda, sustentava sua construção pessoal do que era um relacionamento conjugal saudável. Lembra que chorava muito, e que nunca se privou de conversar sobre seus sentimentos com ex-companheiro. Com pesar, e lágrimas, relata que teve uma gravidez marcada pelo sofrimento. Se pergunta, sentindo-se culpada, se sua filhinha também não foi afetada: “por estar dentro de mim, ela sofreu algum tipo de sensação por tudo que eu passei não só na gravidez, mas no pós parto e quando ela era recém nascida”.

Afirma que, com o nascimento da filha, o companheiro se sentiu “liberado da obrigação” de manter o trato de não estabelecer relações afetivo-sexuais com outras pessoas. Foi quando Sr. Latino informou-a da nova paixão por uma moça de Salvador e que, como a

pretendente não sentia atração física por ele, só seriam amigos. “E ele chorou, e me ligou pra me contar isso chorando! Minha filha tinha um pouco mais de um mês de nascida!”. As repercussões na saúde de Amanda foram as piores possíveis, tendo seus sentimentos de angústia e tristeza progredido para um quadro de depressão pós-parto. Transcrevo, literalmente, o relato de Amanda nesse período:

Eu chorava e chorava, e minhas irmãs não sabiam de nada. Era tudo em segredo! Então muito do meu choro não era porque o meu peito estava ferido, não era porque eu estava na fase inicial, aquela da insegurança da maternidade. A minha filha teve febre várias vezes... Não! Muito choro meu foi por causa disso. Por que eu sofria calada, eu só desabafava com Camila, com outra amiga de Salvador. Só foram essas as pessoas que acompanharam. E pra ele, foi uma atrás de outra. Ele caçava mesmo!.  
[Trecho de fala da entrevistada, não paginado]

O relato supracitado veio com bastante choro, de ambas as partes. Me emocionei também durante esse trecho da conversa e, num movimento pessoal de empatia, afirmei que podia imaginar o que ela havia passado naquele momento. Diante da questão da saúde reprodutiva, a depressão pós parto sempre vem relacionada às mudanças hormonais e ao caráter de alteração de rotina que uma nova criança incide na vida de mulheres. Na minha prática profissional, me alinhando à uma psicologia social da saúde como ponto de partida, sempre defendi que além dessas questões era preciso olhar a dimensão contextual e relacional da recém mulher-mãe consigo mesma, com seu/sua companheira, e com as normas que o dispositivo-maternidade faz operar na produção de sujeitos e suas subjetividades. Através do relato de Amanda, é possível enxergar como esses fatores são de fundamental importância para a compreensão da saúde emocional dessas sujeitas e para as conduções terapêuticas que porventura sejam convenientes.

Diante de sua mobilização subjetiva, pergunto se ela gostaria que eu parasse de gravar ou se preferiria encerrar a entrevista/conversa naquele momento. Fiz as mesmas perguntas todas as vezes que quaisquer uma das personagens-protagonistas demonstrou mais desconforto com o assunto abordado, seja através do choro ou de algum comportamento que considere está ultrapassando os limites éticos da pesquisa por, através da rememoração das lembranças vividas, entender colocar sua integridade psíquica em risco. Todas elas, inclusive Amanda, afirmaram que era importante falar sobre aqueles aspectos de suas vidas. Entendo que o desabafo ultrapassa o *setting* terapêutico formal. Na pesquisa, a possibilidade de *relatar a si mesma* é - conforme já insinua Butler (2017) em diálogo com pensadores como Foucault, Adorno e Lévinas - um movimento de buscar uma vida ética para si, ou seja, uma possibilidade de romper com a norma estabelecida social de como deve agir ou se comportar.

#### 4.4 O ADVENTO DE AMANDA-MÃE NO *SWING* E O DISPOSITIVO-MATERNIDADE

No que tange às suas experiências sexuais, com a gestação aos 35 anos, Amanda relata que parou de fazer *swing*. A questiono se o evento gravidez diminuiu seu desejo sexual ou seus interesse pela prática em vista da demanda da maternidade em sua vida. Prontamente, Amanda me relata que o crescimento da barriga interferia nas suas dinâmicas sexuais, mas não só isso. Confessa que não se sentia a vontade com seu corpo. O *status* de grávida a fez sentir dessexualizada frente às outras mulheres e, para ela, nenhum homem iria preferi-la para a troca de casais perante outras mulheres não-grávidas e com o corpo mais bonito.

A narrativa de Amanda me faz recordar de minha primeira ida a uma festa de *swing*, já relatada na minha dissertação, em que sou apresentada a uma mulher grávida de cinco meses em festa anterior e recebeu, dos presentes, a alcunha de “a grávida”. Segundo ela, sua condição gravídica fez emergir o interesse de vários homens que “ficaram mais ‘afoitos’ por ela e acabou transando com todos eles que ‘queriam experimentar de uma grávida’” (VIEIRA, 2013, p. 58). Embora não tenha discorrido sobre isso na pesquisa anterior, a gravidez de Amanda e suas questões frente ao seu corpo pretensamente dessexualizado, me faz questionar se as questões de Amanda-mãe e seu corpo grávido são discursivamente engendrados por um certo dispositivo-maternidade, que se organiza e se constitui na nossa sociedade o sujeito-mãe.

Seguindo os passos analíticos de Marcello (2005) – a autora analisou as nuances de um dispositivo específico como o da maternidade num campo específico como a mídia na sua pesquisa – recorro a buscar a compreensão das “curvas de visibilidade e seus regimes de enunciabilidade” que falam de/sobre o sujeito-mãe na troca de casais; as “linhas de força” que constituem o poder/saber referentes as práticas dessas sujeitas-mães no *swing*; bem como as “linhas de subjetivação” no modo como elas também se percebem nessa seara erótica, que ao passo que reiteram normas de gênero também é campo de possibilidades para emergência de “linhas de ruptura” frente ao instituído. Tal processo analítico se baseia nesse fragmento da história de vida de Amanda, mas faço um adendo para trazer também as produções discursivas de minhas outras personagens-protagonistas para maior inteligibilidades sobre o que pretendo explicar.

Faço, diante dessas reflexões surgidas com a escrita da tese, uma breve pesquisa no *siteXvideos*, e percebo que termos como ‘*pregnantorgy*’ contam com 49.023 resultados<sup>27</sup>, o que me indica que mulheres grávidas são também vistas como fetiche no mundo do sexo. O caso é que minhas personagens-protagonistas também olhavam com certa reserva para o corpo-grávido na experiência erótica.

No início da gestação, já sabendo de sua condição de grávida mas não partilhando com aquele grupo de amigos *swingers*, realizou a troca com os casais que protagonizam essa pesquisa: Camila e Túlio, e Nina e Vinny. Ela relata que foi a despedida desse meio liberal. Na prática, fez sexo com o então marido Sr. Latino e Vinny. Segundo Nina, “ela aproveitou que ainda não tava com o bucho grande pra fazer as coisas (troca de casais). Certa ela!”.

Depois que a barriga já estava protuberante, relatou ainda uma experiência com um casal *swinger*, que também firmou uma relação de amizade posteriormente. Para ela, a experiência não foi boa:

Eu cheguei a fazer sim uma vez com um casal. [...] Só que eu não me senti a vontade, sabe? Minha barriga já estava grande e não estava me sentindo nada sensual. Não tava grandona a barriga ainda não, mas já estava grandinha. E eu não estava mais me sentindo sensual, atraente, não estava me sentindo mais assim [...].  
[Trecho de fala da entrevistada, não paginado]

Embora relate que durante a gestação continuasse tendo o que considerou de “vida sexual normal” com o companheiro, ou seja, mantendo relações sexuais com frequência, uma das facetas importantes de sua sexualidade, o sexo liberal, foi colocado em segundo plano. Entretanto, relata que o companheiro continuou saindo com o “casal amigo” e que, pela relação de amizade e confiança que foi estabelecida, ela não se importava da condição de Sr. Latino sair sozinho, sem ela. Conforme explica: “eu ficava em casa de boa; ele ia, saía, fazia e depois voltava e tal. Às vezes que ele voltava eu já estava dormindo, às vezes não...”. O que assegura ter garantido sua tranquilidade frente a essa situação foi o fato de saber a realidade, e ter pactuado o acordo com o companheiro. Como é possível perceber ao longo de todas as entrevistas/conversas, o fator da pactuação se mostra como uma possibilidade das mulheres se sentirem mais confortáveis diante dos entremeios do *swing*, como o fato dos companheiros saírem desacompanhados. O rompimento desse acordo, por sua vez, rompe também com os

---

<sup>27</sup> Levantamento realizado no site pornográfico *Xvideos*. Atualizado em: 13 jul. 2019.

vínculos de confiança entre os casais e se mostra bastante adoecedor, em maior ou menor grau, na experiência *swinger* de Amanda, Camila e Nina<sup>28</sup>.

Se me permitem uma comparação literal com a proposta analítica que venho desenhando, no campo de enunciado do corpo-grávido no contexto *swinger*, a barriga assume-se então como uma *curva de* visibilidade concreta que vai, nos estágios de gradação de tamanho que acompanham o crescimento do feto, operando as lógicas dos *scripts sexuais* na vivência erótica de Amanda.

Essa reiteração do discurso, tomando como parâmetro o contexto *swinger*, circula no imaginário das minhas personagens-protagonistas quando ela interperlam: “é esquisito ver grávida fazendo putaria” “eu teria um pouco de nojo em transar com uma mulher grávida” [Camila]; “é melhor aproveitar pra fazer enquanto o bucho não está grande” [Nina] que encontram ecos de uma forma de subjetivação na frase de Amanda: “eu não me sinto confortável fazer *swing* grávida”. É como se sua condição a colocasse no campo de ilegitimidade do sujeito-mãe na troca de casais, e revelam ainda uma forma constituição de sua subjetividade anulada frente à nova condição de vida materna.

Após o nascimento da filha de Amanda e Sr. Latino, foi Camila que me relatou uma passagem que aconteceu em 2013, durante as festas de São João da cidade em que Amanda e o ex-companheiro moravam. Camila e Eduardo estavam hospedados na casa deles, quando resolveram sair com um outro casal também da região. Conforme seu relato:

— Camila: A gente saiu com eles em 2013. A menina era ainda uma bebê e chorava muito. Fomos com esse outro casal a um restaurante, mas vou te confessar que não gostei muito, porque acho que todo mundo do babado ficou meio constrangido com uma criança ali entre a gente. Não rolava clima pra safadeza não. Eu fiquei, assim, com pena de Amanda porque via que Sr. Latino queria muito fazer [*swing*] mas ela não tava no clima. (...) Acabamos indo todo mundo pra casa dela, e lá ela foi tentar colocar a neném pra dormir pra gente poder ver se fazia alguma troca e tal. Velho, foi super tenso porque era a gente conversando na sala, e ela sozinha no quarto colocando a menina pra dormir. Fiquei meio ‘coisada’, sabe, com essa situação porque ela tava meio excluída. Daí eu que já nem tinha interesse mesmo pelo cara lá do outro casal, e a mulher dele nem era bi, então eu também disse que não tava afim e fui dormir. (...) Os macho lá tudo seco pra transar e não rolou nada.

---

<sup>28</sup>As especificidades da quebra dos acordos e de suas implicações para a saúde sexual dessas mulheres serão abordados em suas especificidades em cada capítulo a elas destinado.

— Sâmella: Você acha que se não fosse Amanda com a filhinha pequena, poderia ter rolado alguma coisa?

— Camila: Assim... Eu nunca quis fazer com o casal lá, não me interessava mesmo. Cara idiotão. Mas, com certeza, ia rolar pelo menos sexo no mesmo ambiente. Mas a situação lá com criança, e tal... Não achei que seria boa coisa. Ela [Amanda] claramente tava desconfortável e o marido nem pra ajudar a botar a guria pra dormir também, pô...

Sobre o “cara idiotão” ao qual Camila se refere no excerto de entrevista supracitado, a própria Amanda também me revela que não gosta de sua conduta. Estes incômodos são recorrentes no discurso das personagens-protagonistas, uma vez que o “idiotão” tem como hábito a espécie de exposição de sua esposa sem a suposta autorização da mesma. Amanda relata que o mesmo trocava mensagem com seu ex-companheiro e que, na ocasião, mandava fotos de sua esposa com frases do tipo “olha como ela está gostosa”, o que Amanda lê como do âmbito de “tratando a mulher como um objeto”. Camila ainda lembra que a mesma mulher já se queixara para ela que, quando engravidou, seu marido “idiotão” a subjugou e não mais a procurou para manter relações sexuais. É importante situar que há, nos estranhamentos e desconfortos destas mulheres, um movimento crescente de não-naturalização de práticas misóginas que são constantemente desenhadas na troca de casais. Isso se dá em processos como, por exemplo, a objetificação da mulher-separada, e na deserotização da mulher-mãe.

Os sentidos produzidos por Camila revelam que, na lógica de roteiros sexuais no *swing*, a maternidade não é algo bem recebido. Minha outra personagem-protagonista percebe - muito bem - as nuances na cena: o cuidado à criança ofertado apenas pela sujeita-mãe e a tirando do jogo sexual naquela reunião de casais, a “secura”, ou interesse sexual exacerbado dos homens no *swing*, sem se importar com outras lógicas que vão ordenando o encontro. Da cena, o que percebo é o exercício de sororidade no cuidado de Camila com Amanda, evitando a prática do *swing*, ou o sexo no mesmo ambiente, frente à ausência forçada da amiga com as demandas com sua filha, e produzidas no campo de inteligibilidades que relegam à mulher um lugar de apêndice dos desejos masculinos. Sobre isso, quando Teixeira (2015) questiona se o *swing* é troca de casais ou de esposas, conforme nos diz a autora, há a manutenção nessa prática pretensamente libertária da lógica do casamento monogâmico heterossexual tradicional e a perpetuação das normas de gênero ali constituintes.

Se a maternidade e seus dispositivos estão presentes na experiência swinger de Amanda, traz ainda mais repercussões na trajetória de Amanda-separada. “Quem vai querer namorar uma mulher separada e com uma filha pra criar?”, “Como eu faço pra sair de casa e ir encontrar algum rapaz, tendo uma filha pequena?”, essas e outras questões são feitas por

Amanda, e revelam um processo de reconhecer-se como enredada nas tramas da solidão, já vividas na gestação da filha, que a fizeram ficar à margem do universo do amoroso/sexual.

#### 4.5 SOBRE SER UMA MULHER-SEPARADA: A BUSCA POR UM NOVO AMOR E O PESO DA ABJEÇÃO

Amanda relata que conversa sobre essas questões com um casal de amigos de longa data, Maurício e Joana, que moram em outra cidade. A eles, confessa que já fez troca de casais e eles também sabem de todas as suas agruras sentimentais com a separação de Sr. Latino. Se há nos amigos um porto seguro para tratar de tais questões, por ser uma mulher separada, ela se vê vulnerável frente as investidas desse mesmo amigo que sempre a procura com o que considera “intenções sexuais”. Inclusive, quando os visita, diz ter medo e ao dormir na casa deles, tranca a porta do quarto.

Pergunto se ela considera a relação que Maurício estabelece com ela como assédio. Ela diz que sim e me relata a seguinte história:

Ele queria que eu fosse um dia na praia de nudismo com eles. Eu disse que não, que não tinha vontade nenhuma de ficar andando nua na praia, sem biquíni sem nada. Ele disse: vai ser legal! Eu disse que não. Ele sempre faz esse convite, sabe? Porque ele quer que eu saia com ela e a esposa. [Trecho de fala da entrevistada, não paginado].

Sua esposa, Joana, não quer fazer *swing*, e Amanda se sente usada por Mauricio para persuadi-la. Uma das coisas que abomina é o fato do amigo não dizer a esposa sobre suas vontades de fazer *swing*. Segundo ela, relata que não é uma “coisa fácil, uma quebra (paradigmática) fácil” estar no *swing*. E que se aborrece com homens que impõe suas vontades de práticas sexuais mais liberais às suas companheiras e lembra que existem mulheres que não se sentem confortáveis em se expor, “em fazer uma troca”. Nossa própria conversa a conduz a algumas afirmativas:

— Sâmella: como você incomoda com o fato dele conversar com você sem ela saber?

— Amanda: eu fico cabreira, eu fico com medo de futuramente acontecer dela achar alguma coisa. Você me deu até uma ideia: eu acho que vou dar um basta nisso. Eu vou dizer: olhe, eu prefiro não conversar mais com você sobre esse assunto.

Esse olhar mais apurado sobre as situações de assédio e violência impetrada às mulheres quanto à liberdade e autonomia frente aos seus desejos, difere um pouco de como conduziu, por vezes, seu próprio processo, quando Sr. Latino a apresentou as relações

poliamorosas e que, mesmo com o desconforto frente ao fato, Amanda tentou gostar de tal vivência afetivo/sexual do companheiro.

Retomando a questão do corpo-disponível da mulher separada, ela me relata mais uma história:

Tem um senhor do meu trabalho, que é um senhor motorista. E aí sempre que ia resolver coisas, ele me levava. Ele ia dirigindo e eu conversava com ele. Um dia ele me perguntou: você não pode voltar pra o seu marido não? Eu disse: não, com meu marido não tem como a gente voltar mais. Aí todo mundo acha que foi questão de traição, né? Sempre! Aí eu contei pra ele o motivo real de minha separação, mesmo sem entrar em detalhes. E nisso criamos um vínculo de amizade e aí eu contei pra ele que tinha ido pra Aracaju, que tinha ficado com uma pessoa e tal e tal. Depois disso, ele fica muito admirado do fato de eu ser solteira, de eu não ter namorado nenhum aqui em Juazeiro. Que ele me acha uma mulher bonita e tal e tal. Eu já a hora desse homem me dá uma cantada mesmo! Uma vez ele me perguntou: Amanda, você não namoraria com homem mais velho não? Tipo um coroa... Aí eu disse logo: olhe, eu não me sinto atraída por homens mais velhos não, eu prefiro homens da minha faixa etária. Mas se fosse um coroa bem arrumado... [Trecho de fala da entrevistada, não paginado].

A questiono sobre seus sentimentos frente a isso. Seu semblante traduz indignação e ela diz que fica bastante triste e chateada porque se sente o tempo disponível e alvo de piadas mais constrangedoras:

Agora ele solta sempre uma piadinha, até em público diz quando me despeço: Vai pra onde? Eu digo: vou pra casa. ‘Ah, cê vai pra casa nada’... Parece que eu sempre tô mentindo, eu sempre tenho um esquema<sup>29</sup>. Como se sempre tivesse alguém pra sair, saiu com 2, saiu com 3... Me dá raiva porque isso não é verdade! Eu ainda levo a fama sem fazer.[Trecho de fala da entrevistada, não paginado].

Os sentidos produzidos por ela sobre o que é ser uma mulher-separada, parece contrastar com o imaginário popular de uma mulher sozinha livre para “encontros casuais”. A “fama” entra em dissenso com os sentimentos de invisibilidade e solidão por ela vivenciados. Ao produzir uma compreensão sobre si mesma, nos jogos de subjetivação, Amanda se vê como: “apenas” uma mulher separada, com uma filha pra criar e sozinha no amor.

Os contextos em que busca encontrar um novo amor são os *sites* de relacionamento, como o *Tinder*, ferramenta interacional, que ao cruzar dados com outras redes sociais como o *Facebook*, torna possível verificar se há conhecidos em comum o que a deixa mais segura. Sobre os porquês de usar essa ferramenta, relata com pesar que a forma tradicional de sair e encontrar companhia na cidade não é fácil, tendo em vista que seu corpo envelhecido não se encaixa no estereótipo de mulher-gostosa o que a retira do lugar de evidência nos cenários de paquera na região.

---

<sup>29</sup> O termo esquema aparece aqui como sinônimo de encontros sexuais às escondidas.

Sua experiência no *Tinder* também não se mostra campo fértil de encontros sexuais. Segundo ela, em um dos encontros, encontrou um “homem picuento” (gosta de arrumar confusão) e que no encontro ela já percebeu não ser seu perfil. “Eu disse claramente, não gostei de você”.

A tendência de regular à vida das pessoas no que se refere à explicação biológica sobre a mulher e o corpo feminino, no caso de Amanda, incorre no fato de se achar mais velha, e por isso com menos libido e vigor físico. “Eu tô fazendo um negócio chamado LPF, você já ouviu falar?” Ela se referia ao *LowPressure Fitness*, conjunto de exercícios para tonificar a musculatura abdominal para a redução de medidas e fortalecimento do músculo de assoalho pélvico. Ela revela ter iniciado seu tratamento em função da gravidez da filha, que deixou sua barriga “acabada” e que a saída seria “juntar dinheiro para fazer uma abdominoplastia”. Mais uma vez, as tecnologias do dispositivo-saúde se traveste de estratégias de autocuidado. Não a julgo: ser mulher aos 40 anos e ser invisível cobra seu preço social e regula suas performatividades.

Quanto à sua vida afetiva, Amanda relata que “eu fico assim, esperando o dia que algo aconteça. E as pessoas que me conhecem não entendem e eu também não consigo entender (sobre o porque da solidão)”.

#### 4.6 O CUIDADO PSICOLÓGICO, O FALAR DE SI E A POSSIBILIDADE DE AUTODETERMINAÇÃO

A separação permitiu que uma nova Amanda pudesse encontrar estratégias de cuidado consigo. Relatou, com empolgação, que nunca tinha viajado sozinha e que, diante da negativa de outras pessoas, se viu tendo que lidar com mais essa faceta da separação. “Eu nunca tinha viajado sozinha”, lembra então de sua viagem à praia para comemoração de seus 40 anos. Conta que, embora mais velha, a viagem lhe proporcionou novas amizades e que “foi muito bom” embora não tenha dito, com certa decepção que “não rolou nada com ninguém”. Embora tenha sido uma viagem para praia, e que tivessem pessoas solteiras, percebeu que existem contextos em que prevaleciam a ida de famílias, casais, um agente dificultador de vivenciar de forma mais efetiva seu novo status civil. Estar solteira implica em duas questões: lidar com um novo universo em que há muita vaidade para se sentir bonita e “apresentável” para o possível pretendente afetivo/sexual e, e saber lidar com o fato de gostaria de ter mantido o laço matrimonial/familiar. Na viagem, “me arrumei muito” e tirou várias fotos. Disse que isso faz com que haja uma valorização maior de sua imagem.

“As solteiras são muito vaidosas, Sâmella. Lá na praia queriam fazer cabelo, prancha! Toda maquiada pra sair. É uma cabeça diferente da minha”. Entretanto, há na sua fala um viés de ajustamento à esse perfil, algo notado quando reencontro uma outra Amanda: luzes no cabelo, facetas de porcelana nos dentes e com roupas consideradas socialmente mais joviais (coloridas, justas). É interessante pensar nesse duplo viés que o empoderamento pode orquestrar: de um lado, esse lugar “desabrochado” de Amanda, conforme Camila me disse em uma ocasião. De outro, essa busca incessante por parecer interessante aos olhos dos outros, num processo de dinâmica sexual que se mostra opressora e que causa bastante sofrimento.

Em novo encontro, em outubro de 2018, Amanda me relatou o seguinte:

— Amanda: Nessa questão aí ainda me acho a mulher invisível. Mas tens dias que eu estou melhor, tem dias que estou pior. Tem dias que eu estou mais feliz, tem dias que estou mais triste. Mas...

— Sâmella: Vai seguindo né? Menina, eu fiquei tão preocupada porque você estava bastante mobilizada...

— Amanda: Parece que tem também o período do mês que eu fico bem mais mexida.

Amanda, ao associar seus períodos de maior tristeza com o período do mês relativa à tensão pré-menstrual, ou TPM, me faz chamar atenção para uma questão. Não há aqui na escrita da tese, muito embora também não tenha sido seu interesse, uma negligência com as questões biológicas que são inerentes à sexualidade. Conforme pude apresentar no capítulo destinado às interlocuções teórico-conceituais, quando tratamos do adoecimento sexual, ou das chamadas disfunções, o componente hormonal se faz presente nos estudos de sexologia. Entretanto, me incomoda como pesquisadora da área um certo discurso que relega ao campo fisiológico todas as mazelas inerentes ao corpo feminino, às suas emoções e à sua libido. Se o destino (feminino) se destinava à biologia, conforme nos dizia Laqueur, os avanços médicos científicos, ou o que chamo de dispositivo-saúde em referencia ao poder que a medicina tem na vida dos sujeitos e encontra eco no corpo feminino, ganha força na vida de *minhas mulheres swingers*.

Voltando à questão de Amanda, relata que sua maior sensibilidade pode estar ligada às mudanças hormonais do seu ciclo menstrual. Sobre isso, embora não possa questionar o sentimento de Amanda frente aos seus processos subjetivos, é interessante observar o fenômeno que ganha força no universo psiquiátrico e que encontra eco nos consultórios ginecológicos de atenção à saúde da mulher. No tocante à TPM ele ganha o status de mazela psiquiátrica com a iminência do novo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM V: o Transtorno Disfórico Pré-menstrual - TDPM. Em termos de diagnóstico

diferencial, o TDPM é considerado um quadro de maior intensidade que a TPM, sendo caracterizado, dentre outros quesitos, por: “Humor deprimido, sentimento de desesperança ou pensamentos de autodepreciação; Ansiedade marcante, tensão, ou sentimento de estar “no limite”; Instabilidade afetiva marcante; e Raiva ou irritabilidade pronunciada, ou aumento significativo de conflitos pessoais” (CARVALHO *et al.*, 2009).

Na sua trajetória, Amanda relata que sempre procurou ajuda psicológica para o cuidado às questões sentimentais. Afirma que, se não fosse a psicoterapeuta, não conseguiria ter se sentido segura no processo de divórcio e de retomada de um projeto de vida mais feliz. O que eu percebo é que a Psicologia, e os/as psicólogas, ainda figuram como *expertises da alma* e, do meu lugar de psicóloga atuando na docência, ainda figura como mantenedor de certo aprisionamento dos sujeitos à fórmulas (teorias e técnicas) que ditam a verdade sobre o sujeito. Embora não saiba a linha teórica que a psicoterapeuta de Amanda segue, ousar dizer que o alinhamento com a perspectiva foucaultiana e dos estudos críticos sobre a subjetividade e o psiquismo indicam uma possibilidade de “ao colocar os ouvidos em locação”, é possível caminhar com o paciente/cliente para que ele possa criar suas estratégias de resistência e que, assim como no caso de Amanda, possam ir construindo uma trajetória mais resiliente de cuidado de si.

Nesse aspecto, Amanda me relata que, num movimento de contraconduta de quem “deveria estar na fossa”, recentemente (em 2017) teve uma conversa com Sr. Latino para “lavar a roupa suja”. Nesse aspecto, falar de si mesmo pode operar como do campo de possibilidade de construção de um novo lugar de subjetivação.

“Tudo isso que eu tô de falando, eu tive a oportunidade de passar na cara dele”. O questionou se ele não se arrependera de tudo que provocou, e se ele acreditava que o marido agiria de maneira correta para com ela, e para a história que construíram juntos. Quando seu companheiro pediu perdão por não ter conseguido conduzir “seus desejos”[sic] de maneira “correta”, Amanda relata que aquele momento catártico produziu marcas significativas na maneira como se enxergou. “Eu tive coragem de falar. Entendeu? Eu tive coragem! Eu!”. Lógicas de contra-conduta, não docilidade, e resistência vão se firmando na trajetória dessa mulher. A partir daí, uma Amanda menos invisível vai se forjando, e tomando para seus direitos sexuais. Operando uma encruzilhada dos desejos que fazem-na avançar, após sua história de (des) amor no *swing*, outras relações consigo mesma e com seu corpo.

## 5 HISTÓRIA 2 –EU, CAMILA: “UMA FRAUDE”

Dorme o Sol à flor do Chico, meio-dia  
 Tudo esbarra embriagado de seu lume  
 Dorme ponte, Pernambuco, rio, Bahia  
 Só vigia um ponto negro: o meu ciúme  
 O ciúme lançou sua flecha preta  
 E se viu ferido justo na garganta  
 Quem nem alegre nem triste nem poeta  
 Entre Petrolina e Juazeiro canta [...](VELOSO, c2003, [não paginado])

### 5.1 HISTÓRIA 2: SOBRE TRAIÇÃO, CIÚMES, FEMINISMO E ADOECIMENTO PSÍQUICO

Petrolina, 15 de julho de 2018. O encontro com Camila começou com um nó na garganta de minha parte; a conversa seria tensa. Das minhas “personagens-protagonistas”, Camila é uma das que mais me mobiliza subjetivamente, talvez pela proximidade que temos. Isto faz com que as coisas fiquem mais difíceis tanto no processo investigativo de pesquisa quando na escrita de sua história de vida; vida que acompanhei como amiga e também como pesquisadora, trajetória marcada por relatos de dor e de descrédito em si mesma. Antes da chegada à sua residência para a entrevista/conversa que ocorrera numa manhã de domingo, releio a dissertação e sua entrevista de 2012, além de revisar os tópicos do roteiro de entrevista contido no projeto de tese. Me questiono como devo começar: uma apresentação formal, um papo mais descontraído ou, quem sabe, esperar que ela mesma toque no assunto? Embora minha interlocutora fosse minha velha conhecida, sentia-me nervosa como em minhas primeiras incursões como pesquisadora.

Cheguei em sua casa às 10:40h da manhã, e fui recebida por uma Camila de top, calça folgada e pés descalços. Bastante diferente daquela que encontro em shoppings, por vezes em seu contexto de trabalho ou em almoços casuais – sempre arrumada, sempre maquiada, com um sorriso sempre convidativo e saltos altos que, segundo ela, servem pra “dar dignidade” [sic] frente às agruras da vida. Ela está cozinhando e me pede licença para ver a carne no fogão: “agora com a onda *lowcarb*<sup>30</sup>, estou tentando tomar vergonha na cara!”. O almoço que prepara para nós é uma abobrinha recheada que parece deliciosa. Também estou tentando emagrecer, e seu menu é um chamado para retomar minha dieta.

---

<sup>30</sup>Dieta restritiva da baixa ingestão de carboidrato e açúcar, popularizada no Brasil em 2015, como forma de emagrecimento e de manutenção da boa forma física e saúde.

A música que ecoava no *hall* era um sertanejo universitário que clama “deixa, deixa mesmo de ser importante; vai deixando a gente pra outra hora; vai tentar abrir a porta desse amor quando eu tiver jogado a chave fora”, da cantora sertaneja Marília Mendonça.

— Sâmella: Eita que hoje aqui tá animado!

— Camila: Minha filha, eu não curtia não... mas essas bichas falam umas verdades.

Rimos e eu concordo que a música tem esse poder de mexer com nossas emoções. “*Não é só isso; elas parecem que escrevem o que a gente quer dizer. É muita sofrência!*”, completa Camila. A título de contextualização, a ‘sofrência’ a que ela se refere é um termo aplicado às músicas que tratam de temáticas do universo amoroso como traições, romances e demais agruras do campo sentimental. Advindo do estilo musical chamado sertanejo universitário, em meados da segunda década dos anos 2000, o estilo “sofrência” ganha componentes bastante peculiares ao falar sobre os desamores. Com a ampla cobertura nacional, não é incomum a promoção de shows de cantores famosos na região do Vale do São Francisco, mas fico surpresa com a predileção de Camila por esse tipo de estilo musical. Se antes a desonra de uma traição ou de desamor era lavada com o sangue das vítimas dos chamados ‘crimes passionais’, para Santos (2019) a *roedeira* (alcunha para ‘dor de cotovelo’ aqui no Nordeste) assume uma forma estética em que o sofrimento encontra na tríplice bebida/música/sofrência a forma de curar as dores de amor. Sob o pretexto de “acionar e potencializar a dor e a tristeza de não possuir o ser amado” (Santos, 2019, p. 82), o que será que Marília Mendonça, intérprete de muitos hits de sucesso atualmente e considerada a ‘rainha da sofrência’, diz *por/sobre* Camila? Que lugares de dor, mas também de ‘volta por cima’, permeiam a contação de sua história de vida atual?

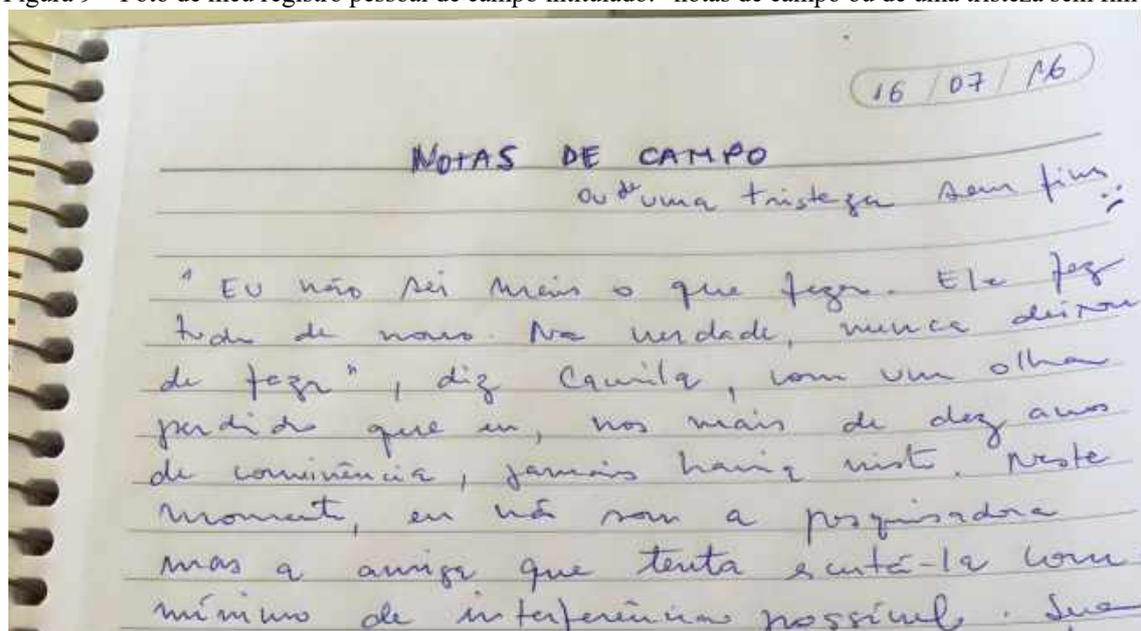
Diferente das outras entrevistas, vou direto ao ponto e, sem rodeios, apresento o termo de Consentimento. Ela brinca: “que formalidade acadêmica!”. Me sinto constrangida pela minha inicial inabilidade, mas sou sincera: ‘é que está um pouco difícil pra mim retornar aqui pra fazer essa entrevista’. Ela, com seu jeito despojado e, mesmo aparentando estar mais calma que eu, me relata também o seu nó na garganta: “essa entrevista vai ser difícil, né? Acho que vou passar a limpo essa história toda. No final, eu só quero que esse tormento acabe um dia. Quando você acabar esse doutorado, eu termino esse capítulo da minha vida, se Deus quiser!”.

Reparo em sua sala, no aparador bem arrumado estão duas fotografias: uma do dia do casamento, e outra de sua viagem de lua de mel para a Europa com Eduardo, ou Edu, seu marido. Ao lado das fotografias, uma imagem de Nossa Senhora me lembra que ali estamos na casa de uma mulher católica, com forte referência à Maria. Ao perceber meus olhares

contemplativos, Camila me diz: “quem diria que esse casamento ia durar, né... Você se lembra da bomba que eu te contei no dia que fizemos três meses após o casamento?”

Sim, me lembrava perfeitamente. Uma Camila com a voz embargada me ligou em meados de 2016 para relatar que havia descoberto, “mais uma vez”, as traições de Edu e que não sabia o que fazer. Sai prontamente do meu trabalho e marcamos um encontro em sua casa, conforme relatado das notas abaixo:

Figura 9 – Foto de meu registro pessoal de campo intitulado: “notas de campo ou de uma tristeza sem fim”



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2016).

Eu não sei mais o que fazer. Ele fez tudo de novo. Na verdade, nunca deixou de fazer’, diz Camila com um olhar perdido que eu, nos mais de dez anos de convivência, jamais havia visto. Neste momento, eu não sou a pesquisadora, mas a amiga que tenta escutá-la com o mínimo de interferências possível. Sua voz embargada, como se ainda tentasse guardar o “mínimo de dignidade”[sic], dá lugar ao choro convulso e sou tomada pelo impulso de abraçá-la. Diante de mim ela conta suas agruras, diz que já conversou com Eduardo e que ele havia confessado o que diz ter sido ‘tudo’. Incrédula, é taxativa ao dizer ter plena convicção de que não sabe de toda a verdade sobre os fatos. Ela me mostra um celular com mensagens dos casos extraconjugais do marido, onde era possível ter acesso também às inúmeras fotos de Edu com outras parceiras. Afirmando que não precisa me mostrar tais fotos sob a justificativa de aquilo faria com que ela sofresse ainda mais. Além disso, por conhecer pessoalmente Eduardo, também estava constrangida em ver suas fotos despido e/ou fazendo sexo com outras pessoas. Que cara babaca, meu Deus. Camila é uma mulher incrível! Tenho que retornar ao trabalho, mas vou embora de sua casa com a sensação de que Camila está desamparada e que precisa de apoio e cuidado para lidar melhor com as dores psicológicas advindas da traição [Nota de campo de arquivo pessoal da autora, escrita em 16 jul. 2016, não paginado].

As saias justas da parcialidade que permearam meu fazer científico durante todo o tempo de incursão em campo se fizeram presentes mais uma vez. Como pesquisadora-

feminista, faço um esforço para compreender analiticamente a história de Camila sob o referencial que embasa a tese, olhando criticamente o fenômeno sem ‘tomar partido’ ou fazer julgamento valorativo de certo/errado, bom/mal tal qual pode sugerir, na tese, um certo quê de manutenção de uma prática científica pautada numa *scientiasexualis* (FOUCAULT, 2010a); como amiga-feminista, estou com raiva de Eduardo por ter magoado Camila e, ao considerar a traição um fato inaceitável, só consigo pensar que ela precisa ter autonomia para se divorciar de Edu e romper com a lógica misógina que a coloca no lugar de subjugação e adoecimento psíquico. De todo modo, o que constitui a pesquisadora e a amiga é o fato de eu ser, nas duas searas, feminista.

Assim, meu exercício – ao traçar uma linha de inteligibilidades sobre esse aspecto da história de vida de Camila - foi pensar em que se baseia, na sua trajetória, as interfaces entre a relação conjugal tida como liberal (perante a prática do *swing*) que está inserida, e os sentidos que produz sobre si mesma perante a traição do companheiro. Este foi o fio da meada para a minha produção discursiva tendo em vista que, conforme será visto mais adiante, há a maculação de uma instância sagrada para a minha personagem-protagonista, que é o casamento. Há, ainda, os desafios que operam no sistema visibilidade/invisibilidade em que ela, também feminista conforme se autointitula, se enreda e que produz para si a dualidade de se ver como “*uma fraude*”. Para isso, num movimento de construir as tramas que os enredos de sua vida a mim se apresentaram, resgato aqui seu início como adepta à troca de casais.

### 5.1 E, NO MEIO DO CAMINHO HAVIA O *SWING*...

Quando encontrei Camila pela primeira vez para tratar sobre sua trajetória na prática do *swing*, em 2012, ela inicia contando um pouco sobre os motivos que a fizeram se tornar uma adepta à esta prática sexual. Sua inserção no que considera um “*mundo liberal*” – caracterizado por ela como um mundo em que as pessoas romperiam com as questões normativas da experiência sexual - mantém estreita relação com o início de seu namoro com Eduardo. Ambos da mesma idade, se conheceram na escola e, ela, “cansada de sofrer por menino idiota” resolve investir no flerte com Edu, um garoto que, segundo ela, sempre pareceu um “nerd todo tímido”.

Diferente do garoto tímido, Camila se considerava bastante “avançadinha” pois, antes de namorar Edu, havia perdido a virgindade há cerca de 1 ano e meio com um “ficante” (parceiro ocasional). Desde a sua primeira relação sexual, já havia transado com cerca de 13 rapazes, mas nenhum “namorado sério”. Acredita que o fato de ninguém querer namoro

formal com ela seria por “ser liberal demais”. De toda forma, a desvalorização da mulher/menina considerada ‘piriguete’ (termo bastante em utilizado no Nordeste em alusão àquela que tem vida sexual ativa fora do regime do casamento) criou, em Camila, uma sensação de menos valia quanto à legitimidade de seus desejos, perspectiva observada quando ela, de alguma maneira, olha para sua história sexual de forma pejorativa.

Recorda que havia no início do namoro com Edu, naturalmente, uma intensidade sexual relevante na relação dos dois e que se vinham com bastante frequência. Conta, com certo contentamento, que foi com ele quem primeiro fez sexo oral e que mostrou seus seios, elementos que tinha vergonha de fazer com outros rapazes. Foi nos primeiros meses de namoro que começaram a introduzir conversas sobre a vida liberal. A abertura por esse tipo de assunto, segundo Camila, advinha do fato de confiar em Edu em dois sentidos: 1. Para guardar segredo sobre as incursões eróticas tidas como proibidas; e 2. Se permitir, de forma legítima e sem pudores, experimentar com ele formas de sexualidade libertárias. Conforme me disse: “acho que confiei em Edu para me abrir, sabe, ser quem eu sou, viver o prazer como achava certo”. A confiança no jovem namorado foi fator preponderante para que ela contasse suas vontades e desejos sexuais, bem como para se permitir viver experiências sexuais diferentes das que já havia estabelecido com outros garotos.

Daqueles “tempos tórridos”, se lembra que certa feita falaram sobre a possibilidade de *ménage a trois* (mistura a três, em tradução literal), ou seja, a introdução de mais um parceiro/a na relação sexual. Segundo me relatou, foi Edu quem a questionou sobre se ela teria coragem de fazer sexo com mais alguém. Movida por certa curiosidade, prontamente ela responderia que sim e que gostaria que o *ménage* fosse com outra mulher.

Com pouco tempo de namoro a gente começou a pensar sobre isso. Foi muito cedo, com um ano e um pouquinho a gente começou a fazer swing. Primeiro com uma menina, depois com um casal. Que era um casal mais velho. Depois eu soube que o Edu já conhecia eles. Eu gostava bastante, sabe. Fomos aprendendo as coisas e se soltando mesmo. [Fala da entrevistada, concedida em 2012, não paginado].

Conforme vai contando sobre sua trajetória, a própria Camila vai fazendo correlações interpretativas sobre sua vida sexual. Falando sobre si, Camila me indica que a sua predileção inicial por *ménage* feminino, por exemplo, talvez deva ser fruto do fato de que, quando criança, já fazia “safadeza” com uma prima. No que concerne à sua orientação sexual, ao se autodenominar naquela época como bissexual, constrói para si o discurso de que, desde as primeiras vivências da sexualidade, tinha “uma certa tendência” homoerótica: “minhas bonecas mesmo eram namoradinhas (risos)”. Na adolescência, se encontrava todo final de

aula com uma amiga; sobre as interações sexuais entre ambas, não considera como perda da virgindade por não haver penetração e rompimento do seu hímen.

O ingresso no universo do *swing*, conforme já apontei em Vieira (2013) se deu, para todas as mulheres pesquisadas, através do *ciberespaço* – ou “mundo *online*” da *Internet*. Se, conforme já havia me sinalizado Camila desde nossa entrevista em 2012, para “conhecer a putaria é só entrar na internet”, esta não figura, na sua vivência erótica, apenas como espaço para socialização e encontro de outros/as parceiros/as sexuais. No universo *online*, Camila podia (re)criar toda sorte de nuances sexuais.

Quando pergunto como se apresentava aos interlocutores por meio da *Internet*, a primeira coisa que me disse foi sobre o processo de escolha do “nome de guerra”, àquele utilizado como cartão de visitas para atrair outros casais. No seu caso, me disse que não fazia uso de nomes comuns, “tipo Maria, Josefa”, mas um nome mais sensual diferente do seu de batismo que, inclusive, confessa não gostar.

A partir daí, inicialmente preferiram buscar mulheres para sexo no bate-papo da UOL. Nas primeiras incursões nessa rede de sociabilidades virtual, Camila me diz que gostava da “brincadeira leve” que considerava as conversas picantes. Esse recurso juntamente com o perfil que mantinha no *Sexloge* um blog pessoal do casal que tratava de suas aventuras sexuais, possibilitaram com que Camila pudesse ter acesso a novos formatos de *scripts* ou roteiros sexuais. Conforme nos mostra Simon e Gagnon (2006), para a constituição dos roteiros sexuais dispostos na experiência erótica dos sujeitos, é importante compreendê-los a partir da interlocução entre os elementos intrapsíquicos da criação de fantasias e da resposta advinda da interação com o interlocutor, mas também levar em conta de que os *cenários sociais* se fazem presentes nos roteiros adotados.

“Ser quem eu sou”. Reflito sobre sua compreensão de si como mulher-transgressora. O ingresso no *swing*, segundo Camila, a fez reviver uma forma de pensamento sobre sua sexualidade que foi sendo deteriorada frente aos namoros de adolescência e ao que socialmente se impunha como correto. O direito sexual de se mostrar na *internet* em busca de aventuras sexuais está alinhado à perspectiva de matrizes performativas do ‘sexo bom’ e, na experiência de Camilano campo da transgressão erótica, envolvem elementos como “fazer carão”, o que Benitez; Fígari (2009, p.129) traduz como um “estilo ritualizado de fazer sexo”.

Assim, quando pergunto a Camila o que era necessário para ela ‘ser quem era’, a mesma indica uma série de artifícios que utilizava para parecer gostosa e desejável no *swing*: corpo bem produzido, unhas pintadas (especialmente de vermelho), *lingeries* sensuais, enfim,

toda a sorte de apetrechos que marcavam, no corpo-desejável, a eroticidade necessária para vivenciar a prática do *swing*.

Em sua entrevista recente (2018) atesta que, ao casar com Eduardo, sempre tentou manter a eroticidade na relação seja no conjunto de *lingeries* que comprou, seja vendo revistas femininas com dicas sexuais para o casal; seja permitindo que o *swing* fosse mantido na relação como mote para apimentar o casal.

— Sâmella: Mas me diz: como é isso da erotização da sua vida sexual no casamento?

— Camila: Minha filha, nunca dei mole nesse sentido. Então, como tu sabe, sempre procurando ficar bonita, atraente pra Eduardo. Por que você sabe que isso faz parte da vida do casal. Quer ver as calcinhas que eu tenho aí, serve para a sua tese? Cada uma mais top que a outra. Usava mesmo (risos). A gente faz cada coisa por esses malas [algunha para homens cafajestes]...”

Sim, Camila, me mostrar suas *lingeries* certamente serviria. O privilégio de ter uma intimidade melhor com Camila permitiu acessar objetos pessoais que falam muito do modo em que sua sexualidade se opera. Então, conforme permitido pela personagem-protagonista, exponho aqui suas intimidades. A questiono, antes de tudo, se as pessoas não reconheceriam seus trajes pessoais, o que traria por terra a confidencialidade da pesquisa. Ao passo que me responde: “de forma alguma, essas coisas só quem vê é meu marido, e talvez a funcionária aqui de casa”.

Figura 10 – Coleção de peças íntimas sensuais de Camila



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Aqui, chamo atenção da responsabilização feminina para manter o casamento ativo sexualmente, o que a traz, na ordem de uma saúde sexual que deve ser vivenciada de uma forma positiva, um peso extenuante. Empiricamente, não é incomum observar a reclamação das exigências femininas para se manterem bonitas e jovens. Em termos científicos, essa afirmativa é balizada por um processo que recai sobre a forma em que a sexualidade feminina foi ficando docilmente útil.

Na Introdução, busquei traçar uma historicidade em que a sexualidade feminina foi sendo construída. Se o corpo feminino figura como lugar de subjugação pela violência e silenciamento dos desejos, na tese é possível perceber sua outra dimensão. Não cabe a esse novo modelo de mulher ser ‘suficientemente *sexy*’<sup>31</sup>. A busca pela perfeição, pela excelência nos mais diversos extratos da sua vida social (casamento, sexualidade, família, trabalho e estudos), acaba sendo um ideal a se perseguir.

Conforme nos avisava Foucault (2018c; 2010a), já não é possível pensar a sexualidade feminina sob a égide da hipótese repressiva da sexualidade. Ao me resgatar suas memórias da mais tenra infância e da adolescência, embora Camila se apegue (tanto quanto as outras personagens-protagonistas desse estudo) ao lugar de cerceamento da liberdade de gênero no modo em que foi educada por seus pais, há algo na ordem da produção de uma visibilidade discursiva sobre como deve viver sua sexualidades de forma mais intensa. Nas tramas de *swing*, o desafio é saber como os jogos de posicionamento vão se operando para a criação de subjetividades mediadas sob os efeitos de poder sobre a sexualidade dessas mulheres.

## 5.2 AS “OUTRAS”

As decepções com o *swing* e o descontentamento com seu companheiro começam a surgir dois anos após o início no universo liberal. Retomemos um pouco a história de Camila e Eduardo para entender como o ciúmes surge em um casal pretensamente de “mente aberta”. Segundo Camila, ela nunca tinha se considerado alguém ciumenta.

Aí com dois anos ele me chamou e disse: olhe, não tem aquele casal X? Eu sai com ele sozinho e não te disse. Na época, óbvio, eu fiquei muito chateada mas a gente voltou. Eu não sei o que foi que aconteceu que, de lá pra cá, ele se fechou pra mim. Depois ele continuou fazendo várias coisas. Até um tempo ele não era tão sacana comigo. Mas desde 2013, quando eu precisei me dedicar mais a minha vida profissional, estudando como uma condenada para concurso, aí ele não me dizia

---

<sup>31</sup> Faço uma analogia, sem pretensões de equiparação teórica, com o termo “mãe suficiente boa”, trazido pelo psicanalista Donald Winnicot.

mais nada. Foi justamente nesse período que eu disse: não quero mais fazer swing. Eu parei porque eu comecei a engordar, não tava me sentindo bem com meu corpo. [Trecho de fala da entrevistada, não paginado].

O afastamento do *swing* veio, inicialmente em função das transformações em seu corpo. Nessa época começou a se achar gorda e, ao se centrar às suas demandas profissionais, relatou que deixou sua “feminilidade um pouco de lado”. O lugar de culpa bate à porta de Camila, mesmo que ela faça um exercício de expurgá-lo. Me diz, com convicção de que: “não é fácil, não é” se desvencilhar do processo auto-acusatório pois este é a perspectiva identitária corrente do que é ser mulher no *swing*: exemplo de sensualidade e beleza corporal.

Embora já o tenha relatado no capítulo metodológico sobre Amanda, ‘a traidora’, obviamente ela não foi o único relacionamento extraconjugal de Edu. Casada com Edu sob as regras da monogamia e da fidelidade, Camila sempre esteve envolta em uma relação conflituosa durante boa parte de sua vida afetiva com o companheiro. Lembra que era amiga de Ana, aquela primeira informante que preferiu não participar da pesquisa em 2012; levou na casa de seus pais, também em sua festa de formatura e confessa que sente muita falta da amizade que tinham. Ana, que até então figurava no discurso de Camila como *mulher-safadae* que “tomava” o marido das outras, não despertava realmente ódio. Diferente de Carol, mulher negra personagem-protagonista excluída da pesquisa e também do grupo de amigas *swingers* pelo recorte de classe e raça (conforme relatado no capítulo metodológico), Ana não era negra ou pobre. Havia se casado com um homem mais velho e de boa condição socioeconômica, e era considerada a mulher-gostosa que tanto afligia os anseios sexuais de Camila. Lembro da primeira entrevista/conversa com Camila, quando ela me relatava sobre Ana: “sabia que ela ia dar problema”, por ter percebido a “*química*” entre Eduardo e a amiga do swing.

Progressivamente ela começa a descobrir uma série do que considera “pequenas traições” de Edu: uma conversa mais picante com uma mulher ou casal, um número de telefone desconhecido na agenda de celular, um certo afastamento de Edu na vida sexual do casal.

“Você já leu Beauvoir Apaixonada?”, me pergunta Camila como quem vai reafirmar sua tese-descrição de que é “uma fraude” [sic]. No livro, que conta a versão romantizada da história de Simone de Beauvoir e Jean Paul Sartre, é possível compreender nuances de uma Simone que, mesmo ícone do movimento feminista, vive num relacionamento abusivo com o companheiro Jean. Pautada pelo ciúmes, é possível verificar também uma Simone fragilizada pelos laços abusivos de seu relacionamento, e figurando como um contraste a sua

personalidade forte de mulher aguerrida e, pretensamente, livre. Camila, tal qual sua interpretação sobre *Beauvior*, afirma que vive na mesma seara de desamor que a autora.

Quem são “as outras” de seu marido? Elas, as outras, são os “fantasmas”[sic] que compõe um dos pilares que corroem sua saúde sexual e seu desejo. O ciúme marca a trajetória de vida da personagem-protagonista e a coloca num encruzilhada ontológica: seu sofrimento advém mais das traições de Edu, ou de uma discurso que carrega consigo sobre ser “incapaz e fraca para segurar o marido em casa”?

Embora, a primeira vista, haja uma certa incompatibilidade entre o swing e ciúmes, ao estudar as pesquisas realizadas sobre o tema, é possível verificar que sim, o ciúmes está presente na trocas de casais (OLIVEIRA, 2014; VIEIRA, 2013; SANTOS, 2010). Ele geralmente vem ligado à questão do receio iminente de que o parceiro possa se apaixonar por outra pessoa, ser menos desejada etc.

Ela, a “mulher oficial”[sic] de Edu, compreende que as *outras* devem sofrer num lugar de escória social. Relembro da sofrência de Marília Mendonça, e seu hit de sucesso que diz: “amante não tem lar, amante nunca vai casar”. Com certo orgulho, ela me diz que “essas mulheres jamais terão a vida que eu tenho. Elas são umas pobres coitadas que ficarão sempre no lugar de puta mesmo”. Ela está falando especificamente sobre os casos extraconjugais do marido, e é necessário adentrar nos sentidos produzidos sobre essas ‘*outras*’ para que seja possível traçar uma perspectiva de inteligibilidades que Camila tem de si mesma.

Quando falo de ciúmes aqui e de como, nessa trama, ele ganha uma centralidade na vida de Camila, não o faço na perspectiva patológica presente destaque na literatura psiquiátrica. Problematizar o ciúmes, numa perspectiva crítica da relações conjugais, é compreender que ele assume contornos de jogos de poder (Foucault, 2010a). É possível verificar tal faceta quando Camila me diz: “eu sou ciumenta, te confesso”. Os meandros confessionais são ligados à ordem de compreendê-la como parte de um enredo discursivo que coloca, a nós mulheres, nesse lugar de naturalização de ser traída e de como esse fato, há anos relegado, é marco fundamental para toda a sorte de estratégias do disposto-casamento.

Não é o fato de que Camila tem um sentimento de posse do marido. Diferente de como isso se opera nas masculinidades, no campo da construção de feminilidades, o ciúme vem por não se conformar com a perda do casamento, “construído com tanto esforço e dedicação”. Esse *status* de mulher casada a constitui subjetivamente e, num contexto fortemente cristão em que vive, a perda desse lugar causa sofrimento com a iminência da solidão. Conforme me assegura, começaram a fazer *swing* desde muito cedo, e “para não ficar terra de oba, oba, terra de ninguém”, ou seja, supondo certa volatividade no relacionamento com o advento da prática

do *swing*, decidi que o casamento civil daria um *status* de maior seriedade no relacionamento.

Voltando às traições, a última descoberta aconteceu em 2016 quando, ao procurar um documento na pasta do marido, descobre um outro celular por ele utilizado:

Eu descobri ali, quando estávamos com três meses de casados, que desde o ano anterior ele tinha entrado nessa vida com força total. Era tudo que você pode imaginar, Samelinha. Ele saía com casal, com Ana, ele saía com Carol inclusive para que ela ‘ajeitasse’ outras mulheres para ele. Ele descaradamente fazia isso. Só que não para aí não! Nessa mesma história, foi quando eu descobri que de fato ele saía com garota de programa, que ele tinha casos e mais casos... Quando eu viajava para fazer meus cursos, ele ficava com outras. Isso me prejudicou demais profissionalmente, não tinha cabeça pra outra coisa. E tem mais, ficava também com travesti. Foi duro, hoje eu ainda falo um pouco sem querer chorar, mas ainda quero um pouco.[Excerto de entrevista com Camila, jul. 2018, não paginado].

Ao me relatar o sofrimento advindo do lugar de mulher-traída, Camila abre o *site* Gatas do Vale e me mostra as fotos sensuais da garota de programa com que Edu se relacionava com mais frequência, a qual chamarei aqui de Michele. Embora esteja em uma página de domínio público e não mostrem seu rosto, faço a opção ética de não incorporar essas fotos à tese; esta opção não se deu apenas por não ter a anuência daquela mulher, mas por compreender que seu corpo, mesmo exposto em anúncios publicitários sexuais não são, assim como poderia se supor, de amplo domínio público.

Opto, entanto, por descrever minhas impressões do que vejo. Seu perfil a descreve como uma mulher de 1,70m, corpo escultural, massagista e que saía com homens, mulheres e casais para realizar todos os seus fetiches. Seu cachê estava estimado em 300 reais. Interessada por entender o que Edu havia visto naquela mulher e não nela, Camila relata que desde então passou a acompanhar a tal garota em *sites* de prostituição de luxo, e descobriu seu perfil pessoal no *Facebook*. Michele era tudo que Camila supunha não ser: bonita, sensual e atraente.

No que tange às saídas de Edu com travestis, Camila relata que foi a pior coisa pois sua “vida ruiu”. Não bastasse sair com mulheres, para ela, ele estava adentrando o campo do que ela considerou como da ordem da homossexualidade do marido, ao sair com mulheres *transgênero*. Tudo se transformara numa farsa: o casamento, a vida em comum, e sua sensação de segurança.

Inconformada, Camila me diz com muito pesar sobre o que ela considera a bissexualidade do marido. Embora essa seja uma questão prioritariamente parte das construções dos roteiros sexuais de Edu, Camila sofre e se subjetiva com o fato de que pode

não ser uma mulher completa frente a ideia de dividir seu companheiro com travestis e homens.

É interessante a forma como ela me interpela, em muitos momentos: “por que comigo?”. E, então, mais uma faceta dos modos de subjetivação surgem no sentido de trazer a baila mais um dos fios de entendimento sobre as influências da produção de saúde sexual dessas mulheres. Como podemos acompanhar no relato que se segue:

— Camila: Você pode imaginar o que é ter um marido gay numa cidade de interior? [...] Eu cresci num lugar que sempre teve muitos escândalos em relação a isso. O que eu mais me lembro é de uma amiguinha de escola, que tempos depois o pai se separou de sua mãe e se assumiu gay. Foi um alarde. Eu era criança, acho que entrando na minha adolescência, mas isso foi muito muito forte. Até hoje as pessoas da cidade comentam... E é muito vergonhoso, principalmente para a mulher, eu acho. É humilhação demais.

— Sâmella: E como você se sente em relação a isso com seu marido?

— Camila: Sabe, amiga. Eu me sinto vivendo meu pior pesadelo. Não queria ser uma daquelas mulheres que são apontadas na rua.. Não só como corna, porque isso a maioria é mesmo, mas como trocada por um viado.

Ou seja, dentre as muitas “puladas de cerca”[sic] de Edu, esta mexe com Camila sobremaneira, tendo em vista seu preconceito para com os corpos não binários da travestilidade. O asco, a abjeção, estão presentes do excerto: “eu até entendo o por que ele pode me trair com puta, etc. Mas, sair com macho pra dar o cu? Puta que o pariu!”.

No contexto de vulnerabilidade em que estão expostas, os sujeitos de lugares dissidentes compartilham, em comum, o lugar de solidão. No caso de Camila, o sigilo inerente à prática de *swing* foi agente de vulnerabilidade por não poder dividir sua dor com outras pessoas, seja sua rede familiar ou de amizade. Lembra que, em 2014, ao descobrir uma traição de Edu com vários casais e um esquema de sexo que a excluía, procurou a mãe e a irmã dele. Não recebeu apoio de nenhuma delas: a primeira, segundo relata, “se apegou no terço”; a segunda foi taxativa: “não vou ficar contra meu irmão por conta disso”. A preocupação das familiares de Eduardo estava mais na exposição caso esse fato viesse à tona, do que necessariamente ao sofrimento de Camila.

Não ter dito o apoio familiar necessário, conforme relatado, a fez abrir uma cisão na relação com os familiares de Eduardo: “isso me doeu muito, muito, muito!”. Ao encobrir as traições do marido e a separação não ser uma possibilidade diante do sofrimento a ela imputado, os recortes de classe e gênero podem ser vistos mais uma vez. De certo modo, a questão da exposição também permeava suas inseguranças. Conforme discorri no capítulo

metodológico, há um recorte de classe que faz do *swing* uma prática sexual a ser encoberta. Camila e Edu tem um alto poder aquisitivo, o que trouxe mais peso frente às suas vivências afetivo-sexuais.

No que tange o seu medo de exposição, um relato de sua vida chamou minha atenção. Edu sempre teve uma relação estreita com o primeiro casal – Paulo e Pietra. Se antes existia uma relação de amizade entre eles e Camila, conforme Edu saía sozinho (e escondido) com ambos, a relação desse casal com Camila se tornou bastante conflituosa. Em meados de 2015, ao discutir com Paulo por telefone, foi ameaçada de ter suas fotos expostas nas redes sociais e enviadas ao seu então chefe.

A prática em questão se chama *Revenge porn* (pornografia de vingança). No mundo atual, com o avanço das tecnologias de informação, a disseminação de fotos íntimas é uma constante e se configura como uma das formas de violências de gênero. Apenas em 2018 foi possível uma vitória no campo dos Direitos Sexuais com o processo de criminalização de tais práticas. A Lei 13.718/2018, que tem como norte a proteção e do direito à intimidade e dignidade humana, com sanções penais ao agressor na divulgação de fotos ou vídeos de nudez, ou cenas de sexo sem o consentimento da vítima. Segundo o Código Penal brasileiro:

Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, vender ou expor à venda, distribuir, publicar ou divulgar, por qualquer meio - inclusive por meio de comunicação de massa ou sistema de informática ou telemática -, fotografia, vídeo ou outro registro audiovisual que contenha cena de estupro ou de estupro de vulnerável ou que faça apologia ou induza a sua prática, ou, sem o consentimento da vítima, cena de sexo, nudez ou pornografia [...] Pena - reclusão, de 1 (um) a 5 (cinco) anos, se o fato não constitui crime mais grave.(BRASIL, 1940).

Paulo, na sua opinião, foi também algoz por “jogar na sua cara” algumas ‘verdades’ sobre ela. Toda a conversa foi enviada para seu e-mail pessoal, a fim de resguardar a integridade de prova contra o agressor. Na conversa, ele diz que Camila é uma ‘porca gorda’, que não possibilita que Edu viva suas fantasias de forma plena por ter uma ‘mulher desinteressante e desagradável que manda nele’.

Na época, Camila conta que procurou apoio jurídico mas sua causa foi deslegitimada por sua advogada uma vez que, segundo a profissional, “não iria dar em nada” [sic]. Fatores como maior risco de exposição ao judicializar a questão, ou até mesmo o silenciamento de Edu frente ao que viveu, fez Camila aumentar os sintomas depressivos que acometiam sua saúde mental. A repercussão direta foi a exclusão de todas as fotos pornográficas que mantinha em redes sociais (um blog pessoal, seu perfil no *Sexlog* e fotos de arquivo pessoal no celular). Sua sensação foi de insegurança e, à contragosto, fez uso dessas estratégias de

autodefesa, como assim o fazem outras inúmeras mulheres que passam por situação semelhante. A culpabilização dos impetradores da violência não é colocada em questão. Segundo Camila, as pessoas iriam proferir frases de que a culpa havia sido sua por ter se exposto. Ela, de certo modo, também reafirmava essa condição de culpada pelo próprio infortúnio quando profere frases como: “mas eu também dei um vacilo da porra”; ou “a culpa foi minha de ter saído com esse tipo de psicopata” (numa referência à Paulo).

No campo de adoecimento em que esteve imersa nesses anos, Camila especifica: “sabe qual o problema todo? Eu não consigo sentir raiva dessas mulheres, na verdade eu sinto é tesão nelas e dessas coisas todas que ele viveu. Fico com vergonha até mesmo de admitir isso pra mim mesma. Mas é isso aí”.

Quando Camila me fala sobre tesão, penso que estou diante de um campo fértil para entender seus processos de subjetivação no campo do desejo, mesmo diante das dores sentidas numa relação que se mostrou, ao longo do tempo, abusiva. ‘Eu sinto tesão da puta, da traveco, de Ana! É desse povo aí que fico louca, louquinha mesmo. Porque, no final das contas eu sinto inveja de Edu por ele fazer o que eu não posso’. Camila me relata que sente inveja da liberdade sexual de Edu, mesmo que tal liberdade veio às custas de seu aprisionamento. Segundo me relata: “você acha que eu posso dar ousadia de propor swing com toda essas merdas que Edu fez?”. Um ponto importante de análise se faz em voga: Camila renuncia ao seu desejo de sexo liberal para a manutenção de seu casamento.

Se Camila sempre se autoidentificou como bissexual, as experiências negativas diante do *swing* a fazem rever sua orientação sexual. Interessante que, nesse ínterim, Camila foi assumindo um lugar de ojeriza frente a duas categorias que ela sempre “defendeu”; a mulher trans e a prostituta. Assim, ao negar uma suposta homossexualidade em Edu que começara a praticar sexo também com homens, Camila indica que não se considera mais bissexual. Nesse processo, em termos identitários, ressurge o dispositivo da mulher-pecadora e há, conseqüentemente, a negação e deslegitimização de si mesma como sujeito-sexual livre.

Mesmo assim, Camila é agente ativa no processo de construção de si. Muito embora nuances de sujeição venham travar uma batalha com seu desejo, ela como personagem-protagonista se reapropria de seu lugar de fala. Aqui, é necessário retomar a perspectiva de que um dos pilares de saúde sexual é a autonomia. Obviamente que tratamos de uma autonomia parcial, muitas vezes amarrada por dispositivos de controle, mas sobremaneira, possibilita ela falar de si e de elaborar suas estratégias de contra-conduta.

Seus pontos de escape das normatizações, embora com todo um discurso que enseje certo sentimento de abjeção frente às outras de Edu, vão para o consumo de pornografia hard

e para conversas mais picantes com Nina, a personagem-protagonista da capítulo-história posterior. Não considero que haja uma ruptura com padrões de sofrimento, mas há certamente um movimento de recriação, por parte de Camila, de uma trajetória mais autônoma frente à sua vida afetiva e sexual.

Diante disso, e com sua ascensão econômica, conta que pode procurar ajuda psicológica profissional. Me pede desculpas por sempre ter afirmado não acreditar em psicólogos, mas encontrou na sua terapeuta uma possibilidade de encontrar “*uma luz no fim do túnel*”.

Por um lado, a liberdade sexual que a troca de casais foi “dada” ao parceiro como uma dádiva - ou, conforme me diz, como “uma grande oportunidade para ter experiências massa”. Por outro, o ciúme - com sua flecha preta conforme diz a canção que introduz essa história de vida - lançou sobre ela as marcas profundas pela sensação de insegurança, deslealdade e por sentir-se preterida pelo companheiro causa adoecimento psíquico a tal ponto de vir outras comorbidades físicas e sexuais, tais como: obesidade, diabetes e transtornos sexuais de menor ordem.

Sobre este último, Camila me relata que depois do período imersa nas dores da relação, embora não apresentasse disfunção sexual correlata à dispaurenia (rebaixamento de libido), sempre transou com Edu pensando nas suas *outras*. Tentando imitar um jeito, um gesto, um toque ou carícia erótica, tentando usar roupas mais sensuais mesmo se sentido desconfortável. Nem assim, conforme suas notas me mostram, é o suficiente para encarar sua sexualidade sexual conjugal de maneira positiva. Lembra que, ao fechar os olhos, sempre se imagina performando alguma daquelas “*mulheres fabulosas*” para o marido.

Eu nunca fui uma mulher fresca... Sai com homens feios, mais velhos, barrigudos, gordos. Eu acho que muito do que eu fiz com Edu no swing foi muito para dizer... Antes de eu namorar com ele eu já tive muita experiência sexual, sempre namorei muito e tal. E eu sempre pensei assim: velho, ele nunca teve então ‘tá ok, vou sair no swing também’. Não que eu não gostasse, mas muita coisa eu engoli em prol dele se sentir bem com ele mesmo. [Trecho de fala da entrevistada, não paginado]

A grande decepção e ponto de interrogação na sua fala é: “como Edu pode fazer isso, mesmo eu sendo tão liberal na cama”? Nesse ponto, Camila se emocionou e chorou. Pela primeira vez na entrevista, falar sobre si levava minha personagem-protagonista às lágrimas. Segundo ela, seus esforços para manter-se “quente com o marido”, ou seja, manter uma relação harmônica e satisfatória no âmbito sexual, havia fracassado.

Aceitar a condição de ter seu marido com outras mulheres faz com que Camila encare uma de suas maiores questões, fato que sempre permeou nossas conversas em outros tempos: perpetuar o modelo de casamento de seus pais.

Seu pai, a quem ela nutre um sentimento de bastante estima, é descrito exatamente igual a como ela descreveu seu marido: um homem bom, carinhoso com a família, de muitos amigos, mas que sempre traiu sua mãe Dona Geresa. Segundo me relatou, aos olhos da comunidade local e também dela mesma, o jeito sisudo de Dona Geresa - mulher pouco afeita às questões sentimentais - era a justificativa para que o marido a traísse. Evangélica, sempre teve aversão a assuntos ligados à sexualidade e este nunca fora um assunto tratado de maneira aberta dentro de casa. Para Camila, a mãe sempre foi *frígida*. Ao ser questionada por mim qual sua concepção de *frigidez*, Camila me diz que sua mãe era “uma mulher, assim, digamos que sem interesse pelo sexo. Até mesmo sem jeito pra isso, sabe? Tipo: mainha é uma mulher que não se permitiu ser *sexy* ou algo do tipo”. Nesse campo discursivo, a mulher-frígida a quem Camila busca se distanciar passa por dois crivos: não ter “jeito” para isso se relaciona ao fato de não ser uma mulher esteticamente desejável; e 2. “não se permitir” parte também de uma forma de se contentar a viver uma vida distante dos prazeres que a sexualidade traz.

Atesta que, em sua trajetória, tentou se desprender do exemplo materno, que supõe ter um desejo sexual hipoativo. Quando solteira, sempre “se agarrou” [sic] com os meninos de sua idade ou mais velhos, embora sempre ficasse “uma idiota apaixonadinha pelos boyzinhos”. As marcas deixadas naqueles tempos são ainda trazidos por Camila e falam sobre si. Adulta, incorpora um discurso que “tem que sensualizar”. Recorre, para isso, a dispositivo-mídia para se constituir enquanto sujeito-sexual.

Figura 11 – Coleção de revistas femininas de Camila



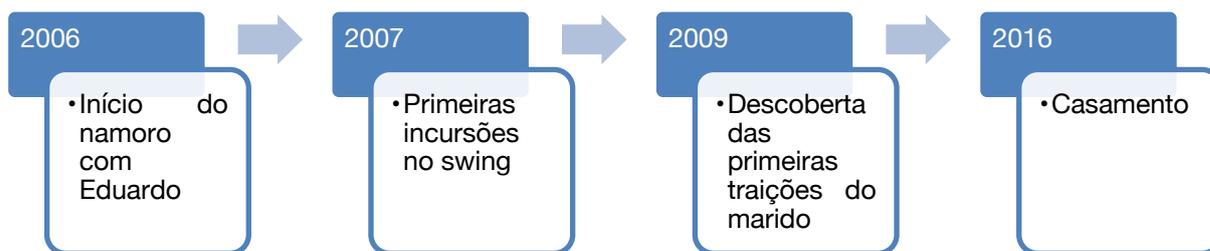
Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Camila me apresenta sua coleção da revista feminina Nova Cosmopolitan. Um dossiê de formas de sexualidade. Elame explica que, quando descobriu uma das traições do companheiro, fez a assinatura da revista para “pegar diquinhas de amor”. Essas dicas são comuns no universo *swinger* pesquisado, e também figurou por muito tempo nas minhas experiências de vida com Camila, conforme ela mesmo me lembra. Desde a adolescência, elas apareciam nos formatos de: ensinar a beijar, como ficar mais bonita para o paquera, etc. O corpo feminino sendo, através de inúmeros dispositivos, sendo orquestrado no sentido de ser mais atraente e desejável. O que posso dizer é que, nos jogos sexuais e nas cenas eróticas, as formas de se portar, a maneira de se vestir, a busca do corpo desejável não passam, necessariamente, por um processo deliberado de escolha; desde a mais tenra idade, foram sendo docilizadas para assumir determinadas performatividades que se traduzem em sofrimento pelo sentimento de inadequação quando não se consegue o padrão ‘ideal’.

### 5.3 A CONSTRUÇÃO DE SI COMO MULHER-FEMINISTA E SEUS PONTOS DE FRATURA

Antes de tratar das questões que Camila traz sobre a forma como se enxerga enquanto fraude e suas relações com o feminismo, apresento a linha do tempo da trajetória de Camila:

Figura 12 – Trajetória afetivo-sexual de Camila



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Para olhar a trajetória de Camila no tocante à troca de casais e os processos daí advindos, é fundamental para compreendermos os pontos de fratura no modocomo constrói para si suas percepções sobre ela mesma e o casamento, bem como as implicações para uma saúde sexual e mental que foram, gradativamente, sendo minadas pelas relações abusivas no campo de sua conjugalidade.

“Você sabe: eu sou feminista, sempre fui. Mas fico com essas palhaçadas. Uma conduta idiota. Sou uma fraude”. As palhaçadas a que ela se refere partem de um processo de reflexão sobre sua vida, e que lhe incomodam profundamente: o julgamento inevitável às outras mulheres, aceitar e perdoar as traições do marido, odiar o próprio corpo por se achar gorda e fora dos padrões, se manter num relacionamento que ela própria considera abusivo.

No que se refere à permanência de mulheres em relacionamentos abusivos, é corrente a ideia de que a mulher aí inserida não percebe suas nuances ou consiga identificar o grau de adoecimento que está por trás disso tudo. Não é o lugar que Camila ocupa; lhe causa sofrimento saber estar nesse lugar. Conforme me relatou: “é muito difícil saber de tudo, é com está dentro daquele Mito da Caverna só que sabendo o que tem lá do outro lado, e preferindo, nem sei se o termo é preferir mesmo, estar do lado de cá”.

Sobre sua relação com Edu, assim Camila me descreve:

— Camila: Nós somos o casal modelo socialmente, pelo círculo social que a gente anda. É o casal fofinho, todo mundo diz isso. Todo mundo diz! Minha dentista estava dizendo: ah meu marido disse que conhece seu marido, e que ele é doido por você, né? Eu não digo que Eduardo não goste de mim. Eu não digo que nossa relação não é uma boa relação, no sentido de convivência, porque é. É isso que mais me dói! Eu preferia que ele fosse escroto...

— Sâmella: Vocês não brigam?

— Camila: Não, a gente tem crises. Quando acontece uma coisa dessas a gente quebra o pau, ele sempre pede ‘desculpa, perdão, perdão, perdão!’, eu pela minha incapacidade de

tomar uma decisão mais séria, sabe, vou deixando... Pronto! Tu gosta de Cazuzza, né? Eu também adoro. Eu vi uma entrevista com a mãe dele, a Lucinha Araújo, e eu acho ela uma mulher foda e tal... Foi uma entrevista que ela deu à Marília Gabriela. Que Marília perguntava assim: você se dedicou a dois homens que foi o seu marido e o seu filho. Ela disse que não se arrepende, isso tudo porque casou muito cedo, e Marília Gabriela a questionou sobre o que foi ter tido um homem só. Ela disse que isso não era uma questão pra ela porque ela não precisou experimentar outros para saber que ele [o marido] era o amor da vida dela. Embora, ela soubesse que ele a traia e que de tempos em tempos ela descobria alguma coisa....

— Sâmella: Certo, mas porque você está me contando a história de Lucinha Araújo, a mulher que você acha foda?

— Camila: Porque ela, que é minha ‘ídola’ [sic], disse que perdoava porque ele era um homem muito bom com ela, no final das contas. E eu tenho medo, tenho muito medo, de daqui há 50 anos eu dizer a mesma coisa.

Camila não me relatou seu medo de forma chorosa, mas com cara de preocupação pelo grande temor do lugar de “cornã”(mulher traída) contrastar com o fato de se considerar feminista. Seu lugar de fraude é aqui traduzido pela mulher que, mesmo independente e empoderada sobre as formas dignas de viver o gênero no mundo, segue perdendo as falhas do companheiro. Não me apego a dimensão de que, no campo de construção de si, intitular-se feminista e perdoar situações de traição pelos/as companheiros/as sejam dissensos. O que - na lógica dos processos de subjetivação de Camila - isso vai operar é seu sentimento de incoerência entre seu discurso e sua prática. Isso vai minando, de certo modo, sua saúde sexual na medida em que não reconhece como de fato verdadeiro seu discurso feminista. Entretanto, como falei em posterior conversa com Camila, é importante ficar claro que o que está em jogo é da ordem do reconhecimento, mesmo para essa minha mulher-feminista, das relações assimétricas de poder no campo das conjugalidades que vão se inserir, obviamente, na micropolítica das relações conjugais.

Interessante que, num movimento de contra-conduta, Camila sempre teve uma relação muito próxima ao feminismo e as bandeiras de luta à questão dos direitos sexuais. Lembra que, no início da vida adulta, a perda da virgindade se deu por escolha, e que escolher – um princípio básico para a saúde sexual – sempre foi uma máxima na construção de si como sujeito sexual. Entretanto, ao rememorar sua vida, Camila entende que a dimensão de suposta escolha sempre foi permeada pelas redes de sociabilidades que foram se tecendo.

“De certa forma, não tem como não ser feminista fazendo *swing*”. Ela resgata isso por considerar que há, no sujeito-feminista, um certo desapego às questões de possessividade e

ciúmes diferente do que via no grupo de amigas e outras pessoas. Entretanto, as querelas de sua vida afetiva fazem com que Camila, atualmente, se intitule como uma pessoa “amarga” e que desacredita inclusive no lugar de felicidade no que tange a relação heterossexual. Segundo ela: “olho para cada casal e sempre me vem na cabeça que a esposa, que a mulher não é feliz sabe. Que se ela é feliz agora é talvez porque ainda não sabe que é corna”.

Diante das muitas brigas que travou virtualmente com os ‘casos’ do marido, lembra de uma que fez com que refletisse sobre o quanto “brigar por homem”[sic] contrariava seus princípios feministas. Nesse contexto, ameaçando contar ao marido as conversas secretas de Eduardo com uma mulher que chamarei de Joana, a mesma lhe interpele:

Agora vc deve tanto louca pra vir tirar satisfação com quem não conhece ne? Rapaz... cobre dele... pq EU NÃO VOU TRAS DE HOMEM NÃO. Mas oh... boa sorte aí viu! Seu marido nao deve valer mta coisa não, mas é seu!!!! Eu msm, de minha parte fique bem tranquila!!! [Trecho de conversa entre Camila e Joana, em 15 set. 2016, não paginado].

A partir daí, Camila mulher-feminista começa a repensar sua conduta frente às outras mulheres. Ela explica que o que mais é doloroso é também ser vítima da falta de *sororidade*. O ciúme que relato na música de Caetano, de fato, paira na vida de Camila como “uma monstruosa sombra”. Ela não se sente confortável com a situação, mas não consegue romper com o sentimento que a acompanha há quase uma década. Relata que faz coisas que considera inadmissível: olha o celular do marido às escondidas, cheira a camisa para ver se há o cheiro de outra, etc. “Estou cansada dessa vida vigilante, isso me adocece demais”. Mas, por que não se separa? Segundo ela, o dispositivo-casamento tem uma importância fundamental na sua vida. Eduardo é querido por sua família, o status econômico alcançado também seria desfeito, mesmo Camila tendo alcançado sucesso profissional e sendo independente financeiramente. Mas, há algo que indica um outro lugar de vulnerabilidade: há o medo de ficar sozinha. Lembra de Amanda, outra personagem-protagonista que, divorciada, foi responsável por criar a filha sozinha.

No seu processo terapêutico, Camila também relata identificar algo que não havia percebido em Edu: “apesar de dele ser muito legal comigo, ele também foi muito cruel. A questão de reclamar de meu peso, sabe...”. Reconhece também que as práticas liberais podem fazer parte do estilo de vida de Edu, e indica que ele nunca teve um amigo “desses de verdade, como eu tô com você aqui contando minha vida”, não tem a solidez de vínculos familiares, onde a família não figura como rede de cuidados, ou seja, conforme Camila indica,

as inabilidades sociais de Eduardo só reforçavam um sentimento de que a vida de *swinger* tão qual era levada pelo companheiro não era adequada.

Considera que a entrada no *swing* possibilitou para ele, e para tantos casais que também gostam de experimentar novos scripts sexuais, uma possibilidade de liberdade que não é encontrada em outros tantos relacionamentos mais tradicionais. Por esse fato, não consegue perdoar Edu.

Já no final do doutorado, em abril de 2019, Camila me liga dizendo que encontrou algo “muito bacana” e que eu vou gostar para a pesquisa. São cinco notas por ela escritas em seu celular antigo, e que somente resgatou agora e me mandou por *e-mail*. Seu diário virtual me possibilitou compreender a dinâmica que sua relação conjugal foi tomando em todos esses anos, sua relação seu corpo e consigo mesma frente a si mesma. Transcrevo-os aqui na íntegra, sem ajustes ortográficos ou outras modificações.

Nota número 1 – 18.07.2017:

Eu fiz amor não fiz a mala.” Irru. A pessoa tem umas ideias... Eu sei na pele o que é ser uma mulher de casa e o que é ser uma mulher da rua. Comigo beijo e abraço. Com ela? Foda. Ele me disse: mas s gente não fez amor ontem? Pqvc tanto reclama? [Trecho não paginado].

Nota número 2 – 11.01.2018:

Riso  
Tristeza  
Alegria  
Choro  
Felicidade  
Decepção  
A dureza de coração  
Pára o espírito  
Desfaz o sorriso  
Retrai a vibração  
E as coisas vem e vão  
E eu aqui  
Bem de mansinho  
Te faço uma prece benzinho. [Trecho não paginado].

Nota número 3 – 14.03.2018:

Ontem eu pedi um beijo. Passamos o dia fora, ele dormiu fora pelo trabalho outras duas noites. Estava cansado pra caralho, como sempre está. Daí pedi uns xeirinhos mais picantes no final da noite. Sabia que ele estava com dor de cabeça, cansado. Mas tinha voltado de uma reunião tarde, tinha bebido cerveja e conversado com os amigos, então pensei que estive de boas. Dai no meio do carinho, quando pedi beijos no pescoço, ele disse que estava com preguiça e que queria dormir. Isso se repete demais! E aí, fico sempre pensando no quanto parece que a corda arrebenta para o lado mais fraco. Poxa, porque comigo sempre? Carinho é trabalhoso? Não me contive de fato, mas tentei ser suave ao dizer: poxa, não fala que tá cansado não...

Ele ficou muito puto, me deu uma lição de moral que eu não entendia seu trabalho, etcetc etc. Que gostaria que eu também tivesse um trabalho cansativo como o dele. E que eu não entendia nada. Poxa! Eu estou com esse homem desde antes dele entrar na faculdade, num puta curso concorrido. Tenho um trabalho foda também. Mas sempre me vem como se eu não tivesse. Dessa vez, pedi desculpas e sai do quarto. Não sei se fiz muita falta não. Hoje de manhã nos falamos mal. Ele pediu desculpas e disse que não queria ser impaciente. Me chamou pra conversar no quarto, e só me disse mais do mesmo: que eu não sou compreensiva. Oi? Que eu não tenho um trabalho tão cansativo e que sempre quero sexo. Que estava ficando aversivo voltar pra casa e ser cobrado e que preferia agora ficar descansando lá do que voltar pra casa. Oi? Eu estou menstruada, queria sexo não, só queria intimidade mesmo. Mas ele tá sempre cansado pra mim. Esses dias ele me disse que não fazia muito sentido nossa relação. Que estava querendo ficar sozinho e que isso era com todo mundo. Que amava estar comigo mas que tava querendo meio se afastar para ter as coisas dele. Lembro muito de que, quando ele me traia, e eu via as mensagens, sempre tinha algo que me criticava. Seja por eu não deixar ele livre, por um monte de coisa... é isso mesmo? Então tô achando que ele não anda me querendo muito. Ou querendo nossa relação. Acho que vai achar qualquer dia uma piriguete, que vai achar quem não cobre, quem não peça nada. Quem só diga “sim, senhor”. Eu sei do que ele é capaz em termos de putaria. Queria de verdade virar uma Amelia. Queria mesmo! Mas não consigo, porra. Isso é uma droga. Que eu nã tenho autonomia é nada. Eu não tenho é nada. “Não precisa mudar vou me adaptar ao seu jeito...” é isso mesmo no final das contas? Se não, vem uma e faz isso. Esses dias tivemos um encontro com um casal. O cara pegou a secretária dele e ela agora é a senhora da casa. Uma menina, coitada, que não estudou nada mas agora é mulher de homem importante. Vai tomar no cu. O cara deixa uma esposa foda, pra ficar com uma qualquer. Eu tava muito incomodada porque ela não era da nossa classe. Claramente era mais uma vislumbrada. Mas é dessas que eles gostam. Minha mãe já disse isso, que eles gostam dessas mulheres que são bonitinhas, magrinhas e pronto. Então eu pergnto: ser uma mulher independe e foda por que? [Trecho não paginado].

#### Nota número 4–27/05/18:

Ei, ói eu. Ontem eu tava no processo terapêutico e fiquei pensando na coisa do peso. Quantas vezes eu me senti mal por estar nessa situação, assim GORDA? É muito cruel porque tem 3 marcos que me deixam com um mal estar sobre isso, tres coisas que eu parei de fazer em função de meu peso: tomar banho de biquini e torrar no sol; parar de ir a loja cara comprar roupa por que as vendedoras só exigem magreza para se usar roupas elegantes; e deixar de fazer swing. Na última tentativa me ferrei. O cara claramente não queira sair comigo, e falou com meu marido para eles sairem sozinhos. Eu sei que é porque eu sou gordinha. Sei disso. Até meu marido não me quer... lembro que quando iamos sair com uma garota de programa, ela disse: só chupo se a buceta dela for bonita. E ele disse que eu estava meio gordinha. Ou seja: ele disse que a minha não era bonita. Que merda é essa... Meu marido se incomoda com meu corpo. Putz! Eu me arrumo muito, sabe... me visto bem, com roupas caras e maquiagens muito boas. Mas nada disso adianta, porque ele já me disse que eu precisava era cuidar de meu corpo. [Trecho não paginado].

#### Nota número 5 –27/12/18:

Estar com você é me vestir de esperança.  
É lembrar e esquecer de tudo de bom e ruim, sempre! E se fortalecer com isso por entender, na prática, que “tudo passa”.  
Eu acho que gostar de alguém é acreditar que as coisas podem dar certo. E se vestir de esperança mais uma vez. [Trecho não paginado].

Ao perguntar se Camila gostaria de conversar sobre os relatos que me mandou, ela me fez essas duas perguntas: “Você sabe o que é não ser desejada? Sente isso? Sabe o que é desejar e não ter reciprocidade”? Minha leitura desse fenômeno é que aqui há, fortemente, a agência do poder-disciplinar foucaultiano que incide na regulação dos corpos e do desejo. O seu lugar de disciplinamento é a retomada ao que ela considera como seus valores cristãos, e percebo que coincide com essa fase uma maior aproximação, por parte de Camila, da igreja.

O corpo-dócil de Camila, se não pode mais vivenciar prazeres dissidentes, se voltam ao marido e à busca por resgatar a “relação saudável” do casamento. Conforme nos diria Foucault (2010a), este sim é lugar legítimo de vivência das sexualidades. Embora o autor trate do lugar útil da sexualidade conjugal em vistas à procriação, o lugar útil também se revela no aprisionamento à ideia de manter a chama da paixão acesa.

Busca romper com o lugar de sujeição presente na sua história familiar e de vida, aconselhando as sobrinhas e primas mais novas, ao tentar fazê-las entender que são amadas e, por conseguinte, não devem se permitir estar em lugares de opressão. Interessante verificar que Camila mostra uma lucidez ímpar frente ao processo que vive, embora seja possível perceber sua dificuldade em romper com certa dimensão de subjugação que encontra eco nas suas vulnerabilidades que impossibilitam sua saúde sexual de forma digna.

Retorno esse capítulo, após idas e vindas na temporalidade que marca sua vida, àquele domingo em julho de 2018. A entrevista/conversa/desabafo acaba no final da tarde, com 6 horas e 22 minutos de áudios viscerais. Eu só consigo ressoar na cabeça a música cantada por Maria Betânia, tocada na mesma *playlist* musical que tocou de Belchior à Marília Mendonça; e compreender que esta mulher, uma “tigresa de unhas negras, e íris cor de mel”, no fim, empoderada como é mas não sabe, tenho plena convicção de que “(...) ela, ao mesmo tempo, diz que tudo vai mudar; porque ela vai ser o que quis, inventando um lugar...”.

## 6 HISTÓRIA 3 –EU, NINA: “TALVEZ LIBERTA”

Não se assuste pessoa  
 Se eu lhe disser que a vida é boa  
 Não se assuste pessoa  
 Se eu lhe disser que a vida é boa  
 Enquanto eles se batem, dê um rolê e você vai ouvir  
 Apenas quem já dizia  
 Eu não tenho nada  
 Antes de você ser eu sou  
 Eu sou, eu sou o amor da cabeça aos pés (NOVOS BAIANOS, c2003, [não paginado]).

Nos encontramos num clube da cidade para um almoço. Estávamos eu, e os casais Camila e Eduardo, e Nina e Vinny. Falamos sobre séries da Netflix, e demais amenidades. Como sempre, todos perguntam como está a tese e eu respondo: caminhando. Após um breve período reflexiva, Nina me diz: “e eu, estou caminhando pra onde nesse negócio de swing? Será que nosso tempo já passou?”. Não soube responder, mas acredito que este seja um momento interessante para pensar nos tempos de swing: o meu, como doutoranda, certamente já estava no final; o daquele grupo de amigos swingers, talvez não. [Notas de campo, 20 jan. 2019, não paginado].

### 6.1 HISTÓRIA 3: SOBRE TRANSGRESSÃO, ESTRATÉGIAS DE CONTRA-CONDUTA E RESSIGNIFICAÇÃO DE SI

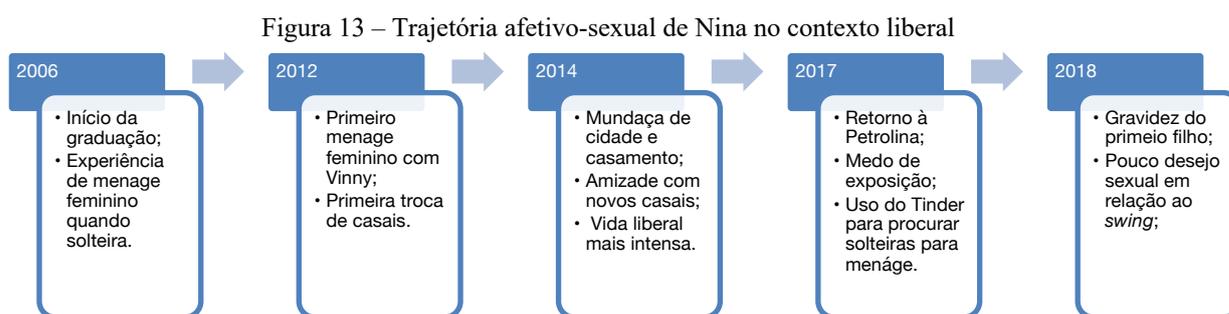
Conheci Nina por intermédio de Camila, em 2011. Antes de sermos apresentadas oficialmente por Camila, Nina já sabia – por outras pessoas - que eu estava realizando pesquisas no campo das sexualidades consideradas dissidentes; me disse, em momento posterior, que gostaria de participar mas tinha medo de ser “descoberta pelos outros” no que diz respeito à prática “proibida” [sic] (troca de casais) que exercia. Uma coisa a chamou atenção na minha pesquisa: o fato de ter alguém interessada num aspecto de sua vida que ela considerava que não pudesse ser posto à mostra. Nina, ao se mostrar surpresa com “pessoas interessadas na pesquisa”, já revela as nuances de abjeção em que pode estar inscrita: a prática do *swing* é, para ela, também da ordem do “impensável” – faço uso do adjetivo de Butler (2012) para tratar da abjeção. A troca de casais, mesmo existindo e atravessando/constituindo sua experiência erótica e também de seus amigos, é ilegítima de ocupar outras áreas, como a produção de saberes acadêmicos.

Àquela época, ela ainda era namorada de Vinny e morava na casa dos pais. Na condição de namorados, não possuíam certos dilemas de conjugalidades que já começavam a despontar nos casais Camila e Eduardo, e Amanda e Sr. Latino, conforme puderam ser vistos nos capítulos precedentes 4 e 5. Não que não houvesse questões que envolvessem relações de

gênero e de poder, como por exemplo: seu incômodo em não ter um corpo no padrão de beleza socialmente produzido, ou as questões provenientes do modo como fora criada numa família em que era a filha mais nova e única menina. Muito pelo contrário! Essas marcas vão constituindo, na sua trajetória, aspectos importantes de uma vida que é marcada – idiossincriticamente – pelas dimensões de norma e transgressão, conforme poderá ser percebido nas próximas páginas.

Diferente de como procedi metodologicamente com as outras personagens-protagonistas (onde construímos juntas a linha temporal da história de vida sexual), solicitei à Nina que me entregasse sua versão *a posteriori*. Seu tempo estava mais corrido dada a reta final da gravidez de seu primeiro filho, o que fez com que nosso encontro de entrevista fosse o mais curto (cerca de 1:45h) . Esperei alguns dias, e ela então me mandou a seguinte mensagem via *Whatsapp*: “Isso é difícil! Não sei dizer o que foi importante ou não para a sua pesquisa”. Respondi que elegeisse o que fosse mais importante/interessante para sua trajetória e que eu, na condição de pesquisadora, iria “me meter um pouquinho” caso eu elencasse outros pontos trazidos nas nossas entrevistas/conversas que, porventura, não tivessem sido sinalizados por ela. Aqui, retomo a discussão já ensejada no capítulo metodológico sobre a noção de “experiência” perpetrada por Scott quando esta trata, de maneira oportuna, que a experiência não é algo dado, como uma verdade tácita produzida pelo sujeito-protagonista e/ou sujeito-pesquisador. Assim, “experiência é sempre e imediatamente algo já interpretado e algo que precisa de interpretação” (Scott, 1999, p. 324), o que me possibilita recorrer à sua produção discursiva sobre si e sua história, mas não incide apenas na reprodução do que me é posto.

Assim sendo, Nina produziu o que chamou de “linha do tempo sexual” com fatos que ela considerou significativos na sua trajetória afetivo-sexual. Da lista que ela me enviou com datas e eventos, pude organizar a figura a seguir:



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

Antes de me ater aos aspectos temporais advindos da figura 13, adianto que embora a mesma não faça referência às questões de vida sexual anteriores a 2006, no decorrer da contação dessa história alguns outros eventos serão trazidos à baila pois foram necessários para a compreensão de que processos envolve o *falar de si mesma*, e como isso incide sobre seus processos de subjetivação.

## 6.2 MUDAR-SE DE CIDADE, OU SOBRE A EXPERIMENTAÇÃO DA LIBERDADE

Para iniciar as compreensões teórico/discursivas sobre essa história, privilegiarei um processo que foi bastante significativo na vida de Nina: refere ao fato de quando fora morar junto com Vinny, numa relação que considera casamento e, por consequência, saíra da casa dos pais. Essas questões foram demandas face a ida de Vinny para um novo emprego em Recife-PE, o que oportunizou Nina fazer uma pós-graduação na referida cidade.

Quando Nina se vê consigo mesma e seu companheiro, morando em outra cidade em função de uma demanda de trabalho, percebe que está “talvez liberta” pela primeira vez efetivamente, diante de possibilidades de vida que excluem a cobrança familiar e os olhares de uma cidade que era “o cu do mundo”, conforme relato inserido no capítulo dedicado à metodologia. A partir da saída de Petrolina, em 2016, Nina afirma que isso contribui bastante com seu processo de “amadurecimento” e, conforme poderemos ver nas páginas que se seguem, num amadurecimento no que tange ao seu direito e saúde sexuais.

Há, pensando na construção de sujeitos sexuais, a dimensão da liberdade sexual ganha o componente territorial como importante no contexto das grandes cidades; diferente das cidades do interior, em que o medo da exposição cerceia a liberdade de muitos casais. Especialmente marca-se uma questão generificada que incide sobre ser-mulher e os perigos de se estar “*na boca do povo*”. O linchamento moral que porventura pode emergir da descoberta de sua sexualidade *swinger*, medo de Amanda e de Camila, seguem reatualizados em Nina que, embora seja mais desprendida de terminadas amarras sociais, ainda assim busca o sigilo como via para autopreservação.

“Quando a questão da exposição, eu não toparia 1% das coisas que eu toparia em outra cidade, eu toparia aqui (em Petrolina)”. Lá em Recife, o fato de não ter vínculo familiar foi fator preponderante para ter mais liberdade sexual. Dentre os trânsitos sexuais, pode destacar a ida para boates LGBTQIA+, com a possibilidade de dançar de forma sensual sem precisar esconder o erotismo que existia entre os casais. Segundo ela, “esse tipo de ambiente não tinha

aqui (em Petrolina)”; “lá (em Recife) eu me sentia segura. Então a gente tinha essa liberdade, essa intimidade”.

Seu grupo de amigas em Recife possibilitou que ela pudesse adquirir outras formas de lidar com o *swing* e com suas experiências eróticas. Pode, naquela cidade, empreender novos sentidos para sua experiência erótica, e se surpreendeu com a forma mais desprendida de lidar com seu desejo:

Mas tem uma coisa também: eu sou nojenta. E acho que eu naquele tempo eu não havia te contado mas, por exemplo, o pau de Marcos (ex marido de Carol) não me atraiu. Eu não consegui fazer nada com ele. E não era só uma questão de tamanho por enfim, Sr Latino também tinha um pinto pequeno. Eu não sei o que foi, mas eu sei que no contexto que tava, eu não consegui... [Trecho de fala da entrevistada, não paginado].

Ao se autodenominar “uma pessoa nojenta”, indica que não são todos os parceiros que lhe agradam, e se isso ocorrer, ela se exime da obrigatoriedade de manter relação sexual mesmo em contexto de *swing*, onde supostamente todos deveriam interagir segundo o que pode ser observado na prática. Isso lhe confere uma possibilidade de exercício de seu direito sexual e autonomia frente às suas escolhas. Relembra uma situação que não sentira confortável com um casal mais velho: o homem havia dito que era apenas *voyer* (observador) começou a “*passar a mão*” em suas partes íntimas. Ela falou para o companheiro que não se sentia bem em estar naquele contexto, e resolveram – diante de sua demanda – permaneceram a sós.

Causou estranhamento o fato dela – que se considerava “toda nojenta”, ou seja, que se considerava bastante seletiva com relação aos casais que poderia sair – em uma determinada ocasião, a partir da segurança encontrada naquele grupo, pode “se liberar por completo”: “fiz sexo com um cara que eu não sabia nem a cor, nome, procedência. Se eu encontrar na rua, não vou saber. Ele pode até ser o porteiro, que eu não vou saber”. A questão da não afinidade para as interações eróticas acabam se organizando através de uma perspectiva deveras preconceituosa. O recorte de classe é um marcador importante a se destacar: “Lá no grupo tinha um casal meio com cara de pagodeiro, que pegava o salário do mês só pra torrar em festa. Eu fiz a leitura desse casal por foto apenas. Não deu certo, graças que a gente não investiu nisso.”

Entretanto, afirma que quando se mudaram para uma capital, tiveram contato com pessoas do meio liberal dos mais diversos extratos sociais. Então, seu processo de escolha

dependia de outros fatores: “o papo acaba atraindo você, por mais que pelado aquela pessoa não te atraia de forma alguma criou-se um vínculo ali interessante que dá pra rolar”.

Ao mesmo tempo que faz essa distinção, ela reconhece estar sendo elitista e “muito escrota por pensar desse ponto de vista mais econômico”. Segundo Nina, se o recorte de classe não é o principal agente de critério na escolha pelo parceiro erótico, atesta que certamente há um recorte intelectual, fato que corrobora com minhas provocações sobre a constituição de grupos no swing através dos vínculos de amizade que vão se estabelecendo.

Rememora, com saudades, da última ida a uma casa de swing na cidade em que moraram. “fiz coisas que eu não teria coragem de fazer”, como subir no palco, dançar no *pole dance*. Para ela, essa seria sua despedida da cidade e dos vínculos *swingers* que lá estabeleceram. Se traço um entendimento sobre o que mantém Nina no swing, ou pelo menos aberta à possibilidade de praticá-lo, é a rede de amizades que ela criara. A grande diferença é que, se antes havia toda uma rede que precisara ser criada, agora não precisaria se preocupar com todo investimento de dar um “tiro no escuro”. Para ela, a comodidade de acionar amigos caso queira fazer troca de casais, a faz desinvestir na busca ativa de parceiros. Atualmente tem um grupo no *Whatsapp* com amigos no *swing* e que, mesmo sem uma proximidade maior, ainda há um apelo sexual entre eles.

Dentro do contexto em que vivia naquela cidade, informa que não se preocupava em excesso em serem considerados um grupo swinger. Mesmo assim, embora a questão do sigilo pretensamente estivesse preservada em uma cidade que não a sua de origem, haviam estratégias que dificultassem a identificação, especificamente diante de sua participação nos grupos de *Whatsapp* como: manter a foto de perfil mais distante ou com óculos; excluir os nomes pessoais; dentre outros. Se, por um lado, essa rede se mantém firme com os novos amigos conquistados, no caso dos casais mais próximos como Camila e Edu a amizade se mostrou com um problema a ser enfrentado. Segundo Camila, ela tem em Nina uma pessoa que pode contar todas as suas mazelas, e que esteve ao seu lado em outras tantas situações. O que a faz manter certo desinvestimento na amiga no campo sexual.

Em 2012, uma questão que rondava a trajetória de Nina era o fato de que ela tinha vergonha do próprio corpo, e inclusive cogitasse a possibilidade de abandonar a troca de casais em função do sentimento de inadequação. Conforme foi se estabelecendo na cena sexual de uma outra cidade, percebe que os vínculos foram sendo estabelecidos por questões de afinidade para além do corpo e das questões sexuais. Conforme relata: “tinha a galera que era pra tomar hormônio e plástica, que eram as mulheres que sempre faziam algum tipo de apresentação na casa de *swing*”, que diferiam do que gostavam.

Isso faz com que Nina lide de uma forma diferente dos sentimentos de inadequação e rejeição em relação a tais questões atualmente: “teve um cara que não gostou de mim, e Vinny não me disse justamente para eu não ficar chateada, com nóia. Mas eu nem ia ficar, ando tão de boa com isso. Se ele não gostou de mim, paciência”. O fantasma da rejeição, que muitas vezes assombrou Amanda e Camila, saem de cena uma vez que Nina traça como estratégia de segurança à esses dissabores: manter-se num círculo restrito de amigos *swingers*.

Assim, Nina afirma que por isso se considera uma pessoa “preguiçosa” na troca de casais: permanecer naquele grupo era confortável do ponto de vista da dinâmica de acesso à pessoas ‘do meio’ e no tocante à dimensão subjetiva por se preservar do julgamento de ‘desconhecidos’ quanto a sua aparência física. Considerando que o atrativo corporal é o primeiro que possibilita que os casais se interessem uns pelos outros, manter-se no mesmo grupo organiza os scripts sexuais de modo que não seja necessário a busca por novos parceiros. Não posso concluir que Nina está tranquila com seu corpo fora dos padrões de magreza pré-estabelecidos por uma prática sexual que valoriza estes aspectos corporais, mas faz com que não se sinta *outsider*.

As próprias dinâmicas sexuais são operadas pelas redes de amizade que foram se construindo. Para Nina, há uma diferença em ir pra uma casa/clube de *swing* sozinha (somente o casal) ou em grupo. Segundo ela, as casas já tem seus grupos formados, o que torna mais difícil a interação com outros grupos. Nessa seara de troca de casais, ela assim distingue os grupos de casais: aqueles com as mulheres mais “*gostasas com super corpões*” (com o corpo dentro dos padrões socialmente compreendidos como desejáveis) tinham os homens mais “feios, mais velhos”. Há a alusão de que esses casais sejam *fakes* (ou farsantes), e que mulheres que assim se apresentam sejam, na verdade, garotas de programa. Há, portanto uma visão estereotipada frente à mulher gostosa, que endossam um fenômeno cultural de rivalidade entre mulheres. Uma coisa bastante forte que percebe é Nina ainda padrões discursos de estereótipos a corporalidades, e é taxativa: aquelas mulheres “*gostonas*, que eram de se embelezar, de aparecer, de estar dançando, dos caras estarem babando, não estão mais juntos”. A elas, Nina profere adjetivos como: “voz de travesti”, “cheia de hormônio”, etc. Ao passo que afirma não estar culpando os corpos voluptuosos femininos, ela afirma que isso apenas demonstra que sua relação é sólida por não se basear nas pressões de seu marido para que se mantenha atraente.

Um outro grupo seria aquele em que Nina e Vinny se inserem, o dos casais “normais”, em que nem o homem, nem a mulher é “gostoso demais”. Esses casais, mais tímidos, geralmente tinha a seguinte forma de operar suas dinâmicas sexuais: ficavam conversando do

lado exterior da casa, somente adentrando os “espaços dos corpos” depois de fazer usos de bebidas alcóolicas para se soltar.

Diante de um contexto que elege os corpos que são legítimos para o *swing* e que se traduzem em processos de adoecimento de mulheres, Nina teve, no grupo de personagens-protagonistas, um papel fundamental para operar lógicas de resistência frente aos seus dissabores no *swing*. Segundo o relato:

Da última vez que fomos a Recife, fomos à uma casa de swing com mais dois casais, estávamos em seis pessoas: ficamos de calcinha e ela não conseguiu tirar a roupa nem com reza braba. Constrangida porque tinham uma gostosona lá. Dizendo: não, que eu sou feia, não tiro porque estou gorda. Então eu disse: mulher, numa altura dessa do campeonato, tu acha mesmo que o tesão é em relação ao seu corpo? Então eu parei de insistir quando eu lembrei de minhas nóias, a pessoa podia dizer que eu era a pessoa mais maravilhosa do mundo, e eu não ia me sentir a vontade. (...) Odeio mulheres que roubam a cena, que são performáticas pois fico chateada com meu corpo. A diferença é que estou hoje talvez liberta de uma monte de questões.[Trecho de fala da entrevistada, não paginado].

A introdução na nova cena da capital tem destaque para as novas ferramentas de aproximação dos casais. Segundo ela, o *Whatsapp* revolucionou a interação no campo do swing. Diferente do que ocorre em Petrolina, em Recife existem inúmeros grupos *online* de casais *swingers*, algo inimaginável na cidade do interior. O avanço nesse campo foi interessante pois, segundo Nina, ao ser assídua na Mistura Fina (casa de swing mais antiga da cidade de Recife), as formas de interação nos grupos grandes, tiveram contato com outros casais e assim começaram a formar a rede de *swinger*.

Especialmente com um deles, o casal Carla e Roberto, criaram uma amizade que ultrapassou a troca de casais, assim como fora com Camila e Edu. Relata que conhece pessoas que, por exemplo, conseguiram emprego pela via da amizade advinda do *swing*. O *swing* se transforma, então, apenas no segredo partilhado em comum; a grande diferença com as amizades preto e branco (aquelas que não são do universo *swinger*) é que, diante da amizade instituída, há a diminuição dos receios quanto a não-confidencialidade da prática.

No tocante a isso, os vínculos de amizade possibilitaram construir uma potente rede de apoio entre mulheres. Isso denota os espectros nas linhas de força e resistência contra machismo e a misoginia, que se traduzem nas relações de afeto e intimidade compartilhadas:

Bicha, precisamos conversar. Eu descobri terça minha gravidez. Não estava esperando... fui fazer o exame pq estava tendo muitas cólicas e sabia que a Gineco ia pedir... inclusive pra começar o tratamento. Daí veio o resultado!Eu repeti os exames hoje, fiz mais um monte... e parece que tudo corre bem. Uma semana! Muito pouco! Vamos aguardar... como diz Vinny: precisamos esperar!Só preciso te dizer

que to com muito medo! Por tudo que rolou contigo esses dias. Estava com receio de te falar, por talvez não ser o momento mesmo... Mas não poderia deixar de te contar pq você é uma pessoa muito importante na minha vida! E estamos juntas em tanta coisa né? Reza por mim. Love you.[Mensagem enviada por Camila a Nina, via Whatsapp].

A mensagem acima foi enviada por Camila a Nina, na ocasião de descoberta de sua gravidez. Ela ilustra o movimento por parte de minhas personagens-protagonistas de me mandarem mensagens que, conforme me disse Amanda, serviriam “pra te ajudar com coisas pro doutorado”. Muitas delas acabaram não sendo utilizadas na tese por uma questão de inadequação com a proposta de pesquisa, mas sobretudo por uma questão temporal de análise. No contexto das práticas de swing, ela traduz a questão do vínculo que é estabelecido entre adeptos da troca de casais; vínculo este que ultrapassa a dimensão do erotismo e recai para a criação de redes de apoio mútuo de mulheres, frente aos dilemas que o gênero impõe.

Uma das facetas, por exemplo, que Camila aponta para a relação com Nina é fato de que podem fazer o “exercício de honestidade social”. Ou seja, conforme já relatei na história de vida de Camila, ela sempre pautou que fingia perante aos amigos e familiares estar bem com Edu, mesmo nos momentos de crise. A relação de amizade estabelecida com Nina e Vinny permitiu que ela pudesse falar com naturalidade sobre seus dilemas sentimentais no *swing*, já que estariam todos “no mesmo barco”.

Quando Nina vai a alguma casa de swing, ou sai com a casais e mulheres porventura fora da rede de amigos estabelecidos, manda mensagem para Camila, no sentido de manter-se segura se algum infortúnio acontecer; a recíproca também é verdadeira. Conforme me diz: “se ninguém pode saber o que esta acontecendo, se eu não posso ligar para minha mãe ou minha avó e dizer ‘olha, estou indo numa orgia’, então pelo menos alguém vai saber onde estou”. No campo dos perigos da sexualidade, assim como nos aponta Vance (1984), a criação das redes de amizade também permite que consigam criar estratégias de auto proteção se “der alguma merda”[sic].

### 6.3 AS “DOENÇAS DE *SWING*”, PRÁTICAS DE PREVENÇÃO E SAÚDE SEXUAL

No que se refere especificamente as práticas de prevenção às ISTs no contexto de troca de casais, para compreender os modos como Nina opera estratégias de cuidado à sua saúde sexual, é importante não apenas se deter a esta prática sexual *per si*. Para isso, meu exercício foi tentar traçar uma genealogia de como, desde suas primeiras experiências de sexo

– que antecedem 2006, ano que marca sua entrada no universo liberal – as questões de prevenção atravessam seus *scripts* sexuais.

“Eu tenho poucas lembranças de ter metido a primeira vez sem o uso da camisinha”, assim sustenta Nina sobre suas estratégias sexuais de cuidado. Desde o início de sua “vida de transante”(ou seja, quando começou a ter relações sexuais), o preservativo masculino sempre figurou único insumo utilizado. Não porque quisera se prevenir das IST/HIV/Aids, mas tão somente pela questão da contracepção. Além do fato de não querer fazer uso da pílula anticoncepcional, Nina afirma que sua “falta de conhecimento” foi fundamental para que mantivesse o uso da camisinha pois, para ela, o simples ato de penetração já poderia incorrer numa gravidez não planejada. Por isso, o medo de engravidar por dois motivos: 1) ser jovem e sem maiores aportes financeiros, e 2) não ter um “relacionamento sério” (relação estável) com o parceiro sexual da época. Quando eu trato do início de vida sexual, embora faça referência direta à perda da virgindade de Nina e à relação sexual, indico que tratar sobre a vida sexual não deve se restringir apenas aquilo, mas envolve toda a gama de experimentações sexuais que envolvem o erotismo e os *scripts* sexuais.

Sobre o uso da camisinha como estratégia preventiva de HIV/Aids no Brasil, Pinheiro, Calazans e Ayres (2013) indicam que há a prevalência em pesquisas que englobem dois nichos: práticas de prevenção de adolescentes/jovens, bem como as questões de gênero. Sobre isso, os autores indicam que muitos estudos sobre o tema incorrem na discussão do aspecto relacional quanto ao uso da camisinha, numa perspectiva de compreender como questões socioculturais e de relações de poder orientam as práticas sócio-sexuais de prevenção. Felisbino-Mendes *etal* (2018), ao procederem análise dos indicadores epidemiológicos de adolescentes nos anos de 2009, 2012 e 2015, concluem que o marcador de territorialidade no processo de vulnerabilização de adolescentes e jovens do norte, nordeste e centro-oeste brasileiro incide em menores índices de prevenção e diminuição da utilização da camisinha nas relações sexuais.

Se no início de sua trajetória sexual, o uso da camisinha se relacionava ao receio de gravidez na adolescência, sua utilização agora não se refere à questão da contracepção mas sim aos riscos que supõe a troca de casais trazer. Quanto nos voltamos à pensar as questões de prevenção e a utilização da camisinha na troca de casais, Nina afirma que seu uso sempre foi uma constante em todas as relações sexuais com parceiros homens. Tal resultado também foi encontrado na pesquisa de Oscar (2015) sobre os jogos de negociação de casais swingers no tocante às práticas preventivas, o que parece supor que há certos critérios preventivistas nas negociações de “sexo seguro” nessa prática erótica. Olhando para as construções discursivas

de Nina, sua preocupação esteve ligada somente à questão da penetração com homens, mas exclui toda sorte de outras formas de interações sexuais como o sexo oral, sexo entre mulheres, toques e carícias que envolvam materiais biológicos passíveis de transmissão de infecções.

Sobre isso, aponta que o fato de ser bissexual é um fator que a vulnerabiliza, conforme pode ser visto na trecho a seguir:

— Nina: É isso, com mulher não é prevenido nada.

— Sâmella: Por que?

— Nina: Não sei. Acho que é porque é uma cultura nossa que a gente não usa preservativos em relações homo. E ainda tem outra coisa: que não é só em relação a outras mulheres, é em relação a sexo oral, por exemplo. E eu sempre falo isso: que pra mim era muito mais uma perspectiva anticoncepcional do que contra doenças. E sempre me incomodava a ideia de precisar chupar um homem com camisinha pelo gosto, por mais que fosse de sabores e tal [...].

O relato se passa numa situação de *ménage* com uma amiga. Na ocasião, ela afirma que o companheiro penetrou as duas com a mesma camisinha. Quando o questionou sobre a utilização de apenas um único preservativo, fato que seu companheiro atribuiu ao esquecimento, ela afirma que o repreendeu e pediu para isso nunca mais ocorresse. Entretanto, embora naquela situação tenha culpado o companheiro, questiona-se sobre as próprias práticas de sexo entre mulheres, sem se importar com a questão da prevenção. Na situação, relata que começou a sentir “*um mau cheiro absurdo na periquita*”, e procurou a ginecologista que a prescreveu uso de medicação específica. Depois desse episódio, Nina afirma que seu cheiro vaginal nunca mais foi o mesmo, e que ainda há certo incômodo com a situação mesmo depois de anos da experiência sexual. Afirma que sempre que saem com outras mulheres para a prática de *ménage*, o odor vaginal atípico retorna, e ela associa com a prática de sexo entre mulheres.

Duas questões se colocam nesse campo. O primeiro deles é que a prática do *swing*, ou encontrar pessoas conhecidas sempre foi um indicativo de menor risco de contaminação por parte de Nina. Nos cenários sexuais públicos, como nas idas à casa de *swing*, Nina afirma que: “se eu tocar em você, seja no pênis ou em uma buceta de uma pessoa, essa mão não vai a nenhum outro lugar, até que eu lave”. Ela afirma que o receio é que, mesmo que ela não se contamine, pode contaminar outras pessoas. Quando eu a interpelo sobre a recíproca não ser verdadeira, ou seja, outras pessoas não terem a mesma preocupação ao tocá-la, ela afirma que:

“por isso que eu não deixo qualquer pessoa pegar na minha buceta na casa de *swing*, vai lá onde tava essa mão”.

Sobre as estratégias de cuidado às ISTs/HIV, ela informa que “*quando se fica mais a vontade*, fica mais difícil de prevenir doenças venéreas”. Ao se questionar sobre o por que ter mais receios na casa de *swing*, ela mesma faz uma narrativa que indica: “é porque é mais gente? Quem me garante que um que eu fique, que eu me sinta mais a vontade não tenha alguma contaminação”? O que pode-se perceber no tocante a prática do *swing*, é o fato de que as interações sexuais com amigos e pessoas próximas se apresenta como indicativo de menor risco de contaminação por parte de Nina. A questão do vínculo é apontado como uma possibilidade de “relaxar da prevenção”, e Nina tem consciência disso, tendo mais cuidado, conforme atesta com veemência: “digo mais uma vez: homens no momento da penetração, apenas”.

Tomando como ponto de partida as costuras teóricas propostas no Eixo de saber 2 desta tese sobre o discurso médico e a sexualidade feminina, há um pânico moral que faz com que minhas “personagens-protagonistas” se coloquem como passíveis de contaminação por estarem em contextos de dissidência. Por outro lado, todas essas questões se encontram em suspenso quando tratamos do âmbito micropolítico das relações sexuais e dos jogos de negociação. Nesse sentido, as carícias, o sexo entre mulheres, o grau de amizade, e companheiro prescindem de toda a política de prevenção que ousa pretensamente adestrar a vivência dos desejos. Não estou, com isso, invisibilizando a importante luta no campo da saúde de políticas voltadas à prevenção das ISTs; seria desconsiderar que direitos e saúde sexual também passam por questões como essa.

Uma questão interessante na história de Nina é sobre sua ida à ginecologista. Tendo em vista que a profissional é a mesma que acompanha sua mãe e a acompanha desde sua adolescência, conhecendo bem sua família, ela afirma que não fala absolutamente nada sobre a prática do *swing*. Se, na prática médica, a propedêutica de determinada enfermidade é fundamental para um bom prognóstico de saúde, Nina não se sente confortável com medo dos julgamentos da profissional e do preconceito. Um relato de Camila também pode ser tomado como referencia para essa questão, quando ela, certa feita, me contou sobre a ida à uma ginecologista. Na conversa que considerara até então amistosa com a profissional, ensaiou mentalmente abordar a questão de ser praticante da troca de casais. Antes que pudesse relatar sua condição, a profissional proferiu frases como: ‘existem mulheres que fazem *swing* e que vem pro consultório com muitas doenças’; ‘como pode ter mulheres que se submetem a fazer coisas como essa?’. Assustada com a conduta da profissional, se autodefiniu como: “eu sou a

Aids ambulante”. Segundo ela, por ter se sentido envergonha e magoada com a profissional, parou de ir a seu consultório.

O lugar de sentir-se abjetas, portanto, segue reatualizado e promove um processo de vulnerabilidade dessas mulheres no tocante à sua saúde sexual no que se refere às formas preventivas e curativas na ocasião de alguma enfermidade. Se não é possível falar sobre sua condição com o profissional considerado de excelência para cuidados em saúde, isso faz com que não possa ser cuidado na dimensão de sua saúde física. No caso de Nina, como continua saindo com outras mulheres para a prática de *ménage*, o odor vaginal retorna e ela associa com a prática de sexo entre mulheres. Se não é possível tratar dessas questões com o profissional médico, pelos fatores acima mencionados, quais são as estratégias de cuidado que são utilizados com Nina diante do acometimento em saúde ginecológica acima mencionado? Segundo relata:

Eu não faço sempre tratamento com pomada mas é um mau cheiro que eu preciso de um certo tempo... De lavar as calcinhas diferentes, de passar um tempo sem calcinha, enfim, fazer uma higienização diferente logo depois que eu tenho experiências com outras mulheres.[Trecho de fala da entrevistada, não paginado].

Sobre isso, é interessante pensar nos processos de feminização da Aids. Conforme nos traz Sordietal. (2015), a perspectiva biopolítica se mostra heretonormativa por invisibilizar a sexualidade feminina no tocante a vivência dos seus prazeres.

(...) não se pode ignorar que historicamente os saberes médicos, pautados em uma matriz heteronormativa, prejudicaram muitas mulheres e continuam prejudicando devido suas ineficazes medidas preventivas que, atravessadas em valores morais, excluem um grupo significativo de mulheres: as casadas, as que namoram, as solteiras e viúvas. (SORDI *etal*, 2015, p. 27).

Assim, os aspectos morais da medicina dificultam para que se possa, inclusive, avançar nas compreensões de que fatores vulnerabilizam as mulheres. A compreensão de Nina, por exemplo, sobre estar segura diante da suposta fidelidade do marido a coloca como vulnerável diante da condição apontada pelo Boletim Epidemiológico de HIV/Aids (2013) que aponta que dentre as categorias de mulheres infectadas pelo vírus, 86,8% dos casos registrados em 2012 decorreram de relações heterossexuais com pessoas infectadas pelo HIV. Em novo boletim (2018), embora haja a redução de 30% no número de mulheres infectadas o que denota uma tendência de queda nos últimos 10 anos, a transmissão por via sexual é a mais prevalente.

Entretanto, não é esse discurso higienista que deverá manter sob tutela as práticas de prazer. Uma colocação de Nina pode ilustrar de modo bem oportuno o que tento trazer em

minhas reflexões analíticas: “imagine aí chupar uma mulher com papel filme na piriquita? Negócio mais sem tesão da porra!”. Oportunizar, no campo da dissidência, o acesso à informação não normativa é ferramenta imprescindível para a garantia de saúde sexual baseada na autonomia e liberdade de escolha.

#### 6.4 SOBRE O RELACIONAMENTO “DE VERDADE” E CONSTRUIR-SE NINA-ESPOSA E MÃE NO DISPOSITIVO-FAMÍLIA NUCLEAR

Muitas são as questões que fazem com que Nina repense não ter mais no *swing* um lugar possível/legítimo de seus desejos. Na seara dos seus scripts sexuais, os marcadores sociais de estado civil (casamento) e a maternidade inscrevem outra forma de se relacionar com seu desejo.

Na época de nossa entrevista/conversa em 2018, Nina está como barrigão de 8 (oito) meses de gestação. Sua aparência me parecia cansada, e opto por conduzir a entrevista de modo a não ser tão prolongada. Está radiante com a chegada do filho, mas diz que teme as implicações da maternidade na vida sexual do casal. Para ela, mulher-mãe parece estar dissociado do desejo, e afirma talvez a impossibilidade de continuar fazendo *swing*. Nina afirma que não se sente confortável para fazer a troca, dado o seu estado corporal e porque todas as questões que envolvem a gestação: expectativa no nascimento do filho, libido diminuída, corpo mais lento. Assim como Amanda, ela também revela o seu desconforto em realizar a troca de casais, ou fazer *ménage*, durante a gravidez por não se sentir atraente.

Iniciei nossa conversa rememorando o quadro socioeconômico inicial (Quadro n. 2, p.32), e relembro a ela como estava sua vida em idos de 2011/2012. Dentre as questões evocadas dali, algumas questões relacionadas a sua incursão no *swing* chamam a atenção. Em especial, observo a mudança de status civil de Nina, de namorando para casada. Essa questão tem repercussão na trajetória de Nina e seu companheiro, e é um ponto interessante para pensar a forma com Nina lidará com sua sexualidade, e seu desejo no interior do relacionamento conjugal iniciado em 2014.

É a rememoração de antigos relacionamentos que incita Nina a falar sobre Vinny e sua relação atual. O primeiro parceiro sexual, que conhecera na adolescência, era um homem mais velho. Com ele, Nina transgredia algo que ela mesmo denunciara como “errado”: *ficar com homem casado, ou que tenha compromisso com outra pessoa*. “*Todas as vezes que eu estava com ele, eu tinha consciência que ele estava com outra pessoa*”. Esse relato não é fruto de sentir-se apaixonada a ponto de romper com suas questões morais relativas à traição. Se para

a Parker (1991) a própria ideia de proibição enseja práticas transgressoras, para minha personagem-protagonista, ter vivenciado seus desejos com que ela nomeia de “peguete fixo” fazia parte de seus movimentos de transgredir as regras de comportamento sexual que sempre tivera em casa.

Desde muito nova, ela “tinha na cabeça” que não gostaria de se relacionar sério, e todos os relacionamentos que tivera na adolescência e início da juventude ela quem terminava por “abusar da cara da pessoa”. O primeiro namorado, que pode-se supor ser o primeiro amor, rompeu por decisão própria. Acrescenta ainda, num resgate de seus relacionamentos, de que “meu paquera do terceiro ano, com um mês de namoro eu terminei. Por que? Porque eu me abusei”. Relembrou também, aos risos, que traía o antigo namorado com certa frequência, mas que isso não fora significativo pois não maculara o que ela considera o “relacionamento de verdade” que advém dos laços de amor. Pergunto, nesta ocasião:

— Sâmella: Você já traiu Vinny?

— Nina: Não.

— Sâmella: Me recordo de você ter me dito que sim na pesquisa anterior...

— Nina: É isso que eu ia te dizer agora... Já (trai), mas ele sabe. Ele não sabe que eu fiquei com Paula também, eu sou contei que havia ficado com a Maria.

A resposta vem sem os gracejos que fizera ao falar dos seus antigos relacionamentos. Para Nina, era natural que sentisse atração por outras mulheres. Vinny não via nenhum problema nisso e, segundo Nina, essa modalidade de sexo – o *ménage féminin* – sempre fora uma forma de satisfação mútua do casal.

Se, em princípio, Nina relata se satisfazer sexualmente com outras mulheres, entra em cena o desejo de mais um homem na relação, para *ménage masculino*. Dentre as fantasias citadas, numa delas Vinny ficaria apenas como *voyer*, observando a cena com outro homem que não fora, em princípio, personificado pelos dois. Diante dessa afirmativa, a questiono:

— Sâmella: Vocês dois não personificaram, ou você imaginou algum sujeito e não falou pra ele?

— Nina: Aí é que está a questão. O que foi que aconteceu? Ele perguntou uma pessoa, e eu falei o nome de um ex colega de trabalho. Ele não é aquele cara que ‘ó, que cara gostoso que Nina sentiu tesão nele’! Ele é normal. Ele é o estereótipo de pessoas que eu ficaria quando estava solteira. (...) E eu acho que ele percebeu isso, porque a gente terminou de fazer as coisas (sexo), ele não comentou nada e até hoje a gente não falou sobre isso.

— Sâmella: Você acredita essa questão ao ciúmes?

— Nina: Não sei se a palavra é ciúmes, mas ele percebeu que esse meu interesse não era apenas nesse sentido. Ou a carapuça serviu pra mim mesma (risos), e eu não me dispus a conversar sobre isso, entendeu?

Quando sentiu vontade de ficar com um homem (um “homem normal”) que era conhecido de seu marido, ela afirma ter dito a ele: “amor, eu pegava essa pessoa”. Quando o companheiro devolve: “certo, mas aquela loira bonita você disse que não pegava!”, ela passa a compreender que seus receios ao apresentar uma terceira figura, masculina, passam pelo crivo de uma mudança de paradigma onde Vinny não figurava mais como o único homem na cena sexual. As fantasias eróticas do casal sempre privilegiaram pessoas fisicamente atraentes para os dois, retomando o padrão de beleza em voga. Diante da construção discursiva sobre o estereótipo de “homem normal”, é possível perceber que o ciúmes se organiza não somente pelo princípio do medo para com as pessoas mais bonitas e atraentes (segundo o *status quo* que cria uma regulação discursiva para o padrão de belo e de beleza) conforme pode ser visto com Camila e Amanda. Nesse caso, foi possível notar que, por parte de Vinny, pessoas “normais” também eram vetores de sofrimento, uma vez que saía da esfera da atração física, e adentrava outra seara: a do relacionamento extraconjugal, fora dos desejos eróticos compartilhados pelo *swing*.

Diante disso, uma questão que angustia Nina é o fato de que, frente a um companheiro e numa relação que sempre foi a base de confiança, ela relata estar sentindo “necessidade de ficar com outras pessoas, e pior ainda, de ficar com outros homens”. Relata que não chegou a se envolver com nenhum homem, mas que um em especial tem chamado sua atenção e, segundo ela, poderia “atiçar aquela Nina perigosa de antigamente”.

Esse é um ponto interessante a se colocar. Também no caso de Camila, Eduardo sentira ciúmes da mesma quando ela começou a conversar com o ex-marido de Ana. Do que posso inferir é que a masculinidade hegemônica é colocada em xeque no que se refere as mulheres terem outros homens. O machismo opera, na trajetória de Nina, não apenas no caso do *swing* mas também em outros cantos da relação: como a divisão de tarefas domésticas no âmbito de sua conjugalidade.

Nessa história de Nina, o que é interessante perceber quais as formas que ela significa seu companheiro de um ‘relacionamento de verdade’. Quem é Vinny, segundo Nina? “Sempre foi uma pessoa de muita transparência”. Segundo ela, caso o companheiro falte com a verdade, assim como o fizera Eduardo (marido de Camila) afirma não ter “*estrutura para continuar*”, ou seja, não conseguiria lidar com um relacionamento que fosse baseado em

traições e mentiras. “O grau de confiança que eu tenho nele hoje, se ele quebrar não vai ser uma fissurazinha, vai ser algo pesado. E um pesado que eu não sustentaria”.

Quando fala da admiração pelo companheiro, mais uma vez, trata da solidez da relação que estabeleceram juntos. Os laços de confiança são preponderantes na relação, o que a deixa segura para vivenciar os desejos entre ambos.

Ele falou algo que a gente construiu: que ele via o relacionamento como um muro que a gente tava criando; não era nenhuma metáfora com proteção ou com barreira, mas tipo de um muro que estava subindo. E que se a gente não cuidasse da fundação, da solidez daquele muro, ele poderia ser muito fácil de tombar. Ele compreendia que as mentiras, ou coisas não ditas iam interferir na solidez desse muro. [Trecho de fala da entrevistada, não paginado].

As nuances do casamento vão operar uma lógica que a fazem, na seara de responsabilidades que o casamento envolve – especialmente quando são levadas em conta as assimetrias de gênero no campo das conjugalidades – que a fazem sentir “saudades” de uma vida sexual mais intensa. Entretanto, algo a chama a atenção, sua relação é “tão sólida que eu não me permito ficar caçando coisas (parceiros para troca de casais), porque eu tô a fim de ficar só com ele dentro de casa”. A iminência da chegada de seu filho, por consequência, faz com que isso se acentue, e denota uma mudança de comportamento que deve ter a partir de então. Conforme o relato que abre esse capítulo: talvez o tempo do *swing* havia passado, e ela agora seria a sujeita-esposa e a sujeita-mãe, e as sanções frente à sua sexualidade que isso poderia trazer.

Quais são as nuances da traição para Nina? Porque se envolver com outros homens seria pior do que com mulheres? No primeiro caso, embora esse desejo esteja na ordem do pensamento, ou seja, essas situações estavam no campo das fantasias, para ela era perigoso alimentar aqueles pensamentos e sentimentos. Pode-se supor que tais questões partem da construção intrapsíquica de sua sexualidade “errada”, que seria quebra de confiança na relação. Sobre isso, relembra que participou de um grupo terapêutico e que o mediador indicou perceber ter muitas “Ninas” dentro dela, ao passo que era necessário que ela desse voz às outras Ninas que ali existiam. A sua percepção sobre o assunto era que ela estava silenciando coisas que ela gostaria de fazer por estar em um relacionamento.

Quando ela traça um comparativo do que a faz temer os desejos de traição, ela indica que naquela época não tinha a estabilidade no casamento como tem hoje. O que implica em não se imaginar ficando com alguém hoje, sem que fosse necessário esconder do cônjuge, num movimento de reafirmação do contrato de fidelidade conjugal que estabeleceram.

Ela relata, pegando o bonde dessa discussão, que teve uma crise na relação por conta dessas questões, pois mesmo com todas as queixas de trabalho, ela ainda se coloca como a mantenedora da organização do lar, o que sobrecarrega frente a falta de proatividade do companheiro. Discursos como: “eu não acho certo apenas eu ter que se responsabilizar pela nossa casa”; “eu não acho certo a obrigação ser minha de te cobrar fazer coisas”; “Você pode até se incomodar com a sujeira, mas você tem apenas ajudado um processo que está sendo prioritariamente meu (quanto a arrumação da casa), e eu não quero isso pra mim”, evocam uma Nina que assume seu lado feminista de identificação das iniquidades de gênero.

Embora Nina tenha me sinalizado que isso eram coisas “nada a ver com o *swing*”, são relatos da vida cotidiana do casal que, diante da insatisfação de Nina, me fazem perceber que as agruras do machismo estão sendo ali postas. Não dá pra descolar a experiência erótica dos meandros de gênero, nem dizer que o machismo opera apenas e tão somente no campo da sexualidade do casal. É nesse ponto em que a história de vida de Nina vem a tona, e as vozes da forma em que fora criada retomam a perspectiva de como se constrói como mulher.

Embora eu tenha sido criada numa família assim, eu não sou assim! Minha mãe é dona de casa, eu não optei por ser dona de casa, eu optei por morar junto com você e não sou dona de casa. Nós somos donos da casa que a gente mora! A relação tem que ser de compartilhamento e não de ajuda. Eu não quero ajudante! [Trecho de fala da entrevistada, não paginado].

Meninas são educadas para a docilidade. Ainda o são! Nesses períodos de crise sobre funções/atribuições domésticas, Nina reclama que o foco de interesse dos dois começou a se voltar para as brigas do lar.

Nessa época aí [de quando começaram a fazer *swing*, e não moravam juntos], as energias do casal estavam voltadas mais para isso [*swing*]. Hoje, a gente não tem mais nem tempo de sentir ciúmes, tá ligado? Porque se a gente for sentir ciúmes, brigar pela arrumação da casa, brigar pelas contas, brigar pelo que vai fazer no final de semana, é mais tempo brigando do que qualquer outra coisa. Então isso é algo que é muito marcante do que era a Nina antes, e o que ela é hoje. [Trecho de fala da entrevistada, não paginado].

O que indica que a gestão da vida doméstica, faz com que casais esqueçam da eroticidade. No caso de Nina, esses processos de subjetivar-se tem implicações em seu reconhecimento de si mesma como sujeita sexual (e não apenas esposa e mãe), e dos dilemas que isso envolve.

— Nina: “O que tá acontecendo e isso tá me preocupando? Eu sou uma pessoa muito fácil de gozar e eu não preciso de muito alisamento, de muito esforço... O que está

acontecendo? Obrigação sexual. Não é algo ruim, mas tem momentos que eu não consigo gozar”.

A respeito disso, é interessante notar que aspectos relacionados à libido perpassam não apenas uma dimensão intrapsíquica e fisiológica, como poderia-se supor os estudos tradicionalistas da sexologia tais como Masters e Johnson (1977). A forma como as mulheres compreendem seus relacionamentos conjugais, e os pesos que o dispositivo-casamento trazem tem implicações diretas na forma como vivenciam suas práticas de (não) prazer. É importante, nesse sentido, permitir a ampliação das categorias nosológicas para dar conta da dimensão das relações de poder que incidem no seio da instituição-família monogâmica heterossexual, de modo que ampliem-se, por conseguinte, as abordagens terapêuticas em saúde sexual.

Sobre o futuro do *swing* na sua vida, a roda vida que permeia sua relação conjugal. Sobre a última viagem à Recife, antes da gravidez, ela relata que o companheiro utilizou como recurso de procura de casais o *Tinder*. Entretanto, diante de sua falta de libido atual, afirma que não fica mais na “nóia” e que não privilegia, nas viagens, a busca por parceiros sexuais. A questão que se mostra é que, nessa sua nova dinâmica, aquela relacionada a dispender mais tempo para conversar e convencer casais a saírem ficam prejudicadas, fato já sinalizado pelo companheiro. Relata que sente falta do *swing*, mas sente falta do “prazer e da diversão” e que a procura de novas pessoas ou criar novas afinidades não faz mais parte de sua dinâmica sexual.

Em fevereiro de 2019, fui a um restaurante com os casais Nina e Vinny, e Camila e Edu<sup>32</sup>. Na situação, Edu falava sobre uma série no canal *Netflix* intitulada *You Me Her* (Eu, tu e ela, em tradução para a língua portuguesa) que gerou toda uma discussão com os presentes sobre as questões de relacionamentos abertos. A título de contextualização, a produção trata das aventuras de um casal que incorporam uma terceira personagem à relação afetivo-sexual. Assim se apresenta a sinopse da série da primeira temporada: “Para apimentar a relação, o casal Jack e Emma contrata uma acompanhante. Tudo vai muito bem até o dia em que um deles se apaixona por ela”<sup>33</sup>.

Camila, de pronto, retrata como uma romantização cinematográfica de relacionamentos liberais e diz que, na “vida real” [sic] os processos são mais dolorosos do que se pode supor. Suas questões são perpassadas por sua história de vida de decepções e sofrimento amoroso, já contada no capítulo 5. Quanto à Nina, sua produção discursiva sobre a

---

<sup>32</sup> As discussões ensejadas por esse encontro são frutos de minhas notas de campo sobre ele feito a posteriori, em 20 de fevereiro de 2019, onde descrevi como foi o encontro, e minhas impressões do mesmo.

<sup>33</sup> Ver: <https://www.netflix.com/title/80103417>.

série revela a forma como ela compreende a própria conjugalidade. Segundo ela, a grande problemática da série não é a romantização que Camila supõe, mas o fato de que Izzy (a terceira na relação) quer se colocar no “lugar” da mulher atual, não no sentido de complementação de um relacionamento à três, mas de sobreposição ao lugar da mulher de direito (Emma). É interessante que Nina, ao mesmo tempo que reitera normas sociais relacionadas à conjugalidade hegemônica, faz também um processo de autorreflexão ao afirmar que se incomoda com o fato por ser a “mulher de fato” e desse lugar hierárquico, subjugar aquelas que estão no lugar “da outra”.

Naquele encontro é a primeira vez que consigo observar os pontos de vista dos personagens-coadjuvantes nessas histórias, que são os companheiros. Edu, marido de Camila, fala sobre a complexidade das relações e como se, estar a dois, já exige um nível de complexidade grande, isso se intensifica numa relação à três ou mais pessoas. A relação é comparada a um “*cabo de guerra*”. Todos se calam, talvez lembrando sobre a história de Camila. Edu, ao perceber que o assunto toca nas próprias questões, fala que Camila não quis assistir até o fim e entende que foi “por conta de tudo” que viveram. Nina acena com a cabeça, como quem consentisse e termina dizendo que, se for pra amiga lembrar coisas ruins, então é melhor que se calem sobre o tema.

Ao compreender a perspectiva da saúde sexualé possível perceber que, nos jogos de heteronormatividade presentes em casais swingers, a relação entre mulheres seria uma traição mais branda, uma vez que o bi feminino figura como fetiche entre homens (VIEIRA, 2013). De todo modo, já que o ponto de partida para a discussão supracitada foi uma série do Netflix, é importante sinalizar que Nina aponta o quanto foi importante para ela aquela produção cinematográfica, no sentido de colocar em perspectiva um ponto de vista sobre amor e relações amorosas/sexuais de forma mais clara. Embora não tenha visto a série, no campo da subjetivação, o que se percebe é um movimento de significar a própria vida através da arte.

“Eu não banco um relacionamento aberto por que sou extremamente ciumenta”. No que se seguiu, Nina falou sobre o incômodo de ter outra mulher na história afetiva dela e Vinny, e como isso seria difícil. Uma frase me chama bastante atenção e, na escrita das notas de campo sobre esse dia, eu transcrevo literalmente o medo de Nina: “da possibilidade de alguém roubar Vinny de mim”. Para Nina, algumas histórias de ciúmes permeiam a vida do casal. Ciúmes da ex-companheira, de algumas mulheres gostosas do swing, das conversas do marido para conquistar mulheres, quando ela estava ausente, também eram coisas que a incomodavam. Ela afirma que já chegou, no início do relacionamento, com frequência a mexer no celular do companheiro à procura de alguma conversa suspeita ou traição. Relata

que, mesmo assim, nesse nível de relacionamento o amadurecimento faz que não fique mais na “nóia”.

Minha primeira crise de ciúmes foi assim. Agora está fazendo sentido na cabeça o sentimento ruim, porque eu tinha dormido e ele perguntou se eu me incomodava em ficar sozinha com ela. Eu disse que não me incomodava, mas claro que me incomodei. Ele fez com ela o que ele não faz comigo: eu conto na palma da mão das vezes que nós transamos mais de uma vez por dia! [Trecho de fala da entrevistada, não paginado].

Uma mulher em específico, do trabalho de Vinny gostaria de “*dar uns tapas*”, a qual se sentira ameaçada. Nessa situação, Nina afirma ter se chamada de “louca” pelo companheiro. Não precisei lhe dizer que a loucura genericada é algo sempre presente nas relações conjugais assimétricas; Nina mesmo antevê minhas reflexões e diz “estar *por dentro*” das artimanhas do companheiro em a colocar como culpada por algumas questões.

A reinscrição do amor romântico mais uma vez atravessa o contexto da dissidência, não no sentido de negar os movimentos de transgressão e contra-conduta na história de vida de Nina, mas de sinalizar o quanto é difícil que ela possa sair completamente das amarras de gênero e sexualidades que norteiam o dispositivo da sexualidade já muito debatido na tese. Seu espanto é com o rompimento de um modelo monogâmico que já está bem instituída na relação que estabelece com Vinny, e que mexer com certa ordem estabelecida é mais complicado. Olhando micropoliticamente, o que se percebe é que mesmo na história de Nina, e nos seus esforços de se manter “liberta”, o dispositivo-casamento acaba sendo reiterado e ressignificado cotidianamente pela instituição-família nuclear heterossexual monogâmica.

*Post scriptum*: fevereiro de 2019. Nina me avisa do nascimento do seu bebê. Fico feliz por ter sido escolhida, dentro de um seletivo grupo de amigos ou, como ela diz “só os chegados”, fato que fez antes mesmo de publicar o nascimento pelas redes sociais. Isso mostrou-me que o envolvimento e os laços de cuidado e estima que se estabeleceram ao longo dos anos, foi fator crucial para que as histórias pudessem ser compartilhadas comigo de forma mais genuína.

## 7 ESCRITOS FINAIS

Diz-se que corpos carregam marcas. Poderíamos então perguntar: onde elas se inscrevem? Na pele, nos pelos, nas formas, nos traços, nos gestos? O que elas ‘dizem’ dos corpos? Que significam, são tangíveis, palpáveis, físicas? Exibem-se facilmente à espera de serem reconhecidas? Ou se insinuam, sugerindo, qualificando, nomeando? Há corpos não-marcados? Elas, as marcas, existem, de fato? Ou são uma invenção do olhar do outro? (LOURO, 2004, p. 75).

Petrolina, 30 de julho de 2019. Me pego refletindo sobre como finalizar a tese e, na tentativa de alinhar o fechamento das histórias de vida (HV) que relatei nos capítulos anteriores, me pergunto: quais marcas foram carregadas por minhas personagens-protagonistas? Esse tensionamento parece-me ser um bom fio condutor e - tal como fizera Guacira Louro no excerto que abre este capítulo pretensamente conclusivo - indago a mim mesma se as marcas de gênero e sexualidades que falam *por* minhas mulheres, e *sobre* elas, de fato existiram ou foram inventadas pelo meu olhar de mulher-pesquisadora; esse olhar já tão carregado de uma certa discussão teórica (e de marcas de vida próprias) que privilegiam e problematizam questões que talvez passem incólumes para a maioria das pessoas.

Por um instante, me questiono se a produção da tese foi fruto de uma certa epifania pessoal, a partir de uma imersão num campo que me é tão distante ao mesmo tempo tão próximo, nesses quase nove anos como *menina/pesquisadora do swing*. Nesses devaneios de 30 de julho, quando o processo de escrita parecia não fluir frente às minhas próprias demandas subjetivas de vida, numa feliz coincidência Camila me envia uma música via *WhatsApp* e diz: “me encontrei tanto nessa música”. Na mensagem, um trecho me proporcionou o pontapé para minhas reflexões finais: “Que um homem não me define, minha casa não me define, minha carne não me define, eu sou o meu próprio lar<sup>34</sup>”.

O que havia de “encontro consigo mesma” proporcionado pela canção à Camila? Ouvi atentamente a canção algumas vezes, e me emocionei com um ensaio (por parte de Camila) de (re)significar sua vida afetivo-sexual, esta tão marcada por questões assimétricas de gênero que, de modo geral, constituíram-na como corpo-subjugado às normas preestabelecidas socialmente. Diante do que me foi apresentado, para orientar melhor as considerações finais do estudo, retomo a questão trazida em minhas costuras teóricas sobre o que a prática do *swing* produz em termos de compreensão de si mesmas pelas mulheres.

---

<sup>34</sup> Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBNoE>.

Pelo que me foi relatado por elas e daquilo que elenquei como passível de análise interpretativa diante de minhas incursões nos seus universos particulares, deparo-me com a convicção de que a música fora oportuna e convidativa para que eu pudesse compreender os processos de subjetivar-se de *minhas mulheres*. Nessa roda viva de histórias, canções, notas de campo e *insights* analíticos, percebi que as trajetórias dessas mulheres também mostraram-se como condições de possibilidade para movimentos de contra-conduta. Tentarei, portanto, a partir desse pressuposto e no decorrer desses escritos finais, traçar a defesa da tese de que processos de subjetivação repercutem na saúde sexual dessas mulheres *swingers*.

Um primeiro movimento que trato de dizer é que, errônea e correntemente, abordar a temática da saúde sexual (seja no âmbito das produções científicas, seja na esfera de políticas públicas) ainda se relaciona fortemente às questões de prevenção e não-infecção do HIV e demais ISTs. Sobre isso, diante de um dos objetivos da pesquisa que foi compreender os modos de prevenção das ISTs/HIV na prática de mulheres praticas de *swing*, o que pode se observar, no decorrer do estudo, é que as práticas de prevenção no *swing* seguem duas lógicas.

A primeira, do que já pude apreender desde 2011 e que segue reafirmada na pesquisa de tese apresentada, é o fato de que o uso da camisinha masculina continua sendo a única forma que elegem para a prevenção de infecções sexualmente transmitidas. Embora reconheçam outras formas de cuidado como a camisinha feminina, esta ainda não é privilegiada por circunstâncias que ultrapassam a escolha individual e revelam certa ineficiência na disseminação e oferta desse método preventivo no campo das políticas de saúde.

Um segundo ponto a se considerar quando tratamos das práticas de prevenção é o fato de que elas elegem, diante dos jogos sexuais e dos roteiros ali ensejados, quais pessoas ou práticas sexuais podem ser mais ou menos “perigosas” frente à infecção. Então, práticas como o sexo entre mulheres, ou o sexo oral são permitidas e consideradas de menor risco de ISTs. O que se pode notar de diferente do que fora visto nas minhas primeiras incursões nas suas histórias de vida, nesse quesito, é que elas conseguem ter maior discernimento para tratar com o companheiro sobre questões de prevenção, bem como, em alguns casos, exigir o uso da camisinha frente às suas inseguranças e dúvidas. Sobre essa questão, é oportuno destacar que, assim como fizeram Pinheiro, Calazans e Ayres (2013), tratar da utilização da camisinha não pode cair nos clichês ligados ao gênero (como pode-se supor as questões machistas de assimetria nos jogos de negociação), nem num discurso preventivista no campo da saúde que, na ânsia pela diminuição de índices de infecção por HIV/Aids por regular corpos e dimensões

sociais do desejo, esquecem da dimensão micropolítica das relações humanas onde formas de vida não se fazem por decreto.

Há um consenso entre elas de que o sexo com mais parceiros, que é o caso da troca de casais e suas derivações eróticas, ocasiona maior risco de infecções. Sobre isso - conforme trazido no *eixo de saber 2* que trata sobre o discurso médico e a sexualidade feminina no capítulo teórico - o estabelecimento de certo pânico moral sexual que, na ânsia biopolítica de uma ciência que elege verdades sobre o sexo e a sexualidade, as fazem sentir como se fizessem “algo de errado” [sic]. Estariam elas, como *swingers* (que foram ou são) consideradas portanto mulheres “de risco”, ou dentro do que se convencionou chamar na literatura de “grupos de risco” (AYRES *et al.*, 2006). Isso faz com que sintam medo e vergonha de aventar a possibilidade de cuidado médico diante de eventuais queixas de adoecimento ginecológico ou sexual, diante de um julgamento quanto a sua idoneidade moral.

Prossigo considerando que a noção sobre *saúde sexual* trazida no capítulo teórico em que - diante de uma sociedade onde as sexualidades continuam sob o jugo do biopoderfoucaulteano (esconder/revelar; dito/não dito) - esta se inscreve como direito sexual fundamental, e deve ter como norte a dignidade da pessoa humana. Ao basear-se numa perspectiva de autonomia, informação, segurança e liberdade, a saúde sexual ultrapassa o escopo de práticas de prevenção e sinaliza uma questão cara para a tese: tenho como imperativo que, no âmbito micropolítico, essas mulheres seguem criando suas estratégias de enfrentamento às relações de poder e opressão que vão repercutir na forma como lidam consigo mesmo e com suas sexualidades. Obviamente, quando nos voltamos às histórias narradas por elas e significadas por mim, é possível perceber que linhas de força e supostos antagonismos constituíram as trajetórias de minhas personagens-protagonistas.

Em relação a isso, destaco que para me auxiliar no entendimento da constituição de suas subjetivações, um dos objetivos específicos fora “identificar os marcadores sociais presentes na trajetória afetivo-sexual dessas mulheres”. Assim, em todas as histórias, foi possível perceber que marcadores sociais de gênero, território, classe e religião orientaram os discursos sobre si que as enredam: como devem ser quando crescer (bem sucedidas na carreira, mas também bem casadas e boas mães); suas relações com a sexualidade e as performatividades que lhe são constitutivas (de meninas que devem esconder o corpo à mulheres que obrigatoriamente devem se apresentar atraentes e sensuais, mesmo que mantenham a postura pudica frente à comunidade/sociedade que fazem parte, onde estar numa posição social de média/alta classe é incoerente com estar na troca de casais); viverem no sertão nordestino (onde essas questões de gênero e viver uma sexualidade “normal” requer

distanciamento de práticas abjetas como fazer *swing* ou outros prazeres, como a bissexualidade); terem uma matriz religiosa cristã que, mesmo não tendo seus dogmas seguidos literalmente, repercutem na ideia de pecado, e de que estão indo à revelia do que se espera para a salvação.

Não por acaso, é preciso lembrar que Amanda, Camila e Nina estiveram imersas numa miscelânea de lugares e foram se constituindo como mulheres nesse jogo de forças de subjetivação que ora as subjugará e as fizeram sofrer (negando, por muitas vezes, suas sexualidades e desejos), mas também as impeliram para a criar estratégias de sobrevivência e manutenção de sua saúde sexual. Pode-se perceber, nas suas nuances de vida: conotações sócio-históricas que se reatualizam e encontram eco na sociedade em que estão inseridas; conformações territoriais, de estar no sertão e num contexto onde dispositivos de docilização das condutas geram marcas corporais; e onde as tragédias e conquistas pessoais individualizam as nuances anteriores, e criam as especificidades de cada trajetória orientadas por vozes e discursos que as fazem criar, para si, uma certa ‘verdade’ sobre quem devem ser, ou como devem se comportar.

Nesse momento de escrita da tese, estou a ler (talvez como uma fuga às leituras obrigatórias) o livro *O Conto da Aia*<sup>35</sup>, de Margaret Atwood. Como na história, onde as aias são mulheres propriedades do governo que tem como função a procriação e, diante disso, a ‘benesse’ de ainda serem consideradas mulheres mesmo que de segunda ordem, não cumprir as exigências que lhes são impostas podem lhes colocar na categoria de *Não-mulheres* que se referem “aquelas que não podem engravidar, as homossexuais, viúvas, adúlteras e feministas”. Diante disso, me pego a pensar na saúde sexual de minhas personagens-protagonistas, e chego a conclusão de que os movimentos de subjetivar-se sempre foram da ordem dos regimes de verdade sobre o que é *ser mulher* e sobre as marcas que dali emergem. Quando tratamos das inscrições nos corpos discursivamente considerados femininos, foi possível compreender que, ao longo de todas as trajetórias, quando falavam sobre si, estavam elas travando uma batalha para se encaixarem numa certa ‘condição feminina’.

Diante disso, nessas últimas notas que escrevo, não há e nem deve haver um lugar a se chegar ao contar as histórias. É preciso assumir que trato de vidas cambiantes, e seria inoportuno (quicá uma falácia epistemológica) buscar uma linearidade que me indicasse um

---

<sup>35</sup>“Visão assustadora de uma sociedade radicalmente anulada por uma revolução teocrática no século XXI, *O Conto da aia* tornou-se um dos romances mais poderosos de nossos tempos. Nas palavras da própria Margaret Atwood, ‘a República de Gilead é construída sobre a base das raízes puritanas no século XVII que sempre estiveram por baixo da América moderna que pensávamos conhecer’ (Dom Livraria, 2018).

‘*theend*’ que acabassem sempre no ‘final feliz’. Os contos de fada já não figuram na construção dessas mulheres contemporâneas da mesma forma como foram há tempos. Mas eles estão reatualizados num modo de performatividades onde o casamento e o amor romântico ainda fazem parte da construção de como se deve viver o afeto. Nesses enredos, a prática do *swing* também alimentou-se dos mesmos dispositivos de poder/saber que, do seu lugar de dissidência, ela mesmo enfrenta: validação da supremacia do casamento da família nuclear e da heterossexualidade compulsória como únicas possibilidades para constituírem-se como sujeitas não-abjetas.

Assim, os processo de subjetivação repercutiram em sua saúde sexual como “técnicas de si”(FOUCAULT, 1995) que as docilizaram e as mantiveram, por boa parte de suas trajetórias *swingers* em relações abusivas consigo mesmas. A partir dessa consideração, não posso me furtar de concluir que as repercussões para a saúde sexual - na condição de sujeita-livre para decidir sobre suas permanências ou não no universo *swinger*, bem como para dar conta de uma relação positiva e saudável sobre direito de escolha frente às suas vidas afetivo-sexuais – são operadas pela cilada binária das diferenças sexuais.

Ainda afirmo que há prazer e perigo nas vivências afetivo-sexuais, conforme nos diz Vance (1984). Seria pretensamente normativo, inclusive, colocá-las como oprimidas. Mesmo Camila e sua dificuldade de romper com um relacionamento que ela nomeia como abusivo; seja com Amanda, e todos os revesses que tratam de sua separação e de um *olhar pra si* que a diminui como mulher sexualmente desejável; seja Nina que foi-se assumindo transgressora desde a adolescência, mas que cai constantemente nas amarras de gênero sobre padrão de casamento, por exemplo.

Como elas se relacionaram, então, com os discursos de verdade sobre si mesmas? Se, no decorrer da pesquisa elas puderam falar sobre si, foi perceptível que as entrevistas/conversas tiveram um tom terapêutico onde o *relatar-se* possibilitou que pensassem como poderia ter sido diferente, ou quão enredadas no machismo e na misoginia estiveram.

Se não há como falar de subjetivação sem tratar da esfera da resistência, segue perene a ideia de que todas as entrevistas/conversas marcaram a prática do *swing* como possibilidade de reconstrução de trajetórias marcadas por determinantes e condicionantes de gênero e sexualidades; é só atentarmos por exemplo, ao ler as histórias, para o modo como foram criadas no sertão pernambucano: é sobre ser menina, e todas as regras visíveis e tangíveis/invisíveis e dissimuladas em certos códigos de conduta e de moral sexual que as perseguiram/perseguem durante boa parte de seus percursos afetivo-sexuais. Portanto, mesmo

diante de processos pessoais vividos por elas e, como um fio que une todas as histórias, a troca de casais figurou por boa parte de suas *linhas do tempo afetivo-sexuais* (figuras 7, 8, 9 e 13) como ferramenta de ruptura; nela foi possível verificar que a produção da saúde sexual foi operada por lógicas de contra-conduta sobre construir seus próprios (des)caminhos com mais autonomia e liberdade. Compreenderem-se como feministas, embora por vezes de modo sectário quando emitiam claramente juízos de valor sobre outras mulheres, foi um fator importante para que as estratégias de resistência pudessem ser forjadas: buscar ajuda psicoterapêutica, separar-se de um relacionamento que deteriorava sua saúde mental, reconhecer condições de vida operadas pelo machismo e tentar, de alguma forma, ressignificar tais processos.

A permanência em um grupo swinger, como foi esse que se formou, depende não exclusivamente de questões sexuais, como a beleza dos corpos ou a disponibilidade de saída, mas envolvem questões de afinidade por outras ordens. Por isso, a rede de apoio entre mulheres que se formou foi bastante interessante por mostrar a questão da sororidade, como formas de operar, na concretude cotidiana, o exercício do feminismo na troca de casais. Os movimentos de resistência se dão pelo vínculos afetivos que se dão entre as três mulheres personagens-protagonistas, o que pode enunciar a necessidade de pesquisas que tratem das redes de apoio/amizade entre pares que podem surgir em grupos que vivem a dissidência.

Não foi possível desconsiderar que o modo como vivenciaram suas conjugalidades teve papel fundamental na forma como elas olharam para si mesmas. Assim, suas trajetórias tiveram muito marcadas por suas histórias de amor e desamor. Suas construções sobre saúde sexual e cuidado são ligadas a um certo movimento que as fazem, por exemplo, na seara de “subjeter-se mulher” na troca de casais operar os sentidos do que é felicidade e amor, e é possível perceber que estes também não são dimensões de vida estanques e revelam jogos de poder/saber/verdade. Não é possível avançar com essas compreensões por hora, mas oriento como indicativo de produções científicas futuras que possamos pensar em saúde sexual também através desses prismas, compreendo-os como categorias analíticas nos estudos críticos. Mas, do ponto de vista da produção de conhecimento científico, a pesquisa me fez lembrar também da importância da disseminação de pesquisas no campo das conjugalidades que se orientem também por uma perspectiva crítica e não hegemônica; especialmente quando nos voltamos às ciências ligadas ao estudo e fazeres no campo das sexualidades e da subjetividade, como é o caso das ciências médicas (ginecologia, sexologia e psiquiatria).

Um outra questão que surge ao pensar, no que tange as repercussões desses processos de subjetivação para sua saúde sexual das mulheres pesquisadas, e especialmente levando em

consideração tratar de um doutorado em psicologia, é salutar compreender todo esse fenômeno como do âmbito de saúde mental – considerando que o adoecimento psíquico proveniente, muitas vezes da violência psíquica perpetrada por seus companheiros, vulnerabiliza as mulheres em termos de autonomia e escolha – de parceiros, de relações.

### 7.1 QUESTÕES DE PESQUISA: ALGUNS DOS (MEUS) PONTOS DE VISTA

Embora eu sinalize, no decorrer dos escritos, meus pontos de vista sobre o fenômeno que discorri, alguns apontamentos mais específicos são importantes de serem demarcados nessas notas finais. Eles tratam de reverberações diante de minha tentativa de unir subjetivação e saúde sexual num mesmo ponto de encontro, e relevam algumas problematizações que me atravessaram nesse processo.

Do ponto de vista teórico, é imprescindível reafirmar que parti da construção de uma proposta de tese sobre sexualidades e gênero encenando um modelo de ciência crítica. Especialmente no campo da saúde sexual, busquei fugir de uma perspectiva medicalizante ainda muito presente no campo da saúde; e de considerar sujeitos como ontologicamente e factualmente determinados.

Durante todo o processo, foi preciso que eu abandonasse certas “roupas usadas (...) e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares”, conforme inspiração trazida por Fernando Pessoa. Conhecer/desconhecendo suas histórias, e me colocar no lugar etnógrafa de processos já vividos, me possibilitou olhar para o fenômeno, de algum modo, com naturalidade. Uma naturalidade que é perigosa num tipo de labor científico que parte, sobretudo, da busca por romper certas formas estabelecidas. Do ponto de vista paradigmático isso estivera claro no decorrer de toda pesquisa em campo mas, durante a escrita, por vezes somos traídos por certas fórmulas/formas preestabelecidas. Assim, faço aqui um aparte necessário para, num movimento acadêmico de olhar para minha trajetória pesquisando a troca de casais, colocar em xeque algumas considerações que fizeram, à época, bastante sentido.

Se antes, no início de minha trajetória, eu as olho pelo prisma de *nem santas nem putas*, agora me pergunto *quem* são elas? Do pretense antagonismo surge um sujeito de fronteira, e concluo que foi preciso o exercício de romper com a perigosa polaridade. Essas mulheres personagens-protagonistas não são santas ou putas; nem elas, nem todas nós que nos inserimos na roda viva de performatizar as normas do *ser-mulher*. Nessas vidas, falar sobre elas encerrando-as em categorias de existência (santa, puta, *swinger*, invisível, fraude, ou

liberta) seria um movimento contrário à perspectiva que busquei trilhar, de entendê-las como discursivamente constituídas. O exercício de compreender seus processos de subjetivação foi enxergá-las para além de supostas dualidades no sentido de operar, de maneira radical, uma crítica às pesquisas que definem os sujeitos como ontologicamente agenciados.

Como pesquisadora, devo confessar que um dos pontos de tensão se centrou no meu incômodo na miscelânea de autores/autoras que constituíram-se para mim como possibilidades de diálogo teórico-conceituais. Sabemos dos afastamentos e críticas epistemológicas entre Judith Butler, Michel Foucault, Simone de Beauvoir, dentre outros/as vozes que se fizeram presentes. Portanto, não se configurou como uma tarefa fácil – e nem o deveria ser – optar por um deles para nortear as discussões. Assim, localizar-me numa escola específica de conhecimento (no meu caso o pós-estruturalismo) não foi em detrimento de reconhecer a importância de outras perspectivas críticas de pensar científica e eticamente as questões de gênero e sexualidades (como os estudos *queer*, o construcionismo, a teoria das práticas discursivas e produção de sentidos). Na nossa conjuntura atual de brigar pela legitimidade de nossos estudos (conforme aprofundarei no tópico posterior), tenho certa esperança de fugir de bolhas epistêmicas que por vezes aprisionam os estudos. Para isso, do ponto de vista teórico, oriento que outras pesquisas, especialmente no campo das dissidências, possam fazer-se uma pergunta fundamental: em que autores/autoras das mais diversas abordagens se aproximam para o entendimento de vivências sexuais?

Do ponto de vista metodológico, inicialmente é preciso chamar atenção para o processo de realização do que chamei de entrevistas/conversas deve ser problematizada. Em todas elas – embora munida de roteiro norteador e de ter estudado as entrevistas anteriores ao processo de doutoramento que contribuíram com a construção da proposta de tese que busquei sustentar – me senti desconfortável em abordar as mulheres. Seja por reviver com elas dores que viveram na trajetória *swinger* (e o medo de incorrer em uma revitimização), seja por adentrar em questões que são muito particulares (como elementos da ordem do desejo sexual). Ademais, um quesito precisa também ser olhado: o fato do vínculo de afeto e amizade com elas formado, ao invés de me deixar tranquila para tratar dessas temáticas, produziu em mim todos os meus próprios horrores metodológicos acima mencionados. É fato que, nas pesquisas com sexualidades (especialmente as dissidentes), a construção de uma rede de interlocutores e o estabelecimento do estreitamento das relações é fundamental para o sucesso da empreitada científica. O que incorre reforçar que os aspectos éticos, inclusive no que se refere à não manutenção das relações de poder, precisam ser revisitados cotidianamente desde o processo de escolha de participantes do estudo até o tratamento de seus resultados.

Sobre isso, preciso tratar da importância que encontrei, nessa pesquisa, em travar com minhas interlocutoras um exercício de dizer das minhas percepções frente aos processos analíticos que iam se construindo. Muito embora isso não tenha sido possível a cada resultado aqui discutido, essa experiência metodológica foi importante para conseguir extrair, em muitos momentos, significações mais precisas sobre os modos em que essas mulheres se sentiam e como significavam suas próprias experiências. Sem dúvida, para aquelas/es pesquisadoras/es em que isso não seja viável – seja pelos propósitos metodológicos dos trabalhos, pela dificuldade em acessar a população *a posteriori*, ou pela quantidade maior de participantes – não há desmérito em seguir com os processos interpretativos de modo individual. Para esta pesquisa, as conversas posteriores sobre meu processo de escrita foi um recurso bastante valioso.

Ainda sobre os caminhos metodológicos, trabalhar com histórias de vida no campo da experiência foi um desafio de fazer dar às participantes um lugar de fala (RIBEIRO, 2017) legítimo. Uma dimensão bastante explorada como recurso de escrita de histórias de vida, e que permitissem com que tivessem seu lugar de fala, foi tentar ao máximo transcrever na íntegra termos, trechos de falas que, mesmo em minha produção escrita, pudessem expressar o que literalmente as personagens-protagonistas quiserem trazer. Acredito que essa fidelidade discursiva seja fundamental para que as falas, já obviamente recortadas e editadas para caber na linha narrativa analítica de sustentação da tese - sejam tomadas como ponto de partida prioritária. Nesse movimento, a construção de *linhas do tempo* em conjunto com as mulheres foi um recurso bastante produtor para a compreensão das trajetórias afetivo-sexuais porque o próprio resgate de suas memórias me conduziram, na escrita, a partir de eventos que foram, para elas, significativos.

Há uma dificuldade metodológica em tentar dar conta da infinidade de coisas que as histórias de vida nos apresentam. Muitas vezes, as entrevistas/conversas foram entrecortadas de trivialidades que nada tinham a ver – ao menos diretamente - com o *swing*, mas fizeram com que eu tivesse um entendimento mais ampliado de suas vidas. De toda forma, uma dificuldade no trato de resultados de pesquisa provenientes de HV, é que é necessária uma curadoria por nossa parte que sempre nos faz recair na autocrítica de: mas, o que é necessário? Como curadora, meu intento foi fazer recortes de vida, e para isso, o trabalho quase extenuante de se voltar sempre e de ter clareza dos objetivos de pesquisa, embora estes também se forjem/readequem no movimento de escrita.

As histórias pareciam não ter fim. Fatos novos chegavam a mim por mensagens, telefonemas, e as próprias mulheres, ao saber que ainda não havia defendido a tese, faziam

questão de me mandar atualizações de suas *linhas do tempo*. Atualizar, ou não, suas trajetórias sexuais foi um passo doloroso porque sempre outras novas informações chegavam. E numa tese de contação de histórias, foi necessário “*dizer não*”: dizer não para o noivado de Amanda e todas as ressignificações a mim relatadas agora em 2019, para o nascimento do filho de Nina, em 2019; para a busca de Camila por uma vida com mais cuidado para si mesma, ao procurar ajuda psicoterapêutica que eu sempre fiz questão de sinalizar – como amiga, mas também com um cuidado ético por parte de mim como pesquisadora – por compreender, como psicóloga, que as repercussões da forma como se relacionou com o *swing* e os dissabores que viveu nesse processo.

Do ponto de vista ético, grande foi o esforço para que, conforme pontuado pela orientadora, não pudesse incorrer em auto-plágio com o que já fora produzido na dissertação. Por isso, chamo a atenção de pesquisadores/as que passam muito tempo num campo de estudo só; no meu caso, no campo do estudo de sexualidades *swingers*. Por isso, embora o uso de entrevistas realizadas anteriormente tenham sido parte do corpo denso que repercutiram em um produto analítico, sinalizei com autoreferência todas as vezes que fiz uso de resultados já analisados na minha dissertação. De todo modo, esse é um cuidado extra que o/a pesquisador/a deve tomar, no sentido de produzir algo a partir do já produzido e compartilhado cientificamente.

## 7.2 DOS PROCESSOS DE ESCRITA DA TESE: UMA PESQUISADORA CANSADA E A AUTOBIOGRAFIA

Se a questão inicial que abre esse capítulo refere-se a quais as marcas são inscritas no corpo de minhas personagens-protagonistas, não posso deixar de me questionar sobre quais marcas estiveram presentes em minha trajetória, e como posso, com elas, cumprir um certo labor científico. Assim, dedico uma parte desses escritos finais com alguns relatos pessoais sobre como foi escrevê-la. De certo modo, me questioneei sobre a importância de contar minha trajetória. Todavia, compreendendo o caráter político que enseja a produção de conhecimento científico no campo de estudos de gênero e sexualidades, faço esse aparte pessoal no sentido de problematizar nossas produções e seus impactos especialmente nas vidas de mulheres pesquisadoras.

Particularmente, sai do mestrado em 2013 esgotada psiquicamente. Embora a proposta de tese aprovada continuasse na mesma linha de discussão sobre o *swing* e suas nuances no campo dos estudos de gênero e sexualidades, não pretendia voltar a campo. Não pela temática

em si, mas sobremaneira pelo processo extenuante que foi terminar a dissertação.

Empiricamente, olhar à nossa volta e perceber o quão fragilizados e adoecidos estão nossos(as) colegas de academia, nossos professores e professoras, a labuta acadêmica e as suas disputas de poder/saber repercutiram em mim de forma bastante densa; mas me possibilitaram olhar para mim mesma de uma forma diferente: como uma pesquisadora mulher que precisava de cuidados.

As querelas acadêmicas, obviamente, não constituíram o único entrave de construção da tese. É importante situar que ser mulher em um doutorado não é tão simples. Tive que manejar minhas próprias demandas pessoais que fizeram com que a tese ‘travasse’ devido aos meus processos de trajetória de vida. Assumo, portanto, o lugar de uma intelectual cansada, especialmente porque o processo de produção desse nosso modo de fazer ciência é um processo eminentemente político, em tempos em que as bandeiras de luta precisam estar em punho.

Logo no início do doutorado, em 2014, fui aprovada no concurso público para docente na UNIVASF o que me demandou, à época, mudar-me de cidade, trancar o doutorado por seis meses e, posteriormente, cursar as disciplinas do PPGPsi/UFPE de modo mais paulatino. Os anos que se seguiram foram para dar conta de combinar a vida na pós-graduação com construir-me professora, um casamento, as dores de três abortamentos, o adoecimento de meu pai; e perder, já nessa reta final, minha cadelinha Zara, fiel companheira. Cito-os aqui pois em todos os meus processos de vida, sendo *mulher pesquisando sobre/com mulheres*, as marcas de feminilidades a mim imbuídas marcaram o meu percurso de pós-graduação e foi ponto central para um questionamento sobre as performatividades de gênero que deveria assumir.

Considerando que, apenas em 2018, foi possível minha licença para terminar a tese, inicialmente tracei como estratégia escrever em minha sala de trabalho na Universidade, no tempo livre. Com as interferências e dificuldades de concentração ali encontradas, e com uma casa em construção, em muitos momentos usei os finais de semana para escrita num contexto de obras, tijolos e materiais de construção, em que sozinha e longe das minhas demandas de gênero, pude me colocar mais afetivamente nos escritos.

Figura 14 – Lócus afetivo para a escrita da tese



Fonte: Fotografia de arquivo pessoal. Data: 29 de julho de 2018.

Nesse processo de escrita, sou também surpreendida, já neste último ano de doutorado, com os ataques *online* em relação à minha dissertação advindos de páginas de redes sociais que retratavam, com chacota e desconfiança pseudo-científica, sobre meu trabalho e de tantos outros colegas do PPGPsi. Me vejo em meio de julgamentos como: “essa pessoa conseguiu seu MESTRADO pela UFPE assistindo surubas (e possivelmente participando delas)”, “O pessoal estudando com meu dinheiro uma bobagem dessas”, “Não sei onde isso se encaixa para o bem da sociedade civil”, “Quem são as praticantes de *swing*? Pq as tias, matriarcas que trabalham todo o dia (...) não estão pensando nisso, nem praticando. Com toda certeza!” [sic].

Ao relatar os ataques sofridos à uma das interlocutoras da pesquisa, indignada ela responde: “Diga a essa sujeita que eu sou da família tradicional brasileira e também faço *swing*, tá queridinha?” (Camila). Nina pede para que eu seja paciente, não “bata boca” e tente descansar: “O foda disso é a exposição e o desrespeito! Estou muito mal aqui”. De todo modo, todas ficamos ofendidas. Numa ânsia de encontrar respaldo institucional, em janeiro de 2018, enviei o e-mail intitulado “Sobre o tribunal do *Facebook*”, transcrito literalmente abaixo:

Prezadas(os) professoras (es), colegas de mestrado e doutorado.

Este breve e-mail é sobre a fogueira da inquisição online e os ataques que estamos sofrendo nas redes sociais. Me assusta e me deixa acuada ler publicações e comentários como: "O povo não tem noção, ao gastar os recursos já tão insuficientes da máquina pública"; "essa pessoa conseguiu seu mestrado assistindo SURUBAS - e possivelmente participando delas", especialmente sobre o meu trabalho, mas também igualmente indigestas sobre as dissertações de outros colegas.

Como aluna desse Programa, mulher, feminista, esposa, filha, professora de uma universidade pública federal, me senti extremamente ofendida.

Engraçado que, por um instante, pensei: será que eu não deveria ter “maneirado” no título? Um instante de fragilidade, onde aquilo que é instituído nos assalta e nos faz naturalizar essas opressões.

Fui ofendida naquilo que me é mais caro e, se o que nos resta é rir disso tudo, não consigo. Penso em todo o esforço que me (nos) mantém na pós-graduação, sem licenças do trabalho, com os malabarismos e esticamentos (im)possíveis de prazos, com os altos custos financeiros e afetivos que isso envolve... Penso que - mesmo

com altos e baixos – se mantém vivo o tesão pela pesquisa, pelas minhas mulheres do swing e por cruzar com as pessoas queridas que passaram no caminho...  
 E me pergunto:  
 Que teses e dissertações importam?  
 Para este Programa, que produções são mais ou menos legítimas?  
 E para a Universidade?  
 O que pode ser feito? Apenas deixar a onda passar e cair no esquecimento coletivo?  
 Hoje, nos humilham publicamente nas redes sociais. Amanhã eles invadem nossas defesas (as de tese e dissertação, porque àquelas subjetivas já estão invadidas mesmo há um tempo...).  
 E depois?  
 Atenciosamente,  
 Sâmella Vieira”[Arquivo pessoal da autora, 2018, não paginado].

Os avanços do fascismo vão ganhar corpo com um processo eleitoral difícil, e que repercute na forma como a parte da sociedade civil reafirma pesquisas como abjetas. É preciso lidar com o fascismo inclusive na academia, inclusive supondo-se pensar que as nossas produções em sexualidades e gênero se encontram na berlinda.

Todas as questões aqui apresentadas fizeram com que, ao final, pudesse nutrir um sentimento de que estava amadurecendo como pesquisadora. Muitos dos processos que vivenciei também foram vividos pelas mulheres, o que conseqüentemente, me possibilitaram ter *feeling* para abordar algumas questões como aborto, vida conjugal e feminismo. Não sem tensionamentos, também me questioneei se isso não atrapalharia minha escrita, pois não foram raras as vezes em que chorei junto com elas nos encontros e entrevistas. De todo modo, considero que minhas vivências pessoais foram sobremaneira importantes para que pudesse me sentir tocada pelas histórias dessas mulheres e que pudesse desenvolver uma tese que, mais que uma conquista profissional, me construísse como mulher.

A todas elas, direciono aqui o cartão que entreguei à Amanda, em agradecimento pela sua participação na pesquisa: ‘Minha gratidão infinita por seu apoio e disponibilidade. Sigo te admirando pela força e generosidade que são, para mim, inspiradoras. Um beijo, Samelinha’.

### 7.3 NA LUTA POR UMA ESCRITA NÃO FASCISTA: UM MANIFESTO

Petrolina, 28 de outubro de 2018. Pela manhã, Nina me manda uma mensagem no *WhatsApp*: “tô com um medo retado”. Na conversa que seguiu por todo o dia e começo da noite de eleição presidencial, me relatou estar chorosa com os desafios dos menos favorecidos, a “burrice” de amigos próximos que não se atentam para os desmandos do novo governo recém eleito, e como é difícil manejar seu posicionamento político frente à sua família conservadora.

Nesse dia, frente ao retrocesso político em que vive o país, pude perceber com alegria um lugar ocupado por Camila que permitiu algumas reflexões pertinentes à esse estudo. De certa forma, em termos de processos de subjetivação, foi perceptível um sentido de (re)encontrar-se. Tais elucubrações não são frutos de exclusivos de um exercício perceptivo puramente meu, são nossos: meus e dela. Frente a vitória do “Coiso”, Camila me interpele com a questão: “será tudo muito fácil para mim. Mas, e pros outros”? Como já havia apontado no capítulo 5, Camila sempre foi, para mim, um exemplo e inspiração de mulher aguerrida. Feminista, como ela mesma diz “desde sempre”[sic], notei um movimento de adequação às normas sociais e, frente às suas fragilidades e angústias, um movimento de “baixar a guarda”[sic]. No decorrer dos anos, percebi ainda uma Camila que estava, conforme conversamos em uma noite, domesticada inclusive frente aos seus posicionamentos políticos. Percebo que esse movimento, sem dúvidas, foi fruto de uma série de adequações ao que Camila tinha sido imposta e que já discorri no capítulo dedicado à sua história.

Voltando ao fatídico dia da eleição presidencial 2018, não falei diretamente com Amanda mas, ao final da noite, ela responde à um post/desabafo que eu fiz no meu *Instagram* pessoal, onde pude expressar meus sentimentos advindos do processo eleitoral, o que me sugeriu que ela também compactua com a mesma sensação de insatisfação política.

Ecoou, nessas mulheres, o medo. Mas, sobretudo, pude perceber um movimento de resistência que se faz presente no levante de minhas mulheres frente a todas as questões vividas. Falas que advém do lugar de mulheres *cisgênero*, de classe social privilegiada, e onde os marcadores de raça não impõem – por vezes literalmente – os chicotes da opressão. Ao fazer um breve e incompleto relato frente à análise de conjuntura do avanço e institucionalização do fascismo com a eleição de 2018, percebo os seus perigos para a garantia de direitos e saúde sexual das minorias.

Proponho, pois, um manifesto. Diante da sustentação de minha tese, vejo como produtora no campo dos direitos sexuais que há de se avançar com algumas breves questões:

- I. por uma pesquisa em sexualidades que seja crítica, não se deixando seduzir por um modo de produção científicista em que a máxima seja pesquisar por pesquisar;
- II. por pesquisas que envolvam certo grau de envolvimento prático; de antemão, não é de se supor que pesquisas baseadas em análises teóricas ou de revisão de literatura não o sejam. Mas que estas busquem fazer sentido para um público, uma comunidade ou um modelo de pessoas concretas;
- III. pela constante luta por direitos sexuais e reprodutivos. De forma inegociável!

- IV. militar, como verbo de ação, é também ir na contramão do adoecimento psíquico por parte das/os militantes; mas na impossibilidade, que estratégias de cuidado em saúde mental sejam produzidas. Sugiro, para isso, uma rede colaborativa e o exercício de empatia e sororidade suficientemente potentes.
- V. historicizar prescinde de um rebuscamento histórico, mas pode se dar no âmbito micropolítico de vidas que são forjadas cotidianamente, sem que isso desmereça o empenho historiográfico das questões.

“Amanhã vai ser outro dia”, como já nos dizia Buarque. Sigamos na construção de vidas não fascistas.

## REFERÊNCIAS

- ADRIÃO, Karla Galvão. Feminismo, Psicologia, e Justiça social: um encontro possível?: uma entrevista com Michelle Fine. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 479-486, 2015.
- ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 45-77.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática. 1999.
- ÁVILA, Maria Betânia. Direitos sexuais e reprodutivos: desafios para as políticas de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 465-469, 2003. Supl. 2.
- AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. *et al.* Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. *In*: CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa *et al.* **Tratado de saúde coletiva**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- BARTELL, Gilbert. **Sexo em grupo**: o testemunho visual de um cientista sobre o amor grupal, o americanwayofswinging. Rio de Janeiro: Artenova, 1971.
- BASSON, Rosemary; BARAM, David A. Sexualidade, disfunção sexual e violência sexual. *In*: BEREK, Jonathan S. (org.). **Tratado de Ginecologia**. 15. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. p. 212-238.
- BEAUVOIR, Simone de. **Memórias de uma moça bem comportada**. São Paulo: Círculo do livro, 1991.
- BESSA, Bráulio. **Cidade pequena e a língua do povo!**. [S. l.], 21 jul. 2015. Facebook: Bráulio Bessa. Disponível em: <https://www.facebook.com/brauliobessaucha/videos/866392306770765/?t=1>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- BONETT, Aline; FLEISCHER, Soraya (org.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, [Florianópolis], v. 2, n.1, p. 68- 80, jan./jul.,2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 25 set. 2017.
- BORGES, Livia de Oliveira; BARROS, Sabrina Cavalcanti; LEITE, Clara Pires do Rêgo Lobão Amorim. Ética na pesquisa em Psicologia: princípios, aplicações e contradições normativas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, [s. l.], v. 33, p. 146-161, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva**. Brasília: Ministério da Saúde. 2013. (Cadernos de atenção básica, n. 26).

BRASIL. **Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. DF: Presidência da República, 1940.

BUTLER, Judith. Actos performativos e constituição de gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. *In*: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (org.). **Gênero, cultura visual e performance: antologia crítica**. Ribeirão: Húmus, 2011. p. 69-87.

BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. **Cadernos Pagu**, [Campinas], n. 11, p.11-42, 1998.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica. 2017.

CAMINO, L. *et al.* (org.). **Psicologia Social: temas e teorias**. Brasília: Teknopolitik, 2011.

CARVALHO, Valéria Conceição Passos de *et al.* Repercussões do transtorno disfórico pré-menstrual entre universitárias. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 31, n.2, p.105-111, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rprs/v31n2/v31n2a04.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018.

CARVALHO, Wallace Bezerra de; GONÇALVES, Carlos Alexandre. "Sobre piris e guetes": análise morfológica das construções cunhadas a partir de splinters de "periguete". **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 12, n. 4, p. 930-944, dez., 2015. ISSN 1984-8412 versão *online*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/19848412.2015v12n4p930>. Acesso em: 03 abr. 2017.

CASTRO, Joaquim Leães de. **Manifesto feminista pelo romance pervertido por Cely Couto**. Rio de Janeiro, 20 mar. 2016. Disponível em: <https://joaquimleaesdecastro.com.br/2016/03/20/manifesto-feminista-pelo-romance-pervertido-por-cely-couto/>. Acesso em: 12 fev. 2018.

COSTA, Cláudia de Lima. O tráfico do gênero. **Cadernos Pagu**, [Campinas], n.11, p.127-140, 1998.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira; FIGARI, Carlos Eduardo (org.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

DOM LIVRARIA. **O conto da Aia**. [S. l.], 26 jul. 2018. Facebook: Dom Livraria. Disponível em: <https://www.facebook.com/domlivraria/photos/visão-assustadora-de-uma-sociedade->

radicalmente-anulada-por-uma-revolução-teocrá/2105479433107807/. Acesso em: 30 ago. 2018.

FERNANDES, César Eduardo; SÁ, Marcos Felipe Silva (ed.). **Tratado de Ginecologia**: Febrasgo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2019.

FELISBINO-MENDES, Mariana Santos *et al* . Análise dos indicadores de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes brasileiros, 2009, 2012 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo , v. 21, p. 1-14, 2018 . Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v21s1/1980-5497-rbepid-21-s1-e180013.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2019.

FERREIRA, Ana Laura Carneiro Gomes. Sexualidade feminina. *In*: SANTOS, Luis Carlos; MENDONÇA, Vilma Guimarães (org.). **Ginecologia ambulatorial baseada em evidências**. Rio de Janeiro: Medbook, 2011. p. 345-354.

FERREIRA, Ana Laura Carneiro Gomes; SOUZA, Ariani Impieri de; AMORIM, Melânia Maria Ramos de. Prevalência das disfunções sexuais femininas em clínica de planejamento familiar de um hospital escola no Recife, Pernambuco. **Revista Brasileira de Saúde Materno-infantil**, Recife, v. 7, n. 2, p. 143-150, abr./jun., 2007.

FONTOURA JÚNIOR, Antônio José. **Pornotopias conjugais, subjetividades e sexualidades no surgimento do swing no Brasil**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2015.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. 7. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 11.ed. São Paulo: Loyola, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. 8 ed. São Paulo: Gen Forense Universitária. 2018.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**.6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, Huberto L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 20. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2010.

GAGNON, John. **Uma interpretação do desejo: ensaios sobre o estudo da sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- GERGEN, K. J. A crítica feminista da ciência e o desafio da epistemologia social. O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento. *In*: GERGEN, K. J., GERGEN, Mary. (org.) O Pensamento feminista e a estrutura do conhecimento. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos: EdUnb, 1993. p. 48-69.
- GIDDENS, Antony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993.
- GODOY, Arilda Schmidt. Uma revisão histórica dos principais autores e obras que refletem esta metodologia de pesquisa em Ciências Sociais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr., 1995.
- GUADAGNO, Rosanna E., SAGARIN, Brad J. Sex Differences in Jealousy: an evolutionary perspective on online infidelity. **Journal of applied Social Psychology**, v. 40, n. 10, p. 2636-2655, 2010.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 7-41, 1995.
- HEILBORN, Maria Luiza. A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 394-405, 1998.
- IBGE. **Estatísticas**. [S. l.]: IBGE, [201-?]. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica>. Acesso em: 22 fev. 2019.
- IBGE. PNAD: contínua: características gerais dos domicílios e dos moradores 2018. [S. l.]: DPE, 2019. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2019/05/ibge-pnad-2019.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2017.
- KNIBIEHLER, Yvonne. **História da Virgindade**. São Paulo: Contexto, 2016.
- KRISTEVA, Julia. **Pouvoirs de l'horreur: essais sur l'abjection**. Paris: Seuil, 1980.
- LANE, Sílvia Tatiana Maurer; SAWAIA, Bader Burihan (org.). **Novas veredas em Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LEIBLUM, Sandra R. (org.). **Princípios e prática da terapia sexual**. 4 ed. São Paulo: Rocca, 2011.
- LEONEL, Teresa. **O Shalako fechou pra sempre?**. [S. l.], 25 set. 2007. Disponível em: <http://teresaleonel.blogspot.com/2007/09/o-shalako-fechou-pra-sempre.html>. Acesso em: 13 mar. 2018.
- LINHARES, Juliana. **Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”**. [S. l.]: Veja, 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 13 mar. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira L. (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. pp. 07-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 139-151, 2005.

MASTERS, William H.; JOHNSON, Virginia E. **A resposta sexual humana**. São Paulo: Roca, 1984.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. Ideologia de gênero: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, n. 3, p. 725-747, set./dez., 2017. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339954301008>. Acesso em: 26 jul. 2018.

NOVOS BAIANOS. **Dê um rolê**. Belo Horizonte: Letras.mus.br, c2003. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/os-novos-baianos/1169700/>. Acesso em: 27 jul. 2018.

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. **Objetivo 5: Igualdade de Gênero: alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas**. [S.l.]: ODS; [S.l.]: IBGE; [S. l.]: Secretaria Especial de Articulação Social, [2019]. Disponível em: <https://odsbrasil.gov.br/objetivo/objetivo?n=5>. Acesso em: 23 jun. 2017.

OLIVEIRA, Andreia Marília A. **Experimentações da sexualidade na prática do swing: problematizando hetero/conjugualidades na cidade de Fortaleza**. 2014. Dissertação (Mestrado Em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2014.

OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lígia. Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 597-615, set./dez., 2006.

OSCAR, Raquel Cardoso. **Troca de cuidados: estudo sobre as negociações dos casais adeptos do swing acerca da prevenção de DST/Aids**. 2015. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PARKER, Richard. **Corpo, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. 3 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1991.

PINHEIRO, Thiago Félix; CALAZANS, Gabriela Junqueira; AYRES, José Ricardo Carvalho Mesquita. Uso de Camisinha no Brasil: um olhar sobre a produção acadêmica acerca da prevenção de HIV/Aids (2007-2011). **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 3, Ribeirão Preto, dez.,

2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751772009>. Acesso em: 15 nov. 2017.

PINSKY, Carla B. **Mulheres dos anos dourados**. São Paulo: Ediouro. 2014.

PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (org.). **Nova história de mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013.

PISCITELLI, Adriana. Reflexões em torno do gênero e do feminismo. *In*. COSTA, Claudia de Lima; SCHMIDT, Simone Pereira (org.). **Poéticas e políticas feministas**. Florianópolis: Mulheres, 2004. p. 43-66.

PORTO, Duina Mota de Figueiredo. **O reconhecimento jurídico do poliamor como multiconjugalidade consensual e estrutura familiar**. 2017. Tese (Doutorado em Direito) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

PRADO FILHO, Kleber; TRISOTTO, Sabrina. A Psicologia como disciplina da norma nos escritos de M. Foucault. **Revista Aulas**, v. 1, n. 3, 2007. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/aulas/article/view/1943>. Acesso em: 30 abr. 2018.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos anormais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n.1, p. 11-20, jan./abr., 2011.

PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 155-167, jan., 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104026X2002000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2002000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 30 abr. 2018.

LARANGEIRA, Larissa Quillinan Machado. Piriguetes no funk carioca. *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 29., 2014, Natal. **Anais [...]**. Natal: Reunião Brasileira de Antropologia, 2014. Disponível em: [http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401628805\\_ARQUIVO\\_piriguetesnofunkcariocaRBA.pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401628805_ARQUIVO_piriguetesnofunkcariocaRBA.pdf). Acesso em: 24 out. 2018.

RAGO, Luiza Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. *In*: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 11-44.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia de Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **O que é**: lugar de fala?. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKI, Bernardo. **Psicologia Social**. 32. ed. Petrópolis: Vozes. 2015.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Liberdades Reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu.** Petrópolis: VOZES, 1998. p. 30-45.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Cadernos Pagu**, [Campinas], n. 21, p. 1-88, 2003.

RUBIN, Gayle. O Tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

SANTOS, Marcelo Alves dos. **Prometo-te ser fiel no casamento e no swing**: uma construção identitária a luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)– Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Maria Valdenia Felix. **Tão perto e distante do amor**: histórias de sofrência cantadas pelo brega/sertanejo brasileiro. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2019.

SANTOS, NailaJanilde Seabra. Mulher e negra: dupla vulnerabilidade às DST/HIV/aids. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 25, n. 3, p. 602-618, 2016. Disponível em:<https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v25n3/1984-0470-sausoc-25-03-00602.pdf>. Acesso em: 15 maio 2018.

SCHEEREN, Patrícia; APELLANIZ, Iñigo de Alda Martínez; WAGNER, Adriana. Infidelidade Conjugal: a experiência de homens e mulheres. **Trends in Psychology**, v.26, n.1, p.355-369, mar., 2018. Disponível em: [scielo.br/pdf/tpsy/v26n1/2358-1883-tpsy-26-01-0355.pdf](https://www.scielo.br/pdf/tpsy/v26n1/2358-1883-tpsy-26-01-0355.pdf). Acesso em: 30 mar. 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SCOTT, Joan. Experiência. *In*: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira. **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Mulheres, 1999. p. 21-55.

SENA, Tito. **Os Relatórios Kinsey, Masters & Johnson, Hite**: as sexualidades estatísticas em uma perspectiva das ciências humanas. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SEXLOG: swing, sexo e troca de casais reais no Brasil. [S. l.]: Sexlog, [201-?]. Disponível em:<https://pt-br.sexlog.com/>. Acesso em: 18 abr. 2017.

SILVA, Carlos Alberto Ramos; FERRAZ, Carolina Valença. Poliamor e suas consequências jurídicas no Direito das Famílias. **Ciências Humanas e Sociais**, Recife, v. 4, n.1, p. 27-46, nov., 2018. (Cadernos de Graduação, v. 4).

SILVA, Cristiane Gonçalves; SANTOS, Alessandro Oliveira; LICCIARD, Daniele Carli; PAIVA, Vera. Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 4, p. 683-692, dez., 2008 Disponível em:<https://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a06.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2017.

SILVA, Flávio Bezerra da. **Turismo e sexualidade na metrópole**: o caso de São Paulo. São Paulo: USP, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2011.

SILVEIRA, Raphael Morais. **Nem tudo é possível, e muita coisa é obrigatória**: um estudo da prática do swing em Goiânia. 2014. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Goiás, Goiânia, 2014.

SOARES, Thiago. Conveniências performáticas num show de brega no Recife: espaços sexualizados e desejos deslizantes de piriguetes e cafuçus. **Logos**: comunicação e universidade, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 55-67, 2012.

SORDI, Bárbara *et al.* A feminização da aids: efeitos da moral médica. **Polêmica**, [Rio de Janeiro], v. 15, n. 2, p.13-28, jul., 2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/17957/13248>. Acesso em: 25 abr. 2017.

SOUZA, Mauricio Rodrigues de. Psicologia Social e Etnografia: Histórico e Possibilidades de Contato. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35 n. 2, Brasília, p. 389-405, abr./jun., 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v35n2/1982-3703-pcp-35-2-0389.pdf>. Acesso em: 30 maio 2017.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. *In*: SPINK, Mary Jane. **Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2014.

STRÜCKER, Bianca; MAÇALAI, Gabriel. “Bela, recatada e do lar”: os novos desdobramentos da família patriarcal. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DEMANDAS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS CONTEMPORÂNEAS, 13., 2016, Santa Cruz do Sul, RS. **Anais [...]**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2016.

TEIXEIRA, Marina Duarte. **Swing**: troca de casais ou troca de mulheres?. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015

VANCE, Carol. **Pleasure and danger**: exploring female sexuality. New York: Routledge, 1984.

VALENÇA, Alceu. **Solidão**. Belo Horizonte: Letras.mus.br, c2003. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/alceu-valenca/44016/>. Acesso em: 20 jun. 2018.

VASCONCELOS, Edson. **De olhos bem fechados**: sexualidade, subjetividades e conjugalidades no swing. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

VELOSO, Caetano. **O ciúme**. Belo Horizonte: Letras.mus.br, c2003. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/caetano-veloso/44755/>. Acesso em: 20 jun. 2018.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

VIEIRA, Sâmella dos Santos. “**Nem santa, nem puta**”: performances de gênero e sexualidade em mulheres praticantes de *swing*. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia)– Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2013.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez., 2014.

VON DER WEID, Olívia. **Adultério consentido**: gênero, corpo e sexualidade na prática do *swing*. 2008. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Dispositivo: um solo para a subjetivação. **Psicologia & Sociedade**; [S. l.], v. 18 n. 3, p. 16-22, set./dez., 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n3/a03v18n3.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2018.

## APÊNDICE A – EIXOS CONDUTORES DA ENTREVISTA/CONVERSA

Eixo de investigação 1: a) história de vida e carreiras sexuais – infância, adolescência, juventude e idade adulta; b) investigar, nesse ponto, os marcadores sociais, como orientação sexual, idade, classe social, profissão, local onde reside/residiu, dentre outros aspectos relacionados às trajetórias sexuais das informantes, e os atravessamentos na prática sexual atual de *swinger*.

Eixo de investigação 2: i) história de vida temática – ingresso no *swing*; ii) compreender aspectos sobre a descoberta da prática, sua inserção na comunidade *swinger*, práticas eróticas utilizadas e espaços de sociabilidade (clubes, *internet*, etc).

Eixo de investigação 3: aspectos intersubjetivos– problematizar elementos que contemplem os sentimentos e emoções por elas vividos, antes e após a entrada no *swing*, as mudanças e dificuldades enfrentadas.

Como principal norteador para investigar saúde sexual, é importante buscar, no diálogo, aspectos das dinâmicas conjugais com o parceiro (o que muda no casamento com a prática do *swing*), práticas (ou não) de prevenção às IST/Aids (jogos de negociação), dentre outros.